

M. D. B.

28/1/4

LONDRES

OFICIOS

JAN-MAR.

1939



ARQUIVO
2013
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 2 de Janeiro de 1939.

No. 4

Auxílio à
exportação britânica.

810.160/
lv3



Senhor Ministro,

Foi adiada para a próxima sessão do Parlamento a votação final sobre o "Export Guarantee Bill", a medida legislativa com que o Governo britânico virá ao amparo do comércio de exportação da Grã-Bretanha e já aprovada em segunda discussão.

2. Tal adiamento foi um dos objetivos da missão do Dr. Schacht a esta capital, revelando a ansiedade com que essa medida de retaliação aos processos adotados pela Alemanha está sendo recebida naquele país.

3. Em certa imprensa e entre certos membros do Parlamento critica-se a fraqueza do Governo britânico não insistindo pela passagem da referida medida antes de encerrar-se a última sessão dos Comuns.

4. O "Economist" de 31 de Dezembro último publicou um artigo de fundo em que diz, em resumo, o seguinte :- "O tom agressivo que os Ministros Oliver Stanley, Presidente do "Board of Trade" e R.S. Hudson, Secretário do "Overseas Trade", têm adotado em refe-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres 4/1939/2

referência às medidas econômicas previstas pela Grã-Bretanha, impressionou até certo ponto o Governo alemão que não esconde o seu desejo de concluir um pacto comercial com a Grã-Bretanha, visando não apenas as relações comerciais entre os dois países, como também os métodos a praticar em outros mercados. Mediante algumas concessões judiciosas, a Alemanha entretanto visa evitar o prosseguimento de um campanha, por parte da Grã-Bretanha, contra os métodos que ela vem adotando.

"O Sr.Hudson sugere a formação de uma organização co-operativa que dirigirá a exportação britânica, com o objetivo de dar uma representação mais eficaz às indústrias inglesas no estrangeiro, como também de coordenar as ofertas e evitar as concorrências inúteis entre os diversos exportadores.

"Uma co-operativa, tal como a proposta, necessitará um fundo de manobra para o qual a soma de dez milhões de libras, prevista presentemente pelo Sr.Hudson, não poderá ser senão um começo, visto como no ano passado a soma adeantada pelo Governo alemão, em forma de subsídios aos seus exportadores, foi de sessenta e seis milhões de libras, prevendo-se que ela suba ao dobro este ano.

"Infelizmente a unica maneira eficaz para sustentar um plano semelhante é levantarem as indústrias britânicas os fundos necessários para tal subsídio, o que equivale a descarregar indiscriminadamente sobre o mercado de consum domestico o prêmio distribuido aos exportadores. Aqueles industriais que pouco exportam arasarão com um peso não proporcional ao que terão de sustentar os que se especializam em produtos principalmente de exportação, injustiça essa que será um problema de difícil solução. De fato,-conclue o artigo,- a maneira mais certa de promover a exportação será copiar aqueles mesmos métodos alemães tão criticados,

Emb.Londres/4/1939/3

criticados, isto é na base dos pactos bilaterais e das quotas propocionais."

Afim de obviar uma guerra comercial e os desastres de uma intensa política de subsidios em ambos paises, um grupo de "leaders" da Federação das Indústrias Britânicas parece estar disposto a ter um entendimento com o órgão correspondente dos industriais alemães. Do êxito dessas negociações depende a projetada visita a Londres do Dr.Funk, Ministro de Economia do Reich.

Aproveito o ensêjo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

J. de Souza-Leão, Jr.



RECEBIDO
26 JAN 39
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 2 de Janeiro de 1939.

No. 5

Defesa econômica
da Grã-Bretanha.

810.60/
LVB

EC

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES	
SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO	
26 JAN. 1939	
Nº	01841

Senhor Ministro,

As quedas contínuas e crescentes das exportações britânicas levaram toda a imprensa deste país a mover uma tenaz campanha com o fim de obrigar o Governo do Reino Unido a auxiliar os industriais e os exportadores ingleses, como poderá julgar Vossa Excelência pelos recortes, anexos, do "Statist" de 31 de Dezembro último, sobre as relações comerciais entre o Brasil e a Grã-Bretanha, e o do "Daily Express" de 29 do mesmo mês, relativo a seguro contra riscos comerciais, isto é, contra carência de pagamentos comerciais.

2. Não ha hoje a menor duvida quanto ao êxito da campanha acima referida da imprensa inglesa, pois o problema das exportações britânicas está na ordem do dia e preocupa seriamente o Governo atual, conforme evidenciam certas medidas já tomadas e outras em via de estudos. Sabe-se que o Parlamento está tratando de um projeto de lei com o objetivo de auxiliar os indus-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/5/1939/2

industriais ingleses aos países onde algumas potências pratiquem uma especie de "dumping", vendendo mercadorias mesmo por preços muito abaixo do custo de produção.

3. Conforme verificará Vossa Excelência pela leitura do recorte do "Statist" supra citado, Lord Wardington, Presidente do Banco de Londres e de America do Sul, sublinhou, por ocasião da Assemblêa Geral, o grave perigo que constitue para o comércio do Reino Unido a penetração econômica dos países totalitários, especialmente da Alemanha, em consequência do emprego de marcos compensados. A citada revista, com referência à este problema, lembra, no seu último número, que em 1928 a Grã-Bretanha tinha uma balança favorável com relação ao Brasil de £ 16.000.000, ao passo que, hoje, apesar de liquidadas as dívidas comerciais (os congelados), o seu comércio com o Brasil diminue assustadoramente, perdendo a Inglaterra os seus clientes no Brasil, não só por falta de emprego de novos métodos de comércio, como por falta de audácia comercial, privilégio hoje, quasi que exclusivo, dos países totalitários.

4. É verdade que a Alemanha, a Italia e o Japão garantem aos seus industriais e exportadores contra todos os riscos por carencia de pagamentos, afim de que os seus nacionais não percam os mercados conquistados, principalmente os da America do Sul. Também existe na Grã-Bretanha uma repartição governamental denominada "Exports Credits Guarantee" cujo fim é assegurar os industriais ingleses contra riscos de não pagamento dentro dos prazos previstos. É esta Repartição que se cogita agora de ampliar, tornando-a mais maleavel, com o fim de facilitar e garantir as operações comerciais dos exportadores britânicos, e permitir-lhes vencer os concorrentes alemães, mesmo os mais audaciosos.

Aproveito o ensêjo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

J. de Sousa Leão, Jr.

"DAILY EXPRESS"

Londres, 29 de Dezembro de 1938.

Lloyd's will now insure trade with 'black' payers (GERMANY, ITALY, TURKEY)

£2,500,000 DIAMOND SHARE DEAL

By STEWART GILLIES, City Editor

A GROUP of Lloyd's underwriters have arranged a scheme under which British exporters to certain foreign countries can insure themselves against the risk of payment for their goods being delayed beyond a certain time.

Under the scheme an exporter pays a premium on shipping the goods, receives in exchange an insurance policy of the same value as the goods shipped. He can cash the policy in full at a later specified date.

The scheme applies to Turkey, Germany and Italy, but not to Brazil or Rumania.

There are substantial blocked balances to the credit of British exporters awaiting transfer in Turkey, Germany and Italy. Transfer from the Turkish account may easily involve a delay of two and a half years, while delays in transfers from the German and Italian accounts are steadily lengthening.

The underwriting group now undertake, for a premium of 20 per cent., to pay Turkish balances in full in thirty months. They will pay Italian balances in nine months for a premium of 3 per cent. and German balances in six months for a premium of 2 per cent. All policies, however, are ex-war risks.

An abortive attempt was made before Christmas to put a scheme into practice whereby an exporter could get cash immediately he had shipped the goods. By paying a premium of 30 per cent. he could get cash against documents for Turkey, and by premiums of 9 per cent. and 5 per cent. he could get cash against documents for Italy and Germany respectively.

"THE STATIST"

Londres, 31 de Dezembro de 1938.

Statist

51 Cannon Street, E.C.

Cutting from issue dated..... 31 DEC 1938

ANGLO-BRAZILIAN TRADE

BRITISH LOSS OF TRADE

At the annual meeting of the Bank of London and South America, Limited, held on December 13, the chairman, Lord Wardington, issued a strong word of warning regarding the loss of markets for British goods in Latin America. Germany has made great inroads in the South American markets through the compensation mark system, while both Germany and Italy have been directly subsidising their export trade to those markets, and their goods are frequently sold at below cost price. These Continental countries are prepared to suffer this temporary loss, in return for a permanent gain once they are firmly established. Even in the River Plate countries of Argentina and Uruguay, where exchange priority is granted to British goods, there is a slowing-up in orders for British textiles owing to the dumping of cheap Japanese and Italian goods.

While much attention is at present devoted to the loss of trade to Germany, for instance, in certain Central European countries, this trade is insignificant compared with that of certain South American markets. Moreover, it must be remembered that trade and finance go hand in hand, and that British investors have a very considerable financial stake in South America. The relative strength of trade connections would have a corresponding effect upon bonded debt services, particularly those in partial or entire default.

Conditions in the Brazilian import markets alone have now reached a point where Great Britain must either make strenuous efforts to maintain her position or British trade must go almost entirely by the board. Another point in connection with Anglo-Brazilian trade is that it was formerly one—conspicuous by its infrequency when applied to the trade of other countries—which invariably gave a balance in favour of Great Britain (and this to the tune of many millions a year). In 1928, for instance, this balance was one of £10,000,000—somewhat different to the huge adverse balances recorded for many foreign countries.

European trade must in the nature of things become more or less static, rising or falling in accordance with the trade cycle. But in Brazil, with its steadily increasing population and prospects of a steady improvement in the standard of living as the years go by, there is a market for imported goods which must inevitably expand notwithstanding the development of national industries.

This trade, however, will not go to the hesitant and to those who are too wary of assuming the risks which are attached to foreign trade nowadays. It will be said, perhaps, that a policy of caution is fully justified at the present time. There is, of course, no gainsaying that the exchange position leaves much to be desired; but, ignoring German trade for the moment, the figures which are available emphasise that exporters in other countries did not hesitate to ship to Brazilian markets once the commercial debt liquidation arrangements had prepared the way for the decontrol of exchange, while British manufacturers merely looked on. Because of this attitude much valuable business was lost; and, of even more importance, many valuable clients transferred their connections elsewhere. And it should be added that at the present time competitors continue more willing than British firms to ship to Brazil.

The Chamber of Commerce of São Paulo—which is in intimate touch with the Brazilian markets states that there is abundant evidence to show that if goods from Great Britain (and elsewhere) could be offered at prices even approximating those of German goods, the demand for the latter would immediately fall off. Local importers resent the fact that they are forced—because of price considerations—to have to purchase so much of their requirements in Ger-

many; but they have to do as competitors are in the cheapest market.

ANGLO-BRAZILIAN TRADE BRITISH LOSS OF TRADE

At the annual meeting of the Bank of London and South America, Limited, held on December 13, the chairman, Lord Wardington, issued a strong word of warning regarding the loss of markets for British goods in Latin America. Germany has made great inroads in the South American markets through the compensation mark system, while both Germany and Italy have been directly subsidising their export trade to those markets, and their goods are frequently sold at below cost price. These Continental countries are prepared to suffer this temporary loss, in return for a permanent gain once they are firmly established. Even in the River Plate countries of Argentina and Uruguay, where exchange priority is granted to British goods, there is a showing-up in orders for British textiles owing to the dumping of cheap Japanese and Italian goods.

While much attention is at present devoted to the loss of trade to Germany, for instance, in certain Central European countries, this trade is insignificant compared with that of certain South American markets. Moreover, it must be remembered that trade and finance go hand in hand, and that British investors have a very considerable financial stake in South America. The relative strength of trade connections would have a corresponding effect upon bonded debt services, particularly those in partial or entire default.

Conditions in the Brazilian import markets alone have now reached a point where Great Britain must either make strenuous efforts to maintain her position or British trade must go almost entirely by the board. Another point in connection with Anglo-Brazilian trade is that it was formerly one—conspicuous by its infrequency when applied to the trade of other countries—which invariably gave a balance in favour of Great Britain (and this to the tune of many millions a year). In 1928, for instance, this balance was one of £16,000,000—somewhat different to the large adverse balances recorded for many foreign countries.

European trade must in the nature of things become more or less static, rising or falling in accordance with the trade cycle. But in Brazil, with its steadily increasing population and prospects of a steady improvement in the standard of living as the years go by, there is a market for imported goods which must inevitably expand notwithstanding the development of national industries.

This trade, however, will not go to the hesitant and to those who are too wary of assuming the risks which are attached to foreign trade nowadays. It will be said, perhaps, that a policy of caution is fully justified at the present time. There is, of course, no gainsaying that the exchange position leaves much to be desired; but, ignoring German trade for the moment, the figures which are available emphasise that exporters in other countries did not hesitate to ship to Brazilian markets once the commercial debt liquidation arrangements had prepared the way for the decontrol of exchange, while British manufacturers merely looked on. Because of this attitude much valuable business was lost; and, of even more importance, many valuable clients transferred their connections elsewhere. And it should be added that at the present time competitors continue more willing than British firms to ship to Brazil.

The Chamber of Commerce of São Paulo—which is in intimate touch with the Brazilian markets—states that there is abundant evidence to show that if goods from Great Britain (and elsewhere) could be offered at prices even approximating those of German goods, the demand for the latter would immediately fall off. Local importers resent the fact that they are forced—because of price considerations—to have to purchase so much of their requirements in Ger-

many; but they have to do as competitors are doing, that is, buy in the cheapest market.

No surprise should be caused by the trade returns, as it is only to be expected that a reluctance to sell because of the exchange control, coupled with high prices, will result in a diminished export movement of British goods to Brazil.

The following table gives comparative figures of Brazil's imports from the chief supplying countries:—

	Imports—January-June	1929	1932	1938
	£	£	£	£
United States	14,095,925	5,361,313	7,609,575	
Great Britain	8,000,472	8,501,428	1,005,232	
Germany	3,361,764	1,540,950	7,304,681	

The following table expresses the above figures as percentages of Brazil's total imports:—

	1929	1932	1938
United States	32.25	22.29	34.55
Great Britain	39.24	29.08	9.24
Germany	11.44	9.07	24.12

Germany's trade with Brazil is seen to have taken exceptional strides forward. During the first six months of 1938 the value of German goods was up by £2,192,277, or 40 per cent., compared with January-June of 1929, while, in relation to 1932, the increase was one of £5,954,988, or 372 per cent. Even making the necessary adjustment for 1938 which the employment of the compensation mark entails, the increase in German trade has been formidable.

In the case of imports of U.S. origin, values in 1938 showed a decrease of £6,793,251, or 47 per cent., compared with 1929, but an increase of £2,354,662, or 44 per cent., compared with 1932. These figures, coupled with the fact that goods of U.S. origin were up about £1,000,000 comparing January-June, 1938, with the corresponding period of last year (and taking into consideration that during the second quarter of this year imports of goods from the United States were 25.55 per cent. of the total, against 23.74 per cent. during the first quarter) indicate that American manufacturers and exporters are not relaxing their efforts to maintain their footing in Brazil.

A very different state of affairs has prevailed in the case of British trade. Here there is recorded a drop of £6,094,839, or 55 per cent., compared with 1929, and one of £699,873, or 18 per cent., compared with 1932. That is, during a period when Brazil's total import trade increased by £13,059,508, British exporters not only failed to obtain a share of this business, but even lost part of that which they had during the year which witnessed the depth of the economic depression.

It would, of course, be presumptuous to say that British manufacturers and exporters do not know their own business best. But it must be emphasised that those interested in British trade with Brazil cannot, or, rather, should not, view the situation with equanimity, for it is disturbing, to say the least.



ARQUIVO
28 FEB 39
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 9 de Janeiro de 1939. *MP*

No. 11

O eixo Roma-Berlin.
Aliança secreta entre
a Alemanha e a Italia.

900.1(500)
[assinatura]



Senhor Ministro,

A título de informação tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o recorte anexo do jornal "Daily Express", de 9 do corrente, contendo um artigo do seu correspondente diplomático sobre o eixo Roma-Berlin.

./1

2. Segundo afirma o correspondente do citado jornal existe entre a Alemanha e a Italia um pacto formal de aliança, assinado secretamente na primavera de 1937. O articulista, entretanto, não se limita a essa informação e divulga os termos do pacto em questão, que não deixam de ser bastante interessantes.

3. Se é que podemos acreditar na veracidade desse correspondente, o pacto estabelece principalmente o seguinte:

- a) a Alemanha e a Italia respectivamente se comprometem a não entrar em qualquer aliança dirigida contra o país associado;

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

MGRS

- associado;
- b) os dois países ficarão em consulta contínua sobre todas as questões políticas, económicas e culturais de interesse comum para ambos os associados;
 - c) se um dos países associados for agredido sem provocação, a outra parte contratante deve a pedido da primeira prestar-lhe auxílio imediato com todos seus recursos;
 - d) se uma das partes, sem provocação direta, for atacada simultaneamente por duas ou mais grandes potências, a outra parte deve considerar-se automaticamente e simultaneamente em guerra com as potências agressoras;
 - e) as partes contratantes tomarão as medidas necessárias para a conclusão das convenções militares indispensáveis à execução prática das obrigações acima indicadas;
 - f) quando uma das partes, com o auxílio da outra, obtiver a satisfação das suas reclamações e aumentar, em consequência, seu território ou sua influência, a outra parte terá, por sua vez, o direito de solicitar o mesmo apoio para suas reivindicações afim de conseguir um aumento correspondente de território e de influência.

4. Seguem outras cláusulas sobre a inclusão eventual no pacto de outras potências europeias e, especialmente, das principais grandes potências; sobre o prazo do pacto e sua denuncia, etc.

Emb.Londres/11/1939/3.

etc.

5. Acredita o informante do "Daily Express" que as convenções militares aludidas no pacto foram assumidas pouco antes da crise tchecoslovaca e atribue essa demora à relutância de Mussolini em firmar um acôrdo militar definitivo com a Alemanha.

6. A comprovação dos termos do pacto italo-alemão, na forma indicada pelo correspondente do "Daily Express", é naturalmente impossível. Não resta duvida, entretanto, que fornecem uma base lógica para a compreensão da natureza das relações entre os dois países. Tanto na Alemanha como na Italia foram desmentidas essas informações. Entretanto, a atitude da imprensa oficial alemã, entre outras, da "Diplomatische Korrespondenz", apoiando as reivindicações italianas no Mediterraneo e isto na vespera da viagem a Roma do Primeiro Ministro Chamberlain e do Secretario de Estado dos Negócios Estrangeiros, parecia confirmar o conteúdo do artigo do "Daily Express".

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Répi des lozin

"DAILY EXPRESS"

Londres, 9 de Janeiro de 1939.

DAILY EXPRESS, Monday, January 9, 1939.

A whole year's insurance FREE

Decide now to let the Daily Express £5,000 Free Insurance Policy protect you and your family all through 1939.

Sign the Registration Form at your newspaper's **TODAY**

Daily Express

WORLD'S LARGEST DAILY SALE

No. 12,055

Monday, January 9, 1939

**Rome-Berlin Axis secrets are revealed
on eve of Premier's visit to Rome**

DICTATORS HAVE MILITARY AID PACT

*Gains of territory
must be equal*

By A Diplomatic Correspondent

ON THE EVE OF MR. CHAMBERLAIN'S DEPARTURE FOR ROME TO DISCUSS WITH SIGNOR MUSSOLINI MATTERS OF COMMON CONCERN TO BRITAIN AND ITALY, I CAN REVEAL FOR THE FIRST TIME THE TERMS OF THE PACT OF ALLIANCE BETWEEN ITALY AND GERMANY, USUALLY KNOWN AS THE ROME-BERLIN AXIS.

The terms of this formal alliance, signed secretly in the spring of 1937, have been the subject of immense speculation throughout the world. In substance they are as follows:—

1 The Rome-Berlin Axis, as it now stands, is expressed in a formal agreement between Mussolini and Hitler.

2 The contracting parties undertake not to make any alliance directed against either of them.

3 They undertake to remain in permanent consultation on questions of a political, economic or cultural character which have a common interest for them.

4 If one of the parties is the victim of an unprovoked aggression by another Power, the other party must immediately come to its assistance with all the means at its disposal, if it is requested to do so.

5 If one of the parties, without having directly provoked it, is attacked by two or more Great Powers at the same time, the other party is bound automatically and simultaneously consider itself to be at war with the aggressor Powers.

6 The contracting parties will take steps to arrange for the signature of the military conventions necessary for the practical carrying out of the obligations as stated above.

7 If one of the parties, with the assistance of the other, obtains such satisfaction for its demands that an increase in its territory, or in its influence, results therefrom, the other party has the right to claim equal support for itself in obtaining a corresponding increase in territory or influence.

8 The contracting parties agree that the present agreement will be improved by the inclusion of other European Powers, and especially by the consent of the principal Great Powers, to act together in the spirit of consultation, non-aggression and mutual support.

9 The contracting parties agree to keep the terms of the present agreement secret until they decide differently by common consent.

10 The present agreement is concluded for an indefinite time, but it can be terminated by giving notice a year in advance.

I have reason to suppose that the military provisions referred to in Clause 6, were signed just before the German-Soviet pact broke out.

It will be seen that the pact, as it stood in the spring of 1939, was not only a military alliance, but a pact of non-aggression and mutual support.

IN AXIS

AID PACT

Gains of territory must be equal

By A Diplomatic Correspondent

ON THE EVE OF MR. CHAMBERLAIN'S DEPARTURE FOR ROME TO DISCUSS WITH SIGNOR MUSSOLINI MATTERS OF COMMON CONCERN TO BRITAIN AND ITALY, I CAN REVEAL FOR THE FIRST TIME THE TERMS OF THE PACT OF ALLIANCE BETWEEN ITALY AND GERMANY, USUALLY KNOWN AS THE ROME-BERLIN AXIS.

The terms of this formal alliance, signed secretly in the spring of 1937, have been the subject of immense speculation throughout the world. In substance they are as follows:—

- 1 The Rome-Berlin Axis, as it now stands, is expressed in a formal agreement between Mussolini and Hitler.
 - 2 The contracting parties undertake not to make any alliance directed against either of them.
 - 3 They undertake to remain in permanent consultation on questions of a political, economic or cultural character which have a common interest for them.
 - 4 If one of the parties is the victim of an unprovoked aggression by another Power, the other party must immediately come to its assistance with all the means at its disposal, if it is requested to do so.
 - 5 If one of the parties, without having directly provoked it, is attacked by two or more Great Powers at the same time, the other party to the Axis must automatically and simultaneously consider itself to be at war with the aggressor Powers.
 - 6 The contracting parties will take steps to arrange for the signature of the military conventions necessary for the practical carrying out of the obligations as stated above.
 - 7 If one of the parties, with the assistance of the other, obtains such satisfaction for its demands that an increase in its territory, or in its influence, results therefrom, the other party has the right to claim equal support for itself in obtaining a corresponding increase in territory or influence.
 - 8 The contracting parties agree that the present agreement will be improved by the inclusion of other European Powers, and especially by the consent of the principal Great Powers, to act together in the spirit of consultation, non-aggression and mutual support.
 - 9 The contracting parties agree to keep the terms of the present agreement secret until they decide differently by common consent.
 - 10 The present agreement is concluded for an indefinite time, but it can be terminated by giving notice a year in advance.
- I have reason to suppose that military protocols, referred to in Clause six, were signed just before the Czecho-Slovak crisis broke out. It will be seen that the pact, as it stood in the spring of 1937, did not itself contain any clause making it an out-and-out military alliance. In spite of repeated and insistent demands from Hitler, the Duce was still resisting the conception of a military agreement defining exactly the conditions of a permanent co-

IN AXIS EVEALED

(CONTINUED FROM PAGE ONE.)
operation between the armed forces of the two countries.

There is reason to believe that a modified military agreement has since come about. Its nature is secret.

The terms of the Axis Pact, summarised above, provide the facts on which it is possible to understand the contractual relationship between the two dictators. It provides an answer to the question so often asked: "How far is the Duce committed to the Führer?"

At the time of Stresa, Mussolini was still convinced that his future lay with the democratic Powers. But the pressure put upon Italy

and her economy by the sanctions policy gave Hitler his opportunity. Germany gave assistance of an economic character to Italy during the sanctions period.

In return, Hitler exacted from the Duce a promise that Italy would not on any account join any anti-German coalition. That was early in 1936, when Mussolini, hoping still for a swift settlement of his quarrel with Britain and France, refused to be committed to any policy directed against those Powers.

But after the conquest of Abyssinia Italy's economic plight was terrible. To end it, she needed the co-operation of Britain and France in the development of her new empire. This was refused.

Then a further quarrel broke out over the Spanish war. Once more, it was used by Hitler to bind the Duce more closely to Germany.

It may be that the Spanish war is now moving towards its climax.

WEARY OF WAR

If a real victory lay within Franco's grasp, then Mussolini would be released from the almost intolerable burden of his war in Spain.

The Italian people are weary of that war. They prefer peace to glory. Mussolini is acutely sensitive to waves of public opinion. He wishes to be released from his Spanish adventure, which has already cost too much.

A victory for Franco would permit the withdrawal from Spain of the Italian "volunteers."

If Mussolini, in his discussions with Mr. Chamberlain this week, can convince him under the terms of the Italian contention in Spain, he will no doubt expect that the Prime Minister will be willing to discuss important issues with him.

As for the future of the Rome-Berlin Axis, the terms of which are now known for the first time, that must depend on events.

It may be that Britain and Italy will return to their traditional basis of friendship. In that case the effect on German-Italian relations of certain stresses within the Rome-Berlin combination—the absence of a complete accord of interest between the two nations—might well produce a progressive weakening in the Axis.

(Copyright reserved.)



SEGUIU UMA CÓPIA POR VIA AÉREA

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 13 de Janeiro de 1939.

No.16

A visita do Primeiro
Ministro a Roma.

900.1(600)
H 30.1(60)(96) C



Senhor Ministro,

É cedo para formular sequer conjecturas sobre a visita que acabam de fazer a Roma o Senhor Chamberlain e Lord Halifax. Nenhuma declaração foi dada ainda a publicidade, como nada transpirou fóra do círculo em que transcorreram as conversas.

2. Segundo se espera do comunicado a ser distribuído à imprensa pelo Conde Ciano, nada será dito de mais interessante do que a méra exposição por ambas as partes das respectivas posições. Mas o laconismo dessa declaração leva a crer que elas não terão conduzido a resultado útil. Mussolini não fez promessas novas no sentido de retirar suas tropas da Espanha, nem Chamberlain mostrou anuência às exigências italianas no que respeita à França.

3. Entretanto, a recepção teve um cunho de maior popularidade do que por ocasião da visita de Hitler. O povo italiano terá querido dar prova da sua amizade e admiração pela Inglaterra.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Inglaterra, ao passo que a Hitler só quiz demonstrar a obediência a ordens superiores, de pura conveniência politica (testemunhas oculares declararam aqui que as ovações a Hitler provinham mais de alto-falantes, do que de espontaneo entusiasmo popular).

4. A França, robustecida pelos acontecimentos internos e sentindo-se com forças para enfrentar a sua ultima adversária, não precisou entregar desta vez aos estadistas ingleses a defesa dos seus interesses mais vitais.

5. Não se pode perder de vista que a Italia, depois da conquista da Abissinia, engajou-se em uma aventura militar, cujas consequências são o imperativo estratégico de manter a segurança das comunicações com a Africa. Daí as pretensões fascistas à cessão do porto e estrada de ferro de Djibuti e à preponderancia do elemento italiano na Tunisia, afim de contrarrestar qualquer veleidade ofensiva por parte da França em caso de guerra, e mesmo, eventualmente, aspirar à uma reivindicação colonial no dia em que fôr alcançada uma maioria italiana naquele protetorado.

6. Sua posição exposta em face da Alemanha não dá a Mussolini a liberdade de opção quanto ao lado em que se apoiar. Ao contrário, o interesse italiano está antes na separação do eixo Londres - Paris, que implicaria então a segurança do seu império. Simples concessões por parte da França não modificarão a essência da situação.

7. Ao contrário, a vigilancia impõe-se cada vez mais. Alemaes e italianos estariam completando suas bases navais e aéreas nas Baleares e nas Canarias. Defesas anti-aéreas teriam sido erigidas por tecnicos alemães na ilha Majorca, como um elo a mais do eixo Berlin-Roma, sob controle italiano, para domínio do Mediterraneo e da Espanha, onde já exercem as duas potências apreciável influencia politica, econômica e militar. Nas Canarias, os alemaes estariam levantando bases para aviões e submarinos, numa

Emb.Londres/16/1939/3.

numa posição altamente estratégica, em pleno Atlantico, que justificam as apreensões dos americanos, como se depreende das medidas de defesa pedidas pelo Presidente Roosevelt ao Congresso.

8. E a que assistimos deste lado? o Senhor Anthony Eden, discursando ontem em Kenilworth, declarou ser verdadeiramente lamentável para quem acompanha a situação internacional, ante a gravidade do que se passa na Espanha, o contraste entre a atividade febril de tempo de guerra nos estados totalitários e a lentidão com que se processa o rearmamento na Inglaterra e na França, onde prevalecem condições de tempo de paz. Impõe-se, diz êle, a interrogação sôbre se conseguiremos recuperar o tempo perdido e o atrazo inicial. A verdade é que a posição estratégica das nações democraticas tem peorado em vez de melhorar. Revelando a mesma preocupação, um membro do Governo, o Senhor R.S. Hudson, propoz na sessão do "Liverpool Timber Trade Association" como moto para 1939: "Rigorosa eficiência e respeito escrupuloso à verdade". Enfim generaliza-se a impressão de descontentamento contra a ineficiência burocratica neste país.

9. Está causando também inquietação o silencio que se seguiu às conferencias entre peritos dos Almirantados, em Berlim, sobre a pretensão alemã de construir até ao maximo da tonelagem facultada no Acôrdo Naval anglo-germanico, que está agora sendo criticado severamente. A dificuldade em se achar uma fórmula para apresentar ao público os termos do Acôrdo está sendo interpretada como prova de mais uma concessão perigosa por parte da Inglaterra.

10. Em conclusão, o horizonte europeu está mais que turvo, e não se pode prever o futuro, apesar de toda a coragem com que o Senhor Chamberlain vem executando sua politica de pacificação por entendimentos dirétos.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelencia os

Emb. Londres/16/1939/4.

os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji de Almeida



ARQUIVO
6-17133
SAÍDO

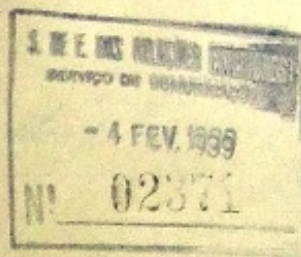
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 14 de Janeiro de 1939. *JP*

No.17

O nazismo no Brasil.
Artigo do "Manchester
Evening News".

500.1
JP



Senhor Ministro,

Cabe-me remeter a Vossa Excelência, em anexo, um recorte do "Manchester Evening News", contendo um artigo da autoria do Senhor Miles Prior sobre o perigo nazista na América e, sobretudo, no Brasil.

/1

2. Ao escrever seu artigo o Senhor Miles Prior teve por fim explicar ao leitor inglês as razões que motivaram a atitude do Presidente Roosevelt em face dos países totalitários e o rearmamento dos Estados Unidos. Afirmando que a Alemanha tem em todo o continente americano centros de ação propagandista, assevera que no Brasil o Reich possui uma situação de preponderância nos Estados do sul. Diz a esse propósito o Senhor Prior:

"Quanto mais prosperas e ricas estiverem as regiões habitadas pelos alemães no Brasil, tanto maior será a simpatia de que gozará naquele país o credo nazista. No norte e no sul do Brasil os alemães contam com muitos compatriotas e

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

MGRS

Emb.Londres/17/1939/2.

e admiradores. Se algum dia, a mandado de Berlim, os três Estados do sul efetuarem um golpe nazista, separando o sul do Brasil da União Federal, só Deus sabe onde terminaria tal tentativa".

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji de Oliveira

"HANS" ACROSS THE SEA: By Miles Prior



PRESIDENT VARGAS

MUSSOLINI was once reported as saying that Fascism was not an article for export. No one would venture to make that claim for the Nazi creed. Every time a German goes abroad he takes his Swastika with him, and he wears it as ostentatiously as he is allowed. He regards himself as an apostle, although sometimes he is taken for a rather clumsy propagandist.

This insistence of the Germans on transporting their politics overseas is a problem that has caused considerable worry to the nations of North and South America.

To many people in this country it has come as a surprise that President Roosevelt should have joined in the armaments race, and that his associates should have taken the determined stand against Germany that they have done. Though he offered an explanation for his action by declaring that the United States intended to assume the burden of defending the entire American Continent—Canada included—they thought the move uncalled-for. Japan, they argued, was 5,000 miles away across the Pacific, and

anyway China and, possibly, Russia would keep her hands and arms fully occupied for some time to come. As for any European Power daring to make a descent on the coasts of America, North or South, the idea was too absurd to contemplate.

As to that, neither President Roosevelt nor his Secretary of State, Mr. Cordell Hull, is given to harbouring absurd notions. They are, in fact, both stern realists, but they have seen what happened to Geneva's "Sanctions," and they know only too well that the Monroe Doctrine, unless backed by an adequate force of arms, is liable to become as much of a dead letter as the "disciplinary" clauses of the League Convention.

★ ★ ★
THEIR fears are far from groundless. The

Nazi octopus has already stretched its tentacles across the Atlantic, and already it holds morsels of the New World in its unrelaxing grip.

The Brazilian delegates at Lima will be able to tell Mr. Hull something about that. Brazil is the largest of the Latin American Republics (larger even than the U.S.A.). It is also the richest. It has coffee and cocoa and sugar; cotton and rubber; a growing trade in frozen and chilled meat; untold wealth of timber and medicinal plants; diamonds too.

Other riches that are there can only be conjectured, for the country is still largely undeveloped. Certainly it is very much under-populated. What is more, the Northern states of Brazil have a large black element in their population—not the best type for opening up a virgin country and one where the enervating climate encourages the negroes' natural lethargy.

No land under the sun is such a tempting bait to a nation with a



One of the Fascist plotters arrested after the attack on the Presidential Palace at Rio de Janeiro.

surplus population and expansionist ideas. Long before the coming of Hitler the Germans had felt the urge to step in and develop Brazil, but the Monroe Doctrine told them only too clearly to keep off the "verboten" ground.

As it was, they had to be content with colonising small sections of that territory, and always, nominally at least, under the Brazilian flag. So, they never ceased to be a hundred-per-cent Germans. With Englishman emigrates for going rightly feels that his first duty is land of his adoption—the one that him his bread and butter. Not a German. He retains something

than a mere sentimental attachment to the Vaterland. Go where he will, he creates a miniature Germany all around him.

For that reason there are now several distinct "Sudetenslands" masquerading as segments of Brazil. You find these thoroughgoing Teuton colonies at Sta Leopoldina and Sta Theresa, both in the State of Espirito Santo. There are also German communities in the big cities, Rio de Janeiro and São Paulo, and also in the Southern States of Paraná and Rio Grande do Sul. But it is in between these two States, in Santa Catharina, that the German thrust is most apparent.

The whole state is completely Germanised. Visiting thriving little towns like Blumenau or Joinville, with their neat brick houses and tidy streets, one has an illusion of being in Saxony or Silesia. Teuton names are inscribed over almost every shop, café and restaurant. Address a native in Portuguese and ten-to-one he will answer in German. Ask for a newspaper, and that is German. Go to a hotel and order a meal. You may happen to be served with the pork and black beans so beloved of Brazilians, but a Wiener Schnitzel is much more likely to appear, or a Hamburger sausage.

It is much the same story in the ports that serve the state. In the harbours of Florianópolis or São Francisco do Sul you may find tramps flying the Swastika, and their crews lining the rails to watch a Luft-Hansa sea-plane taking off for Buenos Aires in the South or Rio and Pernambuco to the North. Never did a colony so much resemble a conquest, so emphatically German is the entire state.

But the Brazilians are a kindly, tolerant folk, and for many years they took no great offence at the alien civilisation growing up in their midst. Besides, it has to be admitted that the Germans—their racial exclusiveness apart—made excellent settlers. Their methods of farming were an example to the whole country, and Santa Catharina had a greater mileage of installed roads than any comparable state in all Brazil. In matters of health and education they were univalued, and in general they maintained a remarkably high standard of prosperity, with no real poverty and little serious crime.

★ ★ ★
NOW, however, the Brazilian attitude towards the German colonies is undergoing revision. Recent activities of the Integralists

By Miles
Prior



This insistence of the Germans on transporting their politics overseas is a problem that has caused considerable worry to the nations of North and South America.

To many people in this country, it has come as a surprise that President Roosevelt should have joined in the armaments race, and that his associates should have taken the determined stand against Germany that they have done. Though he offered an explanation for his action by declaring

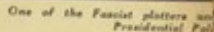
anyway China and, possibly, Russia would keep her hands and arms fully occupied for some time to come. As for any European Power daring to make a descent on the coasts of America, North or South, the idea was too absurd to contemplate.

As to that, neither President Roosevelt nor his Secretary of State, Mr. Cordell Hull, is given to harboring absurd notions. They are, in fact, both stern realists, but they have seen what happened to Geneva's "sanctions," and they know only too well that the Monroe Doctrine, unless backed by an adequate force of arms, is liable to become as much of a dead letter as the "disciplinary" clauses of the League Convention.

THEIR fears are far from groundless. The Nazi octopus has already stretched its tentacles across the Atlantic, and already it holds morsels of the New World in its unrelaxing grip.

The Brazilian delegates at Lima will be able to tell Mr. Hall something about that. Brazil is the largest of the Latin American Republics (larger even than the U.S.A.). It is also the richest. It has coffee and cocoa and sugar; cotton and rubber; a growing trade in frozen and chilled meat; untold wealth of timber and medicinal plants; diamonds too.

Other riches that are there can only be conjectured, for the country is still largely undeveloped. Certainly it is very much under-populated. What is more, the Northern states of Brazil have a large black population.



arrest after the attack on the
at Rio de Janeiro.

Shan a more sentimental attachment
the Vaterland. Go where he will,
creates a miniature Germany all around
him.

For this reason there are now several distinct "Sollidlands" masquerading as segments of Brazil. You find it throughout Texas colonized at Laredo and Sta Theresa, both the State of Espirito Santo. There militantly German communities in Rio de Janeiro, Sao Paulo, and also in the Southern part of Patagonia and Rio Grande do Sul. It is in Southwest where two States have Catholicism, that one of them is most apparent.

The whole state is so Germanized. Visiting Berlin means like München or Jeleni: their next best houses and the one has an illusion of being in or Silesia. Tension names are ever almost every shop, restaurant. Address a Portuguese and ten-to-one answer in German. Ask for paper, and that is German hotel and order a meal. It happens to be served with the black beans so beloved of but a Wiener Schindler is not likely to appear, or a sausage.

It is much the same at ports that serve the state harbours of Florianopolis, Francisco de Sul you may fly the Swastika, and lining the rails to watch a sea-plane taking off for Rio the South or Rio and Para the North. Never did a much resemble a coast emphatically German is the

Just the Brazilians are
inherent folk, and for many
took no great offense
civilization creeping up on
Brazil, it has to be admitted
Germans—their racial ex-
pert—made excellent settle-
ments. The methods of farming were
to the whole country.
Catholics had a greater
metalled roads than any
state in all Brazil. In
health and education
unrivaled, and in general
a remarkable high
prosperity, with real
little serious crime.

NOW, however, the Brazilian attitude toward the German colonies is going revision. Recent as the Integralistas, a body with sympathies, culminating in attack on the Presidential candidate, Rio de Janeiro, have aware Government to the dangers propaganda supplemented funds, especially as President originally owed his election to Brazil for the Brazilian.

Up to the present the German-
approved nothing more than
resistance to attempts to con-
into real Brazilians, but a
orderliness and progressiveness
dangerous example in a coun-
national flag bears the motto
and Progress."

The more settled and peace appear, the greater sympathy for the Nazi creed. They have fellow-countrymen and allies in the neighbouring states, North and South. If ever, at the present time, there were three states with a Nazi camp that would be Southern Brazil from the Amazon, there is no telling what movement might ensue.

An impossible and utterly
 idea, you say? And yet who we
 said last January that Christmas
 one the Swastika flying over
 and half Mohammed?



ARQUIVO
8. FEV 39
SAÍDO

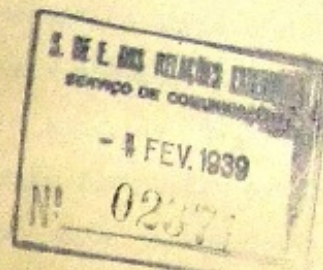
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 18 de Janeiro de 1939.

No. 20

Penetração econômica
alemã na América do Sul.
Artigo do "Financial Times".

811.181/30
811.142/81



lv3 Senhor Ministro,

O "Financial Times", de 17 do corrente, publicou um interessante artigo intitulado "A penetração econômica alemã na América do Sul," que tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no recorte anexo.

./1

2. O correspondente do "Financial Times", autor do artigo, depois de resumir o papel que a Grã-Bretanha teve no desenvolvimento dos países sul-americanos, estuda a expansão do comércio alemão em nosso continente, apontando a importância que tem alcançado ultimamente, devido aos métodos político-econômicos empregados pelo Reich. No que se refere ao Brasil, o autor comenta o acordo de compensação concluído com a Alemanha em 1936 e as peripécias pelas quais tem passado o intercâmbio comercial entre os dois países.

3. Refere-se, em seguida, às medidas tomadas pelos Estados Unidos para defender seus interesses no continente sul-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

NGRS

Emb. Londres/20/1939/2.

sul-americano e combater a penetração alemã - isto é, aos tratados de comércio recíprocos negociados pela república norte-americana com o Brasil, a Colombia, Cuba e Equador e afirma que o Governo norte-americano reconheceu a necessidade de subsidiar e financiar seu comércio de exportação para a América do Sul, o que está fazendo através do Export-Import Bank, de Washington.

4. Acha o correspondente do órgão financeiro que desde a conclusão dos acôrdos de Ottawa a Inglaterra tem-se descuidado dos mercados sul-americanos e que deve fazer sérios esforços para recuperar o terreno perdido. Como primeiro passo nesse sentido, menciona a viagem de Lord Willingdon à América do Sul e bem assim a iniciativa tomada pela "British Broadcasting Corporation" de fazer emissões em português e espanhol, e espera que a recente campanha para a expansão do comércio britânico na Europa Central e do sul, também se estenda aos países do sul do continente americano.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rafael de Oliveira

"FINANCIAL TIMES"

Londres, 17 de Janeiro de 1939.

FINANCIAL TIMES, Tuesday, 17th January, 1939

GERMAN ECONOMIC PENETRATION IN SOUTH AMERICA

ACTIVE TRADE DRIVE: INDIRECT SUBSIDIES: COUNTER MEASURES

FROM A CORRESPONDENT

Though emphasis is usually laid on Germany's economic and political penetration of South-Eastern Europe, the German trade drive in South America is of no less importance, especially in view of the large British interests involved.

It is the time preceding the war, the U.S.A., the United Kingdom and Germany are the principal competitors in the South American markets. The U.S.A. is favoured by geographical proximity and has also strengthened her position by large investments, which, according to figures published by the Royal Institute of International Affairs, rose from £250,000,000 in 1913 to £800,000,000 in 1930.

U.K. INTERESTS

The United Kingdom took a large share in the economic development of the South American countries, and especially in the construction of the railway systems. British investments, estimated at £736,600,000 for 1913, still took first place in 1930 with £622,000,000. Germany has relied above all on the commercial initiative of German settlers in the republics (their number is estimated at about 2,000,000, of whom nearly 1,000,000 are living in Brazil); her pre-war investments of about £190,000,000 have been almost entirely lost as a consequence of the war.

The U.S.A. has taken in recent years nearly one-third of South America's exports, and also supplied nearly one-third of her imports. The share in exports is about the same as before the war, but the share in imports rose from 25 per cent. in 1913 to 31 per cent. in 1936. The United Kingdom held the second place in imports (24 per cent.) and exports (21 per cent.) in 1913, but although she still maintained this position in regard to exports from these countries with 19 per cent. in 1936 she only supplied 13.4 per cent. of their imports, thus falling behind Germany.

The great stride made by Germany is indicated by the fact that between 1932 and 1936 (the latest year for which complete figures are available) German imports from South America rose by 21 per cent., and exports to South America by 83 per cent., whereas (according to the League of Nations statistics) total world imports from South America increased only by 1 per cent., and total world exports by 34 per cent.

BARTER METHODS

Now has the German success been accomplished? Germany used the now well-known method of barter trade, paying for her purchases of raw materials in compensation, or *Aski*, marks, which may only be utilised for the payment of selected German industrial products. The discount at which these compensation marks are sold from the South American exporter to the importer diminishes at the same time the exporter's actual profits, and acts as an indirect subsidy to German exports.

In spite of the difficulties sometimes experienced in the utilisation of compensation marks, the South American republics accepted the barter trade as a means of selling their products which otherwise found no buyers. These German methods were aptly summed up at the annual meeting of the Deutsche Ueberseeische Bank in April last: "In spite of the trade recession South American trade with

Germany shows a further increase. The special form of trade adopted had the result that Germany became the largest purchaser in several markets neglected by other buyers and thus ensured these countries the sale of their raw materials, and the possibility of buying important articles."

Germany has become, for example, a buyer of South American cotton (Brazil, Peru, Mexico, Argentina), which she uses in place of U.S.A. cotton; similarly copper purchases from Chile have replaced those from the U.S.A. Another example is the quick utilisation of new opportunities in the recent deal with Mexico. Petrol from the expropriated British and American oilfields is bartered against German produce, and thus at the same time German influence in general is increased.

RESALE COMPLAINTS

On the other hand, complaints have been made that Germany resold commodities bought on a barter basis in free markets against foreign exchange; for example, Ecuadorian cocoa in Switzerland and Brazilian produce in Scandinavia. As to Germany's exports to South America, it is worth noting that she now supplies railway equipment for example to Argentina, Brazil and Chile, thus supplanting this country and the U.S.A., and has also been successful in expanding the sales of motor-cars.

The trade drive is assisted by other methods—for example, the acquisition of mineral concessions in Brazil and the erection of factories in Chile. The development of air transport must be specially mentioned. Whereas the construction of railways had been due to British initiative, the development of air routes was carried out exclusively by Germans and Americans. German machines are used on most of the internal routes. A particularly skillful piece of propaganda was the present of a German aeroplane to Bolivia which was made by the German colony at the centenary of the Republic in 1925.

NAZI TECHNIQUE

The well-known Nazi technique of combining political with commercial propaganda is also applied in South America. Broadcasts in Spanish and Portuguese were instituted soon after Hitler's advent and newspapers are provided with free services. But there is also purely political propaganda and connections between the German element and local Fascist movements, which, in Brazil, led to severe restrictions on the activities of German groups last summer.

It is true that in spite of the great advance made by Germany the position of the U.S.A. was on the whole not seriously impaired with regard to Latin American markets, and that in Argentina and Uruguay British influence still prevails. But the strength of the German drive is shown by the fact that Germany was for two years able to take the first place among Brazil's suppliers.

Brazil shows also the difficulties connected with barter trade and, at the same time, Germany's strength as a buyer of raw materials. Trouble first arose in August, 1937, when a compensation deal involving 500,000 bags of coffee against German manufactures was cancelled by Brazil at the instigation of the U.S.A. Government. On 22nd June, 1938, the Bank of Brazil suspended all purchases of German

barter marks, since it had a balance estimated at Rm20,000,000 for which no buyers had been found. As a reprisal Germany stopped all purchases from Brazil on 12th July, and on 20th July Brazil decided to accept barter marks again, except for cotton and cocoa. At the instigation of the producers, cotton sales (Germany is the only purchaser of low-grade cotton) were resumed in November and cocoa sales in December, 1938, thus showing that Germany had become indispensable as a buyer in the Brazilian market.

In Chile, Germany has occupied the second place in imports since 1935, which was formerly held by the United Kingdom. The same development has occurred in Peru. There is no space to show details as regards the smaller republics; it is, however, important to note that Germany's tendency to balance exports and imports diminishes the favourable trade balance of these countries and therefore the funds available for services on foreign loans. It may be mentioned that Japan and Italy now try similar methods in South America, but their share in trade there is still relatively small.

DANGER RECOGNISED

What has been done to counteract German penetration? The U.S.A. has recognised the danger, as the recent Pan-American Conference at Lima showed. Reciprocal trade treaties have been concluded under the Hull programme with Cuba, Brazil, Colombia and Ecuador. The U.S.A. Government has also recognised the need for State assistance in the financing of exports to South America. In July, 1938, the Export-Import Bank of Washington, a Federal agency, was reported to have opened new credits in this connection, though no actual details have been published. In 1937 special broadcasts were instituted to combat the influence of the German news services.

In this country, owing to the concentration of Empire trade since the conclusion of the Ottawa agreements in 1932, South American markets have been sadly neglected, and there is the danger now that Britain's influence may suffer a permanent setback unless serious endeavours are made to regain the lost ground. Only last March special broadcast bulletins were instituted as a means of British propaganda, and Lord Willington's journey to South America last autumn showed that at least the danger for Britain's trade was realised.

INITIATIVE NEEDED

It is to be hoped that the new export drive inaugurated by the British Government will also include South America, but it is incumbent on British merchants not to rely on public assistance but to resume the old initiative if the former position is to be regained.

The criticism made in the latest Department of Overseas Trade report on Brazil regarding the methods of British exporters applies not only to that country. An interesting, if lamentable, sidelight on British loss of trade is provided by the circumstance that the numbers of, for example, U.S. and French commercial travellers visiting Brazil are in both cases several times greater than those from the United Kingdom. Another point that is often made is that there are far too few firms who maintain factory representatives in this country.



ARQUIVO
DE FEV 33
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 18 de Janeiro de 1939.

No. 23

A nota britânica
ao Japão.

952. (52) (56)



Senhor Ministro,

/1

A Nota entregue ao Governo japonês pelo Embaixador da Grã-Bretanha em Tokio, no Sábado passado, 14 do corrente, e cujo texto completo se encontra no recorte anexo do "Times", de ontem, mostra que vai aumentando a resistência à expansão do Japão, expansão que tem prejudicado e ignorado os interesses e direitos das outras nações. A Nota foi redigida antes do passo similar feito pelo Governo norte-americano, e seus termos tiveram a aprovação do Governo francês, que não demorou em dirigir Nota quasi identica ao Japão.

2. Fazendo longas referências às declarações feitas pelo Principe Konoye, Primeiro Ministro, sobre a política japonesa na Asia, a Nota declara que o Governo de Sua Majestade não pode aceitar e reconhecer as modificações que tal política implicaria na Asia e ainda que tencione aderir aos principios do Tratado das nove potencias, não podendo concordar com a modificação unila-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/23/1939/2.

unilateral de seus termos.

3. Um dos pontos interessantes da Nota é o trecho reiterando o desejo do Governo britânico de negociar "a modificação dos direitos extra-territoriais e assuntos semelhantes com um Governo chinês plenamente soberano, quando estiver reestabelecida a paz". Isto demonstra que a Inglaterra continúa no proposito de só reconhecer o General Chiang Kai-slek como representando a China, não obstante suas muitas derrotas militares.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do Loeu

Imperial and Foreign

JAPAN'S AIMS IN CHINA

TEXT OF BRITISH NOTE

The following is the text of the Note presented on Saturday to the Japanese Government by the British Ambassador in Tokyo:—

I am instructed by his Majesty's Principal Secretary of State for Foreign Affairs to inform your Excellency of the anxiety and the concern in the United Kingdom have been left by a study of Japan's new policy in Far Eastern affairs, as set out in recent statements by the late Prime Minister and other Japanese statesmen. I am to refer more particularly to Prince Kamei's statements of November 3 and December 22 and to the communication made by your Excellency to foreign Press correspondents on December 19. This anxiety subject which I have had with your Excellency from time to time.

From these pronouncements and from other official information issued in Japan, his Majesty's Government infer that it is the intention of the Japanese Government to establish a tripartite combination or else composed of Japan, China, and Manchuria, in which the subordinate roles will be played in Japan and Manchuria. So far as China is concerned it is understood that the Japanese Government are to exercise control, at least for some time, through the Asia Development Council in Tokyo, which is charged with the formulation and execution of policy connected with political, economic, and cultural affairs in China. Your Excellency's own communication to the Press indicates that the tripartite combination is to form a single economic unit, and the economic activities of other Powers are to be subjected to restrictions dictated by the requirements of national defence and the economic security of the proposed bloc.

CHANGES "BY FORCE"

According to Prince Kamei, the hostilities in China are to continue until the present Chinese Government have been crushed or will consent to enter the proposed combination on Japanese terms. China, he said, will be required to conclude with Japan an anti-Communist agreement, and Japanese troops are to be stationed at specified points in Chinese territory for an indefinite period, presumably to ensure that the Japanese conditions for the suspension of hostilities are observed. Moreover, his Excellency stated that the Inner Mongolian region must be designated as a special anti-Communist area. It is not clear what is meant by this, but in the absence of fuller information it can only be assumed that Inner Mongolia is to be subjected to an even greater degree of Japanese military control than other parts of China.

His Majesty's Government are at a loss to understand how Prince Kamei's assurance that Japan seeks no territory, and respects the sovereignty of China, can be reconciled with the declared intention of the Japanese Government to compel the Chinese people by force of arms to accept conditions involving the surrender of their political, economic, and cultural life to Japanese control, the indefinite maintenance in China of considerable Japanese garrisons, and the virtual detachment from China of the territory of Inner Mongolia.

For their part, his Majesty's Government desire to make it clear that they are not prepared to accept or to recognize changes of the nature indicated, which are brought about by force. They intend to adhere to the principles of the Nine-Power Treaty, and cannot agree to the unilateral modification of its terms. They would point out that, until the outbreak of the present hostilities, the beneficial effects which the treaty was expected to produce were steadily being realized. The Chinese people were maintaining and developing for themselves an effective and stable Government, and the principle of equal opportunity for the commerce and industry of all nations was bringing prosperity to China and to her international trade, including that with Japan. His Majesty's Government therefore cannot agree, as suggested in Japan, that the treaty is obsolete or that its provisions no longer meet the situation except in so far as the situation has been altered by Japan in contravention of its terms.

While, however, his Majesty's Government maintain that modifications cannot be effected unilaterally and must be by negotiation between all the signatories, they do not consider that treaties are eternal. If, therefore, the Japanese Government have any constructive suggestions to make regarding the modification of any of the multilateral agreements relating to China, his Majesty's Government for their part will be ready to consider them. In the meantime, his Majesty's Government reserve all their rights under the existing treaties.

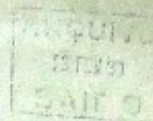
EXTRA-TERRITORIALITY

I may further mention in reference to that portion of Prince Kamei's statement of December 22 which treats the former's revised or altered consideration to the abolition of extra-territoriality and the reduction of foreign concessions and privileges in China. This inducement to China to accept Japan's demands would appear to entail but little sacrifice on the part of the Japanese, for if they succeed in their plans for the control of the country they will have no further need for extra-territoriality or concessions. On the other hand, his Majesty's Government would recall that they undertook and nearly completed negotiations with the Chinese Government in 1911 for the abrogation of British extra-territorial rights. The negotiations were suspended by the Chinese Government in consequence of the disturbed conditions following the seizure of Manchuria by Japanese forces in that year, but his Majesty's Government have always been ready to resume the negotiations at a suitable time, and are prepared to discuss this and other similar questions with a fully independent Chinese Government when peace has been restored.

In conclusion, I am to state that, if, as is possible, his Majesty's Government have in any way misinterpreted the intentions of the Japanese Government, they feel that it is because of the ambiguity with which those intentions have so far been expressed, and they would welcome a more precise and detailed exposition of the Japanese conditions for terminating the hostilities and of the Japanese policy towards China.



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



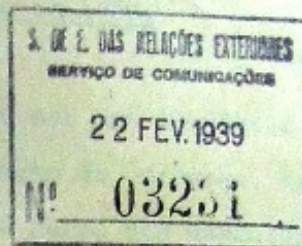
EC

No. 28

Mês comercial Nº 1.

801.24/547

lvb



A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimenta respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório comercial No. 1, de elaboração do Conselheiro Comercial Victor Ferreira da Cunha.

Londres, em 24 de Janeiro de 1939.

O comércio britânico em 1938.

O ano comercial de 1938 se iniciou sob uma tendência desfavorável que precedeu o acentuado marasmo de produção, verificado durante o segundo trimestre. O curso dos negócios apresentou sintomas mais animadoras no decorrer do segundo trimestre, o que permitia esperar que o período outonal viesse a testemunhar a desejada melhoria. Entretanto, a situação política da Europa e as apreensões que a mesma acarretou, acrescidas aos temores de uma possível guerra, contribuíram para o movimento de retrogradação geral que se registrou. O comércio e a indústria apresentaram uma ligeira melhoria, após a assinatura do acordo de Munich, mas a incerteza da política internacional impediu que reinasse a confiança absoluta tão necessária à boa marcha da atividade econômica.

A queda do nível econômico durante o ano de 1938, comparado ao de 1937, foi francamente manifestada pela redução do intercâmbio comercial do Reino Unido. As importações, no seu conjunto, obedeceram à baixa, declínio que foi mais acentuado no que se refere ao movimento da exportação, determinando um deficit de £ 29.4 milhões em comparação com o saldo adverso comercial para o ano de 1937. No campo das atividades industriais, a maior variação foi verificada no comércio de carvão, em que o volume das encomendas provenientes do estrangeiro diminuiu, tendência que influiu, também, nas necessidades do consumo industrial local, determinando uma restrição produtiva em algumas minas de carvão.

carvão.

O volume da produção da indústria siderúrgica aumentou em princípios do ano, atingindo animadoras proporções nos meses de Janeiro e Fevereiro. Mais tarde, porém, a diminuição das encomendas, o ritmo acelerado da produção, acrescido às grandes importações de ferro fundido e de aço semi-trabalhado estrangeiro, modificaram rapidamente a situação, de modo a crear um acúmulo de estoque. De Janeiro a Novembro as exportações se cifraram em 1.757.853 toneladas, no valor de £ 38.248.354, contra 2.381.398 toneladas, no valor de £ 44.207.097 em 1937.

A indústria do algodão também sofreu um declínio durante o ano em exame, em consequência do marasmo dos negócios em grande escala, atribuído á redução das encomendas recebidas dos mercados estrangeiros. O total das encomendas atingiu a soma de £ 46 milhões, contra £ 63.5 milhões em 1937.

A indústria de lã, por sua vez, também atravessou um período agudo de depressão, obrigando as fabricas a obedecer a uma pauta de trabalho reduzido. O valor da exportação foi de £ 24.9 milhões contra £ 32.9 milhões em 1937.

Os dados estatísticos publicados pelo "Board of Trade" e relativos á mão de obra, traduziram, naturalmente, o carater menos favoravel da situação econômica. O numero dos sem trabalho elevou-se a 1.828.103 contra 1.781.227 em 1937.

O valor total das importações do Reino Unido para o ano de 1938 foi de £ 920.4 milhões, havendo uma diminuição de £ 107.4 milhões, ou 10.4%, em comparação com as de 1937. O valor total das exportações elevou-se a £ 470.9 milhões, registrando-se um declínio de £ 50.5 milhões, ou 9.7%. As re-exportações foram de £ 61.6 milhões, com um declínio de £ 13.5 milhões, ou 18.0%.

Com conclusão verificou-se que as condições econômicas e comerciais do ano de 1938, em estudo, foram desfavoraveis ao país.

MAPA COMPARATIVO DO MOVIMENTO DA IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
DO REINO UNIDO.

	<u>1937</u> em £'000	<u>Ano de</u> <u>1938</u>
IMPORTAÇÃO		
Alimentos bebidas e fumo	431.100	431.378
Materias primas e artigos em grande parte nao fabricados	315.236	247.603
Artigos totalmente ou em parte fabricados	274.901	233.842
Animais, não destinados ao consumo	3.030	3.318
Encomendas postais	<u>3.557</u>	<u>4.297</u>
	<u>1.027.824</u>	<u>920.438</u>
EXPORTAÇÃO de Produtos e Manufaturas do Reino Unido.		
Alimentos, bebidas e fumo	38.775	35.911
Materias primas e artigos em grande parte nao fabricados	64.629	56.924
Artigos totalmente ou em parte fabricados	404.656	365.372
Animais, não destinados ao consumo	850	680
Encomendas postais	<u>12.481</u>	<u>11.996</u>
	<u>521.391</u>	<u>470.883</u>
RE-EXPORTAÇÃO de mercadorias importadas		
Alimentos, bebidas e fumo	13.187	12.307
Materias primas e artigos em grande parte nao fabricados	36.876	30.256
Artigos totalmente ou em parte fabricados	24.443	18.345
Animais, não destinados ao consumo	<u>628</u>	<u>700</u>
	<u>75.134</u>	<u>61.608</u>
Transbordo em zona livre	37.303	32.584
Excesso de imprtação sobre exportação	431.299	387.947
Importação de ouro em barra ou moeda	315.342	257.729
Exportação idem idem	<u>225.376</u>	<u>331.624</u>

(SEGUIU UMA CÓPIA POR VIA AÉREA)



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

S. EX. S. EXTERIORES COMUNICAÇÕES	NP
22 FEV. 1939	
03231	

No. 34

Mês Político nº 2.

CONFIDENCIAL

900.1(50)

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado
das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cum-
primenta respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o
relatório político nº 2, desta Embaixada.

Londres, em 28 de Janeiro de 1939.

CONFIDENCIAL

Mês Político nº 2.

VISITA DO SENHOR CHAMBERLAIN A ROMA

Segundo o comunicado oficial conjunto do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Embaixada britânica em Roma, publicado a 13 do corrente, "as conversas entre os Chefes dos Governos italiano e britânico caracterizaram-se pela maior cordialidade e conduziram a uma ampla e franca troca de idéas. Ambas partes reafirmaram a intenção de desenvolver as relações entre os dois países no espirito de amizade que inspirou o Acôrdo de 16 de Abril último e foram favoráveis a que se concluíssem brevemente as convenções especiais previstas naquele documento. De-las resultou a firme determinação da Italia e da Grã-Bretanha de proseguir uma política de manutenção da paz".

O Senhor Mussolini apresentou as razões que justificam, segundo êle, a pretensão italiana a mais amplos direitos para os seus compatriotas na Tunisia, maiores regalias para o comércio italiano em Djubiti e uma participação italiana na administração do canal de Suez.

O Senhor Chamberlain fez ver que não cabia interferência ou mediação da Inglaterra nestes assuntos que só interessam a França e a Italia, bem como que a estreita ligação do seu país com a França, a qual ultrapassa o âmbito de meras formas legais, fará com que quaisquer ameaças directas à França atinjam a Inglaterra.

Quanto à Espanha, o Senhor Mussolini acredita que a guerra estará terminada dentro de poucas semanas e reiterou seu compromisso de retirar todas as tropas italianas tão pronto "cessasse o fogo". Os Ministros ingleses recordaram-lhe novamente a promessa (acôrdo anglo-italiano) de respeitar a integridade da Espanha e o status quo no Mediterraneo.

Mediterraneo.

Segundo todas as testemunhas a nota predominante dessa visita foi a inconfundível, senão inesperada, aclamação de que foram alvo o Senhor Chamberlain e Lord Halifax por parte da população romana, a ponto de impressionar o chefe do Governo italiano.

O Senhor Chamberlain, segundo ouvi de amigo seu, voltou bem impressionado com a franqueza e a ênfase das declarações de Mussolini, em cuja boa fé não duvida.

A continuação da campanha "irredentista" italiana contra a França está dando, entretanto, que pensar tanto na França, como aqui, pelo seu aspecto estratégico no Mediterraneo. Embora haja empenho em se partilhar a confiança do Senhor Chamberlain na boa fé italiana, nota-se certa ansiedade, sobretudo na opinião pública francesa, em face da decisão do Duce de não entrar em negociações com a França antes da vitória definitiva do General Franco, atitude que significaria a intenção da Italia de manobrar com a Espanha fascista para extorquir concessões da França. Daí a interrogação que paira sobre o valor das afirmações do Duce.

Alemães e italianos criaram bases em Majorca e nas Canárias. Também estão estabelecidos no continente. É só graças ao auxílio estrangeiro, apesar do acôrdo de não intervenção, que os nacionalistas espanhóis vão ganhando a guerra. Recela-se que, sob o pretexto de consolidar o regime na Espanha, tomando partido por uma facção ou outra, Falangistas ou Requetes, mantenham aqueles suas posições.

Convencidos de que a Inglaterra e a França não ousarão ir a guerra para expulsa-los das ilhas espanholas, as miras do Duce e do Fuehrer, ao intervirem na guerra civil, ver-se-iam assim realizadas e os ônus da campanha amplamente compensados.

Continuando a tensão entre a França e a Italia e acenando a primeira, em represália, com a tomada de Minorca, base de importân-

importancia vital para a proteção das comunicações com o norte da África, mantém-se o perigo de uma explosão no dia menos esperado e justifica-se para o Duce a manutenção pela Itália das suas tropas na península, mesmo contra a vontade do General Franco.

PALESTINA

Os Chefes árabes reunidos no Cairo chegaram a um acôrdo quanto à participação na anunciada Conferência entre delegados árabes e judeus a realizar-se no mês de Fevereiro em Londres, a convite do Governo britânico. Parece que o programa a lhes ser submetido por este Governo abranje uma federação que compreenderá a Síria, a Transjordania e a Palestina, sob um Monarca árabe, formando os judeus e os libaneses Estados autônomos. Essa reunião ou federação ficaria sob um protetorado britânico ou francês, para garantia da sua integridade territorial.

DEMISSÃO DO DR. SCHACHT

Foi uma surpresa para todos os círculos a demissão do Presidente do Reich Bank. A razão terá sido o empenho com que se bateu contra a expansão ilimitada do crédito público necessário para ativar o rearmamento alemão e desenvolver o plano econômico quadrienal, expansão que, mesmo para seus processos de inortodoxo malabarismo financeiro, atingiu, segundo Schacht, o máximo. O Governo do Reich, porém, acredita que, sem perigar a estabilidade da moeda e sem aumento de impostos poderá proseguir nos dois programas.

As bolsas internacionais reagiram com pessimismo a esse passo, caindo os títulos em consequência em todas elas.

Foram pelo mesmo motivo interrompidas as negociações do Senhor Rublee em Berlin. A reunião do Comité intergovernamental de refugiados marcada para o dia 26 deste mês, foi adiada, por ter tido o Senhor Rublee, que se achava em Paris para uma reunião

reunião preliminar do Comité (realizada a 23), que voltar a Berlim para reencetar as negociações, em bases, ao que consta, bem mais modestas. Está prevista para o dia 12 de Fevereiro a nova reunião.

TOMADA DE BARCELONA

Afim de responder ao telegrama n.º 8, de 24 do corrente, dessa Secretaria de Estado, sobre a repercussão na política deste país do avanço nacionalista em Barcelona, procurei o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros que me declarou categoricamente que para seu Governo a guerra civil continuava a ser um assunto de política interna espanhola e que a queda de Barcelona, portanto, não alteraria a política de não-intervenção que vinha proseguindo o Gabinete Chamberlain - "From two evils, disse-me Lord Halifax, we cannot but take the less, hoping for the best". Idêntico é o pensamento do Governo francês, conforme estava êle informado, o qual se sente suficientemente forte para continuar contra as correntes opostas no parlamento francês a política traçada.

Na opinião do Embaixador Grandi, representante diplomático da Italia, doublé de porta-voz autorizado do fascismo, não ha nada que justifique a ansiedade quanto ao perigo de uma guerra iminente, visto como o Duce tem repetidamente prometido a retirada das tropas italianas do território espanhol.

Agora que ficou patente, depois dos esclarecedores discursos, no dia 26, dos Senhores Deladier e Bonnet, que a França não interveiu nem intervirá para não crear complicações na Espanha, a principal causa de uma crise foi afastada. Não é provavel que o Senhor Mussolini insista na sua ofensiva diplomática contra a França antes da vitória definitiva do General Franco, que só se pode esperar para o verão. A posição que vêm agora tomando membros do Governo deste país, as últimas medidas de defesa nacional e a linguagem unânime dos órgãos representativos da imprensa inglesa não são de natureza a encorajar o rompimento pelo Duce das suas

suas promessas. Como disse o Embaixador Grandi, os italianos compreendem que não lhes será possível manter efectivos militares no territorio espanhol e que qualquer forma de protetorado terá contra si a nação espanhola unida em peso.

Consta que o Conde Ciano fará uma visita proxivamente a Berlim, em vista da tomada de Barcelona. Creada essa situação, tratar-se-á de uma "mise au point" entre a Alemanha e a Italia acerca do programa a proseguir na Espanha e das aspirações italianas no Mediterraneo. O Conde Ciano quererá averiguar até que ponto a Italia pode contar com o apoio e a colaboração efetiva da Alemanha, uma vez que já conta com o seu apoio moral ?

É significativa a esse respeito a nota do Frankfurter Zeitung aconselhando a França a que desista das suas vistas sobre Minorca ou o Marrocos espanhol, ação injustificada, ante as seguranças dadas por Mussolini, quanto perigosa, uma vez que a França terá que vir eventualmente ao encontro das razoaveis pretensões italianas.

Pelas declarações de ante-ontem do Senhor Bonnet se depreende que êle estaria disposto a participar de uma Conferência para discutir o caso das ambições italianas no Mediterraneo entre as quatro grandes potências. Embora não haja confirmação, suspeita-se que o Senhor Chamberlain tenha admitido essa eventualidade - possivelmente já abordada em Roma com o Duce, que desejaria, depois da vitória dos nacionalistas, liquidar as suas contas no Mediterraneo, tal como Hitler liquidou as suas em Munich com a Tchecoslováquia.

Como receberá a opinião pública britânica essa nova possibilidade de recuo ? O Senhor Chamberlain ainda exerce forte influência pessoal, mas é sintomático que, entre os homens do Governo que estão abalados, conta-se Lord Halifax, que começa a aceitar o ponto de vista mais intransigente do Foreign Office.

Office.

O Senhor Eden teve uma longa entrevista a semana passada com Lord Baldwin e já não se espera que ele volte para o Gabinete, a menos que os acontecimentos o forcem a isso, como aludí no Mês Político nº 1. O Senhor Chamberlain continúa indeciso sobre as mudanças previstas no Gabinete.

ANSIEDADE QUANTO AO FUTURO

A ansiedade que prevalece tanto nos meios da City como em Whitehall, provem de que a situação interna na Alemanha chegou a um ponto em que parece inevitável que os Chefes Nazis tenham que recorrer a uma nova aventura estrangeira para obviar a grave crise economica que ameaça estrangular o país. Os opositores dessa politica estão sendo afastados implacavelmente. Primeiro, o Doutor Schacht. Segundo, o Capitão Wiedeman, pessoa muito chegada ao Senhor Hitler, despachado Consul Geral para São Francisco. A mobilisação das reservas no quadro das milicias S.S., constituindo um exercito suplementar de 1.200.000 homens, a serem acrescidos ao efectivo de 1.000.000 da Reichwehr, derão imensa força militar e politica ao partido, pari passu com a articulação economica de todo o país num pé de guerra, recrutando-se até o elemento feminino, o que explica a chamada de muitas mulheres que trabalhavam como empregadas no estrangeiro.

Especula-se sobre qual das frentes se dirigirão as vistas alemãs. Uns dizem que será sobre a Suíça, afin de unir as fronteiras germano-italianas no flanco francês. Outros querem que seja de conjunto com a Italia, sobre o norte-africano para eliminar as zonas de influencia colonial anglo-francesa no "mare nostrum". E finalmente, que o golpe de surpresa da Alemanha será sobre a Holanda, prolongando a Alemanha a sua costa no mar do Norte em direcção à Inglaterra.

Ha bastantes indícios de ordem militar que de algum modo

modo justificam tais apreensões, mas o que mais impressiona, como me afirmou Sir Leith Ross, Consultor Econômico do Governo, 'é o acúmulo, nestes últimos dias, de grandes massas de títulos atiradas sobre os mercados de Londres e New York por capitalistas holandeses e suíços.

E o argumento principal que os alemães alegariam para tão insolita e surpreendente agressão é a falta de justificativa para que uma pequena nação europeia monopolize para si a exploração de vastas possessões ultramarinas. Além disso a Holanda, país de raça germanica, tornou-se um refugio incomodo para os judeus refugiados da Alemanha.

Em qualquer dessas hipoteses, é impossivel que a reação britanica, como a francesa seja outra que a guerra.

Transmito naturalmente esses boatos, a titulo de informação e não de uma precisão fundamentada.

Ha que descontar o nervosismo da City, como o das judeus da Holanda e da Suíça. Solidarios entre si e assustados com as perseguições e ameaças que vêm sofrendo na Europa Central, eles estão procurando realizar em especie os titulos de que dispõem naqueles paises.

Num organismo sensivel como o Stock Exchange que vem ha tantos meses sofrendo abalos sobre abalos, é natural que todos os boatos repercutam desmedidamente, perdendo os dirigentes da finança a carateristica serenidade deste povo e o senso das proporções.

Na verdade, as ultimas noticias da Europa Oriental são mais optimistas. As relações comerciais russo-alemaes vão receber um impulso animador. Quer dizer que a Alemanha não pensa, por enquanto, levar por diante o seu programa sobre a Ucrania.

Tambem é sintomatico o êxito das visitas do Senhor Beck a Berchtergaden e do Senhor Ribbentrop a Varsovia. Ficou assente

Emb.Londres/34/1939/Anexo.

8.

assente a prorrogação daqui a cinco anos do pacto germano-polonês, eliminadas as dúvidas sobre Dantzig (onde os poloneses não se opõem à nazificação da cidade, contando que se mantenha o status quo) e sobre o corredor polones, questões que podiam desencadear a tempestade naquela fronteira.

Londres, em 28 de Janeiro de 1939.

Représ de l'Union



ARQUIVO
SERV
GAIO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 30 de Janeiro de 1939.

No. 37

A Conferência de Lima.
Artigo do "Latin American
World".

962. VIII
H.



Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, em anexo ao presente ofício, um artigo extraído da revista "Latin American World", sobre a Conferência Pan Americana de Lima.

2. O correspondente especial da aludida revista, autor do artigo em questão, acha que a Conferência, embora não lograsse todos os resultados esperados, foi bastante significativa. A declaração de solidariedade afirma a aderência das republicas sul-americanas aos princípios da liberdade individual, sem perseguições raciais ou religiosas e adapta uma política comercial de caráter liberal. Entretanto o seu valor é relativo por estar redigida tão vagamente.

3. Afirma o correspondente que o Senhor Cordell Hull, Secretario de Estado das Relações Exteriores dos Estados Unidos, almejava conseguir a conclusão de um pacto colectivo de segurança, estabelecendo o princípio de solidariedade completa e de igualdade de responsabilidade de todos na defesa de qualquer um dos países.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/37/1939/2.

países do continente americano. Se os objectivos americanos, isto é dos Estados Unidos, não forem alcançados, foi devido, acrescenta o autor, á opposição da Argentina que, conciente da sua força e riqueza, se opoz á cooperação militar e conseguiu o apoio do Brasil, do Chile, da Bolívia, do Uruguai e do Paraguai para o seu ponto de vista. A Argentina, diz o correspondente, é de todos os países latino-americanos o mais desconfiado e talvez o mais avesso aos Estados Unidos e considera, além disso, que os laços económicos que a ligam à Europa são tão importantes que impedem a conclusão de qualquer pacto susceptível de prejudicar, mesmo parcialmente, esses interesses. Além disso, e não obstante a chamada política de boa vizinhança adoptada pelos Estados Unidos, continúa o receio da dominação política, económica e estratégica do continente sul-americano pela grande república norte-americana. Um pacto que entregasse praticamente a defesa do continente aos Estados Unidos, implicaria o estabelecimento de bases navais e aéreas norte americanas no continente sul e a aceitação por parte das repúblicas latino-americanas de empréstimos para a aquisição de material belico. Os países sul-americanos, diz o autor, desejam ser completamente independentes e a Argentina, por sua vez, acha que se é que ha de haver hegemonia na parte sul do continente é a ela que caba exerce-la.

4. Sem manifestar-se claramente nesse sentido, é patente, entretanto, o pensamento do autor que concorda evidentemente com o modo de pensar que atribue à Argentina, país que sempre gozou de benevolência por parte da revista "Latin-American World".

Aproveito o ensaio para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rafael de Lencastre



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 30 de Janeiro de 1939.

No. 38

O serviço voluntário
nacional.

622.2 (60)



Senhor Ministro,

Com um discurso irradiado por todas as estações radio-emissoras da Inglaterra, o Primeiro Ministro, Senhor Neville Chamberlain, inaugurou novo capítulo na campanha para organizar a defesa do país. O segundo passo foi a distribuição gratuita por parte da Inglaterra de uma publicação oficial, indicando como a população inglesa poderá melhor contribuir para o êxito dos esforços feitos pelo Governo afim de organizar o serviço nacional voluntário.

2. O plano elaborado visa dois objectivos: por um lado, preencher as vagas que existem nas forças de defesa, tanto militares como civis, evitando, entretanto, o recrutamento dos que são necessários para as indústrias e actividades essenciais em tempo de guerra. A publicação em questão, que constitue uma especie de guia para o serviço nacional, enumera detalhadamente todos os serviços necessitados de voluntários. O Governo publicou simultaneamente uma lista das profissões e actividades consideradas de impor-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

importância nacional. Para algumas dessas profissões ou atividades estão isentos os que tiverem passado certa idade - para outras, a isenção é completa. Ao estabelecer a lista em questão, o Governo baseou-se nas lições da guerra de 1914-18, quando ficou patenteada a necessidade de manter a capacidade produtiva da nação e os serviços essenciais do país. Os que estiverem ocupados nesses serviços serão considerados como prestando serviço nacional.

3. O Governo, além da necessidade de preencher as lacunas dos serviços propriamente militares, está empenhado em organizar em primeiro lugar a proteção contra os bombardeios aéreos. Esse serviço importa, por sua vez, na organização de brigadas voluntárias de bombeiros, polícia, serviços sanitários. Também a marinha mercante será organizada para tempo de guerra, assegurando-se-lhe as reservas necessárias. A mesma é ligado o serviço de guarda costas. Na eventualidade de uma guerra prevê-se a organização de um serviço especial de mulheres para os trabalhos rurais.

4. O número de homens, entre 18 e 64 anos de idade, compreendido na lista das profissões e ocupações reservadas, isto é, de importância nacional, é, aproximadamente, de 6 a 7 milhões, ou seja, cerca de metade da população masculina ativa.

5. Segundo os primeiros cálculos, o Governo visa organizar um corpo de defesa civil que compreenderia cerca de 1.200.000 indivíduos, e assegurar 50% de reservas. Assim o total necessário seria de 1.800.000. Consta que perto de um milhão de pessoas já se apresentaram para os vários serviços civis de defesa.

6. O plano elaborado pelo Governo constitui uma tentativa corajosa de organizar o país para a eventualidade de uma guerra, sem recorrer ao serviço militar obrigatório, evitando igualmente tornar compulsórios os demais serviços como os para a proteção contra bombardeios aéreos. Somente a prática mostrará se o plano é exequível e terá os resultados que o Governo dele espera. Certa corrente da opinião pública o considera como

Lab. Londres/38/1939/3.

como uma manobra do Governo para evitar a instituição do serviço militar obrigatório o qual, muito impopular e contrário às tradições do país, poderia acarretar a derrota do partido conservador nas próximas eleições gerais.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji do home

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 31 de Janeiro de 1939.

Annexo ao officio No. 38, de 30 de Janeiro de 1939
da Embaixada do Brasil em Londres



NATIONAL SERVICE

LONDON: HIS MAJESTY'S STATIONERY OFFICE 1939



A Excelên-
reign Offi-
venção fir-
ca, sobre
porações.

Washington
adas na mes-

A Excelência

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.



ARQUIVO
EX. MAR. 30
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 6 de Fevereiro de 1939.

No.43

Guerra comercial
e econômica.

8-10.162
lv3



Senhor Ministro,

Os discursos do Senhor Hitler, no Reichstag, celebrando o 6º aniversário da subida ao poder do Nacional-Socialismo, e o de Lord Halifax, de 3 do corrente, sobre as relações exteriores da Grã-Bretanha, indicam que o espírito de agressão do Governo alemão se transferirá para a esfera econômica, lançando-se numa ainda mais ativa campanha comercial na Europa Central, apoiada, se preciso, pela força. Na frase de Hitler, a Alemanha se não exportar morrerá. O mesmo se pode aplicar à Inglaterra, declarou o Ministro dos Negócios Exteriores britânico. Para enfrentar os métodos totalitários, os países que ainda aderem às práticas tradicionais de comércio precisam de se defender e a solução mais satisfatória, na opinião de Lord Halifax, é a dos acordos, a que se pode chegar usando de boa vontade e cooperação, quando de parte a parte ha o mesmo desejo de se evitarem rupturas e igual capacidade de resistência à pressão da outra. O "Export

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

"Export Credit Guarantee Bill" e outras medidas tomadas por este Governo mostram a preocupação de colocar a indústria britânica de exportação em postura de se defender contra seus competidores totalitários.

2. Negociações vão ser entabuladas entre representantes da Federação das Indústrias Britânicas e industriais alemães, em fins do mês, afim de reconciliar seus respectivos interesses nos mercados externos e evitar as represálias anunciadas pelo Ministro Hudson, a que já me referi em ofícios anteriores. Como os exportadores de carvão alemães e ingleses chegaram a um acordo sobre preços, fretes e outros pontos, atribuindo-se quotas iguais na exportação daquele combustível e seus principais sub-produtos, há esperanças de que os interessados possam lograr semelhantes resultados. Deste acordo se poderia inferir uma mudança de política naquele país, pelo menos quanto ao carvão. Não podendo ou não querendo continuar na expansão dos negócios a custa da Grã-Bretanha, mostram-se agora os industriais alemães dispostos a cooperar, exportando menos para obter melhores preços. A fórmula seria a formação de carteis internacionais para repartirem entre os dois países certas possibilidades de comércio.

3. Receia-se, porém, nos círculos políticos, que estes sinais de alívio cheguem tarde para acalmar a tensão internacional, em vista da gravidade da situação doméstica alemã. Esta situação, como Vossa Excelência sabe, levou Hitler a confessar que o país "se encontrava, sem dúvida, em condições econômicas extremamente graves" e empenhado "numa batalha realmente terrível", prevenindo o povo que não esperasse alta de salários ou mesmo abundância de mantimentos, enquanto a Alemanha não pudesse aumentar suas exportações.

4. Anuncia-se a visita do Doutor Schacht aos países balcânicos, depois de sua missão especial à Tchecoslováquia. Is-

Emb.Londres/43/1939/3.

Isto confirmaria a notícia de que uma das funções especiais para as quais o Fuehrer reservava o ex-Presidente do Reichsbank é a expansão do comércio exportador.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Répi des honne



ARQUIVO
14 MAR 1939
SAIT

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 7 de Fevereiro de 1939.

No. 44

Conferência sobre
a Palestina.

640.16(55a)

Md



Senhor Ministro,

Inaugurou-se hoje nesta Capital a Conferência que, sob os auspícios deste Governo, procurará obter uma fórmula de conciliação entre judeus e árabes na Palestina e da qual também participam delegados dos principais estados árabes, isto é, o Egito, o Iraq, o Iemen, a Transjordânia e Saudi-Arábia.

2. A responsabilidade do Governo britânico nos conflitos que se vêm ferindo, ha mais de dois anos, entre aqueles dois elementos (aos quais fôra prometida soberania) provem da Declaração Balfour e do Mandato. Em 1936 foi nomeada uma comissão para in loco buscar uma formula pacificadora que, em Julho de 1937, propoz a partição da Palestina em dois Estados soberanos, um judeu e outro árabe, e a retenção, sob Mandato permanente da Grã-Bretanha, das áreas que compreendem os Lugares Santos.

3. A falta de decisão subsequente, por parte deste Governo, as reservas levantadas ao relatório da Comissão, encorajaram

A Sua Excelência o Senhor Doutor Gyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

encorajaram de novo o regime terrorista instaurado pelos árabes, que não compreenderam o alcance político da proposta divisão. Eventualmente, quando a Comissão Técnica, nomeada para executar a partição, chegou a Palestina, a situação peiorara de tal modo que ela mesmo opinou pela inexequibilidade do plano.

4. Agora, o Secretário de Estado das Colônias, Senhor MacDonald, propoz a presente Conferência, que se não der resultado, deixará as mãos livres ao Governo para determinar outra vez a política a seguir.

5. A tarefa que esses delegados enfrentam nada tem de fácil. Os árabes da Palestina pedem a cessação da imigração judaica, a proibição de vendas de terras aos judeus, a revogação da Declaração Balfour, a renúncia do Mandato pela Grã-Bretanha e o abandono por ela do plano de criação do Estado Hebraico na Palestina.

6. Contrariamente, os judeus querem o cumprimento da promessa britânica quanto à soberania, a continuação do Mandato, o afastamento das atuais restrições para a imigração e a liberdade para comprar terras.

7. Pode-se felizmente contar com a influência moderadora dos Estados árabes vizinhos, cuja tranquilidade é perturbada pela manutenção dessas disputas.

8. É possível que a solução federativa, dentro de um quadro mais amplo, que compreenda os Estados vizinhos, seja a fórmula mais satisfatória.

Tenho a honra de reitarar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji das Neves



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 8 de Fevereiro de 1939.

No. 46

A declaração de garantia
à França do Senhor Neville
Chamberlain.



Senhor Ministro,

A data de 6 de Fevereiro marca um acontecimento memorável na historia deste país pois nesse dia o Chefe do Governo, Senhor Neville Chamberlain, rompeu com a tradicional política de tergiversação nas suas relações internacionais.

2. A declaração feita pelo Primeiro Ministro na Câmara dos Comuns em resposta a uma interpelação do Senhor Arthur Henderson sobre si o Governo britânico concordava com o ponto de vista enunciado pelo Ministro das Relações Exteriores da França, em 26 de Janeiro último, firmou sem possibilidade de equívocos a posição da Grã-Bretanha com relação à França em face dos países do eixo Roma-Berlim-Tokio-Budapest.

3. Visto a relevancia da declaração, que foi recebida com aplauso geral, vale a pena reproduzir aqui os seus termos:

"De acordo com a minha informação o Senhor Bonnet declarou na Câmara dos Deputados em 26 de Janeiro que no

A Sua Excelencia o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

no caso de uma guerra em que os dois países estivessem envolvidos todas as forças da Grã-Bretanha estariam à disposição da França do mesmo modo como todas as forças da França estariam à disposição da Grã-Bretanha. Esta declaração está em concordância completa com o ponto de vista do Governo de Sua Majestade".

" É impossível examinar detalhadamente todos os casos hipotéticos que possam surgir mas me vejo na obrigação de patentear que a solidariedade de interesses que une a França a este país é de tal ordem que qualquer ameaça contra os interesses vitais da França, qualquer que seja a proveniência, arrastará forçosamente a imediata cooperação deste país".

4. Embora seja ocioso voltar atrás na histotia destes ultimos vinte cinco anos, talvez não seja temerario afirmar que si, em 1914, a Inglaterra se houvesse pronunciado a tempo em termos tão claros, ter-se-ia evitado o conflito sangrento que devastou a Europa durante mais de quatro anos. Do mesmo modo si em Setembro do ano passado, a attitude da Grã-Bretanha houvesse sido menos equivocada, não se teria dado o triste e vergonhoso sacrificio da Tchecoslováquia. Antes tarde do que nunca - a declaração do Senhor Chamberlain, cujo interesse é tanto maior por ser posteriora do Presidente Roosevelt, não deixa mais lugar à duvida sobre a unidade de interesses das duas grandes democracias europeas. Era tanto mais necessaria quanto ultimamente a Italia, atravez da sua imprensa controlada, veio insinuando que não mais existiam divergencias entre a peninsula mediterranea e a Inglaterra, e que seria de beneficio para o apaziguamento europeu que este país se desligasse da França "parasita fraco e fóco de dissensões". Era manobra pouco habil e destinada a fracassar. Se, entretanto, alguma das muitas manifestações agressivas dos países totalitários pode ser considerada como tendo desengatilhado a ira do Senhor Chamberlain, certamente foi o recente artigo do Senhor Virginio

Virginio Gayda, porta-voz do Senhor Mussolini, no jornal "Popolo d'Italia", órgão do Duce. Nesse artigo o Senhor Gayda declarou que as tropas italianas que estão combatendo na Espanha só seriam retiradas da península ibérica quando a vitória militar definitiva do General Franco fosse completada pela vitória e consolidação política da ideologia nacionalista - em outros termos - a consolidação de um regime fascista. Mas não se satisfaz com essas exigências o Senhor Gayda e declarou ainda que era necessario também aniquilar todas as forças "vermelhas" espanholas, não somente na Espanha como ainda as que se encontrassem nos países vizinhos. Isto significava a permanencia das forças italianas na Espanha a criterio puro e simples do Senhor Mussolini, o qual naturalmente se aproveitaria desse triunfo para conseguir, pela força, a realização das "aspirações vitais" da Italia. Essas aspirações ameaçam não somente a integridade do imperio colonial francês como ainda - no caso da Tunisia - as comunicações marítimas britânicas no Mediterraneo. Ora, como Vossa Excelência sabe, o acordo anglo-italiano assinado em Fevereiro último não somente dependia da retirada das tropas italianas da Espanha como ainda firmava o status quo no que os italianos gostam de chamar o "mare nostrum". Por todos esses motivos era necessário por um paradeiro à agressividade do famoso eixo que estava preparando um novo golpe semelhante ao dos Sudetes e se impunha finalmente uma declaração firme e categorica por parte da Inglaterra e da França. A declaração do Primeiro Ministro constitue sem duvida uma grande contribuição para a paz européa.

5. O editorial do "Times", de hoje, cujo recorte vai anexo ao presente officio, é de grande interesse quando lido em conjunção com a aludida declaração do Senhor Chamberlain, pois comenta as possibilidades da colaboração britânica na eventualidade de uma guerra. O editorial se refere a um artigo publi-

Emb.Londres/46/1939/4.

publicado no "Times" de ontem e de hoje, da autoria do seu correspondente militar, estudando os problemas militares de uma ação conjunta da França e da Inglaterra. O trabalho é evidentemente informado e deve corresponder ao que foi combinado entre os estados maiores britânico e franceses. Não havendo duvida alguma no espirito ingles quanto à participação total da sua armada e dos efetivos aereos, nota-se, entretanto, relutancia quanto a das forças militares no continente, pelo menos em grande escala.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rui dos Santos

"THE TIMES"

Londres, 8 de Fevereiro de 1939.

THE TIMES WEDNESD

FINANCE AND COMMERCE

The Stock Markets yesterday were quiet but firm, rises taking place in Gilt-edged securities, home railway stocks, and motor shares among others. (p. 20)

Dollars were again on offer and the New York exchange rose further to \$4.68½. Swiss francs recovered strongly and closed at 20.70f. (p. 20)

Gold further declined to 148s. 3d. per oz. The turnover at the fixing was £499,000. (p. 20)

It is proposed to offer existing Ordinary shareholders of the English Electric Company one new £1 share at par for each complete £3 of stock held. (p. 20)

The clearing bank averages for January show that the Midland Bank's ratio of cash to deposits rose to 14.06 per cent. (p. 20 and 21)

Part of the gold intended for shipment in the Queen Mary last Saturday was finally withheld, and there has been a revision of other plans for shipment in the near future. (p. 20)

THE DEFENCE OF THE WEST

Our Military Correspondent's study of the share which Britain might have to take on the soil of France itself in common self-defence appears at a moment when the PRIME MINISTER'S declaration in the House of Commons on Monday has directed attention afresh to our obligations and to the means of discharging them. The reception which the British Press has given to MR. CHAMBERLAIN'S statement can leave no foreign observer in doubt that this country's response to any aggressive challenge to the vital interests of France would be immediate, wholehearted, and unsparing. Such a challenge would instantly tap the same determination which marked the British effort between 1793 and 1815, between 1914 and 1918. That can be taken for granted. The effort would be as large and as long sustained as the needs might require. The only question on which there can be any shades of opinion is where and how British forces might be deployed with the most advantage to a common cause.

Our Military Correspondent, taking the case in which France might be the object of aggression by land, attempts some measure of the degree in which the restoration of German power has affected the strategic balance. The military situation, as 1918 left it, could not endure and has not endured. The German revival, long before it began in earnest, was accepted in this country not only as inevitable but also, if rightly directed, as a necessary contribution to Continental stability and settlement. Unfortunately Europe has suffered from the collective failure to allow of an orderly redistribution of armed power by international consent under a new agreement for the limitation of armaments. The reoccupation of the Rhineland, the *Anschluss*, and the cession of the Sudetenland have followed in swift succession. It is the truth, though not the whole truth, that these events, in the form in which they have come about, have inflicted military "losses" upon France. Naturally and necessarily a purely military calculation of the strategic balance is incomplete. It cannot include the moral factors which are essential to a final equation.

Thus the diplomatic position of France has been simultaneously and enormously strengthened by the voluntary "sacrifice" of an active policy of encirclement which, while it remained, was a provocation to Germans irrespective of party and a stumbling-block to large sections of British and American opinion, to name those only. It was the strength not so much of German power but of the German

nothing undemocratic in compulsion—far from it. Democratic compulsion, as applied to military service in France, as applied in Britain and the United States in time of war, as applied in time of peace to taxation or education, is the expression rather than the extinction of the voluntary spirit. It is not and cannot be imposed from above—that is the essential. If and when the great mass of the British people, without respect of party, is convinced that the State must, in the interest of all its citizens, convert a moral obligation into a legal obligation, it will be a perfectly democratic conclusion. The power to confer that right upon the State is a power in reserve.

Time and events and the speed and efficiency with which voluntary organization can meet the immediate needs of national security will settle whether and when a statutory control of manpower ought to be established. At the moment it would advance matters hardly at all. For nearly two years of the last War the recruits provided by the voluntary system were not only of the highest quality, as always, but also sufficient in quantity to allow of a rapid expansion of the fighting forces. There is no reason to believe that the present call to national service will be any less effective in manning the defence machinery, elaborated though it now is by the multifarious claims of home defence. Compulsion could hardly accelerate the progress of preparedness immediately. On the contrary it might clog the machinery. It might also confuse the national will and delay its execution by precipitating futile and unnecessary controversy. The first essential is that the whole groundwork shall be ready for a swift and orderly deployment of the national resources, whatever the means that may be chosen to complete it.

Much has been done. Systematic provision has been made to prevent the misuse of manpower which was the sole drawback of the last great voluntary effort. But is everything else being done that can be done here and now? Is there enough imagination, drive, and leadership in the present official call to volunteers? Has the younger generation been provided with the incentive and opportunities for training which are its due? Are they to be granted the means of disciplined social service which exist in the Civilian Conservation Corps in America and existed in the voluntary *Arbeitsdienst* under the German Republic? Are the cadres of the Territorial Army ready at need for the immediate duplication of its strength, or more? These questions are far from exhaustive, but they supply the kind of test by which the progress of the national awakening will be judged. Manpower may call for further examination in the future, but leadership and organization are the pressing needs of to-day.

The reception which the British Press has given to Mr. CHAMBERLAIN's statement can leave no foreign observer in doubt that this country's response to any aggressive challenge to the vital interests of France would be immediate, wholehearted, and unsparring. Such a challenge would instantly tap the same determination which marked the British effort between 1793 and 1815, between 1914 and 1918. That can be taken for granted. The effort would be as large and as long sustained as the needs might require. The only question on which there can be any shades of opinion is where and how British forces might be deployed with the most advantage to a common cause.

Our Military Correspondent, taking the case in which France might be the object of aggression by land, attempts some measure of the degree in which the restoration of German power has affected the strategic balance. The military situation, as 1918 left it, could not endure and has not endured. The German revival, long before it began in earnest, was accepted in this country not only as inevitable but also, if rightly directed, as a necessary contribution to Continental stability and settlement. Unfortunately Europe has suffered from the collective failure to allow of an orderly redistribution of armed power by international consent under a new agreement for the limitation of armaments. The reoccupation of the Rhineland, the *Anschluss*, and the cession of the Sudetenland have followed in swift succession. It is the truth, though not the whole truth, that these events, in the form in which they have come about, have inflicted military "losses" upon France. Naturally and necessarily a purely military calculation of the strategic balance is incomplete. It cannot include the moral factors which are essential to a final equation.

Thus the diplomatic position of France has been simultaneously and enormously strengthened by the voluntary "sacrifice" of an active policy of encirclement which, while it remained, was a provocation to Germans irrespective of party and a stumbling-block to large sections of British and American opinion, to name those only. It was the strength not so much of German arms but of the German case which enabled the Reich to achieve three extensions of its sovereignty without war. On the other hand France by abstaining, when the time came, from the employment of "strategic assets" in preventive war transferred other assets, not military but of high strategic importance, from the German to the French side of the account. Henceforth the most determined propaganda cannot hope to re-create in German eyes the France of "Mein Kampf," the traditional enemy, the jealous, apprehensive, and inveterate opponent of legitimate German aims. The slate is clean. The will to a reasonable peace has been demonstrated beyond qualification. Aggression, if ever contemplated, against France or Britain from whatever quarter would be aggression pure and simple without pretext or extenuation. Franco-British relations rest accordingly upon bed-rock, and an assurance given by a British statesman to France is an assurance given by every inhabitant of the realm. The converse can be asserted with equal confidence.

This is the standpoint from which, not in the expectation of certain war but in the exercise of common prudence, British opinion will consider the defence of the West. It must, as our Military Correspondent writes, be "considered as a whole," and it must be studied with special attention to the two great systems of fortification which now defend the French and German frontiers—the Maginot and the Siegfried Lines. There is no disposition on this side of the Channel to fear or to grudge any exertions by land—the help to be given by sea and air goes without saying—that might be necessary to repel a possible invasion of France. For the reasons given by our Military Correspondent they may be taken as entailing intervention by an expeditionary force. Public opinion would require only the assurance that the strategic plan shall not be governed by the obsessions which committed the Allies to a maldistribution of forces in the last War; increased its length and its bitter cost in life and treasure by procuring, for example, the failure of the Gallipoli campaign; and delayed other, ultimately decisive, efforts against the flank of the Central Powers. It is sorely not the lesson of the War that the only way to success in a main theatre of operations is by frontal assault and by a blind belief in the phantasmagoria of attrition. This sort of attachment to recent precedent, in defiance of the teachings of all earlier British history, would affront not the country's courage but its intelligence.

These considerations are far from limiting the conception of Britain's share in the "defence" of the West, if it ever became necessary. They demand only that it should in that event be directed efficaciously and with the economy of force which is the basis of all sound strategy. Nor have they any necessary bearing upon the question whether the British effort could be complete without the adoption of a compulsory system of training and service. This question is being asked, faintly at times, in Continental countries, and ears both friendly and unfriendly strain for the answer. For the moment the answer is not hard to give. Expediency will be the judge. The British people recognise

the national will and duty precipitating futile and unnecessary controversy. The first essential is that the whole groundwork shall be ready for a swift and orderly deployment of the national resources, whatever the means that may be chosen to complete it.

Much has been done. Systematic provision has been made to prevent the misuse of manpower which was the sole drawback of the last great voluntary effort. But is everything else being done that can be done here and now? Is there enough imagination, drive, and leadership in the present official call to volunteers? Has the younger generation been provided with the incentive and opportunities for training which are its due? Are they to be granted the means of disciplined social service which exist in the Civilian Conservation Corps in America and existed in the voluntary *Arbeitsdienst* under the German Republic? Are the cadres of the Territorial Army ready at need for the immediate duplication of its strength, or more? These questions are far from exhaustive, but they supply the kind of test by which the progress of the national awakening will be judged. Manpower may call for further examination in the future, but leadership and organization are the pressing needs of to-day.

ATENÇÃO
SEGURE O SUPORTE



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 10 de Fevereiro de 1939.

No.53

Acontecimentos da Espanha
e a situação internacional.

601.3(84)

1900.1(600)



Senhor Ministro,

Estamos assistindo neste momento a um passo diplomático de grande alcance mediante o qual o Senhor Chamberlain talvez consiga reverter a posição desfavorável das nações democráticas ante os ultimos acontecimentos na Espanha. O "Foreign Office", com raro senso de oportunidade e oportunismo, agindo com segurança e rapidez, vae agora provavelmente colher os frutos da sua paciente politica de não intervenção.

2. Conforme telegrafei a Vossa Excelencia, o Senhor Chamberlain, ancioso por poupar maior derramamento de sangue e evitar complicações no Mediterraneo, conquistando do mesmo passo a amizade do General vitorioso, interveiu com êxito para lograr a ocupação de Minorca pelos nacionalistas sem o auxilio dos legiônários italianos. Para esse fim, o Govêrno britânico poz à disposição do General Franco o cruzador Devonshire que transportou a Fort Mahon o parlamentar dos nacionalistas. Concomitantemente

A Sua Excelencia o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

Concomitantemente a França foi convidada a adoptar do seu lado uma attitude realista, no sentido de reconhecer sem perda de tempo o Chefe nacionalista como Governo legal da Espanha. A visita a Burgos do Senador Bérard, que voltou satisfeito com as seguranças ouvidas do General Franco, é o prenuncio do reconhecimento de jure.

3. Por mais queixas dos ingleses que tenha o General espanhol, a Grã-Bretanha conta com trunfos valiosos. A amizade inglesa, a ajuda aos refugiados e sobretudo os recursos financeiros para a reconstrução da nova Espanha, são factores bem apreciáveis, se é que o Chefe nacionalista deseja sinceramente desvencilhar-se dos compromissos para com a Italia e a Alemanha. Naturalmente a partida não será facil, pois que italianos e alemães hão de defender com tenacidade na Espanha as posições conquistadas a custa de que sacrificios. Mas a intervenção do Primeiro Ministro britânico está sendo bem conduzida. Sua inesperada declaração na Camara dos Comuns de apoio incondicional à França, muito mais categorica do que qualquer das anteriores, explica-se por duas causas.

4. De um lado, para poder contar com o apoio da França nessa manobra estrategica vital junto aos nacionalistas espanhoes, nas vespervas da vitoria final, era preciso oferecer alguma vantagem positiva ao Senhor Deladier, cuja situação no Parlamento, mettido como se via entre dois fogos, era algo fraca por causa da hesitante politica de não intervenção.

5. E a situação pouco antes era totalmente diversa. Constava que um amigo comum do Senhor Bonnett e do Conde Ciano sondava em Roma a possibilidade de se negociar com a Italia, mediante a cessão da estrada de ferro Addis-Ababa, de uma zona livre em Djibuti e a admissão da Italia no Conselho do Canal de Suez, o que explicaria as sensacionais indiscrições do Ministro francês a jornalistas estrangeiros, do outro dia. Corria mesmo a versão

Emb.Londres/53/1939/3.

versão que os proprios francezes preferiam a neutralidade inglesa, numa guerra com a Italia, afim de se garantirem a abstenção da Alemanha, já que a França sosinha pode enfrentar a Italia.

6. Estes novos aspectos do problema estavam dando azas a ambições mais desenfreadas por parte dos italianos, apoiados pela imprensa alemã. A repercussão destas marchas e contra marchas. alimentando as fontes de desentendimento, acabariam por criar uma nova crise europea, um novo Munich, que as recentes medidas militares da Italia na Libia, fazem temer.

7. Foi pois uma segunda intervenção, transcendente pessoal do Senhor Chamberlain, que se fôr coroada de êxito, como parece provavel, o rehabilitará perante os criticos mais acernos, que não lhe perdoam a humilhação de Munich nem o sacrificio da Tchecoslovaquia, pagina tristissima da politica inglesa d'apoz guerra.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelencia os protestos da minha respeitosa consideração.

Réfi desloving



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 15 de Fevereiro de 1939.

No. 58

Acontecimentos na Espanha
e a situação internacional.

CO 1.3 (Rh)

Senhor Ministro,

NP

S. DE E. DOS RE.	TERMORES
DIVISÃO DE	ÇÕES
15 MAR. 1939	
Nº	4269

A discordância entre as previsões dos meus recentes telegramas Nos. 8 e 9, de 12 e 13 do corrente respectivamente, com que venho mantendo essa Secretaria de Estado informada sobre a repercussão neste país dos últimos acontecimentos na Espanha, refletem a indecisão em que se encontra o Governo britânico ante a rapidez com que aqueles se desenrolam, na própria expressão do Senhor Chamberlain.

2. No fim da semana passada, isto é, no Sábado, havia grandes esperanças de se lograr a pacificação sem mais derramamento de sangue. Desarticulado o Governo republicano, ausentes do país o Presidente e Ministro das Relações Exteriores, era de prever o seu rápido colapso. Entretanto, o Primeiro Ministro, Doutor Negrin conseguia reconstituir o Ministério em Madrid, no dia 13, para onde fôra novamente transferida a capital, e lançava um manifesto convocando a resistência de todas as forças remanescentes.

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

remanescentes da nação contra a dominação estrangeira e em pró da independência espanhola.

3. Tal atitude inesperada, a essa altura, veio modificar a situação e torna-la mais que nunca confusa, quando, pela própria Constituição, a ausência do Presidente, em Paris (única pessoa em quem está investida a autoridade do Estado), fazia presumir o propósito de não se continuar a guerra.

4. Nessas condições já não se podia mais fazer previsões. No Foreign Office, nada se sabia. O reconhecimento estava dependente de decisão do Primeiro Ministro, que, em consulta diária com o Governo francês deliberará hoje na reunião do Gabinete sobre o assunto. Nenhum prognóstico lá me puderam fazer. Depreende-se, contudo, dos jornais, como das pessoas melhor informadas, ser mais que certo o reconhecimento do General Franco até o fim da semana. O pensamento deste Governo é que, encorajar os propósitos de resistência do Doutor Negrin e de seus colegas, numa luta não menos sanguinolenta, mas já agora inútil e sem objetivo, não é serviço que se preste à Espanha, nem à causa democrática. O que o mundo deseja e o que a Espanha precisa agora é da paz, para que aquela nação martirizada se reconstitua, livre do jugo estrangeiro e das rivalidades fascistas e comunistas.

5. O Senhor Chamberlain, na Casa dos Comuns, descreveu anteontem as circunstâncias em que se deu a intervenção do cruzador Devonshire na rendição de Minorca. Interpelado ainda ontem sobre o reconhecimento do Governo nacionalista, repetiu que nenhuma deliberação havia sido tomada e que somente ao Governo cabia a responsabilidade dessa decisão, sem necessidade de consulta prévia ao Parlamento.

6. Contribue até certo ponto para a presente indecisão o desejo de se consultar a opinião americana, muito contrária, como Vossa Excelência sabe, ao reconhecimento do General Franco e

Emb.Londres/58/1939/3.

e à vitória dos elementos fascistas. Sobretudo para a França, vizinha mais próxima, o problema é de enorme transcendência. Daí subordinar este Governo sua decisão à do Gabinete francês, que ontem resolveu enviar novamente a Burgos o Senhor Berard, numa missão de informação. Aquele Gabinete resolveu que o reconhecimento dependa de seguranças satisfatorias por parte da Espanha nacionalista sobre a retirada das tropas estrangeiras. Consta que a Casa Branca teria insistido nêsse ponto.

7, O "Times" de hoje, repetindo, aliás, afirmações de outro editorial, ha dias, em surpreendente linguagem e em atitude redicalmente diversa da com que vinha acompanhando a guerra civil na Espanha, advoga agora a causa do reconhecimento incondicional e independente de considerações ideológicas, estigmatizando o "regime (offspring of the Communist Government in Moscow) que emergiu das últimas Eleições Gerais na Espanha e revelou muitas das mais sinistras carateristicas do sistema bolchevista".

8. Que a attitude conjunta anglo-francesa tem a maior significação para o futuro, se constata pelo mau humor da imprensa alemã e italiana. Em suma, minha impressão é que, em vista dessa consideração, os dois Governos não adiarão por mais tempo o reconhecimento.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rajiv Gandhi



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 16 de Fevereiro de 1939.

No.61

O conflito espanhol.
Artigo do correspondente
do "Times" na Espanha.

601.3(8h)



Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, em anexo, dois artigos da autoria do correspondente do "Times" na Espanha, sobre as causas da guerra civil que devastou a península ibérica.

2. O primeiro artigo trata da historia espanhola dos ultimos quarenta anos, especialmente do regime ditatorial do General Primo de Rivera, da queda da monarquia e dos quatro anos de Governo republicano, assinalados, na opinião do autor, pela fraqueza dos dirigentes que permitiram a anarquização da Espanha.

3. Apontando a intransigência do caráter espanhol como uma das causas do conflito, e lembrando que dos dois lados, tanto do nacionalista quanto do republicano, não houve unanimidade de pensamento, espera assim mesmo o correspondente do "Times" que, terminado o conflito, se façam sentir os factores de moderação, indispensaveis para o apaziguamento da Espanha.

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

Emb.Londres/61/1939/2.

Espanha.

4. As futuras relações entre a Espanha nacionalista vencedora e a Inglaterra e a França, serão, na opinião do autor, amistosas e de mútuo benefício, vinculada como o é a Espanha à aliada mais antiga da Grã-Bretanha, Portugal, e tendo em vista a simpatia de que sempre gozaram tanto a França como a Grã-Bretanha nos meios espanhóis.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rejio do hore

"THE TIMES"

Londres, 11 de Fevereiro de 1939.

13

THE SPANISH STRUGGLE

RETROSPECT AND PROSPECT

WHY THE REPUBLIC FAILED

From Our Correspondent in Spain

Although General Franco's ascendancy now seems assured in Spain there is no prospect yet that civil rivalry and strife will cease, even after the last armed resistance is overcome and military operations cease. This observation would be as justified if Dr. Negrin were winning. It is as evident after 30 long months of war as it was after the first 30 short days that both sides in Spain are fortuitous groups whose alliance can be only temporary, and who, when one overcomes the other, will have to settle accounts between themselves. Ideals and mentality are as contrary and opposed between the Traditionalists and the Falange Española on one side as between the Republicans, Communists, Syndicalists, and Anarchists on the other.

During the last quarter of a century monarchy, dictatorship, and republic have in turn failed to reconcile the factions. Failure of government is the root cause of the war. The constitutional monarch did not show himself constitutional, the dictator was unable (through ill-health) to give a long enough period of service, and the Republic failed through weakness. This concurrence of calamities constitutes Spain's misfortune. The monarch entered upon his reign with a clear field prepared by the devoted regency of his mother, the dictator accomplished wonders in the six years and four months he held office, and the Republic undoubtedly came in with the good will of Spaniards and without so much as the breaking of a pane of glass. As the principal neutral during the Great War, Spain waxed rich, but her gains profited only individuals and the State gained nothing.

GATHERING STORM

The marked regional tendencies which Spanish life developed were fostered by the central administration. The provinces have been more progressive than the centre of the kingdom.

"THE TIMES"

Londres, 11 de Fevereiro de 1939.

arms from other countries, the Spanish Government were never able to fight with equality of armament. Even had the arms embargo been raised, could they have secured enough to compete with the aeroplane and artillery and shell sent by the two nations which had secured a formidable start in the world armaments race and which were using Spain as an experimental field for their weapons and a training ground for their pilots?

AUTO-SUGGESTION

Falling intervention, for which the Republican Government never ceased to hope, and at this last hour still hope, as for manna from the skies, victory for General Franco has been a foregone conclusion drawn by all competent observers. It remains to be seen if a victory based on foreign help offers a lasting solution for a civil war.

The Republicans have repeated ad nauseam that they are fighting the battles of the anti-Fascist world. This song of the auto-suggestionist became part of the propaganda campaign in Russia. Democratic battles are best won in peace, not war. The ideals the Nationalists are fighting for comprise many points having nothing in common with Fascist doctrines. The dictatorships of Italy and Portugal are the product of patriotic reaction against social indiscipline, coupled with the modern urge for efficiency. Now a third is joining them, and it is yet an open question whether General Franco will more resemble silent Salazar or loud-voiced Benito, both of whom were so deeply concerned at the progress Bolshevik propaganda was making in their neighbourhood. By them and countless Christians General Franco is regarded as the saviour of Western civilization on the shores of the Mediterranean, the white-horsed knight who, like Santiago, shouting "Cierta España," closed ranks and bore down upon the devil of Moscow. If, without hyperbole, he should prove merely a just and efficient administrator, he will fulfil the needs of his country more than by spectacular methods. Nemesis overtook the Republican régime because, although the Republicans opposed so bitterly the monarchism and the dictatorship, it was never able to equal the efficiency, even so relative, of those régimes. General Franco will be blessed if, in administrative ability, he equals his reputation as a soldier.

The civil war inevitably must have repercussions in the international sphere, but the result of a victory for the Nationalists should not imply, as many Republican partisans maintain, a disaster for Great Britain or France. That General Franco received help from Italy and Ger-

P
C
S
MES

asked to "in-
under his dir-
communiqué
course, befo-
Bureau, who
reference con-
resort to the re-
the advantage
members of the
First Lord, for
secret cables
sion of the
censor intelle-
scope of the
and it became
sorts of infu-
Douglas V.
admirals if p-
journalists for
organized bod-
ingushed if r-
taking of, for
squadrons, ju-
cert particu-
that manna
hungry Plois-
to help the
thing likely
His expe-
of an enco-
Naval Com-
y havin
therein reas-
note. On
in the
camp
another a
We Read
a notice, the
on thi
side of it
hat off-
Sir Des-
the attit-
ith the

view, we
an office
it to the
news in
which it
concern
upon the
Admiral
Jutland,
fore cabl
at a tab
Elizabeth
the Ger
to pain
how Sir
arranged
painted
in the la
posterior
Mention
topograph
ing my pr
names ha
downstair
strangers
others be
invariably
Navy, the
Fleet bet
a measur
Though



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 23 de Fevereiro de 1939.

No. 71

Orçamento da defesa
da Grã-Bretanha.

602.35 (60)

NP

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
15 MAR. 1939
4269

Senhor Ministro,

O Governo britânico solicitou ao Parlamento a autorização necessária para duplicar a faculdade de contrair empréstimos para a defesa nacional. No primeiro debate, da Câmara dos Comuns, o Ministro da Fazenda, Sir John Simon, anunciou que as despesas para o rearmamento no período 1939-40, na importância de £580.000.000, seriam pagas na seguinte proporção: pela renda orçamentaria £230.000.000, e por empréstimo £350.000.000. A Câmara recebeu com grande entusiasmo essa declaração que parecia indicar que o Ministro da Fazenda não recorreria ao aumento do imposto sobre a renda.

2. Antes de fazer a declaração acima aludida, Sir John Simon explicou os motivos que levaram o Governo a requerer a extensão da faculdade de contrair empréstimos, de £400 milhões para 800 milhões de libras esterlinas. Declarou que os gastos para a reorganização da defesa eram demasiado altos para poderem

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

poderem ser cobertos pela renda ordinária e como as medidas de precaução em execução seriam também de utilidade no futuro, o Governo achava justificado o recurso ao empréstimo. Lembrando a advertência dada em 1937 de que a quantia de £1.500.000.000 (incluindo as £400.000.000 acima mencionadas) talvez não fosse suficiente, Sir John Simon disse que, desde já, e a não ser que a situação internacional melhore rapidamente, o provável é que o Governo seja obrigado a dispendir ainda mais.

3. Os gastos relativos aos primeiros três anos do quinquênio do programa de rearmamento eram calculados em £1.173.000.000, ou, incluindo os relativos à defesa civil, em £1.250.000.000. Segundo esses algarismos a média anual é de, aproximadamente, 400 milhões de libras. Entretanto ela não correspondia inteiramente à verdadeira situação. Explicou que durante certo período foi necessário gastar muito mais para chegar ao ponto de organização agora atingido, permitindo ao país fabricar armamentos em escala nunca antes alcançada em tempo de paz.

4. Pormenorizando algarismos que qualificou de "graves e imponentes", Sir John Simon mostrou que os gastos, de £265.000.000 em 1937-38, aumentaram para cerca de £406.000.000 no atual exercício financeiro. O orçamento para o ano 1939-40 era de £580.000.000. O primeiro ano, disse, foi de preparação. No segundo grande número de fabricas e instalações começou a produzir. E no terceiro ano essa produção atingirá o máximo rendimento.

5. O Chanceler do "Exchequer" declarou em seguida que era impossível fazer previsões quanto ao futuro. O programa de rearmamento do país era necessariamente flexível, podia ser acelerado como também ser restrito. Lamentou a necessidade de canalizar uma parte tão grande dos recursos da Grã-Bretanha para

Emb.Londres/71/1939/3.

para a defesa do país. Se houvesse uma limitação geral de armamentos a situação mudaria logo. Se, entretanto, a Inglaterra enfrentava tão enormes despesas é porque ela tem os recursos necessários para sustentar o esforço.

6. No debate que seguiu as declarações do Ministro da Fazenda a Câmara mostrou-se em geral satisfeita com a política financeira de Sir John Simon - isto é, com o recurso ao empréstimo para cobrir uma parte das despesas do rearmamento. Alguns membros apontaram a conveniência de aproveitar a cooperação dos desempregados cujo número passa de dois milhões. Por outro lado, era necessário fazer com que o capital imobilizado concorresse para o rearmamento do país. Não ha dúvida que as declarações de Sir John Simon consolidaram bastante a posição do Govêrno do Senhor Neville Chamberlain.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji do Henrique

"THE TIMES"

Londres, 21 de Fevereiro de 1939.



Sir John Simon's figures for next year, why was it proposed to diminish the sum to be drawn from revenue? Admittedly the whole of the expenditure could not be taken out of revenue, but there was a strong case for getting more in taxation from the profits of firms producing armaments, from large incomes, and the prevention of tax evasion and from an overdue increase of death duties. The National Debt would not be reduced appreciably by sinking funds, and a bold effort would have to be made to lessen this burden on the community.

ARMAMENT DIVIDENDS

land...

Other Foreign News on following page

Ministers of the Balkan Entente. King Carol to-day received the visiting Rumanian and the treatment of minorities towards revisionism—particularly Hungary. Other matters for discussion should include the Balkan Entente attitude view. Cabinet in Yugoslavia is said to share this to become too dependent on her. The new Rumania desires close economic collaboration with Germany, but does not want figure prominently in the agenda. Entente countries differently, probably and Italy, although they affect the Balkan made his report. Relations with Germany Minister in Sofia on his way here, has after the Turkish Minister for Foreign Affairs, who saw the Bulgarian Prime Minister in Sofia on his way here, has question will probably be amply discussed four countries of the Balkan Entente this Bulgaria are of common concern to all anxiety in Rumania, and as relations with some of her politicians have since caused summer the revisionist pronouncements of with the Balkan Entente an agreement their Ministers for Foreign Affairs, Sarajoglu and M. Cincar-Marckovich, and Turkey and Yugoslavia by M. Shukry by her Prime Minister, General Metaxas.

to remove the misunderstanding. quickly begun by the French Government transferred to Cairo. Conversations were Later the Iranian Minister in Paris was his name published in the French Press. that the Shah broke off relations towards may soon be resumed. It will be recalled

It is indicated this evening that diplomatic relations between France and Iran

PARIS, Feb. 20

FROM OUR OWN CORRESPONDENT

FRANCE AND IRAN

Wednesday or Thursday.

Cabinet, which will meet the Chamber on mentioned in the programme of the new case, which caused the crisis, will not be join the new combination. The Maeterlans joining Cabinet of M. Spaak, has agreed to the head of the technical departments. M. non-Parliamentarians. These will be at financial and economic questions. There would concern itself only with the Ministry would not be a Catholic- new Government. At present since that

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

28 MAR 39
SAÍDO



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

No. 76

Mês Político nº 3.

900.1(60)



A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado
das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres
cumprimenta respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo,
o relatório político nº 3, desta Embaixada.

Londres, em 1º de Março de 1939.

Mês Político nº 3.

I - RECONHECIMENTO DA ESPANHA NACIONALISTA

A nota do mês foi a marcada confiança na direção da politica externa deste Governo, não só dentro do país como no estrangeiro. O prestigio britânico, tão abalado depois de Munich reergue-se ao mesmo tempo que a situação internacional é julgada com mais otimismo. Essa mudança pode-se hoje atribuir à garantia dada por Chamberlain à França, seguida logo depois da bem sucedida intervenção britânica em Minorca e da conclusão logica do reconhecimento do General Franco, anunciado a 27 do mês passado pelo Primeiro Ministro no Parlamento. Essa decisão me foi participada pelo Foreign Office excepcionalmente e em reserva, desde Quinta-Feira 23, dia em que despachei a Vossa Excelencia o telegrama nº 13. O Senhor Chamberlain leu na Camara dos Comuns um telegrama do General Franco dando garantias para todos os espanhoes não criminosos e assegurando que a Espanha não infringirá a sua soberania nem tolerará qualquer intervenção estrangeira.

O Chefe da opposição acusou o Senhor Chamberlain no debate de ontem de não ter revelado à Camara a deliberação chegada pelo Gabinete na vespera. O Primeiro Ministro defendeu-se dizendo que a decisão definitiva só fora alcançada no fim da semana. O meu telegrama, entretanto, dá razão ao Major Attlee. A moção de desconfiança foi rechassada pela maioria.

O aplauso do Presidente Roosevelt parece assegurado a essas manobras diplomaticas. É evidente que o Presidente dos Estados Unidos está jogando toda a sua influencia politica para conseguir que o seu país secunde eficazmente a França e a Grã-Bretanha na defesa das democracias quer na paz como na guerra.

Como as cousas se apresentam, o Presidente Roosevelt conta com o apoio da opinião publica contraria aos regimes totalitarios e se a Grã-Bretanha resistir às pretensões germano-italianas (os

(os americanos so a apoiarão nessas condições), as nações democráticas poderão contar com a colaboração material ilimitada dos Estados Unidos.

Por uma promessa definitiva por parte da administração norte-americana, vem trabalhando ansiosamente este Governo. E é com tal objectivo em vista que Lord Halifax assegurou à França a contribuição sem reservas das forças britânicas, tanto navais e aéreas como terrestres, quando chegou a declarar a semana passada na Camara dos Comuns que a França podia contar, em caso de guerra, com um exercito expedicionário britânico, apesar de que os tecnicos militares consideram mudada a situação depois que o elemento aereo tornou a insuleridade britânica uma cousa do passado. Contudo a influencia de Lord Halifax fez-se sentir, a julgar pela declaração do Ministro Morrison, dias depois, num debate parlamentar sobre defesa nacional.

As palavras do Senhor Morrison são as mais categoricas já pronunciadas em apoio da França. Ele concordou com o ponto de vista do Senhor Winston Churchill de que o esforço militar deste pais deve ser ilimitado e incondicional, devendo-se desde já tomar todas as medidas para que o mesmo tenha a maxima eficacia.

Naquela mesma ocasião, Lord Halifax disse mais que lhe parecia duvidosa a entrada da Alemanha se a Italia se involvesse num guerra. Embora não se saiba ao certo se existe uma aliança secreta militar entre os dois paises, o certo é que ela não revela a precisão nem a firmeza do entendimento franco-britânico - o que por certo contribue para intimidar os ditadores nas suas intensões aggressivas.

Isso a parte, o Secretario dos Negocios Estrangeiros está recebendo informações confidenciais de que a situação na Alemanha é de incipiente, mas indisfarçavel, descontentamento mercê das restrições economicas, do contróle rigido dos salarios e do peso

Emb.Londres/76/1939/3.

peso dos impostos. O mesmo fenomeno se observa na Italia, ainda que, eventualmente, como Lord Halifax mesmo admite, este factor possa conduzir a uma guerra para disfarçar o fracasso politico. Mas, o provavel é que a presente situação interna nos dois paises exerça influencia moderadora no futuro imediato.

II - EXPANSÃO COMERCIAL

A atividade diplomatica que este pais vem desenvolvendo coincide com a campanha comercial para melhor entendimento com a Alemanha e para a reconquista dos mercados da Europa oriental.

O Chefe dos Serviços Economicos do Foreign Office já regressou de uma visita preparatoria a Berlim para a projetada tournee do Secretario de Estado do Overseas Trade, em proseguimento da sua anunciada politica no discurso de ataque aos metodos alemães. Os alemaes teriam manifestado que só depois de satisfeitas as suas exigencias coloniais poder-se-á esperar o restabelecimento de relações economicas normais. Essas exigencias são agora no sentido de uma redistribuição das areas coloniais, o que não implica necessariamente numa perfeita coincidência com as fronteiras das antigas colonias. Essa formula procuraria dar uma solução mais pratica ao problema.

Ainda este mês o Ministro Hudson, na companhia do Senhor O. Stanley, seu colega do Board of Trade, irá a Berlim a testa da delegação de industriais que vão negociar com os membros da Associação das Industriais Allemas. Depois seguirá para Moscou, passando primeiro em Varsovia. A aproximação com a Russia constitue novo passo na politica atual d'este Governo. Ele será completado por uma tentativa de inclusão da Polonia na orbita economica britanica.

III - REARMAMENTO

Continua no mesmo ritmo acelerado o programa de rearmamento. O Governo está ultimamente agindo com grande energia, sobretudo no

no que concerne à defesa da população civil. Mas de 100 mil agentes visitaram cerca de 6 milhões de casas afim de alojar, em caso de ataques aereos, as crianças dos centros urbanos, e esta iniciativa está sendo bem recebida. Por outro lado o Governo compreende ser uma impraticabilidade a proteção eficaz de toda a população contra tais bombardeios. Nem convem paralizar completamente a vida das cidades pela repetida remoção de todos os civis cada vez que se anuncie a aproximação dos aviões inimigos - o que acarretaria a desorganização da produção industrial e belica. Sobretudo é isto verdade quanto a Londres, primeiro alvo visado numa guerra. Parece que o Governo não é favoravel à idea de abrigos profundos dentro das cidades.

Não menos relevante que estes preparativos é a experiencia em grande escala que está conduzindo o Senhor Anderson para o recrutamento voluntario da população civil. Até agora, porém, não se regista um progresso satisfatorio. Os melhores elementos responderam pressurosamente ao apelo - 170.000 até a data. Entretanto, o chamado não está sendo acolhido por todas as classes. Talvez porque desaparecesse a tensão perigosa dos meses passados. Os procrastinadores deixam correr o tempo, crentes de estar passando o perigo, avessos como autenticos ingleses à conscrição e ao treinamento militar.

IV - CREDITOS PARA A CHINA

Contra o Japão a attitude britanica, a proposito do recente bombardeio de Hong Kong, está sendo de repulsa energica, não só por meio do protestos diplomatico, como pela deliberação a que teria chegado o Gabinete de introduzir a necessaria legislação para que se conceda à China um emprestimo de socorro, permitindo-lhe a aquisição dos armamentos que vão chegando ao exercito chinês pelo interior. Cançado de tantas agressões por parte do Japão, este Govêrno, mais confiante agora no seu poderio naval, está dis-

disposto a aproveitar a oportunidade para opor finalmente resistência ao Governo japonês.

PALESTINA

As conferências sobre a Palestina proseguiram com intervalos e sem resultado, dentro de uma atmosfera de dúvidas e ansiedade que as novas explosões anarquistas em Haifa e Jerusalem vieram ainda mais dificultar.

Os árabes da Palestina estão se recusando ainda a se encontrar com os judeus. Os demais representantes árabes não estão exercendo a pressão conciliadora que se esperava. Nestas circunstâncias já é prova de habilidade diplomática do Senhor MacDonald o conserva-la em andamento.

Os judeus não são tão difíceis de contentar. Aceitaram a participação proposta no relatório Peel e aceitam agora qualquer solução que não os exponha à situação de minoria dentro de um estado árabe, assim como a fixação de um máximo para a imigração israelita, contanto que permaneça essa porta aberta para as vítimas das perseguições contra a raça.

Os árabes mostram-se, porém, inconciliáveis. O êxito da empreza zionista, que transformou a aridez e a desolação da Palestina num Estado moderno com prospectos de engrandecimento moral e cultural, é um augmento contrario a sua causa. Não é verdadeira a pretensão árabe que Sir H. Mac Mahon lhes tivesse prometido, durante a guerra, toda a Palestina. Nem é certo que a imigração hebraica tenha criado uma classe de desocupados. Ao contrario a prosperidade trouxe consigo empregos e alta de salarios. Não ha antiq Patia racial que impeça a boa vizinhança de árabes e judeus, pois que ambos são semitas.

Os delegados britânicos apresentaram ha dias propostas no sentido da formação de uma Palestina independente, unida à Grã-Bretanha por um tratado semelhante ao anglo-egipcio, e garantidos

Emb.Londres/76/1939/6.

garantidos os direitos e as religiões das partes interessadas. Os judeus julgaram-nas inadmissíveis, num memorandum apresentado ontem à Conferencia. Ignora-se ainda qual será o proximo passo. O certo é que este problema constitue um desafio à sagacidade mediadora da diplomacia britânica e é um problema serio a que ela precisa resolver para responder às criticas acerbas das imprensas alemã e italiana.

Londres, em 1º de Março de 1939.

Représentant



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 1º de Março de 1939.

RESERVADO

No. 77

Reconhecimento da Espanha
Nacionalista pela Grã-Bretanha.

602.1(84)
Mub



Senhor Ministro,

No dia de ontem, na Câmara dos Comuns, o Senhor Neville Chamberlain, Primeiro Ministro, anunciou a decisão do Gabinete de reconhecer o Governo do General Franco como Governo legal da Espanha.

2. No anexo I do "Times", de ontem, encontra-se o texto da declaração feita pelo Chefe do Governo britânico, que anunciou também o reconhecimento simultâneo do General Franco pela França. A decisão do Governo foi recebida com grande aplauso pela maioria da Câmara, evidenciando-se naturalmente forte desgastado por parte da oposição trabalhista.

3. O Senhor Attlee, Chefe dos trabalhistas, tentou provar que o Primeiro Ministro enganára a Câmara dos Comuns na quinta-feira passada e evitára um debate, quando alegou que o Gabinete não havia ainda chegado a uma decisão sobre a Espanha. Naquele momento, disse o Senhor Attlee, o Governo já resolvera

A Sua Excelencia o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

resolvera reconhecer o General Franco. Em resposta o Senhor Chamberlain declarou que o Gabinete deixara a decisão final a ele e ao Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, Lord Halifax, e que a decisão fora feita no fim da semana passada. O Senhor Chamberlain repetiu essa declaração varias vezes, mas o Senhor Attlee insistiu em considerar como evasiva a resposta do Primeiro Ministro e declarou que futuramente faria com que as interpelações sobre assuntos de politica externa fossem feitas na Camara dos Lords afim de assegurar respostas satisfatorias.

4. O incidente ficou encerrado quando o Chefe da opposição solicitou um debate sobre a atuação do Govêrno em politica externa. Nesse debate que se realizou ontem o Govêrno foi vencedor com 344 votos contra 137. O Senhor Attlee abriu a discussão renovando a acusação de haver o Primeiro Ministro evitado na quinta-feira passada um debate sobre a questão da Espanha. Disse que as declarações feitas pelo Senhor Daladier, Presidente do Conselho, na Camara dos Deputados francesa, revelaram que a decisão de reconhecer o General Franco já então havia sido tomada. Isto, como Vossa Excelencia sabe, é exato, como prova a comunicação telegrafica desta Embaixada de 23 de Fevereiro último a essa Secretaria de Estado.

5. O Senhor Attlee, citando vários juristas, e interpretando-os como condenatorios da atitude do Gabinete, afirmou que o Governo republicano havia agido corretamente e obedecido aos preceitos do direito internacional, que havia pago as suas dividas, cooperado lealmente com o Comité de Não Intervenção e retirado os voluntarios estrangeiros. Mas o Senhor Chamberlain - disse o Senhor Attlee - estava sempre disposto a reconhecer um Governo que infringisse o direito internacional e desobedecesse a toda lei, humana ou divina. Continuou em seguida o Chefe da

da oposição perguntando se o Governo havia conseguido do General Franco condições quanto a clemência e amnistia para os republicanos, com relação a indenização pela morte de cidadãos e perda de navios britânicos, no que dizia respeito à retirada das tropas estrangeiras, à independência da Espanha e ao futuro de Gibraltar e das Baleares. Respondendo às suas próprias perguntas, afirmou que o Senhor Chamberlain havia entregue tudo sem nada receber em troca. O Governo se apressara de modo indecente afim de angariar a amizade dos que haviam matado à fome mulheres e crianças, bombardeado cidades abertas e tinha principalmente em consideração os interesses do capital britânico.

6. Quando o Primeiro Ministro se levantou para responder ao ataque da oposição foi muito aplaudido. Começou por dizer que a fraqueza humana o impelira varias vezes a responder energicamente aos ataques do Senhor Attlee, mas se abstivera por não desejar que um debate tão importante fosse desfigurado por incidentes pessoais. Afirmou que era incapaz de enganar a Câmara ou de fugir de um debate mesmo se o assunto fosse embaraçoso para o Governo e declarou que a decisão de reconhecer o General Franco havia sido tomada de facto no fim da semana.

7. Respondendo às alegações do Senhor Attlee relativamente ao seu desrespeito do direito internacional, o Senhor Chamberlain, por sua vez, citou diversas autoridades em justificação da atitude do Governo. Lembrou, a esse proposito, os distúrbios havidos na Espanha, de 1873-75, que começaram com a abdição do Rei Amadeu. Em 1873 o Governo britânico reconheceu o Governo republicano do Marechal Serrano e, um ano mais tarde, o de Dom Afonso que o substituiu. Assim procedera porque a maioria dos espanhoes aceitara em 1873 o Governo republicano e em 1874 o de Dom Afonso. O General Franco estava agora de posse da maior parte do territorio espanhol e o Governo republicano

republicano não podia mais ser considerado como o Governo legal. Se este Governo se tivesse absterido de reconhecer o General Franco isto teria sido contra toda tradição e teria encorajado o Governo republicano a prolongar uma resistencia inutil. O não reconhecimento poderia ter tido como consequencia a hostilidade da Espanha nacionalista. A opposição - disse o Senhor Chamberlain - devia encarar a realidade da situação e compreender que era impossivel exigir condições do General Franco. O Primeiro Ministro procedeu em seguida á leitura de um telegrama do General Franco dando garantias para todos os espanhoes que não fossem criminosos e assegurando que a Espanha não aceitará uma intervenção estrangeira que ferisse sua dignidade ou infringisse sua soberania (Anexo III).

8. No anexo II encontra-se o editorial do "Times" de ontem, justificando longamente a attitude do Governo presidido pelo Senhor Neville Chamberlain. Apreciando a atuação do Governo diz:

"O reconhecimento de agora constitue um acto de apreciação ou de registro que é inteiramente de acordo com a politica de neutralidade praticada com persistencia pela Grã-Bretanha; e pode-se considerar o reconhecimento franco-britânico da posição do Governo nacionalista como marcando o triunfo do General Franco e o signal para o reconhecimento do mesmo pelos demais países como dirigente da Espanha".

9. Comentando a alegação feita pelo Senhor Attlee de que o Primeiro Ministro não havia informado o Parlamento de sua decisão de reconhecer o General Franco, o "Times" citou Sir William Anson, autoridade em direito constitucional britânico, para provar que o reconhecimento e o momento quando este se devia efetuar eram unicamente da alçada e da responsabilidade da Coroa, isto é do Gabinete chefiado pelo Senhor Neville Chamberlain. Diz o editorial:

"O Primeiro Ministro, separadamente ou conjuntamente com o Secretario de Estado estava portanto estritamente dentro dos preceitos constitucionais quando agia nesse assunto no momento por elles julgado conveniente, em nome de Sua Majestade o Rei e apoiados pela responsabilidade coletiva do Gabinete; e é da maior importancia que o mundo saiba que um Governo democratico pode tomar uma decisão

Emb. Londres/77/1939/5.

decisão importante em política externa com tanta firmeza, e, se necessário, tão rapidamente quanto qualquer outra forma de Governo."

Termina o editorial salientando:-

"a clareza notável e continuidade da política britânica na Espanha desde os primeiros dias até os últimos momentos."

10.

Como último comentário acrescentarei que ontem foi cotada pela primeira vez oficialmente nesta praça a peseta nacionalista, ao câmbio de 42 por libra esterlina.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Rajni deshaire

"THE TIMES"

Londres, 26 de Fevereiro de 1936.

14

RECOGNITION

PRIME MINISTER'S STATEMENT

GEN. FRANCO'S HOLD ON SPAIN

OLD GOVERNMENT SCATTERED

FORMAL ACTION

WESTMINSTER, Monday

Mr. Chamberlain announced to the House of Commons to-day the decision of the British Government to recognize General Franco.

His Majesty's Government have given careful consideration to the position in Spain, and to the action they should take in the light of all the information at their disposal. As a result of the fall of Barcelona and the surrender of Catalonia, General Franco is now in control of the greater part of Spanish territory both on and beyond the mainland. He holds in his hands the most important industrial centres in Spain and the sources of most of her production. Even if the Republic were to continue to exist, it would be unable to maintain some show of resistance, there can be no doubt of the ultimate issue of the struggle, the prolongation of which can only result in further suffering and loss of life.

Moreover, it seems to His Majesty's Government impossible to regard the Spanish Republic Government, situated as it is and in a position involving such partition, as the legitimate Government of Spain. No other Government has been decided to recognize General Franco or to declare its recognition of the Government of Spain, and further action has been taken in this sense.

I understand that the French Government also will be announcing their decision on this question to-day.

His Majesty's Government have acted with regard to the public statement of General Franco concerning the determination of himself and his Government to secure the traditional independence of Spain and the preservation of its unity, and the decision of these questions when circumstances are clear.

THE FINAL DECISION

The statement was received with Ministerial cheers, from the Opposition side with cries of "Shame," and from Mr. GALLAGHER, the solitary Communist member, with the exception, "A betrayal of democracy."

Mr. Aikin is understood to have said that the Prime Minister had misled the House on Thursday of last week, and had thus avoided a debate by indicating that a decision had not been reached then by the Cabinet, whereas in fact they had decided at that time to recognize General Franco. He stated that something on a statement made by M. Daladier in the French Chamber.

Mr. Chamberlain explained that the Cabinet had left to him and the Foreign Secretary the final decision as to the recognition of General Franco, and that the final decision was taken over the weekend. He repeated this several times, but Mr. Aikin persisted in stating the answer as evasive, and declared that in future he would arrange to have questions on foreign affairs put in the House of Lords, where he would be sure of getting prompt replies.

The incident closed with a request by the Leader of the Opposition for an opportunity to debate the Government's action and the Prime Minister's undertaking that to-morrow should be set aside for that purpose.

CENSURE MOTION TO-DAY

PRIME MINISTER TO TAKE UP CHALLENGE

FROM OUR PARLIAMENTARY CORRESPONDENT

The debate in the House of Commons to-day on the Government's decision to recognize General Franco's Government as the Government of Spain will take place on an Opposition motion of censure which denounces the Government's action in unqualified language. The motion, which was tabled last night in the names of Mr. Aikin, Mr. Greenwood, Mr. Herbert Morrison, and Mr. Noel Baker, is as follows:—

That, in the opinion of this House, the decision of the British Government to grant unconditional recognition to Spanish General Franco, without regard to the rights of the Spanish people, is a betrayal of democracy, and a policy which is likely to result in a further extension of the rule of the few in the hands of the many.

After Mr. Aikin has moved this resolution the Prime Minister will take up the challenge on behalf of the Government. He will be able to give the House more information about the considerations that have weighed with the Government than was possible in the short statement at the end of yesterday's afternoon session. Apart from the statements in public statements by General Franco, in which the Prime Minister referred to the situation, nothing may be heard of statements contained in a document understood to have been received by the Government from General Franco within the last few days. The other principal speaker for the Labour Party will be Mr. Herbert Morrison; Mr. Noel Baker will speak for the Opposition Liberals. Mr. Aikin, who was suffering yesterday from a cold which affected his voice, hopes to be able to make the final speech for the Government.

The time allotted yesterday by Mr. Aikin to his supplementary questions to the Prime Minister and the wording of the Opposition motion, suggest that the debate may be flanked by some business. It was a subject of common conversation that Mr. Aikin's supplementary questions referred to the communication of information to the House by the Prime Minister and ignored the merits of the Government's decision.

Other Spanish news, with German comment on Anglo-French recognition of General Franco, appears on page 11.

APPROVAL IN FRANCE

ONLY POSSIBLE STEP

FROM OUR CORRESPONDENT

PARIS, Feb. 27

After a Council of Ministers lasting a little over an hour, the French Government decided late this afternoon to accord unconditional recognition to the Spanish Nationalist Government, and at 8 o'clock this evening the following joint communiqué was issued in Paris and Burgos:—

The exchange of views that has taken place in Paris in an atmosphere of the utmost cordiality between General Franco, Minister for Foreign Affairs, and M. LÉON ARÉVAL, extraordinary delegate of the French Government, has enabled the two Governments to reach an agreement on the question of Spain.

The French Government have, in consequence, declared themselves to be disposed to fulfill so far as the Nationalist Government are concerned, the terms on which the treaty of friendship and commerce between the two Governments has already been concluded.

An official statement, issued after the Council of Ministers, announced that an Ambassador to Burgos would be appointed during the current week, but in accordance with diplomatic usage no hint of his identity—or the choice has been made—was given, since the appointment of the Republic's ambassador is necessary before the appointment becomes effective. M. BENOIST, who has just received from his special mission in Burgos, to-day narrowed the field of candidature, however, by informing Paris representatives that he had no intention of accepting the post.

M. DALADIER EXPLAINS

French opinion as a whole unambiguously approves the decision to recognize General Franco as a step which, however regrettable, was the only one possible in the circumstances. It is noteworthy that M. Daladier himself, and not his Foreign Minister, explained and justified the need for recognition to his Cabinet colleagues.

Some of them, it is known, gave their consent with the greatest reluctance, and there is no doubt that a large section of opinion here will watch closely General Franco's practical interpretation of the word "cordiality" when all Spain is in his power. Meanwhile nothing from Madrid has come either to confirm or to refute the belief that the Republicans are on the brink of capitulation. Señor del Vayo, the Republican Foreign Minister, has left Paris and it is thought that he may be back in Valencia, but with what means and in what frame of mind is unknown.

SEÑOR AZAÑA'S SILENCE

At the time of writing, Señor Azaña, the Republican President, who arrived at Colonge on Saturday (March 26) this morning, continues to maintain the silence which he has preserved since he took refuge in French territory, though his early resignation is felt to be certain. In reply to questions by Press correspondents at Colonge to-day, Señor Rivas-Cherif, President Azaña's brother-in-law, declared that the President had resigned, and added: "Anyhow, our aim must be to hold a free election without resigning." He added that even if Señor Azaña did go, it would be for the Madrid Government to announce the fact. All this, however, is regarded as a piece of Republican optimism which does not seem justified in that the President will very shortly cease to hold office.

A despatch, which included MM. Vincent-Auriol, Paul-Boncour, Viollette, Pierre Cot, and Max Hymann, six ex-Ministers, and several journalists, among them Mme. Taboureau and Mme. André Védie, called upon Señor Franco's Marianne this afternoon, spoke of their grief at the present situation, and left a short message for Dr. Noges, the Republican Prime Minister, affirming their attachment to democracy and justice and declaring their solidarity with Republican Spain in its fight for liberty and independence.

DECLARATION BY SEÑOR AZAÑA TO-DAY

FROM OUR CORRESPONDENT

GENEVA, Feb. 27

It was learned here to-night that the international Press will be invited to-morrow by Señor Rivas-Cherif, at Colonge, to hear a declaration in the name of Señor Azaña.

GENERAL FRANCO ON RECOGNITION

BURGOS, Feb. 27.—Crowds cheered General Franco this evening when he made his first public appearance in the Nationalist capital since the Civil offensive began.

In a short speech to 40,000 people he said: "The hour of truth has come. To-day England recognized us. To-morrow it will be the whole world."—Rout.

U.S. ATTITUDE

AWAITING FURTHER STUDY

FROM OUR WASHINGTON CORRESPONDENT

WASHINGTON, Feb. 27

The question of the recognition of General Franco's regime as the de jure Government of Spain was discussed by the Secretary of State, Mr. Cordell Hull, in his Press conference this afternoon, but only in general and inconclusive terms. It is obviously the intention of the United States authorities to await the results of further study of the matter before committing any decision. President Roosevelt, who will not return to Washington until the end of the week, reserves full consideration of the situation as the dispatches arrive.

For the time being, therefore, Don Porras de la Sota will be the nominal Spanish Ambassador in Washington. He called on Mr. Hull this morning chiefly as was here pointed out, to discuss the attitude of this country towards the Franco Government.

Inquiries were made of the Secretary of State as to the reports of the possible use of American warships in connection with those of Britain and France to bring about the evacuation from Spain of such political, military, and other leaders of the Republican regime as desired to leave. Mr. Hull said that no statement of any such course of action had reached the State Department.

"THE TIMES"

London, 1 de Março de 1939.

THE VOTE OF CENSURE

BIG GOVERNMENT MAJORITY

MR. EDEN'S SUPPORT

HOPES OF UNITED SPAIN

WESTMINSTER, Tuesday.—The Labour Opposition launched with commendable vigour their campaign of the Government's mismanagement of General Franco. All the charges which they have made against the Government's policy in Spain in many previous debates were presented in concise and clear manner. It contained the mismanagement of General Franco as a deliberate effort to the legitimate Government of a friendly Power in a gross breach of international law, and as marking a further stage in the decline of civilization on the part of the Government in Great Britain.

The House listened this morning by 125 to 121. Mr. Arthur stated the debate with a view to the Government and Chamberlain's speech at Mr. Chamberlain's. He stated on charge that the Prime Minister had deliberately avoided a debate on 15th day of last week when he had had the House to believe that the Government had not decided on recognition, whereas, a statement by Mr. Chamberlain in the French Chamber stated that a decision had already been taken. The Prime Minister's justification of the recognition of General Franco was described as a case of half-truths worse than lies.

INTERNATIONAL LAW

Although he declared that the Prime Minister had done more than any other man to show contempt of international law, Mr. Arthur presented him with extracts from international law which he interpreted as condemnation of the Government's attitude. He stated that the Republican Government had acted strictly by recognizing international law, that it had paid its debts, and had loyally responded to the Non-Intervention Committee by rejecting foreign volunteers. But Mr. Chamberlain would "always recognize a Government that respects international law and ignores any law, human or divine," such as the Republican Government and by action the Government encouraged them to do.

Mr. Arthur then demanded whether the Government had rejected conditions from General Franco as to democracy and autonomy in regions, satisfaction of claims for loss of British ships and towns, withdrawal of foreign troops, Spain's independence, and the future of Gibraltar and the Balearic Islands. He answered the question by declaring that Mr. Chamberlain had given every thing in return for nothing. He wound up with a denunciation of the Government as everything with indignation here for the friendship of those who had starved women and children and hoisted signs in towns, as making their moral consideration the interest of British capital, and as establishing the "barbaric domination of democracy in the back. Any man not to achieve his goal by force was not of the friendship of the British Prime Minister.

MR. CHAMBERLAIN'S REPLY

A loud and long cheer at Mr. Chamberlain rose as reply was the response of Mr. Chamberlain to this attack. Mr. Chamberlain was confident that his own wisdom had prompted him to sharp retorts, but said he had resisted the temptation, since a debate on an important subject should not be dominated by personal squabbles. Another cheer greeted his remark that, whatever his feelings, those who knew him best knew he was incapable of trying to avoid the House or of shirking debate even if the subject were uninteresting to the Government. He alluded to the fact that the Government had rejected conditions from General Franco as to democracy and autonomy in regions, satisfaction of claims for loss of British ships and towns, withdrawal of foreign troops, Spain's independence, and the future of Gibraltar and the Balearic Islands. He answered the question by declaring that Mr. Chamberlain had given every thing in return for nothing. He wound up with a denunciation of the Government as everything with indignation here for the friendship of those who had starved women and children and hoisted signs in towns, as making their moral consideration the interest of British capital, and as establishing the "barbaric domination of democracy in the back. Any man not to achieve his goal by force was not of the friendship of the British Prime Minister.

With reference to Mr. Arthur's plea for an amendment for international law, Mr. Chamberlain proceeded to quote at some length from his own speeches on that subject in justification of the Government's action. He recalled as an explicit precedent the intervention in Spain from 1871 to 1873, beginning with the abolition of King Amadeus. The British Government in 1871 recognized the Republican Government instead of the Monarch, and a year later then recognized the Government of Don Alfonso, which was placed in the general that such had been the result. General Franco was now in possession of the major part of Spanish territory, and the Republican Government could no longer be considered the legal Government. What would be the effect of prolonged resistance to General Franco? To be free from our action having been a gross breach of tradition, it would have been a breach if we had withdrawn recognition from General Franco. To encourage the Republican Government in prolonging their resistance would have been contrary to all the dictates of humanity.

FRANCO'S GUARANTEES

What would be gained, Mr. Chamberlain asked, on grounds of expediency by withholding recognition, the right to which General Franco had already won? Would it be greater than to be hostile when we could have been establishing friendly relations to support that British interests were not imperilled? The Opposition might as then threaten and threaten that it was impossible to reach conditions from General Franco unless they were prepared to go to war to enforce them. The Prime Minister then read a telegram received from the Government giving guarantees for all Spaniards who have not committed any crime, and that those who had committed crimes against the Government would not be punished.

of interfering too strongly. Mr. Chamberlain said that a speech which contained a story and disinformation from Spain would not give any in a moral and progressive country worthy of their part.

A notice of the hour debate was Mr. Chamberlain's support of the Government's action. He recalled the British Government's action, in which he had a part to play, and declared that in order to help Spain now would not assist in achieving the independence of Spain, which was the main objective.

The importance of the time of the debate was approximately lower than at the meeting. Mr. Chamberlain's speech was not with a much lighter touch the importance of the earlier attack upon the Government. Non-intervention in Spain, he repeated, was always insisted by Italy and Germany to be imposed. The British Government never really meant to be imposed, and they had their policy was dictated by the fact that they were not prepared to recognize General Franco's democracy and former of capital and their interests.

Mr. Chamberlain described as ridiculous the suggestion that the Government had an anti-democratic bias. When a particular Government comes to be the actual regime of Spain, the Government would be asked to deal with it and recognize its existence. Since 1920 no fewer than 21 Governments, comprising 10 events, have been recognized as against those they displaced. The last Labour Government had recognized the revolution in Bolivia, in Argentina, in Peru, and in Brazil. Was it to be concluded that an old Government which had ceased to govern effectively was still to be recognized, or was there to be a kind of void? It was not to take part in every general because peace in foreign situations it would be good-bye to peace.

TENÇÃO

List of Ratifications

United Kingdom(*) ... September 14, 1939
Belgium ... September 14, 1939

(*) With the further reservation that Article 17 of the



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 6 de Março de 1939.

No. 86

O "Axis" na America do Sul.
Artigo da "Fortnightly Review".

900.4(600)

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES	
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES	
28 MAR. 1939	
Nº	4910

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência um interessante artigo da "Fortnightly Review", aparecido no número de Março corrente, sobre a influência do eixo Berlim-Roma na América do Sul.

2. O articulista faz um estudo comparativo da penetração política e econômica alemã e italiana nos principais países latino-americanos, cujas grandes superfícies, escassamente povoadas, são um incentivo para a expansão daqueles países. Embora uma aventura colonial pareça-lhes fóra de questão, a Alemanha e a Itália poderão adquirir concessões econômicas consideráveis no nosso continente e, mesmo que não consigam assegurar-se o suprimento de matérias primas, muito poderão fazer para dificultá-lo à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rafael de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado Interino das Relações Exteriores.



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 10 de Março de 1939. *NP*

No. 88

O orçamento do
exército britânico.

624. (60)
MB

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

28 MAR. 1939

Nº 4510

Senhor Ministro,

O discurso pronunciado ontem na Câmara dos Comuns pelo Ministro da Guerra, Senhor Hore-Belisha, ao apresentar o orçamento do exército foi dos mais interessantes e de alta importância política pois no mesmo o titular da Guerra anunciou que o exército estava sendo equipado para poder tomar parte numa guerra no continente.

2. Até o começo do século presente, disse o Senhor Hore-Belisha, a principal preocupação das autoridades militares era o perigo de uma invasão. A partir de 1905 a segurança nacional começou a ser considerada como sendo uma problema sobretudo naval e o papel do exército o de combater nas guerras de além mar. Agora, novamente, e devido à ameaça aérea, a defesa nacional já não podia ser entregue unicamente à armada. Para defender o país de uma agressão pelos ares fôra necessário organizar a sua defesa anti-aérea e isto se efetuou, disse o Ministro da Guerra, sem tocar no

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

no exército regular, criando-se uma força anti-aérea e de defesa da costa, tirada em parte do exército territorial. Este, por sua vez, estava sendo posto em pé de igualdade com o exército regular. Obedecendo às mesmas preocupações estratégicas, as guarnições dos territórios de além mar estavam sendo recrutadas com pessoal indígena.

3. O Ministro da Guerra mostrou a necessidade de modificar o conceito estabelecido em 1905 pelo Senhor Balfour e que prescrevia a concentração de uma reserva estratégica no centro do Império. Afim de assegurar toda a liberdade de manobra à esquadra e eliminar tanto quanto possível a necessidade de destacar navios de guerra para escoltar combóios de tropas, o Governo tinha constituído o núcleo de uma reserva estratégica no Oriente Próximo. Dêsse núcleo formavam parte as duas divisões em guarnição na Palestina. Este núcleo será considerado como força militar separada, com suas próprias reservas, e sua tarefa será a de defender os interesses britânicos em toda região mediterrânea.

4. Estavam sendo estudadas as propostas do Comité que fôra presidido por Lord Chatfield, atual Ministro da Coordenação da Defesa, sobre o rearmamento e a reforma das forças militares na Índia. Dos efetivos militares ingleses na Índia já haviam sido colocados quatro batalhões de infantaria e um regimento de cavalaria, que se encontravam agora na região mediterrânea. A reserva estratégica do Reino Unido fornecerá o exército destinado a combater numa guerra eventual no continente europeu, e esta reserva era constituída tanto pelo exército regular quanto pelo territorial. Isto significa uma mudança radical no pensamento militar inglês porque até agora o exército territorial era considerado como uma força destinada unicamente a combater dentro do território insular, isto é, seu papel era puramente defensivo.

5.

Passando em revista o trabalho efetuado pelo Minis-

Ministério da Guerra no que dizia respeito ao exército regular, disse o Senhor Hore-Belisha que a preocupação principal fôra a de assegurar uma mobilização rápida. A produção da indústria militar asseguraria dentro do presente ano financeiro o equipamento total das forças regulares, e bem assim das pertencentes ao exército territorial, que terá o mesmo armamento do exército regular.

6. O exército ativo, em vias de preparação, será constituido por dezenove divisões: regulares, quatro divisões de infantaria e duas divisões armadas; territoriais, nove divisões de infantaria, três divisões motorizadas e uma divisão armada. Existiam além disso duas brigadas territoriais de cavalaria e várias outras unidades.

7. Os efetivos, excluidas as tropas britânicas na Índia e em Burma, são de 531.353 homens, ou seja um aumento de 83.000 em doze meses.

8. Recordando as declarações feitas pelo Primeiro Ministro sobre a solidariedade anglo-francesa, o Ministro da Guerra declarou que embora as conversações entre as autoridades militares francesas e britânicas não estabelecessem, por enquanto, nenhuma obrigação para a Inglaterra, convinha ter presente qualquer eventualidade. Se a Grã-Bretanha fosse envolvida numa guerra sua contribuição não obedeceria a nenhum preceito de responsabilidade limitada. O Estado Maior tinha preparado planos detalhados que compreendiam também o calculo da tonelagem necessária para o transporte das tropas. O problema era naturalmente muito mais complexo do que em 1914, pois o armamento era mais volumoso e pesado.

9. Embora o discurso fosse em geral bem acolhido pela Câmara dos Comuns, alguns membros da opposição opinaram que não foi bastante explícito na parte relativa ao envio de uma força expedicionaria para o continente. Por outro lado, o Senhor Duff Cooper,

Emb.Londres/88/1939/4.

Cooper, ex-Ministro da Marinha, que vem se batendo pela colaboração íntima da Grã-Bretanha com a França, declarou-se satisfeito com as afirmações do Ministro da Guerra.

10. Examinado conjuntamente com as declarações de solidariedade deste país com a França, feitas recentemente pelo Primeiro Ministro, o discurso do Senhor Hore-Belisha estabelece, sem dúvida possível, uma aliança militar entre os dois países, o que certamente contribuirá para fortalecer a atuação dos mesmos na political internacional e dará novo vigor à resistência que se vae esboçando entre os países balcanicos e da bacia do Danubio contra a penetração italo-alemã.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Représentant du Gouvernement



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 10 de Março de 1939.

No. 89

O orçamento da Marinha
de Guerra britânica para
o ano 1939-40.

634.0(60)

Me



Senhor Ministro,

O orçamento da Marinha de Guerra britânica, que acaba de ser divulgado, prevê uma despesa total para o ano financeiro de 1939-40 de £153.666.681, ou seja um aumento de £22.417.500 sobre o orçamento anterior. Dêsse total £80.000.000 será dinheiro emprestado e o resto pago com a renda da Nação.

2. O programa de construção naval do presente ano é muito maior do que o dos anos anteriores, mas além disso a execução dos programas de 1936, 1937 e 1938 chegou agora ao ponto das maiores despesas, visto que na atualidade se estão concluindo várias unidades importantes. O novo programa inclui dois encouraçados de 40.000 toneladas que custarão aproximadamente £12.000.000 cada um.

3. A marinha de guerra britânica estava deficiente em navios pequenos e o programa de 1939 prevê a construção de duas flotilhas de contratorpedeiros, constituídas por vinte navios, co-

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

Emb.Londres/89/1939/2.

como também a de dez navios mineiros. Tendo em conta os programas anteriores, mais de duzentos navios se acharão em construção nos estaleiros ingleses no ano corrente. Não obstante essa imensa atividade o Almirantado calcula que em 1940 o orçamento naval será ainda maior.

4. Os novos contratorpedeiros, destinados a comboiar os navios mercantes rápidos, receberão o mesmo armamento que os contratorpedeiros anteriores, além de artilharia anti-aerea e canhões especiais contra submarinos, mas terão velocidade muito maior.

5. O Almirantado britânico espera poder em breve tomar conta da aviação naval. O pessoal necessário está sendo recrutado e já chegou a 57% dos efetivos necessários. A aviação com bases na costa e destinada a vôos de reconhecimento, continuará, como dantes, independente da Marinha de Guerra.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji de Honra

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 15 de Março de 1939.

RESERVADO

No. 97

Compra de carne enlatada
pelo "Food (Defence Plan)
Department".

843.75(50)/42)

lvb

Senhor Ministro,



1 Chegou ao conhecimento desta Embaixada que o Food (Defence Plan) Department, do Board of Trade, entrara em negociações para a compra de uma partida de 20.000 toneladas de carne em conserva, destinada aos estoques de reserva para a eventualidade de uma guerra, em vias de constituição pelo Governo britânico. A-
veriguei simultaneamente que o Brasil não era contemplado como fornecedor e soube do representante de uma das grandes firmas importadoras de carne que as autoridades inglesas se manifestaram contrárias a que ao Brasil fosse dada uma porcentagem desse fornecimento, sob a alegação de que os regulamentos brasileiros de câmbio criavam graves dificuldades para o comércio britânico (Vi-
de ofício nº 98).

2. Desejando obter informações oficiais sobre o assunto, o qual aliás está sendo tratado confidencialmente por este Governo, visitei anteontem, a tarde, o Board of Trade, acompanhado

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado Interino das Relações Exteriores.

Emb.Londres/97/1939/2.

acompanhado do Primeiro Secretário Alencar, a quem, segundo comuniquei a Vossa Excelência (Offício nº 84) designei para substituir o Cônsul Geral Weguelin Vieira, removido para Genebra, nas Conferências Internacionais de Carne e do Açúcar, e que, desde já, tomou conta dos trabalhos respectivos.

3. O Board of Trade informou que de facto o Food (Defence Plan) Department iniciára negociações para a compra de carne em conserva, não tendo porem chegado por enquanto a resultado algum devido a dificuldades de preço. Assegurou-me o Board of Trade que de modo algum havia pensado em excluir o Brasil de entre os países fornecedores e que as 20.000 toneladas seriam repartidas na proporção verificada na importação normal de carne em conserva.

4. Fiz ver ao Board of Trade que ao Brasil, nesta compra, fóra do comércio normal, deveria caber uma proporção muito mais importante. Nas importações normais de carne em conserva obtínhamos apenas entre 2 e 3% do total, pois a base adotada pela Conferência da Carne, isto é, uma porcentagem da importação daquela mercadoria no ano padrão de Ottawa (Ottawa Standard Year) limitava nossa participação nêsse comércio. A Argentina e o Uruguai já desfrutavam, aleguei, de uma posição muitíssimo vantajosa no comércio normal de carne e era apenas equitativo que na compra contemplada pelo Food (Defence Plan) Department o Brasil fosse favorecido de algum modo, especialmente quando o período anual para a preparação da carne em conserva já terminára nas duas repúblicas platinas e pelo contrário estava no seu início atualmente no Brasil. Se o Brasil não alcançar uma proporção maior deste fornecimento - disse - isto causaria uma pessima impressão entre nós. O Senhor Jenkyns, alto funcionário do Board of Trade, com quem tive essa conversa, assegurou-me que levaria meus argumentos ao conhecimento das autoridades competentes.

5. O Secretário Alencar conversou na mesma tarde com

Emb.Londres/97/1939/3.

com o representante de uma firma importadora que o informou que as autoridades britânicas, nas negociações entabuladas com as diversas firmas aqui, haviam especificado a seguinte proporção: 75% de carne argentina, 20% uruguaia e 5% para os Dominios. No caso de que os Dominios não estivessem em condições de fornecer os aludidos 5%, ou sejam 1.000 toneladas, estas caberiam ao Uruguai. O representante de outra importante firma importadora confirmou, horas mais tarde, essas informações e disse que, em sua opinião, o Brasil estava em condições de fornecer, imediatamente, 20% da primeira metade da partida em questão, isto é 20% de 10.000 toneladas, ou sejam 2.000 toneladas, sem prejuízo algum para o movimento normal do nosso comércio de carnes em conserva.

6. Segundo as informações obtidas o Food (Defence Plan) Department oferecia pagar 10% abaixo do preço mínimo comercial (minimum trade price), preço que é fixado periodicamente pelo Board of Trade. As firmas importadoras, alegando que remessas adicionais de carne em conserva implicariam na substituição de grande número de gado vacuum, resultando em elevação do preço do gado, exigiram 10% acima do preço mínimo comercial. O Board of Trade, aparentemente, acedeu em pagar, na melhor hipótese, o preço mínimo comercial. Este, por caixa de 12 latas, de libras, é de 40/-, e de 6/3d. por 12 latas de 12 onças, para carne argentina. A carne de conserva brasileira regula a preços inferiores de 5 a 6 shillings, no que se refere às latas de 6 libras, e de 1/- para as de 12 onças, ao da carne argentina.

7. De posse das informações contidas nos parágrafos 5 e 6 do presente ofício, o Senhor Alencar voltou ontem a conversar com o Senhor Jenkyns, do Board of Trade, e lhe disse que tinha informações de que o Brasil fôra excluído nas negociações preliminares, e que isso causaria pessimo efeito no Brasil. O Senhor Jenkyns respondeu que essas informações não eram exatas e segura-

seguramente eram devidas a algum malentendido. Desde o início o Board of Trade tencionou distribuir as vinte mil toneladas entre os países que normalmente satisfazem as necessidades do mercado inglês. A pedido do Senhor Alencar o aludido funcionário dirigiu a esta Embaixada a carta junta por cópia em que repete as afirmações que acabo de narrar.

8. O Secretário Alencar, dando-se por satisfeito quanto às declarações do Senhor Jenkyns de que o Brasil não fôra excluído como país fornecedor, mostrou que era apenas equitativo que ao Brasil coubesse uma proporção maior do que a que vem fornecendo com relação à importação normal de carne em conserva estrangeira. Essa proporção, como Vossa Excelência sabe, embora não obedeça a porcentagens fixas para os diversos países - no caso, a Argentina, o Uruguai e o nosso país - praticamente se tem regido nas bases estabelecidas pela Conferência Internacional de Carnes, e dá ao nosso país apenas entre 2,7 a 3%. Renovando os argumentos aludidos no parágrafo 4 deste ofício, quanto à posição invejável desfrutada pela Argentina e o Uruguai, declarou que, no que se referia à projetada compra por parte do Governo britânico, o Brasil pretendia uma proporção muito maior, isto é, a de 20%. Como o Board of Trade desejava dividir a aquisição das vinte mil toneladas em duas parcelas iguais, das quais desejava comprar a primeira com bastante urgência, isto corresponderia a 2.000 toneladas, quantidade que o Brasil, segundo informações fidedignas que tivera, estava perfeitamente em condições de fornecer imediatamente.

9. O já referido funcionário do Board of Trade prometeu levar o pedido formulado pelo meu auxiliar ao conhecimento do Food (Defence Plan) Department.

10. Como Vossa Excelência verificou pela leitura do que vai acima, parece-me que, inicialmente, este Governo excluiu o nos-

Emb.Londres/97/1939/5.

nosso país como fornecedor, atitude que agora modificou, devido à actuação desta Embaixada, afirmando naturalmente que nunca tivera o pensamento de omitir o Brasil da lista dos países fornecedores.

11. Entretanto, se o Board of Trade divide o fornecimento das vinte mil toneladas entre o Brasil, a Argentina e o Uruguaina proporção das importações normais brasileira, argentina e uruguaia de carne em conserva, ficaremos com apenas 500 a 600 toneladas. É minha intenção fazer junto ao Foreign Office uma demarche afim de obter, se possível, os vinte por cento já anteriormente aludidos, e em todo o caso, uma porcentagem bem maior do que a que rege praticamente para as importações do comércio normal.

12. Na conversa que tive com o Board of Trade fiz alusão ao discurso pronunciado recentemente pela Embaixador Gurney na Associação Comercial do Rio de Janeiro, em que o representante diplomático da Grã-Bretanha lamentou o declínio do intercâmbio comercial anglo-brasileiro.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelencia os protestos da minha respeitosa consideração.

Réjis des loins

Emb. Londres/97/1939/Anexo.

BOARD OF TRADE
Great George Street.
S.W.1.

15th March 1939.

My dear Ambassador,

As a result of your call on Monday, I made enquiries of the Food (Defence Plans) Department, who confirmed that there was no question of excluding Brazil from the order for canned meat which was the occasion of your visit. As I told you, the allocation of the contract was intended to be on the basis of the International Beef Conference percentages. Instructions to allot the contract on this basis - should the contract in fact be placed - had already been given to the meat companies, and there is no question of any of the usual suppliers to this market being excluded if they were in a position to supply.

Believe me, my dear Ambassador,

Yours sincerely

(a) G. JENKINS

His Excellency,
the Brazilian Ambassador.

Confere

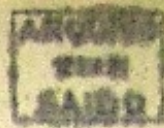
A. G. Ribeiro dos Santos

Dactilógrafo-Arquivista.

Conforme

[Signature]

Primeiro Secretário.



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 16 de Março de 1939.

EC

No. 98

Importação de carne brasileira na Inglaterra. Entrega de câmbio pelo Banco do Brasil.

843.73/60/42/

lv3

Senhor Ministro,



Tenho a honra de passar ás mãos de Vossa Excelência, em anexo, cópia de uma carta recebida da "The Union Cold Storage Co.Ltd", desta capital, de 13 do corrente, relativa ás dificuldades decorrentes para a firma em questão do sistema adotado pelo Banco do Brasil para a entrega de câmbio por parte dos exportadores de carne.

2. A firma juntou á sua carta uma estatística, segundo a qual, na semana que terminou em 10 do corrente, o preço médio para a carne refrigerada brasileira foi de 4.555 dinheiros por libra, o que corresponde a 2.621 dinheiros por libra F.O.B. A firma receberá instruções do Banco do Brasil para depositar 4 1/2 d F.O.B., por libra para as remessa em questão. A diferença entre o depósito por libra de carne F.O.B. e o preço de venda realizada F O.B. foi assim de 1.629 dinheiros.

3. A firma acreditou que os preços fixados seriam ajus-

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

Emb.Londres/98/1939/2

ajustadas semanalmente. Assim, se numa semana o preço fixado fosse demasiado alto, na semana seguinte o mesmo seria fixado proporcionalmente abaixo do do mercado. Alega que exatamente o contrário se tem dado e que nessas condições se vai tornando impossível o comércio da importação de carne brasileira.

4. Alega ainda a aludida firma que as mesmas dificuldades cambiais se vão dando com relação á carne congelada e diz haver recebido telegrama de seus representantes em São Paulo, comunicando que o Banco do Brasil no Rio Grande do Sul estava exigindo 3.41 dinheiros por libra F.O.B., exigência também formulada pelo Banco do Brasil em São Paulo, quando o preço de venda atual dessa carne é aproximadamente 2 1/2 dinheiros F.O.B., preço que muito possivelmente poderá ainda baixar antes da chegada da remessa. A Union Cold Storage Co.Ltd viu-se assim obrigada a dar instruções aos seus representantes no sentido de recusar o embarque da remessa e escreveu protestando ao referido Banco.

5. Como as dificuldades cambiais que acabo de apontar estão prejudicando seriamente a nossa importação de carne neste mercado, muito agradeceria a Vossa Excelência se dignasse mandar dar as necessárias ordens afim de que o assunto seja examinado com a possível urgência pelas autoridades competentes.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Rafael de Souza

Emb. Londres/98/1939/Anexo.

THE UNION COLD STORAGE COMPANY Ltd

14, West Smithfield,

London E.C.1.

13 March 1939.

H.E. The Brazilian Ambassador,
The Brazilian Embassy,
19 Brook Street, London W.1.

Your Excellency,

We have now received the prices realized for Brazilian chilled hinds for the week ending 10th March, and you will see that the average price for this period is 4.555d per lb. which is equal to 2.621d F.O.B. As you probably know we are instructed by the Bank of Brazil to draw at 4 1/4d F.O.B. for these shipments, and I am enclosing a statement which shows exactly how much Sterling we have had to send out to Brazil more than the meat has realized on shipments we have made to date. From this you will see that each week we have been having to send more and more Sterling out to Brazil than we have sold the meat for, until last week there was a difference of 1.629d between drawing value F.O.B. and realisation value F.O.B.

You will remember during our conversation with you some weeks ago you pointed out that these values would be adjusted from week to week. In other words, if we were over-declared for one week, an adjustment would be made so that we should be straight the following week. As you can see for yourself, the exact reverse has taken place, and each week the over-declared figure has been increased. As you can quite see, at this rate it is getting quite impossible for us to continue with the business.

Not only are they doing this on chilled beef but this morning we received a cable from our people in São Paulo advising that the Bank of Brazil in Rio Grande do Sul had insisted on us drawing at 3.41d per lb. F.O.B. for Brazilian frozen beef hinds and that the Bank in São Paulo were also insisting on the same drawing value.

Our realization value for Brazilian frozen beef hinds is at the moment approximately 2 1/2d F.O.B., and it is quite possible by the time this shipment arrives the price will be still lower. As a result we have had to instruct our people to refuse to load the shipment and to send a written protest to the bank.

We should very much appreciate it if you would take this matter up with your Government as it is very seriously affecting our business.

I have the honour to be,

Your Excellency's obedient servant

(a) T. HANBAY

Confere

W. G. Ribeiro do Santos
Dactilógrafo-Arquivista.

Conforme

João de Deus
Primeiro Secretário.

Emb. Londres/98/1939/Anexo

BRAZILIAN CHILLED HINDS

<u>Week Ending</u>	<u>Average Gross Selling Price</u>	<u>Equal to F.O.B.</u>	<u>Drawings</u>	<u>Over- Declared</u>
18.2.39	5.51	3.576	3.75	.174
24.2.39	5.19	3.256	3.75	.494
4.3.39	4.88	2.946	4.25	1.304
11.3.39	4.555	2.621	4.25	1.629

Confere

Alb. Ribeiro de Santos

Dactilógrafo-Arquivista

Conforme

José de Almeida

Primeiro Secretário



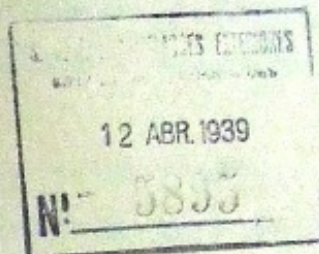
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 17 de Março de 1939.

No. 99

Esfacelamento da
Tchecoslováquia.

900.1(608)
MB



Senhor Ministro,

A melhoria na situação europeia que as declarações ministeriais davam a entender e que se refletia até há poucos dias tão favoravelmente na Bolsa de Londres, barometro em geral seguro para registrar variações de atmosfera politica, parece não era confirmada pelas informações que chegavam ao Foreign Office.

2. A imprensa, quasi que unanimemente acentuava esta nota de otimismo sobre a situação internacional. O fim da guerra na Espanha estava à vista e assim removida uma das fontes potenciais de perturbação. Acreditava-se depois da visita de Chamberlain à Roma que a Italia estava apenas fazendo um jogo de ameaças para negociar e que se contentaria com concessões razoaveis. Das conversas do Primeiro Ministro com o Chefe da Frente Operaria, Doutor Ley, um dos leaders extremistas do nazismo, se vislumbra uma disposição amistosa para com a Grã-Bretanha, ilusão rudemente sacudida pelo subsequente discurso deste em Berlim, na Segunda-Feira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

Feira ultima, exigindo a devolução das colonias.

3. O otimismo do Primeiro Ministro chegava ao ponto de admitir a possibilidade de se encarar um acôrdo para a limitação de armamentos, o que foi lastimavelmente interpretado nos paises totalitários como um reconhecimento da irremediável inferioridade franco-britânica.

4. Aliás, já desde Munich se vem percebendo o afastamento gradual em que é mantido o Foreign Office, o que era perceptível das evasivas e quasi laconicas informações que se obtinha dos altos funcionários daquele Ministério.

5. Tal interpretação dos acontecimentos obedecia evidentemente a um "mot d'ordre" de Downing Street, explicativo das recentes esperanças dadas ainda no dia 10 pelo Home Secretary de um "boom" nos proximos cinco anos com perspectivas de brilhante prosperidade.

6. Foi pois com surpresa geral para a opinião pública que Hitler desferiu o seu último golpe.

7. O rearmamento inglês em ritmo acelerado, a firmeza cada dia maior da "Entente Cordiale" e certas fraquezas internas que se começa a aperceber na Italia, levaram-no a decidir a marcha repentina sobre a Tchecoslováquia, optando Hitler por este dentre os diversos planos de ação que tinha na algibeira para todas as eventualidades.

8. A estratégia empregada foi mais uma vez a sua já bem conhecida - das tres fases: 1) afirmações pacifistas proclamadas ao mundo; 2) perturbações internas pela ação insidiosa dos agentes nazistas no pais vizinho e 3) invasão armada ou ameaça de invasão, tão cedo se manifestam os sinais da desagregação e se apresenta a oportunidade propicia.

9. Assim Hitler, em 30 de Janeiro, proclamava ainda as suas intenções amistosas para com os paises vizinhos e formulava votos por que lograsse a Tchecoslovaquia a paz e a ordem internas.

internas.

10. Seguem-se os incitamentos aos pruridos de independência da Slovaquia, a rebelião da Guarda-Hlinka contra Praga, obra de seus propagandistas sediciosos, e, finalmente, pela ameaça de invasão e bombardeio de Praga, força a capitulação da República que, para mais fácil incorporação, divide em três Províncias-Protetorados, Bohemia, Moravia e Slovaquia - as duas primeiras meros estados vassallos, e a 3a. com o privilégio de aliada e vassal-la.

11. O benefício material decorrente deste inaudito atentado ao Direito das Gentes consiste na transferencia para Berlim de uma oportuna reserva em ouro e divisas superior a 225 milhões, 1.500 aviões militares e civis, as usinas de Skoda e Brun, mais o magnifico material bélico, com a sua artilheria pesada, das 35 divisões do exército tcheco, aliviado dest'arte o programa do rearmamento alemão, sem falar no abundante estoque ferroviário, também altamente necessitado pelo Reich.

12. Não só toma a Alemanha outra iniciativa na Europa, transtornando novamente o equilibrio de forças, como dá mais um passo na penetração rumo à Europa Central e balkanica, podendo-se prever para breve a dominação da Albania pela Italia e a desagregação de Iugoslavia, onde já fermenta o separatismo croato.

13. Também na Rumania o conflito aberto entre o Rei e a Guarda de Ferro é um incitamento a que ela repita os mesmos metodos, e consolide definitivamente o ascendente do Eixo Berlim-Roma sobre o Mediterraneo.

14. Como informei a Vossa Excelência no meu telegrama de hoje, nº 21, visitei ontem o Subsecretário de Estado das Relações Exteriores, cujas declarações me deixaram a impressão de reinar a consternação no seio do Governo britânico, em face dos acontecimentos que significam o colapso da politica de apazigua-

apaziguamento do Senhor Chamberlain, que até agora continuava a hesitar em tomar a atitude energica reclamada pela situação internacional e necessária para resalvar o prestigio do Império.

15. O tom geral de indignação de toda a imprensa contra o hoje indisfarçado imperialismo alemão exige uma repulsa energica, impondo-se, segundo ela, a retirada imediata do Embaixador de Berlim. Como declarou hontem na Camara o Senhor Chamberlain e

hoje re-afirmou Sir John Simon, esse chamado está em consideração.

16. O "Times", primeiro responsavel pelo esfacelamento da Tchecoslováquia, naquele escandaloso editorial de Setembro, que revelou as conclusões do mediador Lord Runciman, ontem e hoje, em dois editoriais sucessivos, fulmina nos termos mais severos o homem que, até ha pouco, denunciava a paz dos "Diktats" e agora a impoe a um povo que não a ameaçava e estava pronto a todas as concessões. Desmascara os metodos brutais do "Atila" (assim estimatizou o Fuehrer o "Evening Stardand" de ontem) e do Nazismo, cujos agentes se servem das minorias alemãs residentes nos países marcados pelo seu Imperialismo para exacerbar as rixas locais, para exercer a intimação sobre os inimigos do regime e para preparar o pretexto para a intervenção armada.

17. Conversando com o Ministro da Guerra, vim a saber que a resposta que êle desejaria dar ao gesto alemão e a mais adequada será a introdução imediata do serviço nacional obrigatório, contra o qual era até agora infenso o Primeiro Ministro e havia um compromisso com os elementos laboristas para só se impor esta medida após uma eleição geral. Disse-me êle também que uma das razões para a repulsa ao serviço militar era o prejuizo que o afastamento mesmo temporario de braços jovens traria à indústria do país.

18. Soube também da mesma fonte que embora sem recomposição ministerial, cogita-se seriamente de angariar a colaboração do Senhor Anthony Eden no Gabinete.

Gabinete.

19.

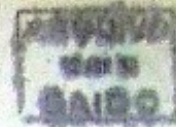
É de toda importância para os Governos democráticos que reajam como estão fazendo as imprensas dos respectivos países, sem o que o General Franco não poderá resistir à pressão que os seus aliados alemães e italianos estão exercendo para que adira ao pacto anti-comintern e ligue os destinos da Espanha ao dos Estados totalitários. Franco não tem esse desejo, diz-se, mas se não perceber sinais de vigor e determinação por parte da França e da Grã-Bretanha, principalmente desta última, ele não terá outra alternativa.

20.

O Primeiro Ministro falará hoje em Birmingham para anunciar a sua esperada declaração sobre a política britânica em relação à quebra do pacto de Munich. Tem-se como certo que se não contiver uma repulsa firme e uma negativa de reconhecimento à violação alemã, sua própria situação pessoal será posta em jogo. Dentro do partido conservador, segundo os jornais da tarde, já se manifesta uma clara deliberação de repúdio à política de "appeasement". Os socialistas estão preparando uma violenta campanha contra o Senhor Chamberlain e a favor de um Governo Nacional de base mais ampla, continuando a se opor, mesmo no momento, ao serviço militar obrigatório.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reis do Reino



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 17 de Março de 1939.

RESERVADO

No. 102

Compra de carne enlatada
pelo Food (Defence Plan)
Department.

843.78 (60) (42)
LVB



Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício reservado n.º 97, de 15 do corrente, cabe-me levar ao conhecimento de Vossa Excelência que acabo de ser informado pelo representante de uma firma importadora de carne aqui que o Food (Defence Plan) Department resolveu reduzir a quantidade de carne em conserva que desejava comprar, de 20 mil para 18 mil toneladas, devendo as mesmas ser distribuídas na proporção seguinte: Argentina 75%; Uruguay 20%; Brasil e Paraguai 5%.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do Hoie

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 22 de Março de 1939.

No. 111

A situação
internacional.

900.1(600)

MB

Senhor Ministro,



A imediata suspensão da visita de Sir Oliver Stanley e do Senhor R.S. Hudson a Berlim, para celebrarem um acordo comercial, e o implícito abandono do entendimento preliminar, firmado em Dusseldorf, pelos representantes da indústria britânica com os da indústria alemã, alias severamente criticado aqui e nos Estados Unidos, foi a primeira demonstração do repúdio ostensivo à anexação da Tchecoslováquia pela Alemanha.

2. Em seguida, Lord Halifax foi autorizado a entabular consultas com a França, a Rússia e os Estados balcânicos sobre o modo de opor resistência à Alemanha, caso ela procure estender as suas agressões além das fronteiras da Tchecoslováquia.

3. Ao convite logo transmitido pelo Embaixador dos Soviets em Londres para a reunião de uma Conferência de seis Potências em Bucarest atalhou o Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico ser a mesma prematura e talvez mais expedito o entendi-

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

entendimento direto dos Gabinetes por via diplomatica. Este Govêrno está igualmente empenhado em averiguar até que ponto os vizinhos da Rumania estão prontos a defende-la na hipótese de uma nova agressão alemã.

4. A atitude desses países será ditada pelo grão de firmeza com que as Chancelarias de Londres e Paris tomarem posições. Daí na sua declaração de Birmingham, o Senhor Chamberlain ter afirmado que a Grã-Bretanha não se desinteressa pela sorte dos Estados do oriente europeu.

5. Outra medida e essa da maior relevância e significação para o Estado Maior alemão, é a da conscrição, a qual se espera depois dos discursos do Senhor Chamberlain no dia 17 e de Lord Halifax no dia 20, na Casa dos Lordes, que modificaram radicalmente a politica externa da Grã-Bretanha.

6. Depois de Munich a opinião publica mostrava-se dividida quanto à politica apaziguamento; mas agora esta cisão desapareceu. Em seu lugar cresce aos olhos de todos, com uma ênfase cada vez maior, a necessidade da conscrição.

7. Ontem na Camara dos Comuns um grupo de parlamentares conservadores mostrou-se favoravel à medida, por ser evidente que a situação internacional está a exigir um grão de eficiência que não se obtem com o simples serviço voluntário. Ela também se impõe para estimular confiança entre as demais nações, receiosas da indecisão britânica.

8. É claro que a unica resistência que poderá deter uma ofensiva alemã, declarada a guerra, é a linha Maginot, vencida a qual, a França ficaria à mercê do invasor. Derrotada ela e paralizada que seja, nenhuma outra barreira poderá ser oposta ao domínio da Europa pela Alemanha, sinão mundial. Pouco lhe valerá a defesa aerea ou o poderio naval das frotas aliadas, se a linha

linha Maginot ceder. Daí a importância vital do apoio britânico à França com todo o seu exército e as suas reservas, na retaguarda. O preparo, portanto, das dezenove divisões anunciado pelo Ministro da Guerra, foi uma medida de maior importância que a da própria defesa coletiva. Para o eficaz levantamento dessas reservas faz-se mister o serviço militar obrigatório.

9. O Governo parece decidido a final a executá-lo. A única oposição surge das Trade Unions e do partido socialista. Ha tres anos aquelas votaram uma moção contraria à medida sob qualquer forma. E o partido socialista a julga oposta à liberdade individual e à democracia. O Governo espera vencer ambas resistencias e, se preciso for, recorrerá a uma eleição geral que exprima a vontade do povo.

10. Ameaçados de invasão, é obvio que os países balcânicos tudo esperam do maior ou menor gráo de proteção que lhes possam oferecer a França e a Grã-Bretanha. Se as duas potencias não revelarem a firme resolução de saírem a campo em sua defesa, não lhes caberá outra alternativa que a de submeter-se às imposições alemãs.

11. A declaração insuficiente do Senhor Chamberlain não supre as garantias específicas que a Polonia, a Rumania ou a Iugoslavia, mais imediatamente expostas, exigirão para empreenderem uma ação conjunta como a agora proposta pelo Senhor Chamberlain.

12. Ao passo que este país ainda está na fase das consultas sobre o que deve fazer em caso de nova agressão - e esta já surgiu para passar despercebida no caso de Memel - os Estados Unidos acabam de dar expressão official ao seu protesto contra a aneção da Tchecoslovaquia, não reconhecendo a legalidade do acto. Já impuzeram novas tarifas quasi proibitivas, mostrando como um país fora da Liga, recorreu praticamente às sanções economicas, previstas pelo Artigo 16 do Pacto, contra os agressores.

13.

As sugestões da missão economica alemã em Bucarest,

Bucarest, no sentido de que a Rumania deva progressivamente desmantelar o seu parque industrial para voltar à condição de Estado puramente agrícola e para que seja dado à Alemanha o monopólio das exportações daquela, em troca da garantia das suas fronteiras e da sua independência, são características da mentalidade imperialista que dirige os destinos do 3º Reich. Elas revelam um propósito de criar uma espécie de doutrina de Monroe para a Europa danubiana e balcânica sob a direção económica e política da Alemanha.

14. A Rumania regeitou-as, é certo, e a Missão económica voltou ao seu país para pedir novas instruções. Entretanto, receioso de ter ido longe demais no seu alarme e de provocar a irritação de Senhor Hitler, o Governo rumão desmentiu a natureza do ultimatum e não prosseguiu nos preparativos belícos encetados. Esse desmentido, aliás, significa apenas uma porta deixada aberta que permita aos negociadores alemães o recuo de uma situação difícil. Em suma, como Vossa Excelência vê, a situação continua muito tensa e reina grande inquietação sobre o futuro nos círculos políticos e diplomáticos.

15. Segundo o correspondente diplomático do "Daily Telegraph" (20 de Março), os acontecimentos que precederam a invasão alemã da Tchecoslováquia, ter-se-iam passado do seguinte modo: Na tarde de 14 de Março, o Ministro do Reich em Praga convidou o Presidente Hacha e o Ministro das Relações Exteriores Chvalkovsky a irem conversar em Berlim com o Chefe do Governo alemão. Recebidos com todas as honras militares, foram conduzidos imediatamente à Chancelaria, onde eram esperados pelos Senhores Hitler, Goering e Ribbentrop. Numa mesa ao centro da sala encontrava-se um documento anunciando a abdicação da soberania tcheca e um memorandum determinando a futura administração da Bohemia e da Moravia. Hitler explicou em poucas palavras o que esperava do Presidente tcheco e os termos irrevocáveis da sua decisão. Informou-lhe que Praga

Emb.Londres/111/1939/5.

Praga seria ocupada pelas tropas alemãs na manhã seguinte e que qualquer resistencia seria esmagada. Acto continuou, apoz a sua assinatura no documento e retirou-se. Era 1.30 da madrugada. Os dois estadistas tchecos protestaram em vão contra a violencia. Recusaram-se a aceita-la, declarando o Senhor Hacha que nenhuma raça branca fôra jamais submetida à brutalidade igual. Os Ministros alemães, irredutíveis, continuaram a pressão sobre as vítimas dessa cilada. Ameaçaram-nos implacavelmente com a destruição de Praga, mediante o bombardeio por oitocentos aviões prestes a levantar o vôo para esse fim, caso as assinaturas não fossem apensas até às 6 horas da manhã. O Presidente tcheco, submetido a tamanha tortura moral, sucumbido, tentou ainda comunicar-se com o Governo em Praga. Foi lhe negado uma linha de telefone. As 5.30 teve que ser reanimado por meio de injeções e com a resistencia alquebrada ante a terrivel alternativa, assinou o documento que poz dramaticamente fim à existencia da Tchecoslovaquia como nação soberana.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rejia das hour



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 23 de Março de 1939.

RESERVADO

No. 113

Compra de carne em conserva pelo
"Food (Defence Plan) Department."

845.75(50)(42)

lv3



Senhor Ministro,

Referindo-me á compra projetada pelo "Food (Defence Plan) Department" de 20.000 toneladas de carne em conserva, (vide officio reservado No. 97, de 15 do corrente), tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência as últimas informações sobre o assunto.

2. O "Food (Defence Plan) Department" resolveu reduzir a quantidade total de 20.000 para 18.000 toneladas, adquirindo imediatamente a parcela de 5.000 toneladas. Essas 5.000 toneladas, ou sejam 100.000 hundredweight, serão divididas, segundo presente decisão do Board of Trade, na seguinte proporção : Argentina 75%, Uruguai 20%, Brasil e Paraguai 5%. Assim já o Board of Trade modificou a sua attitude original que era de excluir totalmente o Brasil, embora, evidentemente, a porcentagem que nos é atribuída seja muito pequena. Aliás, como tive a honra de informar Vossa Excelência, insisti pessoalmente

A Sua Excelência o Senhor Douto Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado Interino das Relações Exteriores.

pessoalmente, tanto no Foreign Office como no Board of Trade, e por intermédio do Secretário Senhor José de Alencar, por que fosse atribuída ao Brasil a percentagem de 20% do total, ponto de vista que amanhã hei de expor novamente ao Senhor Oliver Stanley, Presidente do Board of Trade.

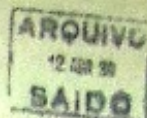
3. A decisão de reduzir a quantidade de 20.000 toneladas para 18.000 toneladas, ou seja de 10%, do "Food (Defence Plan) Department", muito possivelmente significa a intenção de distribuir esses 10%, ou 2.000 toneladas, aos Domínios, aos quais, de acôrdo com o esquema original, cabiam 5%, ou 1.000 toneladas.

4. O interesse demonstrado pelo Board of Trade em atribuir uma parte dos 5% restantes ao Paraguai, país que nem sequer figura separadamente nas estatísticas, parece ser devido ao fato de que no Paraguai se acha localizada uma usina da firma Liebig, de nacionalidade uruguaia mas de capitais ingleses.

5. Uma das firmas muito interessadas em que o Brasil obtenha uma percentagem importante na compra do "Food (Defence Plan) Department" é a S.A.Frigorífico Anglo, que tem duas novas usinas de carne em conserva, uma em Mendes e outra em Barretos. Como esta firma é inglesa, espero poder convencer o Board of Trade de que é também de interesse da Inglaterra atribuir-nos uma parcela equitativa do fornecimento total para o "Food (Defence Plan) Department".

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Repi de Souza



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 23 de Março de 1939.

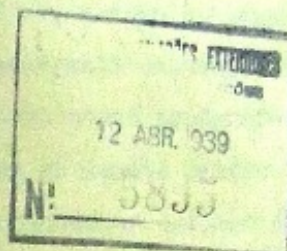
No. 114

O comércio anglo-alemão.
Acôrdo realizado entre a
Federação das Indústrias
Britânicas e a "Reichs-
gruppe Industrie".

890.(81)(60)

lvb

Senhor Ministro,



O acôrdo realizado ha dias, na véspera do golpe alemão contra a Tchecoslováquia, entre a delegação da Federação das Indústrias Britânicas e a "Reichsgruppe Industrie", provocou fortes críticas nos círculos financeiros e comerciais ingleses, críticas devidas, em parte, ao fato de haver sido publicado, inicialmente, um resumo errado do texto, como confessa o "Financial News", cujo editorial do dia 20 do corrente (Anexo II), atacou violentemente o acôrdo. Evidentemente os acontecimentos políticos, por sua vez, solaparam gravemente o valor do ajuste, considerando-se na City que era difícil, senão impossível, depois do rapto tchecoslovaco, pôr ré em qualquer documento assinado pelos alemães.

2. Consta que vários govêrnos, inclusive o dos Estados Unidos, manifestáram certa apreensão a respeito do acôrdo. O tratado de comércio anglo-americano não permite á Grã-Bretanha

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

Grã-Bretanha fazer qualquer discriminação contra o comércio dos Estados Unidos nos confins do Império britânico. Entretanto, no projeto do acôrdo em questão, a Federação das Indústrias Britânicas concordou com a "Reichsgruppe Industrie" em solicitar o auxilio dos seus governos respectivos "... quando as vantagens do acôrdo forem anuladas pela concorrência anti-econômica das indústrias de um outro país". Segundo outro parágrafo do acôrdo, antes de iniciar negociações com os demais países "... a Alemanha e a Grã-Bretanha deviam empreender um esforço conjunto para aumentar o consumo mundial de mercadorias britânicas e alemãs..". O "Financial News" interpretou os parágrafos acima citados como significando que a Grã-Bretanha e a Alemanha empreenderiam conjuntamente uma campanha comercial para eliminar os seus concorrentes dos mercados mundiais. Parece, entretanto, segundo confessa o mesmo jornal, que houve certo malentendido, devido á falta de precisão na tradução do texto alemão, não concordando este, por sua vez, com o texto inglês.

3. Mesmo assim, diz o "Financial News", o acôrdo não significa nada menos do que uma aliança econômica completa entre os dois países, e dá uma orientação inteiramente nova á política comercial da Grã-Bretanha. Sendo essa aliança evidentemente extensível a outros países, a sua base, entretanto, é anglo-alemã, e mesmo, em última instância, simplesmente alemã. Afim de tornar efectivos os acôrdos entre as varias indústrias, cujo objetivo é, entre outros, aumentar os preços, impôr-se-ia a organização da indústria britânica para "... assegurar tanto quanto possível, uma cooperação completa em toda a estrutura industrial...". Em outras palavras, de acôrdo com o modelo alemão, a indústria britânica seria "cartelizada".

4.

Continuando seu exame do acôrdo, o "Financial News"

News" aponta que um dos seus objectivos é de "...prover ás importâncias de moeda estrangeira indicadas pelas necessidades económicas dos seus assinatarios..", o que, interpretado, significa que o objectivo inglês em assinar o acôrdo é solucionar o problema da Alemanha da falta de câmbio estrangeiro, contribuindo, assim, para a expansão do seu programma de rearmamento !

5. Evidentemente, o momento internacional não podia haver sido menos propicio para a negociação de tal acôrdo, o qual, tudo o indica, ainda fazia parte da politica, hoje enterada, de apaziguamento do Senhor Neville Chamberlain.

6. A Federação das Indústrias Britânicas está sendo muito criticada por não haver ainda cancelado o acôrdo realizado com a "Reichsgruppe Industrie", em vista dos últimos acontecimentos internacionais. Por outro lado, a City aprovou fortemente a declaração feita pelo Visconde Halifax, Ministro das Relações Exteriores, de que o govêrno britânico não reataria a sua iniciativa no sentido de concluir um acôrdo comercial com a Alemanha. Seja como fôr, o fato de que a Federação Britânica tenha podido realizar um acôrdo nas linhas indicadas, francamente prejudicial para o comércio anglo-americano, sem falar nos demais países, e a relutância até agora demonstrada em denuncia-lo, certamente não causou boa impressão nos Estados Unidos.

7. No anexo I encontra-se o texto divulgado nos jornais, de acôrdo em questão.

Aproveito o ensêjo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Reps de Loure

The Union has been working hard to develop its own armaments, but it will be unable for technical reasons to make the necessary rifles and machine-guns unless the Government is prepared to spend millions. It has been feared that the most promising chances to South African firms owing to the comparative simplicity of their construction. Experiments made in a country have been made on the principle of ammunition in the Union, but only the simplest and small classes have yet been attempted. Aerial bombs are among these. Although the production of anti-aircraft shells, ammunition for A.S. howitzers and 15-pound shells is also contemplated.

"FINANCIAL NEWS"

Londres, 21 de Março de 1939.

CURRENCY FOR GERMANY

The City will strongly approve Lord Halifax's announcement that the Government will not resume its initiative to secure a trade agreement with Germany. Such a statement, of course, is the very least that the Government could have made. To sign, or to encourage other people to sign, an agreement with the German Government at the present moment would not only be folly in itself, but would by alienating our potential allies be nothing short of disastrous. But this announcement, by itself, is not enough. The Federation of British Industries shows no sign of cancelling the agreement, nor does it seem to be in any way affected by the events of the last week. In essence, therefore, the talks are still on, and while the agreement remains undenounced there is no guarantee that it will not be ultimately translated into fact. The British Government may not be supporting the agreement and the course of policy contained therein. But the Federation of British

Since 1936 he has been on leave from University.

and subsequently professor of law at Yale later he became successively assistant professor of law, associate professor of law, and became lecturer in law at Columbia in 1933. admitted to the New York Bar in 1936 and Mr. Douglas is 40 years of age. He was yet in the last two years.

Supreme Court made by President Roosevelt.

This is the fourth appointment to the Court in succession to Mr. Justice Brandeis.

Exchange Commission, to the Supreme Douglas, chairman of the Securities and

WASHINGTON, March 20.—President Roosevelt has nominated Mr. William O. Douglas, chairman of the Securities and

MR. WILLIAM DOUGLAS S.E.C. CHIEF FOR SUPREME COURT

WASHINGTON, March 20.—President Roosevelt has nominated Mr. William O. Douglas, chairman of the Securities and

that, before the termination of the three years, it would be possible to negotiate for a more adequate settlement. Hereafter,

The Council contended that the offer was unjustifiably low, but expressed the hope that no better offer had been made which could be recommended to bondholders as

The Council expressed disappointment in the amount of the coupons, but

coupons on the basis of 1 per cent, per contractual interest service and over the next three years for 30 per cent, of the coupons of dollar bonds maturing within

that Costa Rica is offering to purchase

SOROCABANA RAILWAY

Port of the station by passenger car

Station	Distance	Time	Rate
Montevideo	100	10	1.00
San Carlos	120	12	1.20
San Juan	140	14	1.40
San Pedro	160	16	1.60
San Antonio	180	18	1.80
San Miguel	200	20	2.00
San Gabriel	220	22	2.20
San Rafael	240	24	2.40
San Marcos	260	26	2.60
San Mateo	280	28	2.80
San Lorenzo	300	30	3.00
San Bartolome	320	32	3.20
San Sebastian	340	34	3.40
San Cristobal	360	36	3.60
San Andres	380	38	3.80
San Felipe	400	40	4.00
San Marcos	420	42	4.20
San Mateo	440	44	4.40
San Lorenzo	460	46	4.60
San Bartolome	480	48	4.80
San Sebastian	500	50	5.00
San Cristobal	520	52	5.20
San Andres	540	54	5.40
San Felipe	560	56	5.60
San Marcos	580	58	5.80
San Mateo	600	60	6.00
San Lorenzo	620	62	6.20
San Bartolome	640	64	6.40
San Sebastian	660	66	6.60
San Cristobal	680	68	6.80
San Andres	700	70	7.00
San Felipe	720	72	7.20
San Marcos	740	74	7.40
San Mateo	760	76	7.60
San Lorenzo	780	78	7.80
San Bartolome	800	80	8.00
San Sebastian	820	82	8.20
San Cristobal	840	84	8.40
San Andres	860	86	8.60
San Felipe	880	88	8.80
San Marcos	900	90	9.00
San Mateo	920	92	9.20
San Lorenzo	940	94	9.40
San Bartolome	960	96	9.60
San Sebastian	980	98	9.80
San Cristobal	1000	100	10.00

CURR MARKET

Commodity	Price
Wheat	1.00
Corn	0.80
Soybeans	1.20
Cotton	0.60
Wool	1.50
Gold	100.00
Silver	50.00
Diamonds	100.00
Jewelry	100.00
Artwork	100.00
Antiques	100.00
Books	100.00
Records	100.00
Furniture	100.00
Electronics	100.00
Automobiles	100.00
Real Estate	100.00
Insurance	100.00
Banks	100.00
Stocks	100.00
Bonds	100.00
Options	100.00
Futures	100.00
Commodities	100.00
Metals	100.00
Minerals	100.00
Energy	100.00
Water	100.00
Air	100.00
Sea	100.00
Land	100.00
Space	100.00
Time	100.00
Money	100.00
Power	100.00
Heat	100.00
Cooling	100.00
Lighting	100.00
Sound	100.00
Visual	100.00
Communication	100.00
Transportation	100.00
Information	100.00
Entertainment	100.00
Education	100.00
Health	100.00
Food	100.00
Drink	100.00
Accommodation	100.00
Travel	100.00
Leisure	100.00
Business	100.00
Government	100.00
Industry	100.00
Commerce	100.00
Finance	100.00
Law	100.00
Medicine	100.00
Religion	100.00
Philosophy	100.00
Science	100.00
Technology	100.00
Art	100.00
Literature	100.00
History	100.00
Geography	100.00
Mathematics	100.00
Physics	100.00
Chemistry	100.00
Biology	100.00
Psychology	100.00
Sociology	100.00
Anthropology	100.00
Linguistics	100.00
Philology	100.00
Archaeology	100.00
Numismatics	100.00
Palaeontology	100.00
Botany	100.00
Zoology	100.00
Ecology	100.00
Environmental Science	100.00
Earth Science	100.00
Astronomy	100.00
Space Science	100.00
Computer Science	100.00
Information Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.00
Management Science	100.00
Operations Research	100.00
Systems Science	100.00
Interdisciplinary Science	100.00
Transdisciplinary Science	100.00
Convergent Science	100.00
Divergent Science	100.00
Emergent Science	100.00
Complex Science	100.00
Adaptive Science	100.00
Resilient Science	100.00
Robust Science	100.00
Fault-Tolerant Science	100.00
Secure Science	100.00
Privacy Science	100.00
Integrity Science	100.00
Accountability Science	100.00
Transparency Science	100.00
Open Science	100.00
Collaborative Science	100.00
Participatory Science	100.00
Democrat Science	100.00
Human Science	100.00
Life Science	100.00
Physical Science	100.00
Earth Science	100.00
Space Science	100.00
Information Science	100.00
Computer Science	100.0



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

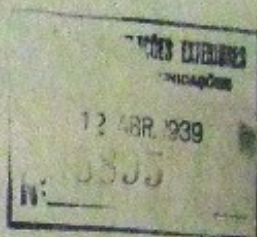
Londres, em 23 de Março de 1939.

No. 115

Declarações do 1º Ministro
e do Secretário dos Negó-
cios Estrangeiros.

900.11(600) *[Handwritten signature]*

Senhor Ministro,



Em aditamento aos meus officios Nos. 99 e 111, de
17 e 22 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa
Excelência os inclusos recortes do "Times", contendo o texto
do discurso do Primeiro Ministro, Senhor Neville Chamberlain,
pronunciado na semana passada em Birmingham e o das declarações
do Secretário dos Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, na Câmara
dos Lords, sobre a situação internacional.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelên-
cia os protestos da minha respeitosa consideração.

Reza de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Cyro de Freitas Valle,
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

"THE TIMES"
Londres, 18 de Março de 1939.

THE GERMAN COUP PRIME MINISTER'S PROTEST BRITISH STAND FOR LIBERTY

The Prime Minister spoke on the events of the week in Central Europe when he addressed a great gathering last night at the annual meeting of the Birmingham Liberal Association. The speech was broadcast in the Empire and America.

Mr. Chamberlain said:
It has been said that I am a seer. I am not. I am a politician. I am a politician who has tried to keep the peace, but I am not a politician who has tried to keep the peace. I am a politician who has tried to keep the peace, but I am not a politician who has tried to keep the peace. I am a politician who has tried to keep the peace, but I am not a politician who has tried to keep the peace.

I had meant to speak to you upon a matter of deep importance, and upon a matter of deep importance. I had meant to speak to you upon a matter of deep importance, and upon a matter of deep importance. I had meant to speak to you upon a matter of deep importance, and upon a matter of deep importance. I had meant to speak to you upon a matter of deep importance, and upon a matter of deep importance.

THE SHARPEST SHOCK
One thing is certain. Public opinion in the world has been shocked. Public opinion in the world has been shocked. Public opinion in the world has been shocked. Public opinion in the world has been shocked. Public opinion in the world has been shocked.

But I want to say something first about an episode which has developed out of these events and which was used in that debate, and which appeared in various organs of the Press. It has been suggested that this episode of the visit which I paid to Germany was a mere coincidence. It was not. It was not a coincidence. It was not a coincidence. It was not a coincidence. It was not a coincidence.

THE MUNICH VISIT

Let me explain that. When I decided to go to Germany I never expected that I was going to make a crisis. Indeed, I did not go there to make a crisis. I went there to make a crisis. I went there to make a crisis. I went there to make a crisis. I went there to make a crisis.

PEACE OF EUROPE SAVED

Well, I have now decided that the terms which I was able to secure in Munich were the best that I could have secured. I have now decided that the terms which I was able to secure in Munich were the best that I could have secured. I have now decided that the terms which I was able to secure in Munich were the best that I could have secured.

THE TIMES SATURDAY MARCH 18

of which (after the German) that Hitler himself declared the success of the revolution in the speech which he made in the Reichstag. When he said that the revolution was successful, he was not saying that the revolution was successful. He was not saying that the revolution was successful. He was not saying that the revolution was successful.

SHATTERED HOPES

Well, in view of these repeated assurances given publicly to me, I considered myself entitled to assume that the policy of appeasement was a policy of appeasement. I considered myself entitled to assume that the policy of appeasement was a policy of appeasement. I considered myself entitled to assume that the policy of appeasement was a policy of appeasement.

ROAD OF THE PEACEMAKER

The road of the peacemaker is often a lonely one. The road of the peacemaker is often a lonely one. The road of the peacemaker is often a lonely one. The road of the peacemaker is often a lonely one. The road of the peacemaker is often a lonely one.

And so the peace-maker is often a lonely one. And so the peace-maker is often a lonely one. And so the peace-maker is often a lonely one. And so the peace-maker is often a lonely one. And so the peace-maker is often a lonely one.



A telegraphed picture showing Mr. Chamberlain speaking.

There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis.

WHAT RELIANCE?

There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis.

ENGLISHMAN KIDNAPPED AND RELEASED

OUTRAGE AT TIENTSIN

MISSIONARY'S DEATH IN AIR RAID

There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis.

There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis.

There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis. There is another set of questions which arises inevitably from the Munich crisis.

TREATY-BREAKING

THE NEXT PHASE IN EUROPE

UNITED ACTION AGAINST AGGRESSION

PRIMATE'S CALL TO CHRISTENDOM

HOUSE OF LORDS

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

LOUIS SMITH'S INDIGNANT

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

THE NAZI ATTACK ON

LIBERTY

COMPUTATIONAL SERVICE

and the other two, the first of which was the "The Great Wall of China" and the second was the "The Great Wall of China" and the third was the "The Great Wall of China".

THE FIGHT FOR FREEDOM

and a number of other factors. The first factor is the quality of the work. If the work is done well, the quality of the work will be high. The second factor is the quantity of the work. If the work is done in a large quantity, the quality of the work will be high. The third factor is the time of the work. If the work is done in a short time, the quality of the work will be high. The fourth factor is the cost of the work. If the work is done in a low cost, the quality of the work will be high. The fifth factor is the location of the work. If the work is done in a good location, the quality of the work will be high. The sixth factor is the equipment of the work. If the work is done in a good equipment, the quality of the work will be high. The seventh factor is the skill of the worker. If the worker is skilled, the quality of the work will be high. The eighth factor is the motivation of the worker. If the worker is motivated, the quality of the work will be high. The ninth factor is the supervision of the worker. If the worker is supervised, the quality of the work will be high. The tenth factor is the environment of the work. If the work is done in a good environment, the quality of the work will be high.

PEOPLE'S

THE SPIRIT OF THE

DATE OF RECEIPT

[illegible]

FORCE THE SEPTENNIAL

[illegible]LORD HATHAY'S
REPLY

There was a picture on a newspaper page

LIBRARY
UNIVERSITY OF MICHIGAN

MIRALAY

CAMP

There were several things to consider and one of them was the fact that the weather was not ideal. The temperature was in the mid-30s, which was not ideal for a summer wedding. The other thing to consider was the fact that the venue was not ideal. The venue was a small, old building that was not ideal for a wedding. The third thing to consider was the fact that the food was not ideal. The food was not ideal for a wedding. The fourth thing to consider was the fact that the music was not ideal. The music was not ideal for a wedding. The fifth thing to consider was the fact that the decorations were not ideal. The decorations were not ideal for a wedding. The sixth thing to consider was the fact that the flowers were not ideal. The flowers were not ideal for a wedding. The seventh thing to consider was the fact that the cake was not ideal. The cake was not ideal for a wedding. The eighth thing to consider was the fact that the champagne was not ideal. The champagne was not ideal for a wedding. The ninth thing to consider was the fact that the speeches were not ideal. The speeches were not ideal for a wedding. The tenth thing to consider was the fact that the overall experience was not ideal. The overall experience was not ideal for a wedding.

APPEAL TO COMMENTED

[illegible]

NETTAL DEFENSIVE SLIP

[illegible]

RESEARCH AND DEVELOPMENT

ASSAMBAEN BROKEN
-THE WORLD WITH
FORGET

AGAINST PHAGC

INCIDENTS = DELIBERATE
PROVOKED -
CAPITULATION TO THE

THE CZECH LANGUAGE

the body that makes the most important decisions and manages the day-to-day operations of the company. The board is responsible for the company's overall strategy and for the appointment and removal of the CEO. The board also oversees the company's financial performance and its relationship with the shareholders.

UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARY

[illegible]

THE COMPANY WILL BE

BACK TO COLLECTIVE SECURITY
LORD CECIL'S VISION

OLIVIERO TOSCANI

...the first 100,000 copies of the book were sold in the first 100 days. The book is now in its 10th printing and has been translated into 10 languages. The book is now in its 10th printing and has been translated into 10 languages. The book is now in its 10th printing and has been translated into 10 languages.

APPENDIX 1

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

[illegible]

... ..

[illegible]

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

NO MORE TALKS WITH D
COTTENBERG
LORD CAME ON FE
POLITY
THE MANAGER OF THE
AN EXPLANATION OF THE
THE MANAGER OF THE

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

[illegible]

"THE TIMES"

[illegible]

RETREAT FROM
OF FORC

[illegible]

THE FIGHT FOR FREEDOM

It is reasonable to put it to the test, and people. He had no doubts about the Labour Party right or wrong, but he was not one of the responsibilities of all that the Government had Labour Party was a class could not remember when it touched, but he was sure that the views of the Government.

THE CHINESE

Displeasure happened at the last work there was not sufficient room for any Government change in policy, certainly not for a change which made the contrast of a Government policy extremely difficult if not impossible. The Government when they first tried to continue to negotiate with Germany, but it was a different policy from that to be used against Britain with other Powers in mind as against Germany and Italy, and by strong speeches made us irritable. The policy of the Archbishop of Canterbury would shock the conscience of a very large number of people in this country. The Government were hurried into adopting a policy which was likely to lead to irreconcilable disasters.

Consequently,

Conscription was being tested on the Continent. There would never be any seriously about conscription. There was no anxiety about it in the last war, and conscription was very slowly lost as it. Conscription would certainly not be the best way. We could not afford a big Navy, Army, and Air Force, and at the same time keep our finances and economic resources at a level that would wear out the resources of other Powers.

Europe was inevitable—more so as she was deprived of all her colonies. In accordance with this policy she was poorer than Great Britain, France, and the United States. The position was such that unless any other cure was resorted to, and bygone days recovered, the empire might take control, and the situation might get out of hand. Surely something could be done then that the common people of Great Britain and Germany, who had no quarrel, should be again brought into conflict in war and slaughter.

COMPULSORY SERVICE

The EARL of MANSFIELD said that the situation would deteriorate still further unless there appeared on the part of Germany a very different attitude towards the ethical conduct of nations that was shown recently. This country had no quarrel with the German people, but what we saw there being inflicted by their leaders on most themselves with a national paranoia which made them feel themselves inferior to and superior to all the laws of God and man, we had some cause to be

apprehensive. If His Majesty's Government felt that some form of conscription was not necessary they might at least consider seriously the formation of a short service body of men, aged about 25 to 30 years, trained for six months or more, and given very extensive training.

THE EARL OF IDDESLEIGH said that the decision of the union was that we should attempt to think of men as capable as their Hitler and that we should frame our policy for the future in accordance with the various moves which Herr Hitler might make. It was important also that we should publish our policy. The next step might very well come in a second order that an entirely different. There might be much to be said for publishing in advance the attitude we and France would take up towards any encroachment on the countries bordering Germany's western frontiers.

He hoped that while Mr Ambassador was away from Berlin there would be no attempts at cultural contacts between English and Germans and that there would not be any sporting contacts between the two nations. It was our duty to show Germany that Great Britain was absolutely behind the Government.

LORD TEYNHAM said we must ask ourselves whether we were prepared to wage a preventive war against Germany because a Central European State might be threatened with invasion.

The events in Czecho-Slovakia in the last few days were no doubt one of the most brutal violations of morality that had ever been recorded in history. Germany was driven by the force of economic pressure, and it did not necessarily follow that Hitler was pursuing a policy of territorial aggrandizement and world domination.

He (Lord Tejnhart) was not entirely without hope that a great effort in economic appeasement might even now prevent the devastation of war throughout Europe. A finer economic structure should be built to produce a better understanding among the peoples of the world. A European war might see the end of civilization as we know it with misery and strife closing in on its place.

COOL THOUGHT NEEDED

THE EARL OF PLYMOUTH, Under-Secretary, Foreign Affairs, said the Government felt very gratified indeed by the release of approval which they had received in regard to their policy, and also by the very strong support which had been shown on both sides of the House for the policy of the Prime Minister at Munich and for the courage he displayed at that time.

He appealed to the House not to pass the very conditions. This was a thing which no insight was required, and he therefore hoped their lordships would be prepared to await developments of Government policy, arising from these events. The House had been very much worth while, and all the speeches would be given the consideration which they deserved.

LORD SNELL said he wished to thank Mr. Butler for his eloquent, dignified, and comprehensive speech. If there was one main thought he derived from his speech it was that the Government were now prepared to return to some form of collective security. That was very significant, and a great gain. He begged leave to withdraw his motion.

The motion was, by leave, withdrawn.
Their lordships rose at one minute before



UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

ARQUIVO
26 ABR 39
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 29 de Março de 1939.

RESERVADO

No.122

Compra de carne em
conserva pelo "Food
(Defence Plan) Department".

845.75(60)(42)

lvb

Senhor Ministro,

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
26 ABR. 1939
Nº 6854

Com referência aos ofícios Nos.97, 102 e 113, de 15, 17 e 23 do corrente, e ao telegrama nº 27, de hoje, em resposta ao No.29, de 28 do corrente, relativos à projetada compra de carne em conserva pelo "Food (Defence Plan) Department", cabe-me transmitir a Vossa Excelência os seguintes esclarecimentos: a proporção estabelecida para o fornecimento de um terço do peso total em latas de 12 onças e dois terços em latas de 6 libras obedece à circunstância de que 48 latas de doze onças pesam 36 libras, e doze latas de seis libras pesam 72 libras, o que facilita o encaixotamento respectivo.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

UMA CÓPIA SEGUÍU POR VIA AÉREA



ARQUIVO
27 ABR 39
SAÍDO

MP

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

No.124

Mês Político nº 4.

900.1(600)
MB



A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado
das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres
cumprimenta respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo,
o relatório político nº 4, desta Embaixada.

Londres, em 31 de Março de 1939.

Mês Político nº 4.

VISITA PRESIDENCIAL

O acontecimento marcante do mês na Grã-Bretanha foi a visita do Presidente da França, não só pela demonstração de cordialidade por parte do Governo e do povo inglês, como pelo significado político que ela revestiu, sucedendo de poucos dias a violência alemã contra a ex-Tchecoslováquia. Predominou uma nota de gravidade e apreensão, embora sem empanar o brilho da recepção.

As autoridades fizeram o possível por rivalizar o acolhimento sumptuoso e entusiástico com que foram recebidos na cidade de Paris em Junho do ano passado os Monarcas britânicos. Foi sobretudo impressionante a recepção no historico Westminster Hall, berço das instituições parlamentares, onde se pronunciaram importantes discursos, que mais uma vez realçaram a perfeita identidade de vistas e a estreita colaboração espiritual e material entre os dois países.

EXÉRCITO TERRITORIAL

O outro facto de grande significação, a que apoz longa deliberação chegou este Governo, é o do aumento dos efetivos militares.

Não tendo havido unanimidade no Gabinete, nem tendo a oposição cedido na questão do serviço militar obrigatório, aquele tomou a final uma meia medida. Sem romper o compromisso assumido com os trabalhistas, os efetivos da força territorial foram colocados em pé de guerra e vai-lhes ser dada a mesma eficiencia estrategica como se a conscrição estivesse em vigor.

Dest'arte seria evitado o erro cometido em 1914, quando, pela falta de compulsória os melhores elementos da população inglesa - aqueles que primeiro se alistaram - foram estupidamente ceifados nos primeiros meses da guerra. O sacrificio militar será assim dividido equitativamente por todas as classes da população.

Elevados para o dobro os efetivos dos "territoriais" (tropas

(tropas voluntarias destinadas ao serviço dentro do país) a Grã-Bretanha contará com 26 divisões, que lhe permitirão enfrentar a primeira fase da guerra, dando tempo a que se prepare, introduzida a conscrição então pela força das circunstâncias, o grande exército expedicionário.

A 29 do corrente, o Primeiro Ministro anunciou nos Comuns que os 130.000 homens, mais 40 mil (em pé de guerra) do "Territorial Field Army" serão duplicados. Somados aos 100.000 homens da defesa anti-aerea, a força total do "Territorial Army" contará 440.000 unidades. Será equipada como exército regular, sob a instrução de oficiais reformados e da reserva. A fabricação dos armamentos será estimulada. Novos quartéis serão construídos, importando uma despesa de mais de 50 milhões. Satisfeitas com essa decisão do Governo, as "Trade Unions" prometeram cooperar com o Governo.

Sendo de 246.000 os efetivos do exército regular, a força expedicionária que este país poderá por em campo passará a ser de 686.000 homens. Ao mesmo tempo vai ser iniciada imediatamente uma intensa campanha para acelerar o recrutamento em massa.

A presente medida visa satisfazer as razoaveis exigencias da França e da Polonia e tem a vantagem de não provocar protestos dos muitos elementos academicamente contrarios ao serviço obrigatório, como anti-democrático e avesso à tradição britânica.

DECLARAÇÃO DE LORD HALIFAX

No dia 20, Lord Halifax pronunciou importante discurso sobre a posição internacional do país (Vide officio nº 115), em que acusou o Senhor Hitler de ter repudiado o espirito de Munich e ignorado o metodo de consultas estabelecido nesse pacto. O mundo civilizado via-se confrontado com a arbitraria supressão de um estado independente, violados os principios mais comeseinhos do direito internacional.

internacional.

A desilusão desses acontecimentos ecoou profundamente nas duas Câmaras, bem como nas colunas da imprensa, sem uma nota de discrepância.

As esperanças fundadas na boa fé com que o Senhor Chamberlain firmára o Pacto das Quatro Potencias, de que a Alemanha não viesse mais obstruir a senda da razão e da cooperação amistosa em pró da paz com os demais vizinhos, foram dolorosamente desmentidas. Mais um pedaço de papel foi rasgado, outra vez a assinatura alemã revelou seu valor ilusório. Ficou patente a fé germanica na filosofia da força, no dogma do Estado infalível.

ANEXAÇÃO DA TCHECOSLOVÁQUIA

Chegada à fronteira da Slovaquia, as tropas alemãs pararam, parecendo aceita pelo Reich a posse da Ruthenia pela Hungria e as retificações da nova fronteira que as tropas húngaras ocuparam estes últimos dias.

O Estado Maior não perdeu tempo no despacho para a Alemanha dos grandes estoques de armas e da artilheria pesada, do tipo mais moderno, acumuladas na Tchecoslovaquia. Afim de conquistar a cónivência do parceiro no eixo, dizem que Hitler prometeu a Mussolini 50% do botim, o que vemos confirmado pela pratica suspensão do trafico normal através da fronteira do Brenner. As estradas de ferro limitam-se a transportar para o sul tropas e material bélico.

A imprensa italiana, entretanto, não esconde a vexatória realidade de que Mussolini fôra apanhado de surpresa pelo golpe alemão na Bohemia e na Moravia. Ao mesmo tempo, o boato de que a França ia mandar um enviado discutir as pretensões italianas foi recebido com evidente alívio. Não eram de ordem para acalmar os animos italianos os novos poderes de que fôra investido Daladier. Sucederam-se os discursos do Rei e de Mussolini (o deste mais de uma vez postergado), ambos moderados e aludindo apenas a Tunisia, Djibuti

Dibuti e ao Canal de Suez - plausível apresentação do caso italiano, em linguagem muito diferente da que vínhamos acostumados. Cessou como por encanto a campanha hostil da imprensa.

De tudo isso se pode tirar a conclusão de que, embora sem ruptura do eixo, vamos talvez assistir a um entendimento entre as duas nações latinas, facilitado pela seria situação econômica que atravessa o país (nas próprias palavras do Rei) o que equivale a uma quasi segurança de que a Italia se manterá neutra numa guerra.

Daladier respondeu antehontem em tom sereno e firme, que está sendo aplaudido dentro e fóra do país. Graças ao tacto com que abordou o problema das aspirações fascistas, está aberta a porta para negociações, tanto mais possíveis depois que a Espanha nacionalista conquistou os últimos baluartes republicanos.

Na verdade, os interesses italianos já não coincidem com os alemães. O Senhor Chamberlain conquistou a simpatia e a admiração sinceras do Senhor Mussolini. Informações vindas da Italia deixam perceber um crescente malestar e descontentamento com o regime fascista, principalmente nas provincias do norte. Mussolini estaria ocupado por aventuras sentimentais, sua filha a Condessa Ciano, influenciada por Rudolf Hess, seria a responsavel pelas medidas anti-semitas. Vai-se compreendendo na Italia que a politica do Conde Ciano está levando o país para a ruina e para a guerra, sabidamente impopular, e collocou-o em posição de franca inferioridade com relação do parceiro do eixo. A penetração alemã na Europa balcanica, zona que a Italia considerava sua esfera economica, com o corolario da presença eventual da Alemanha no Adriatico, tendem necessariamente a estremecer as relações entre os dois países.

DECLARAÇÃO DO PRIMEIRO MINISTRO SOBRE A POLONIA

Continua pendente a grave interrragação a que se referiu o Senhor Chamberlain na Camara dos Comuns no dia 23 sobre se o Reich

Reich não está procurando por sucessivos esforços dominar a Europa e quiçá ir ainda além. Incorporada Memel, o Senhor Hitler declarou novamente que está substancialmente completa a expansão alemã. Mas quem poderá agora fiar-se da palavra desse místico desvaído ?

A conquista da Tchecoslovaquia foi para a Europa o signal de alarme, a que não escapa país algum, e, para o Chanceler alemão, o indicio evidente de que tudo lhe é possível e mesmo relativamente facil. Até então podia-se crer que se tratava de uma legitima expansão racial a incorporação pela Alemanha de populações de lingua e sangue germanicos. Mas acabamos de assistir agora o que se deve considerar uma transformação do nazismo em imperialismo. Já não podem visinhos da Alemanha ter-lhe mais confiança.

Chegou a vez da Polonia. Agentes secretos ingleses nas fronteiras da Polonia e da Holanda vieram a Londres esta semana trazer informações tão alarmantes sobre a concentração de tropas alemãs, que ontem, à meia noite, o Gabinete foi convocado para deliberar sobre as imposições do Reich, no sentido da entrega de Dantzig, da concessão de uma estrada através do corredor e da definição com respeito à Russia da atitude daquele país.

O Coronel Beck é esperado aqui no dia 4. Os alemães observam com desconfiança os passos desse diplomata. Já se iniciou na sua imprensa a explorada campanha, preñhe de ameaças, sobre pretensas agitações e perseguições anti-germanicas na Polonia.

Em vista da gravidade da situação e dos rumores que circulam, o Senhor Chamberlain fez esta tarde, nos Comuns, uma declaração, que só era esperada para a proxima segunda-feira e que pode ser qualificada como uma das mais transcendentis feitas pelo Govêrno nos ultimos vinte e cinco anos.

Disse êle textualmente: "Não ha por enquanto confirmação official do projetado ataque contra a Polonia. Este Governo sempre foi favoravel aos entendimentos por meio de negociações entre as

as partes interessadas, a respeito de quaisquer diferenças que possam surgir entre elas. Na minha opinião não deve haver questões que não possam ser resolvidas por meios pacíficos e não há nada que justifique a substituição dessas pela força ou pela ameaça. Como a Casa está bem lembrada, estamos procedendo a consultas com outros Governos. Enquanto não chegamos a resultados, e para esclarecer a situação, quero informa-la que durante esse período, no caso de algum ato que claramente ameace a independência da Polónia e que o Governo polonês considere vital repelir com as forças nacionais, este Governo se veria imediatamente obrigado a fornecer ao da Polónia todo o apoio a seu alcance. Estou autorizado pelo Governo francês a fazer a mesma declaração em seu nome..."

"Essas consultas incluem os Soviets. Lord Halifax conversou longamente esta manhã com o Embaixador Maisky."

Interpelado pelo Deputado comunista, Senhor Poland, sobre se o Primeiro Ministro podia declarar que não há desinteligências ideológicas entre a Grã Bretanha e os Soviets, disse o Senhor Chamberlain que não tinha a menor hesitação em fazer semelhante declaração.

Está se passando com a Inglaterra agora o mesmo que se viu nos dias de Napoleão. Repete-se a história. Todas as potências do Continente europeu têm que optar por uma das duas alternativas, ou se unirem à Alemanha ou à Grã-Bretanha.

Se a Grã Bretanha não se mostrar suficientemente forte, elas serão compelidas a optarem pela primeira, cujo ultimo objectivo é a supremacia mundial, depois da queda do império britânico.

Continua portanto carregado de sombrias nuvens o horizonte europeu e, se ainda não é desesperadora a situação, faz-se mister estar preparado para as piores possibilidades.

PROPOSTAS PARA O FUTURO DA PALESTINA

No dia 16 apresentou o Governo propostas britânicas, uma vez que se verificou o rompimento das negociações entre árabes e judeus

judeus sobre o futuro da Palestina.

O objectivo delas é a criação de um Estado independente, ligado por tratado à Grã Bretanha, para entrar em vigor depois de um período de transição que poderá durar até 10 anos, contemplados três estagios constitucionais.

No primeiro, judeus e arabes serão nomeados por dois Conselhos Consultivo e Executivo. No Consultivo os nativos terão preponderancia e no Executivo haverá igual numero de representantes ingleses quanto de judeus e arabes, tendo o Alto Comissário direito de voto, Sendo bem sucedido, ao fim de dois anos proceder-se-á ao segundo estagio, que abranje a criação de um Conselho Legislativo proporcional às populações. Certos Departamentos poderão ser dirigidos por palestinos.

Finalmente, os demais Departamentos passarão aos nacionais que constituirão um Governo independente que possa concluir um tratado que salvguarde os interesses dos nacionais e dos ingleses. A forma de Governo será a federativa com uma Assembleia Nacional.

Reji des haun

M. D. B.

28/1/5

LONDRES

OFICIOS

ABR-JUN.

1939



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 6 de Abril de 1939.

No. 135

Declarações do 1º Ministro
sobre a política internacional.

900.1(600)
MM

senhor Ministro,



Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, nos recortes anexos, as duas declarações sobre política externa que o 1º Ministro, Senhor Neville Chamberlain, leu na Câmara dos Communs a 31 de Março e a 3 do corrente, bem como a proferida pelo Secretário dos Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, na Câmara dos Lords.

2. O texto traduzido da declaração do dia 31 de Março, em que foi anunciada a garantia á independência da Polónia, já foi transmitido no mês político No. 4, desta Embaixada.

3. A segunda declaração serviu para pôr os pontos nos ii da primeira, cujo parágrafo inicial, conforme a interpretação do "Times" e de outros comentadores políticos, parecia induzir a Polónia a fazer concessões á Alemanha. Na Polónia fôra ela recebida com natural apreensão. O Coronel Beck, Ministro das Relações Exteriores, esteve a ponto de desistir da viagem a Londres.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Estado das Relações Exteriores.

Londres.

4. Foi preciso que o Foreign Office, depois de procurado pelo Embaixador polonês, como informei a Vossa Excelência no meu telegrama No. 28, publicasse uma retificação no sentido de que de modo algum o Governo britânico desejava influir sobre as relações da Polónia com a sua vizinha.

5. A mudança na politica deste Governo, como Vossa Excelência vê, foi radical. Até ontem, a Grã Bretanha se mostrava relutante em dar outras garantias que as tradicionais, isto é: à Belgica, França, Portugal, e Egito e Iraq. Agora está ela pronta a entrar em acordos de mutua assistencia com aqueles países europeus que venham a ser ameaçados pela força expansionista do Reich, por ter chegado à conclusão de que a unica maneira de preservar a segurança do pais e do Império é a coalisão das nações que presam a independencia e a paz, numa frente comum de resistencia às agressões. Este Governo havia aceito uma após outra todas as garantias e promessas do Chanceler alemão, apesar das advertencias de quantos duvidaram com razão da palavra do Senhor Hitler. É justamente por isso que a mudança de rumo cresce de significação. O Senhor Chamberlain vem recebendo as mais espontâneas demonstrações de apoio, inclusive da opposição, o que acontece pela primeira vez. O pais está unido nesta questão, na esperança de que as negociações com as nações interessadas tenham êxito e sem perda de tempo. As relações da Grã-Bretanha com a Alemanha foram postas afinal em base realista. Nesta base do respeito mutuo - a Alemanha só entende a linguagem da força - não é impossivel que se chegue no futuro a um acôrdo anglo-germanico.

6. O Ministro do Exterior da Polonia chegou a esta capital no dia 3 passado. Fala-se na concessões de creditos para a compra de materias primas de que ela tanto necessita. Já está pronto para assinatura o tratado de aliança mutua, igual ao

ao franco-polonês. Foram lhe expostas a posição britânica e seus interesses vitais no Mediterraneo e nos Balcans. O Coronel Beck, por seu lado, explicou a relutância do seu Governo em entrar em entendimentos com a Russia.

7. A julgar pelas informações da imprensa, o Governo sovietico, vexado com o fracasso do seu pacto das quatro potencias, está hesitante quanto às intenções da Grã-Bretanha. Queixa-se de que não foi suficientemente consultado. No entanto, o que se passou foi simplesmente que a Polonia, entre dois fogos, não ousa ligar-se à Russia contra a Alemanha, nem ~~se~~ unir-se à Alemanha contra a Russia. Como se desenhavam ameaçadoras as insinuações da imprensa alemã contra a Polonia, este Governo julgou de necessidade imediata e sem mais consultas dar o passo que deu, tendo aliás Lord Halifax explicado os motivos da decisão tomada ao Embaixador Maisky antes de pronunciar o Senhor Chamberlain a sua declaração.

8. A Rumania ainda não respondeu à consulta britânica. Deseja naturalmente ouvir primeiro os vizinhos da "Entente" balcânica e a Hungria.

9. O desafio assim lançado pelo Senhor Chamberlain vem crear uma situação tensa entre os Estados totalitarios e as democracias. O Senhor Hitler não hesitou em denunciar os esforços britânicos como uma tentativa de formação de circulo de ferro para esmagar a Alemanha. Seu discurso de Wilhelmshaven encerra sombrias ameaças e represalias afim de realizar, a despeito de tudo, a sua politica do espaco vital. Combativo como é o seu temperamento, não é verosimil que ele abandone a luta e o mundo vive horas de angustia na ignorancia de qual será o seu proximo golpe. A probabilidade da guerra está assim aumentada.

10. Para o Senhor Ribbentrop foi uma surpresa a resistencia oposta por este pais. Em cartas a amigos influentes na Inglaterra, tem derramado as suas queixas pela "falta de compreensão dos

dons fins ben entencionados do seu Fuehrer".

11. Em Roma os acontecimentos vão tomando uma feição nova e não menos alarmante. Sobre a Jugoslavia e a Albania voltam-se as vistas do Senhor Mussolini, fazendo uma pausa nas suas exigencias contra a França. Prontos para embarcar encontram-se em Bari e Brindisi diversos corpos do exército.

12. Receioso de que o Senhor Hitler queira proclamar tambem um protetorado sobre a Croacia, atingindo assim o Adriatico, O Duce está exercendo pressão sobre o Rei da Albania para que este coloque o seu pais sob o protetorado da Italia, manobra que se fôr aceita na Grã Bretanha, poderia ser o preço do abandono pela Italia, em caso de guerra, do eixo Berlim-Roma.

13. Tropas alemas estão sendo concentradas na fronteira italiana. Esses corpos de Alpinos que estão sendo formados serão para precaver-se contra qualquer surpresa por parte da Italia ? O Senhor Mussolini deve estar nervoso com a nova formula alemã do "Lebensraum" e com o carater de perigoso oportunismo que o seu parceiro vem imprimindo à politica internacional do eixo.

14. A inquietação alemã resalta do convite ao chefe do Estado Maior italiano para concertar medidas de defesa comum e talvez celebrar uma aliança militar formal. O General Pariani já está em Innsbrueck para se encontrar com o General Keitel.

15. Até a data, não ha sinais de que as tropas italianas na Espanha estejam sendo retiradas, posto que o General Franco já tenha proclamado o fim da guerra. Pelo contrario consta que em Alicante tem sido desembarcados trabalhadores italianos, que eventualmente substituiriam os soldados.

16. Prova carateristica do nervosismo reinante e da prontidão em que são mantidas aqui as forças armadas, foi o incidente escandaloso provocado pela indiscreção do Ministro da Marinha.

17. Num jantar a bordo do Royal Oak (porta-avião), Lord

Emb. Londres/135/1939/5.

Lord Stanhope revelou estarem a postos os corpos anti-aereos da esquadra. A propria repartição de que é chefe proibiu a publicação do discurso, medida tardia, posto que já estava entre as mãos das agencias internacionais e que está provocando protestos e comentarios desagradaveis pelo seu aspeto de censura da imprensa.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do horey

THE STAND AGAINST AGGRESSION

COMMONS SUPPORT FOR PLEDGE TO POLAND

PRIME MINISTER AND THE PATH AWAY FROM WAR

ENCIRCLEMENT OF GERMANY "FANTASTIC"

HOUSE OF LORDS

MONDAY, APRIL 7

The LORD CHANCELLOR took his seat on the Woolsack at half-past 3 o'clock. There was an unusually large attendance of peers.

The Army and Air Force (Annual) Bill, the Reorganisation of Offices (Scotland) Bill, and the Local Government (Superintendence) Bill were brought up from the Commons and read a first time.

LORD HALIFAX'S STATEMENT

LORD SNELL asked the Secretary of State for Foreign Affairs whether he had any statement to make on foreign affairs.

VISCOUNT HALIFAX, who was involved with general charges, said:—

On March 11 the Prime Minister, in a speech

place, made a statement concerning the attitude which his Majesty's Government would adopt in the face of any action which clearly threatened Polish independence and which the Polish Government accordingly considered it vital to resist with their national arms. The Prime Minister, as your Lordships have observed, was authorized by the French Government to declare that in this matter their position was identical with that of his Majesty's Government.

identical with that of his Majesty's Government. Our contact with the French Government throughout these anxious times has been very close; our two Governments have found themselves at one on all points, and his Majesty's Government have constantly been able to count upon the ready and whole-hearted co-operation of the French Government.

My right hon. friend's statement has inspired wide publicity, and I will not, unless that is your lordship's desire, read it again now. But I may perhaps be permitted to make some observations on the circumstances in which that statement came to be made and on its scope and purpose.

After the speech of His Highness on January 20 last it seemed possible to hope that nothing would occur to shake confidence in Europe and that we might have embarked upon a period during which a sense of security might gradually have been established. His Majesty's Government were anxious to co-operate in that end and hoped that they might be able to make some useful contribution to the economic advance.

THE TRADE TALKS

With that in mind, the President of the Board of Trade and the Secretary of the Department of Overseas Trade had accepted an invitation to visit Berlin in order to assist certain trade discussions that were due to take place in Germany between representatives of British and German industry. They supervised the German military occupation of Austria and Moravia, the circumstances of which will be within your knowledge, gentlemen.

It is not necessary for me to stress the speculations to which this action gave rise. The events of last year, in spite of the anxiety that they aroused, could nevertheless be explained as part of the process of which Herr Hitler had made the secret of incorporating in the Reich conscious German populations.

The incorporation in the Reich of nearly 1,000,000 Czechs was, however, a clear departure from the racial principle which Herr Hitler himself had hitherto proclaimed. Now was it in consequence assumed that, in the light of such departures, other countries bordering on Germany should feel that their own minorities might possibly be in jeopardy.

STEPS TO RE-ESTABLISH CONFIDENCE

CONSULTATIONS PROCEEDING

It seemed accordingly to his Majesty's Government that it was important to take steps to re-establish some measure of confidence in Europe, and his Majesty's Government have therefore been in communication with certain other Governments with a view to considering by what means the obligations of international engagements might be reinforced and further measures to foster or extend the force for enforcing international settlements suggested.

For it is clear that no confidence can exist where there is no assurance that understandings and understandings will be scrupulously adhered to, and that where international disputes arise honest efforts will be made to resolve them by the way of free discussion. These things for the way of free discussion. These things for the way of free discussion. These things for the way of free discussion.

statement is in regard to them. It might, however, say at once that his Majesty's Government are fully alive to the importance of the attitude of the Soviet Government and attach value to good relations with them. We are bound, however, to be guided by the fact that the relations of some States with Russia are compromised by some particular conditions, though I can assure Lordships that, so far as his Majesty's Government are concerned, these difficulties do not exist.

COL. BECK'S VISIT

Your leadership will be aware that Criminal Back, Foreign Minister of Poland, is serving in this country under, and I look forward to the opportunity of frank discussion with him of many problems which are of common interest to our two countries. It was while Mr. Mazowiecki's Government were establishing their program and considering how best they might play their part in the promotion of the peace and friendly contacts on international affairs and economic development seemed to suggest the possibility of a *dialogue* between Germany and Poland.

It was not, however, possible for the Maurya Government to form the same or similar system of events, and, in the Prime Minister's words, "in the place of the Ministry, the Government of the Maurya Government was not the same as the Government of the Maurya Government."

He, Manjiv's Commissioner, immediately decided that no time should be lost in making arrangements to establish the witness, and returned, in addition to the conclusion of a three-day comprehensive understanding. They thought it right to make their plans when in the presence of the witness, and in the presence of the witness, they decided to make their plans when in the presence of the witness, they decided to make their plans when in the presence of the witness.

ENCRICLEMENT DENIED

of Europe, and if her neighbours feel apprehensions as to her intentions and tend to take common action in self-defence, that results from these instinctive reactions and is certainly not the creation of any outside force.

And if it is claimed in Germany that these fears spring only from misunderstanding, and the German Government's intentions, and from excessive readiness to whatever is said to follow the word of German policy, I must observe that, while in all quarters immediate relief would be brought by the conviction that this was indeed so, the neighbouring States can at present hardly be expected to ignore altogether the actual lessons of the past.

Our pledge to Poland marks a new and momentous departure in British policy. We have undertaken this commitment, not in any spirit of hostility to any country, but in the hope and belief that by doing so we might strengthen the cause of European stability and peace. (Chamberlain)

SUPORTE
EI A BASE

"THE TIMES"

Londres, 4 de Abril de 1939.

Parliament

Continued from page 7

unfortunate Germans living in territory adjacent to their country. We were told that when this was done that was to be the end and there were to be no more territorial ambitions to be considered.

These assurances have now been thrown to the winds. (Hear, hear.) That is the new fact which has completely destroyed the confidence and which has forced the British Government to make this great denunciation of which I gave the first intimation on Friday. It is true we are told now that there are other reasons for moving events in Czechoslovakia—historical associations, the fear of attack. Well, there may be excellent reasons, but they do not accord with the assurances which were given before. (Cheers.) It is incredible that they should cause doubt as to whether further reasons may not presently be found for further expansion.

BRITAIN UNITED

I am not asserting that to-day this challenge has been made. No official statement that I know of has ever formulated such assertions, although there has been plenty of unofficial talk, but the effect of these words must be pondered. For beyond the limits of the countries concerned, and perhaps the furthermost was anticipated by those who thought them aloud. It is no exaggeration to say that public opinion throughout the whole world has been profoundly shocked and alarmed. (Cheers.) This country has been stirred from end to end by the conviction that we must now make our position clear and unmistakable wherever may be the result. (Hear, hear.) No one can regret more than I do the necessity to have to speak such words as these. I am no more a man of war to-day than I was in September. I have no intention, no desire, to treat the good German people otherwise than as I would have our own people treated. (Cheers.)

I was looking forward with rising hopes to the result of these trade discussions which had already begun in Germany, and which I thought might have benefits for both our countries and many other countries besides—these, however, the confidence which has been so grievously shaken is not easily restored. We have been obliged therefore to consider the situation afresh. It is not so long ago that I declared my view that this country might not be asked to enter into indefinite, unqualified commitments operating under conditions which could not be foreseen. I will hold that view, but now when we are asked to enter into such a specific engagement directed to a certain country—namely, if such an attempt should be made to dominate the world by force.

ENCIRCLEMENT OF GERMANY "FANTASTIC"

NO THREATS TO A GOOD NEIGHBOUR

The right hon. gentleman rightly said that the matter could not end where it stands to-day. If this policy were the policy of the German Government it is again clear that Poland would not be the only country which would be endangered, and the policy which has led us to give this assistance to Poland is one which is confined to a single case which after all might not be the only one. These recent happenings have in mind. These recent happenings have in mind or strongly made every heart which has sympathy in Germany's future intentions. If this is all a misunderstanding, if the German Government has never had any such thoughts, well, so much the better. In the same way agreements which may be made to some other agreements which have been designed the independence of these countries will never have to be called upon, and Europe may then gradually assume down into a state of tranquility, when their existence even might be threatened. (Hear, hear.)

But let me emphasize again whatever the meaning of the discussions which are now taking place between his Majesty's Government and the Government of other countries. Only certain be threat to Germany as long as Germany will be a good neighbour. (Cheers.) I was glad to hear what the right hon. gentle-

man said about encirclement. It is impossible to suggest that a policy of self-defence can be described as encirclement if by that term is meant encirclement for the purpose of some aggressive action.

RELATIONS WITH RUSSIA

I do not wish to-day to attempt to specify what Government we may now or in the near future find it desirable to commit with on the situation, but I would make one statement to the Soviet Union, because I quite appreciate that the Soviet Union is always in the forefront of our members' opinion, and that they are still a little uncertain as to whether these so-called ideological differences may not be dividing us upon what otherwise it would obviously be in the interests of both to do. (Cheers.)

I do not pretend for one moment that ideological differences do not exist. They remain unchanged, but as I said on Friday our point is that whatever may be these ideological differences they do not create cause for a question of this kind. (Hear, hear.) What we are concerned with is to preserve our independence, and when I see our independence is menaced the independence of all States which may be threatened by aggression in pursuit of such a policy as I have described. Therefore we welcome the cooperation of any country, which may be its internal system of government, not in aggression but in resistance to aggression.

I believe that this nation is now united in one in approval of what we have said and in approval of the aim and purpose that we behind it. (Cheers.) I believe that the whole British Empire beyond the seas has welcomed these words. They might be considered, however, that they might be considered. All of them have had a growing consciousness of our position and alone from which Europe has suffered in recent months. (Cheers.) The common business of life cannot be carried on in a state of uncertainty. So far as it is this side of the Atlantic, we have done our best to restore confidence by plain words, we have done our best. In doing so I am aware that we have expressed the will of the people. (Cheers.) I know that our action, begun but not concluded, will prove to be the turning point towards war, which will bring, even nothing, much nothing, but towards a more wholesome one when reason will take the place of force and there will make way for good and well marshalled arguments. (Hear, hear, and prolonged cheers.)

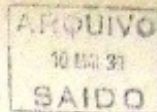
SIR A. SINCLAIR

SUPPORT FOR GUARANTEE TO POLAND

SIR A. SINCLAIR (Glasgow and North-East, G.D.S.) said that he wished to make it clear at once, in the name of his hon. friends and himself, that on the basis upon which the Prime Minister's statement on Friday they would support the policy which they had so long welcomed—of gathering together the forces of peace and order in Europe against the aggressors. They considered the assistance given to Poland as of an indispensable importance, but, still, they were not in complete agreement of this policy. The whole House was widely divided on this policy.

The contention they had defended against Ministers in so many debates, that there was no common ground, was now being given a common ground. It was clear that the only way of stopping war was to build up the whole of Europe against aggression and to make possible resistance to aggression and to make it clear to Herr Hitler and his generals beyond a shadow of a doubt that if he attacked any of his neighbours he would have to face not only his neighbours but the British Empire. (Hear, hear.)

While the British people and the British Government made clear to the French Government that they would never be moved to aggression unnecessarily with their backs to the wall, they were also clear that they would not shrink from war in the last resort. Like Mr. Chamberlain, who had spoken in a similar manner, and like Mr. Chamberlain, who had spoken in a similar manner, Sir A. Sinclair had no doubt in his mind that the British Government had rightly decided on the independence of the character of the decision in policy which the Government had made. He was impressed with the danger of



NP

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 12 de Abril de 1939.

No. 139

A situação européia.

900.1(500)



Senhor Ministro,

Durante os dias de Páscoa este Governo desenvolveu uma grande atividade diplomática afim de cristalisar a sua atitude em face da ocupação da Albania pela Italia, atitude que será formulada na declaração a ser feita no Parlamento amanhã.

2. Os Dominios, o Governo francês e o dos Soviets, Atenas e Ankara, certamente já tiveram conhecimento do conteúdo da declaração, e os países mais diretamente interessados no momento, a Grecia e a Turquia poderão enviar sua resposta em tempo para a reunião do Gabinete amanhã, antes da sessão do Parlamento.

3. Ontem realizou-se uma longa sessão do Comité da Defesa Imperial, com a assistência de Lord Chatfield, Ministro de Defesa Nacional, Lord Stanhope, Ministro da Marinha, Senhor Hore-Belisha, Ministro da Guerra, Sir Kingsley Wood, Ministro da Aviação e o Senhor Morrison, Diretor dos estoques de mantimentos de guerra.

4. Os planos do Governo britânico parecem claros. Quando, ha um mês, o exército alemão invadiu a Tchecoslovaquia,

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Tchecoslovaquia, este Governo deu uma garantia á Polonia e entrou em negociações com a Rumania afim de incluil-a numa garantia semelhante. Agora, depois da invasão da Albania, invasão que proporcionou á Italia uma base importantissima na península balcanica, o Governo do Senhor Neville Chamberlain está procurando o melhor meio para salvaguardar a independência dos Estados mediterrâneos e a liberdade do proprio Mediterrâneo. Com esse fim, tem estado em contacto constante com os Governos turco e grego, os quais, evidentemente, estão anciosos por ver definida a attitude da Grã-Bretanha.

5. É certamente na reunião do Gabinete de amanhã que será dada a forma final á declaração do Governo, declaração que sem dúvida conterá uma advertência geral de que qualquer ato de agressão no Mediterrâneo oriental, sobretudo contra a Grecia ou a Turquia, seria considerado imediatamente como um ato inamistoso por este país. A declaração assim firmará claramente, e sem possibilidade de equívocos, o que a Grã-Bretanha considera o "status quo" no Mediterrâneo, - isto é, a condição que tanto a Inglaterra como a Italia prometeram manter no pacto anglo-italiano. É quasi seguro que esse pacto não será denunciado. Parece que alguns Ministros no Gabinete ainda acreditam na possibilidade de romper o eixo Roma-Berlim, ou pelo menos de neutralizar o Senhor Mussolini. Embora Lord Halifax tenha manifestado repetidas vezes e em termos categoricos ao Encarregado de Negócios da Italia aqui a opinião do Governo britânico sobre a occupação da Albania, recordando que, dias antes, o Governo italiano assegurára novamente não ter a intenção de agredir aquele país, assim mesmo tudo indica que o Senhor Neville Chamberlain muito desejaria um gesto amistoso do Senhor Mussolini afim de passar o mais depressa possível por cima da sua última violação do direito internacional.

internacional. Tal gesto seria a retirada das tropas italianas na Espanha, retirada que fôra, aliás, prometida repetidas vezes pelo Senhor Mussolini e que devia ser efetuada logo depois de terminado o conflito ibérico. Se essa interpretação for correta, o Governo britânico aceitaria o fato consumado da ocupação da Albânia pelos Italianos em troca do cumprimento de uma promessa feita em circunstâncias anteriores e inteiramente diversas. Aliás, longe de haver retirado suas tropas na Espanha, e segundo várias notícias que foram motivo de "demarches" pelos representantes diplomáticos inglês e francês em Roma, o Senhor Mussolini enviou recentemente alguns milhares de soldados italianos á Espanha. A situação militar na península é motivo de séria preocupação para a França, a tal ponto que o Marechal Pétain, Embaixador francês junto ao General Franco, voltou para Paris afim de informar o Senhor Bonnet, Ministro das Relações Exteriores, das suas apreensões.

6. o Senhor Neville Chamberlain, que ainda não abandonou por completo sua política de apaziguamento, pelo menos no que se refere ao Senhor Mussolini, deverá assumir amanhã uma atitude que satisfaça não somente os países agora diretamente ameaçados da península balcanica, como ainda capaz de contentar a oposição parlamentar, sem o que sua posição poderá perigar. A opinião pública deste país está exigindo cada vez mais uma política enérgica e construtiva de parte do Governo. Evidentemente a situação não admite soluções tão rápidas como poderia parecer á primeira vista.

Uma garantia da Grã-Bretanha á Grecia e á Turquia deve ser considerada conjuntamente com os compromissos decorrentes do pacto balcanico que liga a Yugoslavia, a Rumania, a Grecia e a Turquia. O caso da Rumania e da Polónia é também bastante delicado. Nenhum dos dois países deseja por enquanto

enquanto concluir um pacto de aliança com os Soviets e, embora essa relutância não exclua forçosamente a cooperação russa, assim mesmo parece que o Governo sovietico não é favoravel ao sistema de pactos bilaterais ou multilaterais, e gostaria de realizar seu plano de segurança coletiva.

7. Embora o Encarregado de Negócios da Italia aqui tenha assegurado a Lord Halifax que os objetivos italianos na Albania são limitados, as repetidas violações, pelos países totalitários, de compromissos livremente assumidos, torna difficil acreditar-se em sua boa fé futura. Será que a conquista da Albania é apenas o princípio de uma politica agresiva no Mediterrâneo por parte das potências do eixo? Em todo caso os efectivos italianos até agora desembarcados na Albania são muito numerosos para assegurar "a ordem e a tranquillidade" naquele país.

8. A situação certamente não deixa de dar lugar a sérias preocupações : a Polónia tem 1.300.000 homens mobilizados; consta que a Alemanha está concentrando tropas numerosas na fronteira polono-alemã e o Embaixador da Polónia em Berlim partiu ontem para Varsóvia afim de informar seu Governo sobre as reivindicações do Reich relativas a Dantzig, ao corredor e ao tratamento das minorias alemãs na Polónia; a Yugoslavia mobilizou tropas na fronteira albanesa e italiana; a Grecia está tomando medidas militares de precaução; a esquadra inglesa no Mediterrâneo está sendo concentrada, ao que parece, em Malta, e a França também mobilizou a sua esquadra naquele mar e tem a linha Maginot permanentemente guarnecida com efetivos em pé de guerra. Eis a situação do continente europeu na véspera da declaração a ser feita amanhã no Parlamento britânico. No meio da ansiedade geral as declarações feitas ontem pelo Presidente Roosevelt, de apoio ás potências democráticas trouxeram uma mensagem animadora e que teve

Emb. Londres/139/1939/5

teve grande repercussão na imprensa desta capital.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Rejii do Louren

MP

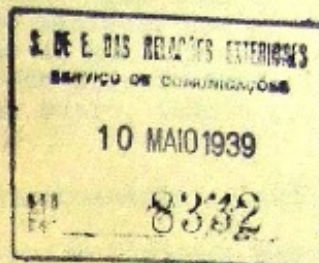
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 14 de Abril de 1939.

No. 141

Declaração do Primeiro
Ministro sobre a politica
externa da Grã-Bretanha.

900.1(60)



Senhor Ministro,

A declaração feita ontem na sessão extraordinária do Parlamento pelo Senhor Neville Chamberlain, sobre a política externa da Grã-Bretanha, mostra que este país finalmente vai compreendendo que a época em que sua posição geográfica lhe permitia isolar-se, quando assim desejava, dos acontecimentos no continente europeu, passou definitivamente.

2. O ponto culminante do discurso do Primeiro Ministro chegou quando, depois de haver narrado tanto a versão italiana, como a recebida de fonte albanesa, dos acontecimentos que resultaram na ocupação militar pela Italia do Reino da Albania, declarou que em vista da falta de cumprimento pela Italia dos compromissos assumidos no Pacto anglo-italiano, era o dever do Governo britânico esclarecer uma vez por todas a sua attitude relativamente à manutenção do status quo no Mediterraneo e na península balcanica. O Governo resolvera - disse - que:

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

que:

"... Na eventualidade de qualquer ação que ameace definitivamente a independência da Grecia ou da Rumania e à qual os Governos grego e rumaico considerem como sendo de seu interêsse vital de resistir com as suas forças armadas, o Govêrno de Sua Majestade considerar-se-á na obrigação de prestar imediatamente, tanto a um como ao outro, todo o apoio em seu poder".

3. Essa declaração foi calorosamente aplaudida e os aplausos foram renovados quando o Primeiro Ministro mencionou a Turquia como uma das potências às quais a declaração havia sido comunicada.

4. A Grã-Bretanha assumiu assim, além do compromisso decorrente da garantia dada à Polônia, o de defender os dois países balcanicos de qualquer agressão por parte da Alemanha e da Italia.

5. Notícias recebidas da Grecia e, segundo parece, do próprio Govêrno grego indicavam que a Italia teve a intenção de ocupar também manu militari a Ilha de Corfu. Se abandonou, pelo menos por enquanto, essa intenção, isto foi devido à advertência categórica feita por Lord Halifax ao Encarregado de Negócios da Italia aqui de que a Inglaterra consideraria tal ocupação como acto das mais graves consequências.

6. Consta que a garantia só foi extendida à Rumania, na declaração de ontem, devido a notícias chegadas de Bucarest de que se a Grã-Bretanha não incluísse imediatamente aquele país, o Govêrno rumaico se veria forçado a ceder à pressão cada vez mais forte do Reich.

7. Subsiste, por enquanto, o Pacto anglo-italiano, pois, na opinião do Senhor Neville Chamberlain não se deve desprezar qualquer possibilidade de manter a paz. Essa attitude, embora encontrando apoio geral, fez com que o jornal "The Financial News", de hoje, qualificasse o discurso do Primeiro Ministro como sendo uma

"Uma mistura estranha de realismo e de apaziguamento". Parece que o Senhor Chamberlain, apesar de condenar severamente a agressão italiana como havendo "ofendido severamente o mundo inteiro", assim mesmo está disposto a fechar os olhos e aceitar a ocupação, e mesmo a anexação, da Albania como um facto consumado, se a Italia cumprir com suas demais promessas, principalmente, a de retirar as tropas da Espanha. Não é talvez um modo de pensar muito logico, sendo difficil conceber quais as seguranças reais que a Italia possa dar de que cumprirá suas promessas no futuro. A historia dos ultimos cinco anos tem sido uma serie ininterrupta de promessas e seguranças não cumpridas por parte dos paises totalitários. Já, com relação à retirada dos "voluntarios" italianos na Espanha, o Senhor Mussolini assumira o compromisso de efetua-la uma vez terminado o conflito na península ibérica. Agora, porém os jornais italianos declararam que só serão repatriados depois de haverem participado com as tropas espanholas na marcha da vitória pelas ruas de Madrid.

8. Não ha duvida que o ponto essencial da politica internacional neste momento é constituido pela evacuação da península iberica pelas forças italianas - e alemãs - conjuntamente com o seu material de guerra que é muito numeroso e de grande valor belico. Ha indicios de que o Governo britânico se manifestou pela via diplomatica em termos muito mais precisos do que os da declaração de ontem no Parlamento sobre o status quo no Mediterraneo. Acredita-se que este Governo esteja exigindo de Roma a retirada, sem demora, das tropas, de acordo com o Pacto anglo-italiano, dentro de um prazo fixo. Se esse prazo não fôr cumprido, isto seria considerado com um acto inamistoso por parte da Italia, sobrevivendo então a denuncia pela Grã-Bretanha do Pacto anglo-italiano.

9. A opposição - principalmente o Senhor Attlee - criticou severamente, achando-a insufficiente, a declaração do Primei-

Primeiro Ministro e insistiu na necessidade de incluir quanto antes a União Soviética na coalizão contra os agressores. O Governo, pela voz de Sir John Simon, na Câmara dos Comuns, e pela de Lord Halifax, na Câmara dos Lords, mais uma vez afirmou seu desejo de assegurar a cooperação da Rússia, alegando que se até agora a não havia alcançado isto era devido a certas condições estipuladas por aquele país e que não se podiam cumprir.

10. A imprensa londrina em geral acolheu favoravelmente o discurso e, segundo os telegramas publicados na mesma, provenientes de Atenas e Bucarest, a Grécia e a Rumania estão satisfeitas com a garantia conjunta da Grã-Bretanha e da França. A imprensa alemã está tratando de caracterizar como um "bluff" os compromissos assumidos pela Grã-Bretanha com relação à Polónia, à Grécia e à Rumania, alegando que este país não está militarmente em condições de prestar um apoio efetico aos países garantidos ! Infelizmente - excluindo evidentemente a esquadra inglesa - parece haver certa verdade nessas alegações. O rearmamento britânico, no que se refere ao exercito, e em escala menor, à aviação, não procedeu com a rapidez desejavel. Consta que no periodo imediatamente anterior à invasão pela Alemanha da Bohemia - periodo de falso otimismo neste país - o ritmo do rearmamento ficou muito retardado.

11. A situação entretanto não melhorou de modo algum. De todos os pontos do continente europeu e da Africa chegam noticias alarmantes. Consta haver movimentos de fortes contingentes de tropas espanholas nas cercanias de Gibraltar, em La Linea. O Almirantado alemão anunciou que uma esquadra alemã, composta de três cruzadores, vários destroyers e submarinos, executaria manobras durante um mes nos mares ao norte da Espanha. Essa noticia - é curioso dizê-lo - é interpretada pelo "Evening Standard" como um indicio de paz ! Entretanto tudo indica que se os navios alemães

Emb.Londres/141/1939/5.

alemães estão procedendo para as aguas espanholas seu objetivo pode muito bem ser de apoiar um ataque espanhol a Gibraltar.

12. Parece-me que uma das poucas razões justificativas de algum otimismo se acha na atitude cada dia mais definida dos Estados Unidos ao lado das potencias democraticas. A Alemanha e a Italia, claramente empenhadas em planos grandiosos de expansão, dispondo de armamento bastante superior ao da Inglaterra e da França - com a unica exceção do armamento naval - e senhores de uma posição estrategica de primeira ordem, só mesmo pelo receio de ver entre seus adversários os Estados Unidos, e possivelmente a Russia, é que se deixarão demover de continuar no seu programa ilimitado de agressões, cuja execução, mais cedo ou mais tarde, forçosamente provocará a guerra.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Refis do Thore

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

ARQUIVO
10 MAI 39
SAIDO

NP

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 19 de Abril de 1939.

No.147

A situação européia.

900.4(500)



Senhor Ministro,

Descendente de uma família de industriais de Birmingham, de tradicional e típica honradez, o Senhor Neville Chamberlain é um homem de boa fé e de reações lentas. A anexação da Tchecoslováquia foi para ele mais um choque que uma surpresa. Só depois de alguns dias compreendeu a nova situação creada para a Europa e o fracasso da sua política de apaziguamento. Também não foi senão depois de passada uma semana que ele reagiu contra a invasão da Albania. Ainda admitia a princípio, com a conivência de Sir John Simon, que fosse possível explicar juridicamente tal conquista em face do pacto anglo-italiano. Mais uma vez, porém, Lord Halifax opoz-se com energia, e proseguindo a politica revolucionaria para a tradição insular da Grã Bretanha, - que significa a aliança anglo-polonesa - , foi o elemento convincente que levou o Senhor Chamberlain a dar à Grecia e à Rumania a garantia unilateral deste pais quanto à independencia das duas nações balcânicas.

A Sua Excelencia o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

balcanicas. Este Governo indicou claramente perante a Câmara dos Comuns que quaisquer novas tentativas de conquista serão resistidas pela força das armas.

2. Os Senhores Hitler e Mussolini continuam a intensificar os preparativos belicos. Tropas têm sido concentradas nas fronteiras da Polónia, como nas da Suíça. A guarnição da Líbia foi fortalecida. Dada a atividade das tropas italianas e espanholas, com intenções, que aqui se teme sejam dirigidas contra Gibraltar, o General Franco, interrogado pelo Governo português, que acompanha com natural preocupação os acontecimentos na Espanha, declarou não terem fundamento os boatos que correm quanto à ameaça àquela fortaleza. Ouvi esta informação do Embaixador português aqui, que foi autorizado a transmiti-la ao Governo britânico. O que se verifica não passa de um movimento de corpos do exercito para as regiões das respectivas procedencias, como preliminar para a proxima desmobilização. A mesma segurança foi dada em Lisboa pelo Ministro italiano sobre pretensos movimentos de tropas italianas na fronteira portuguesa. A atmosfera de tensão que prevaleceu no fim da semana passada, de uma gravidade que lembrava os dias tragicos de Setembro, tem-se dissipado estas ultimas 24 horas, depois da mensagem do Presidente Roosevelt, aos Chefes dos Governos italiano e alemão. A resposta do Senhor Hitler, anunciada para o dia 28, parece que constará de uma contra-proposta. Tem-se a impressão de que evitando uma negativa que o deixaria em posição de agressor, o Chanceler alemão imporá condições para aceitar a proposta conferencia. Receia-se que ele exija a entrega das colonias e de novas areas para a expansão na Europa, tornando inadmissiveis os seus termos. Outros informantes asseguram que o Senhor Hitler se recusará a sentar-se a uma mesa com os representantes dos Soviets e declarará insuficientes as garantias do Presidente dos Estados Unidos, dado o antecedente do não cumprimento dos quatorze pontos do Presidente

Presidente Wilson.

3. Os mais pessimistas vêm no adiamento dessa resposta o desejo de dar tempo para que chegue às costas espanholas a esquadra de trinta navios, que partiu ontem de Wilhelhaven. Essa manobra de primavera, pacificamente anunciada, está causando graves preocupações nos meios militares. Reconhecendo a inferioridade da esquadra, e para não a expor a ficar outra vez encurralada, como em 1914, o Almirantado alemão despachou-a para os mares do Atlantico e do Mediterraneo, onde ela se unindo à esquadra italiana, em caso de guerra, e perseguindo a navegação internacional, apoiada nas bases da costa espanhola e das Canarias, poderá ser um factor de grande eficácia belica.

4. A medida que as democracias se vão armando num ritmo intensamente acelerado, sobretudo no que diz respeito à aviação, os prognosticos de paz melhoram. A surpresa de uma guerra repentina e fulminante (Blitz krieg) diminue.

5. A produção de aviões na Inglaterra aproxima-se do nível que ela atinge na Alemanha, isto é, ao redor de 600 por mês. Na França já alcança 250. O Ministro do Ar promete mesmo a cifra mensal de 1.000 para muito breve. Vai portanto desaparecendo a grande superioridade aérea alemã. Brevemente a proporção será de dois terços da força aérea daquele país. Aos franceses tem sido fornecido grande número de motores.

6. Como medida de prudencia, as principais repartições publicas em Londres estão construindo abrigos subterraneos para proteção dos funcionários contra bombardeios aereos. Da mesma maneira, algumas fabricas e casas comerciais e muitos particulares adoptaram igual medida, seguindo o exemplo da Municipalidade, que levantou trincheiras revestidas de cimento armado para proteção da população nos principais parques da cidade.

7. Preocupado com a proteção da vida dos funcionarios

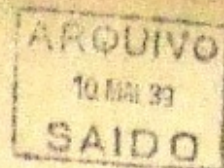
Emb.Londres/147/1939/4.

funcionarios brasileiros em Londres, encarreguei duas firmas especialistas de projectarem um abrigo subterraneo no edificio da Embaixada, projectos que ontem me foram apresentados, motivo pelo qual dirigí a Vossa Excelencia o telegrama nº 44, em que pedi a sua autorização para executar as necessarias obras com a urgencia que o caso requer.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do Loure

(UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA)



EC



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

No. 149

Mês econômico
No. 2

801.24/247
LB



A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimenta respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o mês econômico Nº 2, desta Embaixada.

Londres, em 20 de Abril de 1939.

(Redação do Primeiro Secretário,
José Cochrane de Alencar Netto.)

No. 2

Mês econômico de
Março de 1939.

Embora considerações de ordem política não sejam propriamente assunto desse relatório, os acontecimentos dos últimos trinta dias repercutiram de tal modo sobre a situação econômica, que forçosamente não podem deixar de ser mencionadas.

2. A atividade industrial, econômica e financeira da Grã Bretanha vai ficando pouco a pouco subordinada às preocupações ligadas á defesa do país. Vai-se tornando mais evidente todos os dias que, em consequência da situação internacional, todos os ramos industriais, econômicos e financeiros do país terão que sujeitar-se á uma direção e orientação ainda mais rigorosa e dirigida para o fim primordial da segurança nacional.

3. A medida apresentada ao Parlamento pelo Governo, comportando compensação financeira para as mortes e feridas havidas em tempo de paz do pessoal dos Serviços Civis da Defesa, mostra a que ponto a necessidade de assegurar a segurança do país está ligada á vida e ao ritmo normais das atividades dos seus habitantes.

4. A expansão enorme do programa de rearmamento, conjuntamente com o recrutamento voluntário do exército e da marinha, não tem contribuído, como era de esperar, para solucionar o problema dos sem trabalho. Embora seu número tenha diminuído consideravelmente nestes últimos meses, não está muito longe de dois milhões.

5. A Feira de Amostras das Indústrias Britânicas de

de 1939 encerrou suas portas, /tendo-se/ apresentado 7.000 compradores, ou seja mais 700 do que no ano anterior.

Defesa do comércio exterior da Grã Bretanha.

1. A Grã Bretanha, embora resolvida a tomar medidas especiais ~~para~~ lutar contra a política de compensação e de dumping da Alemanha e da Itália, resolvêra mandar uma missão comercial ao Reich, afim de estudar a possibilidade de um acôrdo entre as indústrias dos dois países. A ocupação manu militari da Boêmia e sua incorporação no Reich fizeram com que este Governo abandonasse sua intenção, e o acôrdo em principio realizado entre a Federação das Indústrias Britânicas e a Reichsgruppe Industrie foi posto ad acta por deliberação do Board of Trade, depois de haver levantado críticas muito severas por prejudicial, na opinião de muitos economistas, às boas relações comerciais da Inglaterra com outros países e, especialmente, com os Estados Unidos. A hostilidade, cada dia mais patente, da Alemanha por este país certamente impedirá, por algum tempo, qualquer entendimento entre os diversos ramos industriais, comerciais e financeiros britânicos e alemães. Desde o ano de 1933, as exportações para este país caíram de 13 1/2%, enquanto as exportações britânicas para o Reich aumentaram de 18%.

2. Outra medida econômico-financeira tomada pelo Governo britânico durante o mês de Março foi a resolução de auxiliar o Governo chinês no estabelecimento de um fundo de estabilização de câmbio, na importância de £ 10.000.000. Sir John Simon, Ministro da Fazenda, ao anunciar a decisão do Governo na Câmara dos Comuns, declarou que a estabilidade do dólar chinês era assunto de grande importância para a Grã Bretanha. Dois bancos chineses subscreveriam £ 5.000.000 para o fundo, sendo £ 5.000.000 subscritos por dois bancos ingleses, o "Hongkong and

and Shanghai Bank" e o "Chartered Bank of India", bancos esses que seriam garantidos pelo Governo britânico contra qualquer prejuízo decorrente de sua iniciativa.

O Acôrdo comercial e financeiro entre o Brasil e os Estados Unidos.

1. O Acôrdo comercial e financeiro realizado entre o Brasil e os Estados Unidos suscitou naturalmente o maior interesse neste país, não somente pela repercussão que o mesmo terá no intercâmbio comercial entre o Brasil e a república norte-americana e o problema da dívida brasileira em dollars, como sôbretudo sob o ponto de vista do campo de acção que o Brasil apresenta para o emprego de capitais americanos. Toda a imprensa financeira e econômica ocupou-se em longos editoriais e artigos com o acôrdo brasileiro-americano e apontou a necessidade de um ajuste semelhante entre o Brasil e a Grã Bretanha. Afirmando que o Brasil não se encontrava, realmente, em situação de poder reassumir o serviço da sua dívida em libras esterlinas em vista da deficiência da sua balança comercial, os jornais financeiros recordaram que, com relação á este país, o Brasil até comprava mais do que lhe vendia. Evidentemente a preocupação primordial do Governo britânico é forçosamente seu comércio com os Domínios, os quais gozam das vantagens decorrentes do Acôrdo de Ottawa. Assim mesmo vae-se compreendendo aqui que é necessario fortalecer e animar os laços comerciais e financeiros com o Brasil, como único meio de não somente conservar sua posição em nosso país como ainda de conseguir, eventualmente, o restabelecimento do serviço da dívida e de facilitar a obtenção de câmbio para as compras brasileiras na Inglaterra.

Produção mundial e estoques de ouro.

1. Segundo a revista anual publicada por Samuel Montagu & Co., a produção anual de ouro em 1938 foi de 36.750.000 onças finas, ou seja um aumento de 5 1/2% sôbre o ano anterior, - com o valor total de aproximadamente

aproximadamente £ 375.000.000, ao preço atual do ouro. O estoque de ouro dos principais bancos do império britânico em 1938 foi de 118.792.000 de onças finas, comparado com 130.053.000 de onças finas em 1937. O Brasil figura na mesma estatística com um estoque de 943.000 onças finas em 1938 e 914.000 em 1937.

Comércio exterior da Grã Bretanha no 1º trimestre de 1939.

1. Os dados relativos ao comércio exterior no primeiro trimestre do corrente ano têm um interesse especial por demonstrarem, praticamente, os primeiros resultados do acordo comercial com os Estados Unidos, aliás, ao que parece, favoráveis ao comércio deste país. Não foram ainda divulgados os algarismos completos referentes à exportação de louça, cutilaria, quinquilharia e, sobretudo, manufaturas de linho, juta e canhamo, artigos que tiveram tratamento favorável no mencionado acordo. Nos meses de Janeiro e Fevereiro a exportação geral para os Estados Unidos aumentou de £ 1.000.000. Em Março a importação aumentou de £ 12.500.000, comparado com o mês de Fevereiro. O total foi de £ 77.976.400. O aumento verificado é devido em parte a razões ligadas a estação do ano como também ao rearmamento.

2. A exportação, incluindo a re-exportação, foi de £ 46,557,900, ou seja £ 3.733.300 mais do que em fevereiro. Em comparação com o mês de Março de 1938 houve uma diminuição de £ 1.000.000. O déficit visível da balança comercial no primeiro trimestre foi de £ 85.129.600; isto significa uma diminuição de £ 23.500.000 com relação ao primeiro trimestre de 1938.

3. A tabela seguinte é relativa ao comércio exterior nos meses de Fevereiro e Março deste ano :-

ano:-

	Fevereiro	Março
Importações	£ 65.515.512	£ 77.976.374
Exportações	£ 38.052.216	£ 41.634.577
Re-Exportações ..	£ 4.772.323	£ 4.923.288

4. No mês de Março a Inglaterra vendeu artigos de aço e ferro no valor de £ 3.024.089; outros artigos metálicos manufaturados no valor de £ 1.277.498; artigos de lã na importância de £ 2.709.388; os artigos de algodão diminuíram de £ 292,636 no seu valor; carvão £ 2.937.095; locomotivas, aviões, navios e veículos na importância de £ 3.705.550. Foram exportados 5.501 automóveis.

5. No que diz respeito á importação do mês de março, este país adquiriu matérias primas e artigos semi-manufaturados na importância de £ 19.587.605, em diminuição de £ 4.426.864, comparado com Março de 1938. A importação de artigos manufaturados foi de £ 21.917.023, em comparação com £ 23.158.532 em Março de 1938. O maior aumento realizado foi na importação de carne, de £ 8.687.444, um aumento de £ 442.914, relativamente ao mesmo mês do ano anterior.

6. O movimento da exportação de ouro foi bem demonstrativo da incerteza da situação internacional, pois saíram £ 118.946.544 do metal, nos primeiros três meses do ano, comparado com £ 32.247.112 no primeiro trimestre de 1938. Somente no mês de Março a Inglaterra exportou ouro no valor de £ 68.737.651. A importação do metal precioso no primeiro trimestre chegou a £ 23.780.984.

A concorrência marítima estrangeira no Extremo-Oriente.
1. Em 11 de Março foi publicado o relatório do Comité Imperial de Navegação sobre a concorrência marítima estrangeira

estrangeira no Extremo Oriente. O mesmo apontou que os navios ingleses tinham que lutar com a concorrência das linhas subsidiadas alemãs e italianas, especialmente no comércio com a China. Muito mais importante, porém, é a competição da marinha mercante japonesa. O Comité sugeriu que as linhas inglesas para o Extremo Oriente fossem subsidiadas e modernizadas tanto quanto possível. Tais medidas, acrescentou o Comité, seriam entretanto insuficientes sem a cooperação dos interesses comerciais e bancários no sentido de assegurar aos navios ingleses uma proporção razoável das cargas dentro do império britânico e insinuou a necessidade de estabelecer-se uma organização especial para fiscalizar e auxiliar a navegação britânica naquêles mares.

Seda artificial - Um novo produto "Nylon"

1. Na reunião anual da importante firma Courtauld, em 15 de Março último, o Presidente, Senhor Samuel Courtauld, mencionou um novo produto sintético, chamado "Nylon", ultimamente patenteado pela firma americana Du Pont de Nemours. Esse produto, ao que parece, é muito mais forte e elastico do que a seda natural. A firma "Courtauld" e a "Imperial Chemical Industries" estão formando uma nova companhia para manufaturar o "Nylon" na Grã Bretanha. O produto será, entretanto, mais caro do que a seda artificial "Rayon" e assim não poderá competir com essa, onde a questão de preço for a preocupação preponderante. Segundo informações recebidas, os interesses americanos e britânicos dessas duas companhias estão empenhadas em aproveitar o novo produto para livrar-se da necessidade de empregar a seda natural japonesa na fabricação de meias de seda de qualidade.

qualidade.

O "Currency and Bank Notes Act, 1939" - O Ouro do Banco da Inglaterra.

1. A lei intitulada "The Currency and Bank Notes Act, 1939", começou a vigorar em 1º de Março. Os algarismos publicados pelo Banco da Inglaterra em 2 do mesmo mês, calcularam a reserva ouro ao preço do mercado, isto é (à razão de 148 shillings e cinco dinheiros por onça fina) em £ 226.414.475. Em 1º de Março o Banco comprou £ 5.566.983 de ouro em barras do Fundo de Câmbio afim de completar a reserva relativa á emissão de notas, de acôrdo com o estipulado na aludida lei.

A reorganisação da indústria do algodão.

1. O Parlamento está deliberando atualmente sôbre uma lei destinada a reorganizar a indústria do algodão neste país. A medida legislativa visa a redução da capacidade de produção da indústria, demasiado grande atualmente em consequência da contração dos mercados havida nos últimos 25 anos, e de estabelecer um esquema de fixação de preços. A medida em questão goza em geral do apoio da maioria das firmas interessadas.

As relações comerciais anglo-sovieticas

1. Entre os mercados que últimamente tem despertado a atenção do Governo britânico, a União das Republicas Sovieticas e Socialistas vae ocupando lugar de destaque. Em breve iniciar-se-ão as negociações de um novo acôrdo comercial entre os dois países. Do décimo-sexto lugar que ocupava em 1929, a Russia passou para o oitavo lugar em 1938 entre os clientes europeios da Grã Bretanha. Apresentam-se, entretanto, muitas possibilidades para aumentar o intercâmbio comercial anglo-sovietico. Atualmente o comércio anglo-russo deixa um saldo favoravel aos Soviets. Esses compram sôbretudo mercadorias para re-exportação e poucos artigos manufaturados. Os Interesses ingleses alegam

alegam também que os navios russos carregam mais do que a parte que equitativamente lhes cabe do comércio entre os dois países. A missão econômico-financeira que partiu para Moscou vai tratar de solucionar essas dificuldades e visa colocar o comércio entre os dois países sobre uma base mais sólida. Sem dúvida a missão se acha fortalecida na sua tarefa pelo desejo que se tem evidenciado neste país de uma aproximação política com os Soviets, aproximação que se tornou necessária em consequência da situação internacional.

Relações comerciais argentino-alemãs.

1. O acordo de compensação realizado recentemente entre a Argentina e a Alemanha pelo qual a nossa vizinha do sul vende 100.000 toneladas de trigo contra material de estrada de ferro alemão suscitou bastante celeuma nos círculos financeiros e comerciais ingleses. Como as estradas de ferro argentinas foram construídas quasi exclusivamente com capitais britânicos, acha-se aqui que a Argentina tem quasi uma obrigação moral de adquirir seu material ferro-viário neste país. Ha, entretanto, quem aponte a difficil situação em que se acha a Argentina para resolver o seu problema de trigo, lembrando que o Governo argentino viu-se forçado a suspender as entregas de trigo dos fazendeiros.

A Expansão econômica da Alemanha na península balcanica.

1. Depois da anexação da Austria, em Março do ano passado, e da incorporação da Boêmia no Reich, um ano mais tarde, a Alemanha, que já anteriormente a essas ocupações territoriais, gozava de uma posição forte na península balcanica, tornou-se a potência danubiana de maior importância e começou uma campanha ainda mais persistente para subordinar esse mercado ás necessidades da sua economia. Embora neste país se reconhecesse até certo ponto o bem fundado da pretensão alemã em estender o

o seu domínio econômico sobre as potências balcânicas, a Inglaterra não podia, entretanto, deixar de tomar as medidas necessárias para salvaguardar seus interesses, tanto comerciais como políticos, consideráveis em alguns desse países, sobretudo na Rumania.

As negociações comerciais entabuladas recentemente entre o Reich e o Reino da Rumania suscitaram, assim, grande interesse nos círculos financeiros e econômicos ingleses, evidenciando-se a necessidade, por parte da Inglaterra, de fazer com que não fossem inteiramente deslocados seus interesses naquele país. Com efeito, quando se noticiou que a Alemanha, em suas negociações com a Rumania, estava usando da ameaça militar, afim de conseguir o domínio econômico da Rumania, tornou-se evidente que, sem a segurança de apoio político por parte da Inglaterra e da França, e também de auxílios financeiros, a Rumania se veria obrigada a ceder ao ultimatum econômico do Reich, passando a ser, para todos os efeitos, um fornecedor de matérias primas, óleo combustível e trigo para o consumo alemão. O Governo britânico resolveu, em consequência, constituir uma missão comercial e financeira para estudar as possibilidades do intercâmbio entre os dois países, missão essa que deve partir em Abril para Bucarest.

Repi do hveir

MP

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 21 de Abril de 1939.

No.157

A situação internacional.

900.1 (500)



Senhor Ministro,

Não resta a menor duvida que as seguranças oferecidas pela Grã-Bretanha e pela França aos países ameaçados da Europa Oriental, bem como a intervenção inspirada e oportuna do Presidente Roosevelt, produziram o desafogo que agora se experimenta na situação internacional, modificando o tragico panorama da Semana Santa.

2. Neste momento, as potencias do eixo totalitário ainda não voltaram a si da surpresa em que foram apanhadas. Desapareceu por enquanto o perigo de uma invasão sobre a Polonia, assim como não se efetuou a anexação de Dantzig, que, segundo boatos aqui chegados, coroaria as celebrações faustosas do aniversario do Senhor Hitler.

3. Não temos outros elementos para ajuizar da reação do Chanceler alemão que as explosões acrimoniosas e insultantes da sua imprensa controlada, cujo diapasão foi imitado, após certa

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

certa hesitação, pela imprensa italiana. É um sintoma favorável, entretanto, que o Senhor Hitler resolvesse esperar quinze dias para sua resposta.

4. Evidentemente o Fuehrer compreende que não é mais possível proseguir nas suas vitórias pacíficas e agora hesita sobre o curso a seguir, já que as suas vantagens estratégicas não permanecerão indefinidamente.

5. Outra feliz circunstância foi a deliberação tomada sem aviso pelo Senhor Mussolini de antecipar uma resposta ao Presidente dos Estados Unidos no seu discurso do Campidoglio. Com rara astúcia, conseguiu ele safar-se do dilema. Revelando a mobilização para uma obra de paz, convocava ali, solenemente, as energias do país para a coroação do triunfo fascista numa memorável exposição digna de Roma e da nova Itália.

6. Em tom sarcástico, repeliu as imputações de agressividade que lhe fizera o Presidente americano e repudiou, de passagem, a sugestão em favor de uma "super-Conferência", em que os Estados Unidos continuariam no seu papel de espectadores distantes e de cujos antecedentes os italianos guardavam uma amarga lição. Quanto maior é o número dos países participantes tanto mais certo é o fracasso da Conferência - disse ele.

7. Adiantando-se nessa habil resposta, o Senhor Mussolini recuperou a iniciativa na política internacional que parecia ultimamente entregue ao genro, influenciado por certos chefes alemães. Ao mesmo tempo, obedeceu ao claro ansejo de paz do povo italiano; fugiu ao perigo de se incompatibilizar com os países da América, todos formados nessa conjuntura ao lado dos Estados Unidos, aos quais a Itália está presa pelos mais importantes laços comerciais e com os quais conserva uma ligação sentimental, através das numerosas colônias.

8. Esse discurso está sendo comentado aqui com visível

visível satisfação. Temia-se que a influencia moderadora de Mussolini estivesse sendo neutralizada pela Alemanha, que exerce uma vigilância em todos os sectores da vida italiana. Sob todas as reservas, ouvi dizer que o Conde Ciano não foi nomeado Vice-Rei da Albania a pedido do Marechal Goering e do Senhor Ribbentrop, que fizeram questão que ele continuasse à testa dos Negocios Estrangeiros para impedir a entrada do elemento moderador, que é o Embaixador Grandi.

9. Apesar dos desmentidos está confirmado que um novo contingente de 5.000 soldados italianos desembarcou em Cadiz a semana passada, a titulo de relevar as tropas que partiram estes ultimos dias. Aparentemente o proposito é manter a totalidade dos efetivos italianos para a parada trinfal fixada agora para 15 de Maio, em Madrid.

10. A chegada dos novos contingentes está causando, como referi no meu officio nº.147, certa inquietação em Portugal. A visinhança da fronteira de um regimento italiano, juntamente com as informações enviadas pelo Marechal Pétain de que os Falangistas, senhores da situação, favorecem um programa pan-iberico, fazem com que os portugueses temam pela sua independencia, mormente si colocados entre dois fogos - as forças italianas na fronteira terrestre e a esquadra alemã no mar hispânico.

11. Os peritos alemães e italianos do Govêrno de Burgos aconselhariam a reivindicação de Gibraltar. Na previsão de um ataque, têm sido tomadas precauções militares. A guarnição inglesa foi aumentada. Uma esquadra francesa ancorou naquele porto, enquanto que a inglesa concentrou-se em Malta, numa demonstração de estreita colaboração dos dois Estados Maiores.

12. Interessantes são os comentarios que já se publicam aqui ("Manchester Guardian", de hoje) de que a Grã-Bretanha cometeu um erro, ao terminar a grande guerra, não tendo trocado Gibraltar

Gibraltar por Ceuta - na actualidade ponto mais estrategido para o controle do estreito. Agora é evidente que não se pode cogitar de iniciar negociações nesse sentido. Cristaliza-se, porém, uma solução viavel e politica para o futuro, afim de solucionar esse problema, que é uma ferida aberta no pundonor espanhol.

13. No decurso das conversas com o Coronel Beck, a proposta garantia britanica à Rumania, foi protelada a pedido do Ministro das Relações Exteriores da Polonia até que este se encontrasse com seu colega rumalico, o que causou anciedade e duvidas em Bucarest e nas demais capitais balcanicas. Alarmado o Senhor Daladier informou o Governo britanico de que ia oferecer a garantia da França à Rumania e à Grecia, lamentando que não houvesse uma ação paralela por parte da Grã Bretanha. Apesar da relutancia de alguns Ministros, esta foi afinal decidida. Ato continuo este Governo consultou o dos Soviets sobre qual seria o auxilio que estariam dispostos a oferecer à Polonia e à Rumania, sugerindo a conveniencia de uma declaração unilateral como a anglo-francesa. Não se limitava, como constou nos jornais, a um mero pacto aereo, embora seja essa, na opinião dos peritos, a unica contribuição de carater pratico.

14. Os Soviets parece que duvidam da iminencia do perigo alemão quanto àqueles paises, já que ambos estão em entendimentos cordiais com o Governo do Reich. Pensam mesmo que nem será bem recebida por eles. Ao mesmo tempo, o Senhor Litvinoff teria perguntado ao Embaixador britanico quais seriam as medidas de ordem militar que a Grã Bretanha estaria disposta a tomar em defesa dos ditos paises. É impossivel que o Embaixador Maisky, que partiu ha dias de avião para Moscou consiga demover essas hesitações. Evidentemente a personalidade e o passado do Senhor Chamberlain, a testo do Governo, não inspirem confiança aos Soviets.

15. Discutem-se naturalmente os prós e contras dessa aliança. O exercito russo, depois das recentes expurgas, terá

terá pouca eficácia fóra do território. Sua força aerea é numerosa mas os aparelhos já são algo obsoletos e o pessoal de faxina está mal preparado. Entretanto, a ameaça que ela constituiria para as cidades e fabricas de munições da Prussia Oriental, bem como a possibilidade da Russia substituir a Tchecoslovaquia no suprimento de munições à Polónia e à Rumania, são elementos que não se podem desprezar. Argúe-se tambem que convidar os bolcheviks a entrarem numa coligação contra os totalitarios será encorajar a expansão do comunismo. Mas, si esse perigo existe, quanto maior não será o de uma Russia neutral e enriquecida com a guerra, enquanto as duas facções totalitaria e democratica se entrechocam numa guerra de morte da qual sairão igualmente exaustos e aniquilados.

16. A não adopção do serviço militar obrigatorio foi outro factor de desconfiança. Afinal creou-se o Ministerio dos Fornecimentos, que garantirá a primazia das exigencias militares sobre as da industria civil, de modo a fazer face ao equipamento dos novos efetivos territoriais.

17. Não foi sem tempo que o Governo se decidiu a tomar essa medida. Pelas obstruções burocraticas, o dinamismo do Senhor Hore-Belisha não conseguiu imprimir rendimento mais eficaz ao War Office.

18. Sem embargo da recente attitude de reacção contra os agressores, volta-se a sentir na opinião publica inglesa duvidas quanto à firmeza e à sinceridade das afirmações do Senhor Chamberlain. Muitos têm a impressão de que ele prefere qualquer sacrificio contanto que evite a guerra. Temem um outro Munich em maior escala, fatal para o Imperio britanico. Os seus setenta anos são talvez um handicap nos tempos que correm. Contava-se com a entrada para o novo Ministerio do Senhor Winston Churchill ou do Senhor Eden, cujas advertencias e previsões os acontecimentos jus-

Emb.Londres/157/1939/6.

justificaram. A indicação da figura apagada do Senhor Burgin não está sendo bem recebida. Mas, é evidente que o Senhor Chamberlain não quiz prudentemente, nas vésperas do discurso do Chanceler alemão, irrita-lo com uma nomeação que seria interpretada como provocação.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do Loure



16 MAIO 39
SAIDO

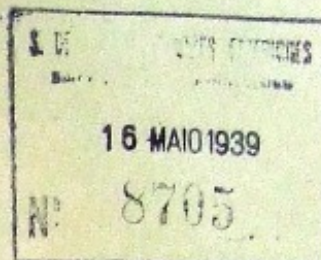
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 22 de Abril de 1939. *JP/WC*

No.161

Circular aos Consulados
sobre a crise internacional.

900.1(600)
JP



Senhor Ministro,

1 Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência a circular que julguei conveniente dirigir aos nossos Consulados de carreira neste país, aconselhando a retirada dos centros urbanos das Senhoras e crianças da colônia, assim como recomendando a volta para o Brasil dos brasileiros de passagem.

2. Fui levado a tomar essa providência por me parecer que a crise internacional que a Europa atravessa apresenta a mesma gravidade que em Setembro último, quando a minha conduta, no mesmo sentido, foi aprovada por Vossa Excelência.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Refr. do h. v. c.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 18 de Abril de 1939.

RESERVADO

No.9

A situação européia.

Senhor Cônsul Geral,

Se bem que não seja possível prever os acontecimentos, não é novidade para Vossa Senhoria que a situação européia apresenta-se muito delicada e é de toda conveniência tomar todas as providências para a hipótese da guerra, afim de não sermos por ela surpreendidos. A primeira precaução será garantir a necessaria segurança para as Senhoras e as crianças da colonia brasileira, evitando que elas permaneçam nos centros de grande aglomeração urbana.

2. Recomendo também aconselhar aos brasileiros de passagem, na sua jurisdição, a volta para o Brasil, como a solução mais prudente, uma vez que as hostilidades podem romper sem prévia declaração de guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Senhoria os protestos da minha perfeita estima e consideração

(a) R. Régis de Oliveira.

A Sua Senhoria o Senhor Doutor Henrique Pinheiro de Vasconcellos,
Cônsul Geral do Brasil em Londres.

Confere:

M. R. Ribeiro de Souza
Dactilógrafo-Arquivista.

Conforme:

J. de Oliveira
1º Secretário.

16 MAI 39
SAIDO

C

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 25 de Abril de 1939.

No.164

O novo Embaixador
em Washington.

921.1(60)(22)



Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o incluso editorial do "Times", de hoje, a respeito da nomeação do Marquês de Lothian para Embaixador britânico em Washington.

2. Diz o articulista que para a capital dos Estados Unidos, um dos raros postos, aliás, em que se compreendem tais nomeações, teve que ser escolhida uma personalidade eminente, fóra dos quadros da carreira, por não contar presentemente o Corpo Diplomático inglês entre os novos Chefes de Missão titular a altura daquele posto.

3. Ao passo que os postos europeus são essencialmente da esfera dos profissionais, Washington é diferente, pois não só a própria distância não permite contacto pessoal entre o representante e o seu Governo, o que não sucede com Paris ou Berlim, como a identidade dos ideais dos dois povos requer tacto e com-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/164/1939/2.

compreensão invulgares.

4. Acrescenta o "Times" textualmente: a lista dos possíveis Embaixadores ainda não é bastante ampla e nos últimos anos, por causa do limite de idade, muitos Embaixadores tiveram que ser aposentados quando justamente seus serviços eram os mais valiosos.

5. É uma alusão velada à aposentadoria das grandes figuras de Sir Ronald Graham e Sir Horace Rumbold, que foi ao tempo muito comentada.

6. Acompanha este ofício um recorte do "Manchester Guardian", com a biografia do novo Embaixador, cujos títulos lhe asseguram desde já uma situação privilegiada no posto que é considerado como o primeiro do serviço diplomático inglês.

Aproveito o ensaio para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji dothoim



UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA SAÍDO

10 MAI. 1939

MP

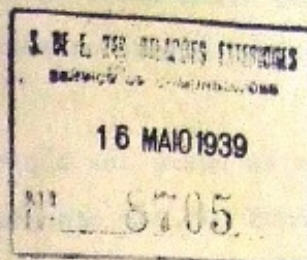
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 27 de Abril de 1939.

No.169

Serviço militar
obrigatório.

622.2(60)
900.1(600)



Senhor Ministro,

Foi aprovada com suficiente maioria pela Câmara dos Comuns a proposta governamental introduzindo o serviço militar obrigatório. Rompeu-se assim a tradição secular deste país, só interrompida durante a grande guerra.

2. Passo às mãos de Vossa Excelência, nos inclusos recortes, a declaração de anteontem e o discurso de ontem, pronunciados pelo Primeiro Ministro. O projeto de lei, autorizando o Governo a chamar às fileiras, durante seis meses, os súditos de 20 a 21 anos de idade, será submetido no começo da semana entrante à aprovação do Parlamento, assim como um projeto para simplificar o processo de mobilização e outro que limitará os lucros das indústrias bélicas.

3. A decisão do Governo obedeceu às exigências da opinião pública, claramente manifestada pela imprensa, quer pelos editoriais quer pelas inumeras cartas dirigidas aos jornais, e dos Chefes responsáveis do Exército. No caso do coraçoado

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

courageado "Repulse", que devia levar os Reis ao Canadá, tanto a inquietação pública, como em ultima instância a própria vontade de Jorge VI, forçaram o Gabinete a modificar os seus planos. A verdade é que o Governo tem-se mostrado lento nas suas deliberações e suas iniciativas quasi sempre chegam tarde ou são insuficientes.

4. Assim a presente conscrição não passa de uma meia medida. Limitada a duas classes, somente 200.000 homens poderão receber treinamento militar, sendo precisos 5 anos para se preparar um exército de 1.000.000.

5. A instrução durará seis meses seguidos, passando os recrutas depois para o Corpo de Territoriais.

6. As forças armadas do país subirão em consequência a cerca de 500.000 homens, contados os efetivos do exército regular, da marinha e da aviação.

7. O Primeiro Ministro fez questão que o debate tivesse lugar no mesmo dia para que não fosse interpretado como repercussão ao discurso do Senhor Hitler. A oposição laborista submeteu uma moção de falta de confiança pela quebra do compromisso existente e pela ineficácia do Governo na conduta dos negócios externos. O Partido Liberal apresentou a moção de que a medida era desnecessária em face do êxito do recrutamento voluntário e que só viria dificultar o recrutamento em vias de execução.

8. O argumento do Senhor Chamberlain foi a definição que ele deu do momento atual: "Não estamos em guerra agora, mas quando todos os países estão empregando todos os seus recursos na expectativa da guerra, quando a confiança na manutenção da paz está sendo animada e todos sabemos que, declarada a guerra, passaríamos a ela não mais em coisa de dias mas de horas, ninguém poderá pretender que este seja tempo de paz no sentido em que a expres-

expressão pode ser razoavelmente empregada".

9. Em defesa do projeto, disse ontem o Senhor Chamberlain que os compromissos assumidos para com a Polónia e a Rumania obrigaram-no a abandonar o compromisso assumido pelo Senhor Baldwin em Abril de 1937 e por ele proprio em Fevereiro do ano passado, ocasiões, alias, em que as condições eram totalmente diversas - a guerra não era então iminente.

10. Foi profunda em toda a Europa a impressão causada pela adoção da conscrição, acontecimento de imensa significação historica. Foi a prova de que a Grã-Bretanha embarcava seriamente nessa nova politica e abandonava de facto a do apaziguamento. Para aquelas nações que viviam sob o terror da invasão alemã, foi o sinal de que a coalizão anti-germanica, sob a direção da Grã-Bretanha, se consolida, assumindo as novas alianças o seu verdadeiro carater ofensivo e defensivo.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji do Lourenço



UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

16 MAI 39
SAIDO

VP

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 28 de Abril de 1939.

No.173

Situação internacional.

900.1(60)

1. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
16 MAIO 1939
Nº 8705

Senhor Ministro,

Foi esta uma semana de acontecimentos. No meu ofício precedente sobre a situação internacional, nº 157, aludi ao mau recebimento da nomeação do novo Ministro dos Fornecimentos, anunciada na véspera. Hoje, posso confirmar que a reprovação dessa escolha foi unanime - o erro é lamentável porque o Senhor Burgin não possui qualificações excepcionais que justifiquem a entrega de uma pasta de tamanha transcendencia a uma figura quasi apagada, senão mesmo discutida.

2. Os outros factos que rapidamente se succederam podem ser assim enumerados:

- 1) Comunicação pelo Governo sovietico ao Embaixador britânico em Moscow de estar pronto a entrar numa aliança militar com a Grã-Bretanha e a França para resistir agressões armadas em qualquer parte da Europa;
- 2) Adopção do serviço militar obrigatório;

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

MGES

obrigatório;

3) Volta precipitada para o seu posto de Embaixador em Berlim, afim de notificar o Governo alemão do espirito que ditou o entendimento com Moscow e a introdução da cons-crição;

4) Progresso nas negociações em Londres com o Ministro do Exterior da Rumania, afim de crear uma frente comum nos Balkans;

5) Avanço rápido nos planos militares anglo-franceses, para os quais vae ser pedida a colaboração do Estado Maior polonês;

6) decisão de conservar nas aguas européias a mais possante unidade da marinha britanica, afim de, com os mais rapidos couraçados franceses, estarem alertas para a perseguição aos pocket battleships Deutschland e Graf von Spee, que passaram para o Atlantico;

7) Atividade militar intensa italo-alemã na Libia e consequentes medidas de precaução da Grã-Bretanha no E-gito e no Sudão.

3. Consta aqui existirem sinais de visivel desentendimento dentro do Eixo totalitário, que chegam diariamente dos agentes secretos ingleses no Continente, embora não se possa concluir que o Senhor Mussolini esteja pronto a modificar a sua politica exterior, por mais que no seu intimo o possa desejar.

4. Segundo teria deixado entender o Senhor Gafencu, que antes de chegar a Londres se entrevistára com o Senhor Hitler, o "Fuehrer" estava obsecado com a necessidade de chegar a um encontro de contas com as potencias hostis à expansão da Alemanha, especialmente a Grã-Bretanha. Não acredita mais em negociações pacificas, convencido de que a superioridade militar da Alemanha não será agora um factor decisivo numa conferência diplomatica, em que tivessem assento os Estados Unidos - a Alemanha seria na

na sua opinião novamente sacrificada, como em Versalhes.

5. O "Duce", pelo contrario, não abandonou a esperança de conseguir o seu programa, por meio de acordos habilmente negociados. Não é partidario de jogar o todo pelo todo, mas espera alcançar uma vantagem após outra, a medida que as oportunidades se apresentem. Apesar de aprovar a conduta do Conde Ciano, não cogita seriamente na hipótese de uma guerra contra a França e ainda menos contra a Inglaterra.

6. Esta diferença de atitudes, ou melhor de temperamentos, resalta da reação produzida pela mensagem do Presidente Roosevelt. Segundo fontes bem informadas, o Senhor Mussolini recebeu-a com grande satisfação. Uma conferencia limitada às grandes potencias poderia, segundo a sua opinião, importar numa nova vitoria pacifica para o Eixo, interpretando a iniciativa do Presidente norte-americano como a resurreição da politica do apaziguamento. A sua resposta ia ser de immediata aceitação dos seus pontos principais, quando interveio o "Fuehrer", aconselhando-o a que se limitasse a revelar o espirito de paz que animava a Italia. Um incidente de imprensa, que transcrevo como me foi contado, ~~qual~~ é indicativo do modo de agir do serviço de propaganda alemão. O Doutor Dietrich, assistente do Doutor Goebbels, enviou ao Ministro de Propaganda italiano um artigo sobre a mensagem para ser reproduzido em todos os jornais fascistas. O Senhor Alfieri, resentindo-se com essa intromissão na sua esfera, negou-se a fazê-lo, alegando que era contrario às praxes por ele adotadas a publicação por toda a imprensa de um artigo official. O Doutor Dietrich queixou-se então da falta de coordenação, insistindo no desejo do "Fuehrer" porque a imprensa dos dois países trabalhasse na mais estreita cooperação. Depois de dois dias de conversas telefonicas, os italianos prometeram a Berlim dar uma versão do artigo do Doutor Dietrich em alguns jornais principais. Entretanto, o artigo só apareceu dias depois e num pequeno jornal de

de provincia, "Resto del Carlino". O resto da imprensa recebeu ordem de se abster de comentar o apêlo do Senhor Roosevelt.

7. A interferencia dos Agentes da Gestapo, na Italia, a principio apenas para instrução da policia secreta, mas depois estendida, pouco a pouco, a todos os órgãos da administração, vae ocasionando protestos contra o patente desrespeito à soberania nacional. Os passaportes dos estrangeiros que entram hoje na Italia são examinados pelas autoridades italianas e ainda por funcionarios da Gestapo. Em todas as Prefeituras, em todas as repartições públicas, encontram-se peritos alemães, como tambem nas industrias principais. Emfim é uma invasão em regra, contra a qual já se insurgem os operarios, que chegaram a expulsar esses agentes das usinas Fiat e Campari. Só a intervenção da policia impediu uma demonstração anti-alemã por parte do grupo "Dopo Lavoro". Tambem consta a presença de oficiais alemães no exercito italiano. Hitler procura por todos os modos assegurar-se a fidelidade do parceiro do Eixo.

8. Essa diferença de criterios poude ser constatada no caso da Jugoslavia.

9. A Alemanha, ao que parece, estimaria forçar a desintegração da Jugoslavia, afim de estender sobre os croatas o seu protetorado, como ex-subditos que foram do Imperio austriaco. A Italia, empenhada em manter a integridade daquele pais, assim como a da Grecia, dentro da esfera totalitaria, como a formula que mais lhe convem, opoz decidida resistencia à penetração alemã. O Conde Ciano entrevistou-se em Veneza com o Chanceler jugoslavo afim de demover as ultimas resistencias do seu Governo. Cercada como se encontra, já foi muito que a Jugoslavia pudesse resistir, nesse encontro, às exigencias mais prementes do Ministro italiano. De Veneza, o Senhor Marcovitch seguiu para Berlim, onde terá que submeter-se a certas concessões limitadas para salvar a situação.

Emb.Londres/174/1939/5.

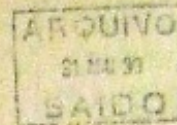
situação.

10. O Senhor Gafencu, Ministro do Exterior da Rumania, deixou Londres plenamente confiante nas seguranças inglesas e por seu lado deu a entender que a Rumania e a Polonia estão prontas a se prestarem mútuo apoio contra as ambições expansionistas de Berlim e Roma e que o seu país aceitará a assistência material de Moscow. Explicou também que a Rumania não podia concluir uma aliança ostensiva com os Soviets, com receio de encorajar os sentimentos anti-sovieticos e pro-germanicos do país.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji desloving

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA



EC

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 1 de Maio de 1939.

No. 177

"Africa-Brazil Commercial
Company".

801.28/60/
lv3



Senhor Ministro,

Recebi do Conselheiro Comercial, Doutor Julio
Vieira Diogo, Agente Comercial do Brasil em Pretoria, o tele-
grama abaixo, que rogo a Vossa Excelência habilitar-me a res-
ponder:

"Comunico fundação firma Africa Brazil
Commercial Company constituída quatro grandes
capitalistas Johanesburgo explorar produtos
brasileiros organizando Junho escritório com-
pras Rio. Rogo comunicar Exteriores solicito
urgente autorização organizar Bureau".

Tenho a honra de renovar a Vossa Excelência os
protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do hour

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

EC

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 3 de Maio de 1939.

No. 178

Qualidade das laranjas
brasileiras importadas
na Grã Bretanha.

842.37(60)/42)

lvb

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
Divisão de Comunicações e Arquivo

31 MAIO 1939

N.º 9593

Senhor Ministro,

Peço vênia para chamar a atenção de Vossa Excelência para o conteúdo da carta junta por cópia, datada de ontem, da firma British & Overseas Fruit Company Ltd. e relativa a má qualidade das laranjas brasileiras chegadas recentemente neste mercado.

Segundo afirma a aludida firma, as laranjas brasileiras chegadas ultimamente são tão verdes que são, por assim dizer, invendíveis. Até o presente momento a firma em questão não comprou ainda laranjas brasileiras e suas observações a respeito do nosso produto não são portanto ditadas por algum interesse imediato e pessoal. Na opinião da British & Overseas Company Ltd., se chegarem novos carregamentos nas mesmas condições, o Prestigio do produto brasileiro será muito severamente atingido. Já seu preço é atualmente baixíssimo, sendo, por exemplo, de 50% mais baixo do que o da laranja palestina.

Informações colhidas hoje de outras fontes, confir-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb. Londres/178/1939/2

confirmam os dizeres da British & Overseas Fruit Company Ltd.,
que muito agradeceria a Vossa Excelência mandar comunicar ao
Ministério da Agricultura.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência
os protestos de minha respeitosa consideração.

Repi do Loure

22b.Londres/178/1939/Anexo.

BRITISH & OVERSEAS FRUIT COMPANY LIMITED

48 Brushfield Street,
Spitalfields.
London E.1.

2nd May 1939.

The Commercial Attaché,
Brazilian Embassy,
19, Upper Brook Street,
London W.1.

Sir,

BRAZILIAN NAVEL ORANGES

You have heard no doubt of the very low prices at which the above fruit is being sold, and which can only be termed disastrous for those Exporters who may have shipped them on a consignment basis, or for those Importers who may have purchased them on a firm f.o.b. basis, or even given guaranteed f.o.b. advances.

In the past the writer has been extensively and actively engaged in the importation of Brazilian oranges, but not for a long time have we seen fruit which has arrived so green as to make it almost unsaleable. It is our considered opinion that shipments should not have been permitted so early by the Government Authorities, and if shipments of fruit in similar condition are allowed to continue, it can only mean disastrous results for both Exporters and Importers alike, and what is also very important, the prestige which the fruit once enjoyed will cease to exist.

As a firm which has much interest in Brasil, we sincerely deplore such a state of affairs, and we are writing to you in the hope that you will be kind enough to pursue the matter.

Our interest is entirely that of Fruit Importers, since we have no actual contracts or arrangements made with Brazilian Exporters as yet this season, but we are genuinely sorry to think that the Brazilian Government has allowed such shipments to be made, without apparently taking into account the circumstances surrounding the Orange business and the requirements of the United Kingdom markets. We have no need therefore to tell you that our confidence, for the time being, has been somewhat shaken.

If we can be of any assistance to you, we are entirely at your service.

Yours faithfully
for BRITISH & OVERSEAS FRUIT CO. LTD/
(a) L.J.Vos -Director-

Confere
Mr. Ribeiro dos Santos
Secretário-Arquivista.

Conforme
[Signature]
Primeiro Secretário



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

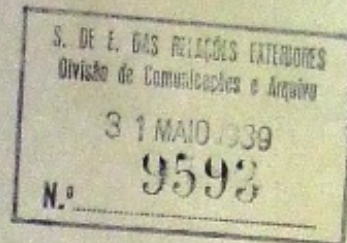
MP

Londres, em 3 de Maio de 1939.

No.179

O poder alemão.

900.1(600)



Senhor Ministro,

A titulo de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos recortes do "The Financial News" de ontem e hoje, contendo um estudo interessante intitulado: "Será exagerada a força alemã ?"

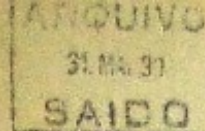
2. O articulista estuda as disponibilidades do Reich em alimentos, petróleo e minérios de ferro para a emergência de uma guerra mundial, chegando à conclusão de que, logicamente, para o Governo alemão a guerra seria um suicídio. Quanto à Grã-Bretanha e à França, a política tem que ser a de alianças, organização da defesa e mobilização da indústria, de modo a deixa-la aparelhada para desenvolver seu potencial máximo no menor espaço de tempo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji do homem

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA



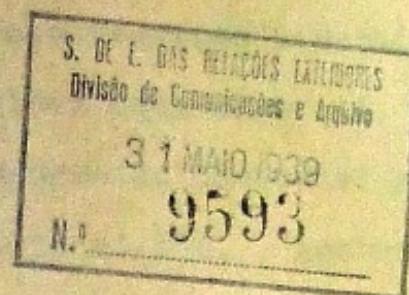
MP



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

No.184

Mês politico nº 5.



A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das
Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimenta
respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório
político nº 5, desta Embaixada.

Londres, em 5 de Maio de 1939.

Mês Político nº 5.

REGRESSO A BERLIM DO EMBAIXADOR BRITÂNICO

O Embaixador britânico apressou o seu regresso a Berlim, com certa surpresa para os meios políticos aqui como lá. Fôra encarregado de transmitir, antes do discurso do Chanceler alemão, as instruções a que já aludí no meu officio nº 173. Apesar do carácter urgente dessa incumbencia, Sir Neville Henderson e, portanto, o Governo britânico, sofreu o vexame de só dez dias depois ser recebido pelo Ministro Ribbentrop, que dedicára o seu tempo à recepção do Ministro da Cultura finlandês, bem como à do Ministro dos Estrangeiros da Jugoslavia.

A preocupação deste Governo está sendo de desfazer a impressão criada em Berlim de que a Grã-Bretanha esteja levantando uma muralha esmagadora ao redor do Reich e de que não procedem os temores do Senhor Hitler quanto ao plano britânico sobre os mercados do Oriente europeu. A missão de Sir Frederick Leith-Ross a Bucarest, de onde seguirá para Athenas, é apenas negociar um acôrdo econômico em complemento das garantias politicas oferecidas pela Grã-Bretanha, afim de salvar a Rumania como a Grecia de uma exclusiva subservência a uma só potencia. O grosso das transações comerciais desses paises, por razões geograficas, terá que ser com a Alemanha, fadada a exercer, como já exerce, um predominio economico. As negociações entabuladas em Bucarest não perdem de vista tal situação, como foi declarado recentemente na Casa dos Lords. O êxito dessa missão depende da capacidade da Rumania e da Grecia de adquirirem produtos britânicos. Para isso creditos e assistencia tecnica são necessarios e vão ser fornecidos (à Rumania) até o montante de 5 milhões de libras. Com o auxilio dos grandes organismos comerciais de ramificações mundiais, será possível à Grã Bretanha achar mercados para as materias primas daqueles paises.

países.

Como disse hoje o "Times" em editorial, a grande vantagem da Alemanha consiste na unidade de direção, ao passo que do lado britânico o aspecto político pertence ao Foreign Office, ao Board of Trade incumbe a negociação dos acordos comerciais, o Departamento do Overseas Trade não tem voz activa na direção da politica comercial nem ação sobre as firmas individuais ou sobre a importação propriamente dita. Falta à Grã Bretanha portanto o mecanismo adequado à coordenação dos seus recursos e, até que se descubra um remedio para essa situação, ela se encontra mal armada para competir com os países totalitarios.

É interessante observar o rumo que vão tomando essas competições comerciais, ante a necessidade de adoptar os mesmos metodos dos Estados totalitarios. Já o Senhor Chamberlain afirmou estar pronto a negociar com os Estados Unidos a troca direta de certos produtos. Conhecidas como são as posições doutrinarias dos dois Governos a esse respeito, é altamente significativa essa viravolta.

DISCURSO DO SENHOR HITLER

Analizado com mais vagar o discurso do dia 28, a impressão cresce de que foi o mais habil, embora veladamente o mais ameaçador de todos quanto já pronunciou o Senhor Hitler. Não só conseguiu a aprovação unanime do povo alemão, quando já se começava a ouvir rumores e a se perceber sintomas de desunião, como lançou certa confusão neste país ao exprimir sua admiração pela obra do Imperio britânico e o seu proposito de manter a paz e a amizade com a Inglaterra.

Com uma inaudita distorsão dos fatos recentes, desfez no espirito do seu auditorio mal informado a impressão de que pudesse lançar o país numa guerra de agressão e convenceu-o da ameaça, de inspiração judaico-comunista, que preparam as democracias contra a grandeza alemã.

alemã.

Entretanto, o que se conclue da sua justificação da anexação da Tchecoslovaquia é que o mesmo argumento se aplica aos casos de Dantzig e do corredor polonês, que também podem ser considerados como ameaças à paz e à segurança do Reich. A alusão aos Balkans - "certos mercados importantes" essenciais à vida economica do Reich - equivale à proclamação de uma doutrina de Monroe européa (como já referi em officio anterior), contraria à interferencia britânica no continente - a França nem sequer aludida, por considerá-la impotente. Das suas palavras sobre a localização dos conflitos, que não têm porque repercutir no campo internacional, depreende-se um aviso às demais nações para que não intervenham no desenvolvimento da sua ação.

DISCURSO DO CORONEL BECK

As palavras de hoje do Ministro Beck são um desmentido modelar, em tom firme e moderado, das tendenciosas declarações do Fuehrer alemão sobre o pacto de não agressão de 1934. Nunca a tése polonesa foi mais claramente exposta.

Nada mais compreensível, à luz dos antecedentes alemães, que a Polonia não possa tolerar a anexação de Dantzig, cidade secularmente livre. Quando mais de metade do seu commercio se faz por ela e quando por ela passam as estradas de ferro que vão ao porto de Gdynia, compreende-se a decisão do Governo polonês de manter integros os seus direitos. Dantzig representa também posição estratégica vital para a independencia da Polonia.

Esse discurso está sendo aplaudido pela imprensa inglesa como pela de quasi todos os países da Europa.

DEMISSÃO DO SENHOR LITVINOFF

Embora ainda reine dúvidas sobre o significado politico dessa demissão, cristalisa-se nos meios políticos e diplomaticos de

de Londres a convicção de que o Senhor Stalin considera extinta a fase da segurança coletiva e tem mais confiança no Senhor Potemkin, atual Sub Comissario do Exterior. Como este encontra-se numa importante missão aos Balkans, pode-se adiantar que Stalin retoma a tradicional politica czarista. Moscow se esforçará então por se aproximar daqueles países, assim como dos Estados baltas e da Polonia, mas menos interessada em compromissos que possam envolver os Soviets numa guerra contra a Alemanha, por causa da Holanda ou da Suíça.

Por outro lado, o protelamento das negociações anglo-sovieticas contribuíram para que os politicos de Moscow não tenham muita fé na firmeza das intenções do Senhor Chamberlian, portanto reluctem em assinar pactos com este pais, enquanto fôr ele Chefe do Governo. É mais verosimil esta versão que crêr na possibilidade de um entendimento russo-alemão e na volta ao Tratado de Rapallo.

PACTO ANGLO-TURCO

Pode-se considerar como já concluído o acordo que assegura à Grã-Bretanha a completa assistencia da Turquia numa guerra no Mediterraneo ou nos Balkans. Os turcos não querem compromissos com Moscow ou Varsovia, que os envolvam em conflitos no Baltico. Segundo os desejos daquele pais, o pacto não será publicamente anunciado.

RELAÇÕES FRANCO-ITALIANAS

Uma boa noticia é a de que o gelo teria sido quebrado entre a França e a Italia. Consta que na semana passada a Italia apresentou pelos canaes diplomaticos aspirações moderadas. Daí o sigillo em que se mantem a demarche. A Italia aceitaria uma representação no Conselho do Canal de Suez com redução nas tarifas; um porto livre em Djibuti e um novo estatuto para os italianos em Tunis. É só quanto a esse ultimo ponto que pairam duvidas, os franceses receiam que os tunisianos recebam mal as concessões pe-

pedidas.

Tambem na Espanha está diminuindo a tensão franco-italiana. Grande parte das forças aereas italianas foram retiradas de Majorca para reforçar a guarnição da Lybia. O Marechal Petain tem confirmado a exatidão das declarações do General Franco quanto aos movimentos de tropas. O perigo aggrá está no crescente prestigio dos Falangistas, organização fascista fortemente influenciada pelos Nazis. A substituição do Ministro da Educação por um falangista é um golpe para a Igreja, para os monarquistas e para os Requetes.

NOVA CAMPANHA DE APAZIGUAMENTO

Recomeçou na semana passada a campanha iniciada pelo "Times", ao dia seguinte da declaração do Senhor Chamberlain, de 31 de Março, sobre a independencia da Polónia, interpretando as palavras do Primeiro Ministro como "não se applicando à Dantzig e ao Corredor, nem envolvendo a aceitação cega do status quo", já que "modificações ainda eram necessarias". Estas palavras do leader da imprensa conservadora provocaram uma interpelação do Embaixador da Polonia e o subsequente desmentido do Foreign Office, com o que esmoreceu a campanha. Mas, segunda-feira passada, em vista da resistência polonesa às pretensões de Hitler sobre Dantzig, novamente o "Times", no seu editorial de ontem, quinta-feira, disse claramente "Dantzig não vale uma guerra". Concomitantemente abria as suas colunas a uma correspondencia de Lord Rushcliffe, ex-Ministro do Trabalho, e de Lord Ponsomby e Lord Elton, em que se manifesta mais um esforço apaziguador para ceder à pressão alemã. Dados os antecedentes do caso tchecoslovaco, é lamentavel que esse jornal se faça o interprete dessas manobras pró-germanicas (chefiadas por Sir Horace Wilson, braço direito e conselheiro do Primeiro Ministro).

Lord Halifax, contudo, não arredou pé da sua perfeita neutralidade, deixando que poloneses e alemães cheguem sós a um acôrdo. Recusou-se a transmitir conselhos para Varsovia ou a tentar uma mediação, bem lembrando da tragica missão Runciman em Praga.

em Praga.

Por mais que trabalhe a propaganda nazista, no presente estado de espirito neste pais, será difficil que a Inglaterra se des-
prestigue outra vez.

A OPOSIÇÃO LABORISTA

Empenhado com fraca convicção na nova politica, o Senhor Chamberlain não logrou galvanizar em torno do Governo todas as resistencias. As Trade Unions mantêm a opposição ao serviço militar. O Partido Trabalhista continua a insistir pela formação de um Gabinete verdadeiramente nacional e só quer nele colaborar depois que saiam os Senhores Chamberlain, Simon e Hoare. O Partido Conservador ainda não parece disposto a sacrificar o Primeiro Ministro, mas é visivel a inquietação entre os seus dirigentes quanto à reacção popular que as hesitações do Governo provocam. Ao passo que declina a popularidade do Senhor Chamberlain, crescem as probabilidades da subida ao poder do Senhor Winston Churchill. Houve verdadeiro desapontamento com a não inclusão dessa grande personalidade nas recentes mudanças ministeriais.

Londres, em 5 de Maio de 1939.

Rejii de Oliveira



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

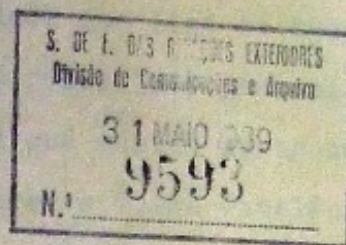
Londres, em 6 de Maio de 1939.

No.185

Partida dos Reis
para o Canadá e os
Estados Unidos.

130.(60)(21)

130.(60)(22)



Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que partiram hoje em visita oficial ao Domínio do Canadá, bem como aos Estados Unidos, a convite do Presidente Roosevelt, Suas Majestades o Rei Jorge VI e a Rainha Elizabeth.

2. É a primeira vez que um Monarca inglês vai ao Continente americano. No Canadá Sua Majestade prorrogará a sessão do Parlamento e assinará decretos, no pleno exercício dos seus atributos de Soberano.

3. Para representa-lo durante a sua ausência, foram designados cinco Conselheiros de Estado: a Rainha, os Duques de Gloucester e de Kent, a Princesa Real e a Princesa Arthur de Connaught. Os documentos oficiais serão assinados pelos Duques, bastando duas assinaturas para validá-los.

4. Apresentei à partida dos Soberanos as minhas despedidas e, como Decano, as dos Chefes de Missão aqui acreditados.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb. Londres/185/1939/2.

acreditados.

5. A visita está sendo celebrada como um acontecimento sem par em todo o Império. Da ida aos Estados Unidos se espera não só a reafirmação da solidariedade que liga as duas grandes democracias, como a demonstração da popularidade pessoal do Monarca, que vai diariamente crescendo desde a sua subida ao trono.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji do hony



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 11 de Maio de 1939.

No. 194

Conscrição e
reservistas.

$$622.2 \left(\frac{60}{100} \right)$$

S. DE A. D. S. H. 1033-1000000
Divisão de Comunicações e Legação
31 MAIO 1939
9593
N.º

Senhor Ministro.

Foram lidas em segunda discussão, ontem, pela Câmara dos Comuns e, portanto, pode-se considerar aprovadas, as duas medidas pedidas pelo Governo - a primeira relativa ao serviço militar obrigatório e a segunda relativa à mobilização das reservas militares do país, e que deverão ser promulgadas antes do dia 18.

2. Como já informei anteriormente, a conscrição envolve a chamada nos próximos três anos, às fileiras do Exército Regular pelo espaço de seis meses, da classe compreendida entre os 20 e os 21 anos de idade, a qual se calcula forneça 200.000 homens. Terminado esse período de treinamento, esses efetivos serão incorporados ao Exército Territorial, que constitui a defesa do território nacional.

3. A segunda medida visa modificar as formalidades anacrônicas da lei de 1882 sobre a chamada das reservas regula-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

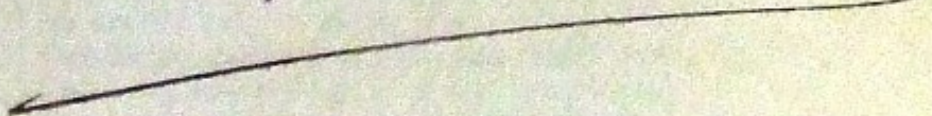
Emb.Londres/194/1939/2.

regulares. Mediante ela, fica o Governo autorizado, durante três anos, a convocar as reservas do Exército e da Marinha, em grupos sucessivos, pelo espaço de três meses, afim de ficarem de prontidão todas as forças armadas do país.

4. Em anexo, passo às mãos de Vossa Excelência o editorial do "Times", que julga do mérito dessas medidas e responde às críticas injustas que às mesma fez o Senhor Lloyd George na sessão de ontem da Câmara.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do Loure



UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

ARQUIVO
1939
BAIXO
NP

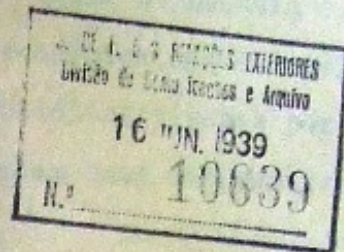
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 13 de Maio de 1939.

No. 202

situação internacional.

900.1(500)



Senhor Ministro,

Foi recebido ha dias por Lord Halifax Monsenhor Godfrey, delegado apostolico em Londres. Segundo consta, o representante de Sua Santidade sendou este Govêrno sôbre a possibilidade de uma conferência no Vaticano entre os Ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, da França, da Alemanha, da Polonia, da Italia e o Cardeal Secretário de Estado.

2. Tanto em Londres como em Paris prevaleceu a opinião de que o encontro destes estadistas pouco adiantaria ao objetivo do Vaticano. Os dois casos visados - o das relações da Alemanha com a Polonia e da Italia com a França - só são suscetiveis de solução mediante negociações directas. Como a França e a Inglaterra já se recusaram a exercer pressão sôbre a Polonia e o Govêrno francês pedira ao do Reino Unido que não mediasse na sua questão com a Italia, nenhum valor pratico seria alcançado com aquela iniciativa.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

iniciativa.

3. Sabendo-se que a Italia fez sentir á Alemanha a inconveniencia de precipitar uma guerra por causa de Dantzig e, tendo-se em vista a gravidade da situação econômica naquele país, é facil imaginar que a mediação da igreja católica tivesse por fim salvar a Italia do impasse a que a levaram seus dirigentes fascistas.

4. A retomada campanha pro-apaziguamento pelo "Times", a Quinta Coluna Nazi, como está sendo chamado esse jornal (alusão aos aderentes nacionalistas de dentro de Madrid), provocou tantas criticas que o mesmo se viu obrigado a justificar-se dizendo a 10 do corrente:

Em artigo publicado ontem pelo Senhor Duff-Cooper, citando destacadamente uma simples frase sobre Dantzig, em que omitiu o seu óbvio e, na verdade, único sentido - afirmou erroneamente o "Times foi o primeiro e único jornal na Inglaterra que advogou a cessão dos sudetos". O Times não advogou tal solução nem foi o único a sugerila para a hipótese de fracassarem, como fracassaram, as soluções mais favoraveis.

5. Anteontem o Senhor Chamberlain fez na Câmara dos Comuns importantes declarações sôbre as negociações em andamento com a Russia.

6. Tendo definido como um mal entendido a interpretação dada em Moscou à proposta britânica, o Primeiro Ministro declarou que o Governo inglês assumira os recentes compromissos na Europa Oriental independentemente da participação dos russos e que a sua proposta consistira num convite ao Governo sovietico a fazer uma declaração identica, "no sentido de que envolvidas a Grã-Bretanha e a França em hostilidades consequentes das seguranças dadas, o Governo sovietico se declarasse, do seu lado,

lado, pronto a prestar a assistência desejada".

7. Tal declaração, pensa o Governo britânico, está conforme à recente expressão de política externa do Senhor Stalin de apoio aos países ameaçados de agressão e que defendam a sua independência.

8. Simultaneamente o Governo soviético propoz uma aliança militar à Grã-Bretanha e à França. Não é intenção deste país que os soviets se comprometam a intervir antes que a Inglaterra e a França o hajam feito. Si o Governo soviético quizer fazer a sua intervenção dependente da das duas outras nações, o Governo de Sua Majestade nada tem a opor.

9. As hesitações de Moscow provêm de que a Inglaterra se negou a uma garantia geral dos demais vizinhos da Russia. Esta é a verdadeira razão, a que acresce um natural temor de ficar isolada ante a nova campanha de apaziguamento do Times. A resposta definitiva, entretanto, foi prometida para breve ao Embaixador britânico pelo Senhor Molotoff. Lord Halifax convidou o Comissário dos Negocios Estrangeiros a encontra-lo em Genebra na proxima reunião da Liga das Nações.

10. Mas a principal razão porque a Grã-Bretanha se opõe à aliança tripartita, proposta pelos bolcheviques, está no receio de impelir o Japão a assinar o pacto militar com os Estados totalitários, em represália.

11. O Governo de Burgos está desejoso de estabelecer boas relações com a França e o Reino Unido. Mais um motivo para que este Governo se preocupe em não fornecer ~~mais~~ argumentos de carater ideologico que aumentem a influencia do Eixo, já tão enraizada na Espanha.

12. Embora haja relutancia tanto da parte do Senhor Chamberlain como de seus conselheiros conservadores, contra a aproximação com a Russia, a opinião publica inglesa atribue grande importancia a esse pacto, já pelas colunas da imprensa já pelas

pelas tribunas do Parlamento.

13. A falta de decisão do Governo, o caráter negativo de sua política, tem-no exposto às críticas de oposição.

14. Foi por recear a eventualidade de uma crise, perigosa nesse momento, que o Senhor Leon Blum, Presidente da Frente Popular francesa, veio a Londres esta semana, afim de demover os leaders trabalhistas e da "Trade Unions" da campanha ingloria contra a conscrição.

15. Da anunciada visita do Conde Ciano a Berlim para a assinatura da aliança militar, da recepção oficial que se prepara ao Rei da Italia à capital alemã para 27 de Junho, pode-se deduzir que o Senhor Hitler não pensa iniciar hostilidades no futuro imediato. Suas declarações imprudentes sobre Dantzig, por outro lado, deixam-no em má postura para abandonar a anunciada incorporação dessa cidade. Deve-se esperar, portanto, que os Nazis continuem a empregar a tecnica que já deu resultados tão favoráveis com a Austria e a Tchecoslováquia e prosiga, na preparação dos corpos de S.S. e S.A. da cidade livre e na formação de "Freikorps" junto à fronteira com os "refugiados" alemães da Polonia, tal como se passou com os sudetos.

16. Diversas hipoteses são aventadas aqui quanto à forma que o Senhor Hitler adotará. O Senado de Dantzig pode declarar a integração da cidade ao Reich. Desordens podem ser provocadas, que justifiquem um apêlo a Berlim em favor da invasão militar. Verificar-se-ia então a ameaça vital provocando a intervenção da Polonia e, subsequentemente, a das suas aliadas.

17. Não se sabe se os Senhores Hitler e Ribbentrop já se convenceram da inevitabilidade dessa ultima consequência. Diz-se que o "Fuehrer" está surpreendido com a firmeza da Grã-Bretanha e que culpa o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros da falta de visão dos acontecimentos. O certo é que o Marechal Goering tem-

tem-se mantido ausente da Alemanha, quiça para não ter responsabilidades nessa política de antagonismo à Polónia.

18. Apresentou suas credenciais como Embaixador em Roma, Sir Percy Loraine. Soube que algum tempo esteve em dúvida a sua partida para o novo posto por causa das credenciais. O Conde Ciano exigia a inclusão nos títulos do Rei Victor Emmanuel, do de Rei da Albania, o que o Foreign Office se recusava a fazer para não provocar no país uma onda de indignação. O facto foi levado ao conhecimento do Senhor Mussolini que interveio conciliatoriamente, sendo finalmente aceitas as credenciais sem essa inclusão, mas prometendo os ingleses, mais tarde, uma vez consumado o facto, a necessaria modificação.

19. Foi ontem finalmente anunciada, aqui e em Ankara, a decisão dos Governos britânico e turco de assinarem um acôrdo de longo prazo e carater reciproco para a segurança dos dois países. Ainda não foram definitivamente assentes os termos do mesmo, mas os dois Governos declararam que em caso de agressão, que provoque uma guerra na area do Mediterraneo, se prestariam assistencia mútua na medida das suas forças. Os dois Governos reconhecem ser também necessaria a consolidação da segurança coletiva nos Balkans e nesse sentido se esforçarão para ultima-la no mais breve prazo possível.

20. A conclusão desse acôrdo, a que já me referi no mês politico nº 5, é da maior transcendência para a paz européia. Garantido à esquadra britânica o acesso ao Mar Negro, será possível a este país dar base real às garantias oferecidas à Rumania.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os Protestos da minha respeitosa consideração.

Repius

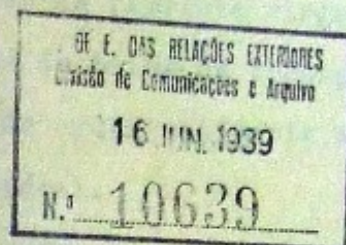
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 18 de Maio de 1939.

No. 208

Refugiados na
Guiana britânica.

640.16(99)



Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos recortes do "Times", de 11 do corrente, contendo as conclusões da Comissão de Refugiados da Guiana Britânica sobre a imigração de judeus, bem como recortes posteriores com comentários ao projeto em questão.

2. Embora pouco favorável à imigração em larga escala para aquela região, por não ser o clima indicado para europeus, a Comissão recomenda a colonização de 3 a 5 mil jovens nas savanas fronteiriças do Brasil, onde as condições geograficas são mais propícias.

3. É um plano estudado superficialmente e em que se prevê a aplicação de £600.000, podendo, no futuro, criar para o Brasil problemas sérios pela vizinhança de núcleos organizados, numa fronteira desguarnecida e habitada por populações indígenas, facilmente exploráveis por estrangeiros.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Arenha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

estrangeiros.

4. Mas, como escreveu numa carta ao Times o Senhor A.J. Schwelm, que viveu durante anos entre os índios de Missiones, o estabelecimento de colonias de refugiados na floresta virgem do interior, num clima improprio, destituídas de meios de transporte, confrontadas por toda sorte de problemas de ordem sanitaria como agricola, está fadado a um fracasso inevitável.

5. Sob qualquer aspecto, portanto, que seja encarado esse projecto, não poderá deixar de nos preocupar. Se prosperarem, correremos os perigos a que acima aludí. No caso de insucesso seguir-se-á a infiltração desses elementos pelas nossas fronteiras.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Refis do honre

NP

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 19 de Maio de 1939.

No. 210

Situação internacional.

900.1 (60)

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
Divisão de Comunicações e Arquivo
16.05.1939
N.º 10639

Senhor Ministro,

Continuem monopolizando a atenção internacional as vagerosas e hesitantes negociações anglo-sovieticas. Iniciou-as Lord Halifax, a 18 de Março, logo depois de proclamado o protetorado alemão sobre a Tchecoslováquia, quando o Secretário dos Negócios Estrangeiros pediu ao Embaixador dos Soviets consultasse o seu Governo sobre se estaria disposto a associar-se à Grã-Bretanha e à França na resistência a novos actos de agressão por parte da Alemanha. No dia seguinte, o Senhor Maisky respondia que o seu Governo estava pronto a participar de uma conferência com os Estados ameaçados para o objetivo visado. Dois meses passaram-se e este Governo ainda reluta em aceitar a fórmula soviética, subsequentemente proposta, de um pacto de assistência mútua anglo-franco-russo contra os agressores.

2. No intervalo, a Grã-Bretanha concluiu alianças defensivas com a Polónia e a Turquia e ofereceu garantias unila-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

unilaterais à Rússia e à Grécia. A Itália, entretanto, anexava a Albânia; a Alemanha, Memel, e se está preparando para o próximo objetivo - a anexação de Dantzig. É verdade que o pacto anglo-turco teve um efeito moderador em Berlim, mas não suficientemente para demover o Senhor Hitler dos seus propositos, o que seria talvez facil se se firmasse o acôrdo anglo-franco-russo. Já eludí no meu officio nº 202 às razões por que o Gabinete ingles não aprovou essa aliança militar. Em outros anteriores, mencionei os temores daqueles países situados entre as fronteiras alemã e russa. No entanto, salta aos olhos que, sem a cooperação armada de Moscou, será muito difficil para a Inglaterra e a França prestarem socorros decisivos à Rumania e à Polonia. Somente os Soviets estão em posição de abastecer, com a necessária rapidez, aqueles dois países com os armamentos indispensaveis.

3. O Senhor Chamberlain continua assediado por forças contrarias. De um lado, os conservadores tradicionais insistem por que se mantenha fiel aos principios classicos do partido, isto é, à concentração na defesa isolada do Império e à conciliação com o inimigo. De outro lado, a opinião publica e parlamentar não aprovam esses rumos. É evidente que o Senhor Chamberlain acredita que ainda poderá manter a paz européia, evitendo atitudes provocadoras, contrárias à sua politica inicial de apaziguamento. A primeira corrente, que se vem manifestando pelas colunas do "Times", sob o lema de que Dantzig não vale a guerra, advoga a tese de que a Grã-Bretanha não deve assumir compromissos com a Rússia antes de solucionado o espinhoso problema de Dantzig. Contra essas forças combate eficazmente Lord Halifax, que vai aos poucos impondo a sua personalidade na direção da politica externa do país. Prova é que logrou impedir que a última nota russa fosse respondida com uma negativa categorica. Ao em vez, incumbiu o seu "Chief Diplomatic Adviser", Sir Robert Vansittart, de prose-

proseguir nas negociações com o Senhor Maisky, o delegado designado para o Conselho da Liga das Nações. Há esperanças de que ainda se chegue aqui, ou em Genebra, a um entendimento nas bases da fórmula mediatória francesa, que consiste num pacto tripartito de assistência mutua em garantia dos pactos de anti-agressão já concluídos. Consta que os russos encarariam com simpatia este plano.

4. Falando hoje nos Comuns, o Senhor Lloyd George disse que "as decisões que vieram a ser tomadas agora pela França, pela Grã-Bretanha e pela Rússia terão consequências mais graves que quaisquer outras desde 1914. Todos aguardam um novo golpe da parte dos Estados dictatoriais, embora não se saiba onde será desferido, tal como aconteceu na primavera de 1918, quando se esperava a grande ofensiva alemã, sem se saber sobre qual das frentes se desencadearia. Hoje há uma tensão nervosa, uma sensação de angústia e de ansiedade. O mundo inteiro está sob a impressão de que se trama um ataque por parte dos agressores. Os alemães intensificam e apressam seus armamentos em escala sem precedentes e estão fortificando as suas posições estratégicas contra a França e a Inglaterra. Ninguém poderá dizer que é para defesa contra possíveis ataques destes países ou da Rússia, ao passo que os preparativos ingleses visam não uma guerra inevitável, mas tornar a paz inevitável. Só no dia em que os dictadores souberem que contamos com forças que garantam o nosso triunfo, deixarão de nos desafiar.

5. Quanto ao tratado anglo-turco, exprimiu o Senhor Lloyd George a sua mais profunda satisfação e, sobre a Rússia disse: "Ela ofereceu-se a nos auxiliar meses atrás e durante meses ficamos a olhar amedrontados os dentes do cavalo dado.... Foi a Rússia que em 1914 impediu a realização do plano alemão.... A Polónia com a sua fronteira alemã, de 1.500 milhas, não tem uma linha Maginot para se defender. Nós não poderemos mandar um só

só tanque, um só canhão. Como havemos de redimir, portanto, as nossas promessas sem a ajuda russa? Precisamos da Rússia, concluiu o Senhor Lloyd George. Não se compreende a proteção do Governo britânico. Precisamos tratar os Soviets sem restrições, em termos de igualdade".

6. Estas palavras do velho estadista, que arcou com as responsabilidades da guerra, definem melhor do que ninguém a ansiedade do momento e expõem com logica irrefutável os dados do problema russo.

7. Respondendo às críticas do Senhor Lloyd George e do chefe laborista, o Senhor Chamberlain fez, em seguida, mais uma declaração sobre as negociações com a Rússia, em que, entre outras cousas, disse: "esperava que os obstáculos para o acôrdo com a Rússia seriam brevemente afastados; negou que o Govêrno desprezasse o auxilio dos Soviets; e acentuou que a Inglaterra não estava pronta a comprar a paz ao preço de concessões que só conduziriam a novas exigências, mas não se recusava a discutir aspirações razoáveis das demais nações.... Ha concessões possíveis e realizáveis sem maiores dificuldades (referindo-se à Alemanha), desde que sejam utilizadas para o fim a que se destinam e não para objetivos estratégicos de agressão, aliás negados pelo Govêrno alemão. Mas, declarou o Primeiro Ministro, o grave é que o Senhor Attlee (Chefe da oposição) não era o único a não ter nêle fé, concluindo que o único culpado desse estado de cousas é o Govêrno alemão.

8. Anunciou-se esta semana que o General Franco sondára a casa bancaria Mendelson, de Amsterdam, sobre a possibilidade de contrair um empréstimo de 20 milhões de libras nas praças de Londres, Paris e da Holanda. O Senhor Van Zeeland, ex-Primeiro Ministro belga, agora identificado com a Companhia Hispano-Americana de Eletricidade, poz-se em contato com o Banco de Paris e

dos Países Baixos e com a Casa Lazard Brothers, e procurou o Senhor Bonnet para conversar sobre as garantias a serem exigidas. Mas a notícia foi divulgada, o que obrigou o Governo francês a desmentir que se estivesse tratando de um tal empréstimo em Paris.

9. Este Governo não chegou a ser consultado e sendo pouco provável que aqui se tome o empréstimo em consideração, pela dificuldade que haveria em lançá-lo. Mas a possibilidade de uma ajuda financeira não está fora de questão. A carência de mantimentos na Espanha tornou-se aguda. A Itália e a Alemanha nada podem fazer para ajudá-la. Os peritos ingleses da Cruz Vermelha e de outras sociedades de socorros sugerem a negociação de um acordo comercial com o Governo espanhol, concedendo-se-lhe créditos a serem pagos com o produto da venda de certos minérios e especialmente de mercúrio. Habilmente manejado, um acordo dessa natureza será um trunfo que poderá solapar eventualmente a influência do eixo Berlim-Roma, pois o General Franco dificilmente poderá rejeitar esta ajuda se quizer solucionar seus problemas.

10. A execução desse plano está porém encontrando um obstáculo. É que a fronteira espanhola continua virtualmente fechada para os franceses e ingleses. Não se concedem vistos para a Espanha. As comunicações telefônicas e ferroviárias ainda se encontram suspensas. Tais dificuldades parece que são ditadas pelos alemães. A influência destes vêm aumentando em vez de diminuir. Novos técnicos têm sido despachados para a Espanha nestas últimas semanas. Pela primeira vez, os Nazis confessam o papel desempenhado pelos soldados alemães na guerra civil, tanto que um destacamento de "voluntários" desfilou hoje na parada triunfal em Madrid.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Repi do Home

RECEBIDO
27 JUN 1939
SAIDC



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 27 de Maio de 1939.

No. 219

Situação internacional.

900.1(600)



NP

Senhor Ministro,

Vencida finalmente a campanha dos apaziguadores (Sir Horace Wilson, o Times e o Cliveden set), pouda a diplomacia britânica, posta à margem durante tanto tempo, retomar a direção com a necessária presteza e habilidade para arrestar a dominação teuto-italiana na Europa. O primeiro golpe - mais ousado por ter sido o prenuncio do novo rumo - foi a aliança com a Polónia. Seguiram-se as garantias fornecidas à Rumania e à Grecia; depois, o acôrdo com a Turquia - talvez esse o de maior alcance. E agora ultima-se o pacto com a Russia - um salto no desconhecido até certo ponto, mas uma necessidade imperiosa para salvar a Polónia e a Rumania da expansão alemã. Não se verificando já a hipótese da guerra, os futuros passos do Foreign Office visarão limitar a influencia do Eixo nos Balkans e, eventualmente, afastar a hegemonia dos alemães e italianos na Espanha.

2.

Considerado sob esse aspecto, a expressão "encercele-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

"encerclement" como definem os alemães a politica ativa da Inglaterra, teria certo cabimento. É um cerco, de caráter meramente defensivo, imposto pelo imperialismo agressivo do Eixo, em que a Italia figura definitivamente como vassala.

3. Afinal poz-se um freio às ofensivas da Alemanha nazista. Agora, são as democracias que dirigem os acontecimentos, enquanto que a Alemanha, surpreendida, hesita quanto aos passos a dar, sem contudo diminuir o ritmo febril dos seus armamentos.

4. Tudo indica que, no momento, a muralha levantada ao redor da Alemanha resistirá às investidas dos derrotistas no interior e da propaganda totalitaria no exterior, sem que, todavia, se possa concluir estar removido o perigo da guerra. É que ainda não se percebem sinais de alívio e nenhuma das dificuldades reais poudeser solucionada.

5. Resumindo obectivamente, os prós e contras, respeito à guerra, podem ser assim enumerados:

contra:

- 1) o tempo que ainda requer a terminação das fortificações alemes ao longo das suas fronteiras;
- 2) a falta de preparo das novas reservas austriacas e sudetas;
- 3) a esperança (por parte da Alemanha e da Italia) de estender a sua influencia à Yugoslavia e à Bulgaria;
- 4) o atrazo no programa alemão de construção de submarinos;
- 5) a convicção de que as eleições presidenciais nos Estados Unidos, em 1940, paralisarão as medidas que o Govêrno norte-americano viesse a tomar contra o Eixo totalitario e
- 6) a possibilidade, sempre imanente de dissensões dentro da fronteira democratica.

A favor da guerra, militam:

- 1) a semelhança dos processos iniciados em Dantzig aos empregados na Tchecoslováquia e em Memel;

Memel;

- 2) o receio de que o factor tempo esteja agindo a favor das democracias, em virtude do eficiente rearmamento britânico;
- 3) as crescentes dificuldades economicas - catastrophicas na Italia, onde os deficits se acumulam assustadoramente - menos serias na Alemanha, embora igualmente perigosas, pelo factor psicologico da inflação que já se começa a sentir;
- 4) o descontentamento cada dia maior, na Italia, pela penetração implacável do Reich em todos os ramos da sua administração, assim como os recentes disturbios entre os trabalhadores das minas de carvão na Alemanha;
- 5) a aceleração de todos os preparativos belicos com as fabricas a trabalharem a todo o vapor, situação que não se pode prolongar indefinidamente sem o perigo de uma explosão.

6. Foi depois das conversas de Lord Halifax com o Senhor Bonnet, em Paris e em Genebra, que o Senhor Chamberlain anunciou nos Comuns a aceitação virtual do pacto tripartito de assistência mútua anglo-franco-sovietico, transmitida esta semana, no seu texto modificado, para Moscou.

7. O abandono pelo Ministro francês da sua política de tergiversações e de resistência passiva nos bastidores, no entender de certa imprensa aqui, versão, aliás, confirmada pelos acontecimentos, explica-se pela opposição decidida do Estado Maior contra qualquer "demarche" que viesse ao encontro das exigências italianas.

8. Chamou a atenção de Londres o facto de que a entrevista entre Lord Halifax e os membros do Governo francês, sábado passado, tivesse lugar no Ministerio da Guerra em Paris e não no Quay d'Orsay. O Senhor Bonnet teria, desta feita, informado Lord Halifax, conforme noticias chegadas de Berlim, que não havia tempo a perder para a conclusão do referido pacto. O Quay d'Orsay soubera que o Senhor Ribbentrop estava tratando de persuadir o Chanceler alemão da conveniencia de um entendimento com a Russia,

Rússia, escudado na convicção do Estado Maior do Reich, de que a única maneira de se resolver o caso da Polónia será a extinção eventual desse país como nação independente. Garantida a neutralidade russa, em caso de ataque alemão sobre Dantzig, chegar-se-ia depois à restauração da antiga fronteira da Prússia Oriental, em troca da inclusão na Ucrânia Soviética das áreas polono-ukranianas e sub-carpatas da Europa Central. O Senhor Ribbentrop favoreceria mesmo a cooperação russo-alemã para a destruição do Império Britânico. Também o Senhor Himmler, de concerto com o Estado Maior do Exército e a grande indústria, estaria preparando o terreno para uma aliança teuto-soviética, caso fracassasse o pacto anglo-russo. Este projecto teria sido até apresentado ao Senhor Stalin por uma personalidade escandinava. O Senhor Hitler, porém, segundo as referidas informações, ainda não está persuadido de que tenha chegado a hora para se pensar em qualquer aproximação desse genero. É interessante, contudo, observar como cessaram ultimamente os ataques da imprensa alemã contra o bolchevismo e os Soviets.

9. Não ha a menor duvida de que o temor de uma tal eventualidade influuiu sôbre a decisão do Gabinete inglês para aceitar a formula russa, que a tanto equivale o plano recém-transmitido para Moscou.

10. Facilitaram essa resolução as comunicações recebidas de Bucarest e de Varsovia, de que os dois países não tinham mais objeções à aliança tripartita e viam com bons olhos a colaboração econômica com a União Soviética.

11. Enfim a situação na Europa assemelha-se a um tabuleiro de xadrez, em que os dois adversarios monobram os seus peões, atentos aos menores deslises de parte a parte. Daí, esse acôrdo com a Rússia, que, por mais necessario que seja, constitue aos olhos de personalidades ingleses uma ameaça à nossa civilização por

Emb.Londres/219/1939/5.

por significar uma entrosagem a um regime ainda mais ditatorial que as próprias ditaduras, que se procura combater, e desprovido de qualquer escrúpulo. Essa politica, quasi incoerente, revela a gravidade da situação a que a Europa foi leveda pelas ambições desmedidas do Nazismo.

12. Pode-se resumir a repercussão que teve neste país a assinatura da aliança militar teuto-italiana, constatando-se que o mesmo em nada modificou a situação já conhecida entre os dois países, salvo a manifesta submissão do segundo parceiro do Eixo Berlim-Roma, quando se considera a impopularidade com que a medida vinha sendo encarada pelo povo italiano.

13. Mas a existência divulgada de que o pacto contem cláusulas secretas não deixa de preocupar os meios governamentais.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji de Oliveira



78.000
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 29 de Maio de 1939.

ND

No.220

Evacuação de Londres pelos
Departamentos oficiais bri-
tânicos.

620.6(60)



Senhor Ministro,

Como medida de precaução na eventualidade de hos-
tilidades, e prevendo a possibilidade de forte bombardeio aéreo
de Londres, este Governo já tem os seus planos prontos para a e-
vacuação instantanea para fóra de Londres de mais de 200.000 fun-
cionários públicos.

2. O plano consiste em conservar em Whitehall um qua-
dro mínimo de altos funcionários que, instalados em porões ampla-
mente protegidos contra ataques aéreos nas suas respectivas reper-
tições, dirigirão por telefone os diversos departamentos espalha-
dos em diversos pontos na Inglaterra, principalmente nos condados
do norte, oeste e centro. Estes serão instalados em grandes e-
dícios nas cidades, ou nas grandes casas de campo, tão numero-
sas na Inglaterra, para cujo aluguel já foram firmados os respec-
tivos contratos.

3. Os funcionários, da mesma maneira que os soldados

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/220/1939/2.

soldados territoriais, prestarão seus serviços separados das suas famílias, alojando-se dentro ou na proximidade das suas repartições. Receberão, além dos ordenados, um suplemento, que varia entre 14/- e £1 por semana, para alojamento e duas refeições diárias.

4. Os funcionários que continuarem em Londres serão alojados, parte nas respectivas repartições, parte em pensões indicadas pelo Governo. A evacuação propriamente dita será dirigida pelo Governo em linhas estritamente militares, prevendo-se a requisição de automoveis particulares.

5. O Governo está reunindo provisões de comestíveis nos novos departamentos situados nas provincias. As cidades de Winchester e Oxford foram escolhidas para as sedes dos tribunais judiciais, por contarem com edificios mais adequados à instalação de tais repartições.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji do Louren



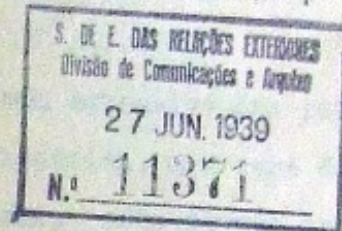
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 3 de Junho de 1939.

No. 228

Situação Internacional.

900.4(600)



Senhor Ministro,

Teve grande repercussão na imprensa italiana o discurso pronunciado sexta-feira passada, em Londres, pelo Embaixador Grandi, num jantar que ofereceu ao pessoal da Embaixada e a individualidades de destaque da colônia alemã, para festejar a assinatura do pacto militar entre os dois países. Em resumo, o Conde Grandi disse o seguinte: "A primeira aliança estrangeira celebrada pela Itália unificada fôra com a Prússia. Italianos e alemães combateram lado a lado na Espanha e, com resolução e força inflexíveis, haveriam de defender seus direitos ao progresso e à existência, contra a impotência enraivecida dos nossos adversários - as duas democracias -, que há 20 anos vêm injusta e obstinadamente negando aos italianos o direito à vida, à realidade dos factos e a estudar sequer as propostas que o Duce tem oferecido consecutivamente com o fim de assentar em base justa e duradoura a tranquilidade e a paz européias. Os mesquinhos e ba-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

baralhadores políticos de Versalhes e Genebra, depois de frustra-los da vitória de 1919, tentaram em 1935, pelas sanções - mais que um cerco econômico, uma guerra verdadeira -, estrangular a Itália e o seu futuro como nação".

2. Compreendendo o alcance e o tom agressivo das palavras do representante italiano, a imprensa londrina, com rara disciplina, omitiu quaisquer referências às mesmas, afim de não prejudicar sua situação, quer oficial, quer junto à sociedade, onde ele goza de grandes simpatias e era considerado como anglófilo.

3. A explicação que se dá, e que parece lógica, a essas palavras estranhas da parte de um representante diplomático acreditado junto ao Governo britânico, é que ele se sentiu obrigado - para fortalecer a sua situação em Roma, talvez solapada pela camarilha dos fascistas ultramontanos - a desmentir as insinuações da imprensa francesa de que houvesse diferenças dentro do partido ou que ele fosse oposto à política do Eixo. Por isso nenhuma importância foi-lhes atribuída aqui e na França.

4. O discurso cheio de reticências do Senhor Molotoff sobre as propostas anglo-francesas para um pacto de assistência mútua entre os três países está sendo hoje comentado com menos otimismo que ontem, e reagiu deprimentemente sobre a Bolsa, quando se tinha como certa a aceitação pela Rússia dos últimos termos das notas britânica e francesa.

5. Compreendendo que a opinião publica inglesa está forçando a mão do Governo na relutância deste a celebrar uma aliança sem reservas, os Soviets se aproveitam da oportunidade para obterem uma reabilitação de prestígio e uma reparação da humilhação sofrida em Munich, quando foram postos à margem em negociações em que eram tão interessados quanto qualquer outra grande potência.

6. O Senhor Molotoff ainda não está convencido da sinceridade das Democracias na resistência às agressões e não se im-

impressionou com o que se vem passando na Inglaterra estas últimas semanas, quando medidas revolucionárias, sem precedentes para quem conhece a história e o caráter deste povo, quais os compromissos estrangeiros do mais vasto alcance e a conscrição em tempo de paz, são aplaudidas com unanimidade pela imprensa e pela opinião.

7. Enquanto pairarem dúvidas sobre a renúncia da Inglaterra à política de apaziguamento, os Soviets se recusam a cooperar. A condenação da política do Senhor Chamberlain no caso da Tchecoslováquia, nesse discurso, não admite dúvidas a respeito.

8. Para afastar definitivamente as desconfianças que ainda pairam no espírito dos homens de Governo russos, será preciso que as duas Democracias ajam decidida e rapidamente. A situação no fundo continua a mesma. Para preservar a paz e tornar a guerra uma aventura arriscada, a participação da Rússia é mais que nunca necessária. Mas só com boa vontade e espírito de compreensão de ambos os lados se poderá chegar a um acordo sincero e que inspire confiança.

9. A maior dificuldade está na insistência pela Rússia de que a garantia abranja a independência dos Estados bálticos, mesmo que estes não a queiram ou não apelem para as Democracias. Enquanto que o Governo britânico só deseja vir em auxílio deles depois de se verificar essa hipótese, a Rússia quer que o compromisso seja identico ao celebrado com a Rumania e a Grecia, os quais independem desse preliminar. Os Soviets julgam que os primeiros têm para a sua segurança a mesma importância que os últimos para a Grã-Bretanha, o que não deixa de ser lógico.

10. Ha ainda, a julgar pelos editoriais da imprensa inglesa, esperanças de que as potências ocidentais cheguem a um acordo final com a Rússia, mas a verdade é que não escondem a preocupação que a demora está causando. Acredita-se que as Democracias

Democracias se resolvem a oferecer novas seguranças já que Moscou está em condições de impor os termos, mas é muito duvidoso que cheguem a dar a garantia específica aos três Estados do Baltico. Estes são enfaticamente contrários à idéia. O Ministro das Relações Exteriores da Estonia acaba de declarar que seu Governo nunca desejou um pacto de assistência para a defesa dos Estados baltas com a Rússia ou com outras Potencias. A intromissão de uma outra nação, seja em defesa de um sistema coletivo seja para defender interesses vitais no Baltico, seria considerada pela Estonia como uma agressão contra a qual estavam prontos a se bater.

11. É viva a satisfação com que essas dificuldades são observadas em Berlim. A Alemanha está atenta a todas as demonstrações praticas do valor real das alianças recentemente contraídas pelo grupo democrático.

12. A impressão que se volta a colher de que o Senhor Chamberlain ainda não abandonou de todo a esperança de levar por diante a sua politica de paz, antes de passar as redes do Governo a mãos mais jovens, parece confirmada pelo consentimento tácito à transferencia das 5 milhões de libras tehecas depositadas no Banco da Inglaterra, por conta do Banco de Pagamentos Internacionais. A oposição do Governo francês a que esse dinheiro fosse transferido, para que eventualmente não chegue a Berlim, não demoveu o Primeiro Ministro da sua abstenção.

13. É certo que o Governo não tinha ingerência no caso, os Senhores Montagu Norman e Otto Niemeyer, do Banco da Inglaterra, são os diretores ingleses daquele Instituto de Bâle. O Senhor Chamberlain limitou-se a considerar o assunto do ponto de vista estritamente legal. Mas assim fazendo, deu lugar a uma controvérsia politica que em nada rebustecerá a sua posição.

14. Consta que o Senhor Chamberlain desejaria retirar-se à vida privada no começo do ano entrante, depois das eleições gerais, que são previstas para Outubro e das quais ele espera sáia

Emb.Londres/228/1939/5.

sáia fortalecido o Govêrno Nacional. Antes de deixar o poder, êle quereria empreender mais uma tentativa de apaziguamento europeu para culminar a sua carreira política.

15. Os dirigentes do Partido Conservador acreditam que tal plano seria uma plataforma excelente para ganhar as eleições. Aquele grupo, vulgarmente chamado do Cliveden set, é favoravel a uma nova aproximação com a Alemanha, mas desta vez não com os leaders Nazis. Já não têm confiança no Senhor Hitler. Espera estabelecer contacto com os leaders financeiros do Reich, prevalecendo-se das reinantes dificuldades econômicas internas.

16. Outros julgam que a estabilidade da coalizão anti-germanica, constituida pela Inglaterra, França e Russia, deve se firmar primeiramente. Só depois de algum tempo é que se poderá reconstruir a estrutura européia sob base juridica e ordeira. Dada a presente attitude dos Govêrnos totalitários é prematuro alimantar esperanças de êxito nesse sentido, quer entre as Potências do Eixo, quer na Grã-Bretanha e na França.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rafael do Livramento

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA.

250
BAIXO



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

NP

No. 238

Mês Político nº 6.

900.1 (60)
M.

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES Divisão de Comunicações e Arquivo 12 JUL. 1939 N.º 12395
--

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimenta respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório político nº 6, desta Embaixada.

Londres, em 9 de Junho de 1939.

VISITA DOS REIS AO CANADÁ

O acontecimento político de maior relêvo do mês passado foi a visita real ao Domínio do Canadá. Propositadamente retardei a remessa destas paginas para que se pudessem cristalizar as impressões que transpirem em Londres sôbre o verdadeiro significado que ela assumiu.

Em primeiro lugar, avulta a popularidade conquistada pelos Soberanos e o completo êxito pessoal dessa visita, habilmente organizada pelo Senhor Allan Lascelles (desde ontem Sir Allan), grande conhecedor do país e dos canadenses e inspirador dos discursos do Rei.

A nota ferida em todas as declarações de Jorge VI foi a lição ao crescente nacionalismo canadense. Sua Majestade falou sempre como Rei do Canadá e não da Grã-Bretanha.

As opiniões oficiais em Ottawa, porém, divergem quanto às conclusões a tirar das demonstrações populares que cercaram os Soberanos nas principais cidades litorais do Canadá francês e inglês.

Os objetivos visados pelo Govêrno presidido pelo Senhor Mackenzie King eram buscar uma diversão psicológica da tensão política, cimentar a unidade nacional e, em último lugar, revelar oportunamente aos politicos dirigentes na Inglaterra o caráter nacionalista das demonstrações populares, bem como o prurido de independência no rumo político internacional do Domínio.

O discurso do Rei em Winnipeg (25 de Maio), calculadamente preparado, surpreendeu pelo seu espirito objetivo, pela ênfase dada ao dever do Canadá de se conservar à margem dos acontecimentos europeus, dest'arte quicá, servindo melhor os interesses da humanidade. Este discurso pronunciado numa cidade do middle-west

middle-west canadense, onde o espirito isolacionista, senão secessionista predomina, feriu uma nota mais pan-americana que pan-britânica e veio fortalecer a tese do Primeiro Ministro, de que lhe cabe dirigir a politica exterior do Domínio.

A visita, em suma, serviu para amalgamar num sentido canadense, não mais fraccionado entre francezes e ingleses, católico e protestante, o espirito nacional. Revelou também a desconfiança lá reinante em face da oligarquia que ainda governa a democracia inglesa e o imperativo da neutralidade canadense para solidificar a unidade nacional e pan-americana do Domínio.

PALESTINA

A protelada declaração do Governo sôbre a sua futura linha de ação na Palestina foi afinal apresentada no dia 17 de Maio ao Parlamento e submetido à sua aprovação o respectivo projeto de lei.

Depois de explicar que nunca foi pensamento do Governo britânico a constituição na Palestina de um Estado puramente israelita (Declaração Balfour de 1917), como tão pouco a de um Estado árabe (Sir Henry McMahon, 1915), contrariamente ao que propalaram as duas facções em disputa, o "White Paper" do Secretário das Colonias traça a diretiva que o Governo se propõe executar para a criação dentro de 10 anos de um Estado independente na Palestina, ligado à Grã-Bretanha por um Tratado, que assegure as relações comerciais e politicas entre os dois países. Foi assim abandonada a partição territorial proposta pelas Comissões Peel e Woodhead, em cantões ou áreas independentes, entre árabes e israelitas.

O novo plano prevê a substituição gradual dos funcionários britânicos por número igual de árabes e judeus, tanto nas repartições, como no atual Conselho Executivo, que será mais tarde convertido em Conselho de Ministros. Ao fim de cinco anos uma As-

Assembléa Constituinte, composta de ingleses e palestinos votará a Constituição do novo Estado, a ser ratificada pelo Governo britânico, depois de assegurada a liberdade religiosa e a situação especial do "Jewish National Home". A imigração anual de judeus será limitada à quota de 10.000 nos cinco primeiros anos e a um total de 25.000 nos anos subsequentes, de modo a perfazer o máximo de 75.000.

Eis, em resumo, o programa do Governo para resolver o difícil problema da Palestina. O êxito do mesmo depende do desenrolar dos acontecimentos, que não está sendo, aliás, dos mais promissores. Em Maio de 1936, o Mufti de Jerusalem iniciou um movimento contra a imigração judaica que em breve, desencadeou toda a sorte de terrorismo, num conflito declarado, que levou este Governo a nomear uma comissão de inquerito (Peel), que propoz a malograda partição e o mandato britânico sobre a Terra Santa. Aceito pelo Governo este projeto, tanto os judeus como os árabes se opuzeram à partição, recrudesendo a agitação, fomentada ainda pela propaganda estrangeira. Em fins de 1937, o Senhor Eden, que era então Secretário dos Negócios Estrangeiros, preocupado com a repercussão que as novas violências provocavam no mundo muçulmano, abandonou esse projeto e despachou, em Abril de 1938, uma segunda comissão (Woodhead) a estudar outro meio de pôr termo ao movimento revolucionário.

As limitações impostas à imigração judaica são uma exigência árabe para que não seja essa população eventualmente reduzida à condição de minoria. Elas permitem entretanto que a experiência do Lar Nacional Judeu prosiga vitoriosa como estava sendo até agora. Talvez, no futuro, apaziguados os ânimos, se possa reabrir a questão. Mas, essas restrições são a causa da oposição tenaz que o zionismo está levantando na Palestina e no mundo contra o novo plano britânico.

britânico.

Trata-se, enfim, de uma fórmula conciliadora, em que a autonomia das duas populações, em áreas delimitadas, ficará assegurada dentro do Estado soberano, com igual participação no seu Governo.

PACTO ANGLO-RUSSO

No ofício sobre a situação internacional da semana anterior relatei as últimas fases dessa partida de xadrez, como se podem definir essas demoradas negociações com os seus golpes e contra golpes. Ha de novo, apenas, a partida do Senhor William Strang, Conselheiro de Embaixada, do Gabinete de Lord Halifax, cuja larga experiência na Rússia e colaboração imediata com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, em todas as últimas atividades diplomáticas, lhe conferem títulos especiais para, juntamente com o Embaixador Seeds, levar a uma conclusão satisfatória o pacto anglo-franco-russo.

Depois das manifestações inequívocas por parte dos Estados do Baltico contra qualquer incorporação deles num pacto dessa ordem, que infrinja a neutralidade que querem guardar, os Soviets não poderão mais insistir na inclusão dos mesmos entre os Estados a serem garantidos, podendo-se chegar a uma fórmula conciliatoria mediante a aceitação do princípio da assistência a quaisquer das vítimas de agressão que a peçam, sem referência específica a nomes de Estados, como se vinha opondo o Senhor Chamberlain.

DISCURSO DE LORD HALIFAX

Como já venho aludindo em ofícios anteriores, este Governo estava encioso por fazer mais um gesto apaziguador para com a Alemanha, afim de afastar uma nova crise, de outro modo provável, em Dantzig, antes de Agosto, como ouvi da boca do Primeiro Ministro, anteontem.

anteontem.

A importante declaração de Lord Halifax na Câmara dos Lords, de 8 do corrente, pode ser considerada como tal e a essência das suas palavras é ^arepetição de que a porta continúa aberta para a negociação e que esta ainda é a melhor maneira de solucionar as presentes dificuldades. Foi uma magnífica defesa da posição britânica, visando provocar de parte da Alemanha uma réplica construtiva, para destruir, si possível, a barreira que hoje divide, de bom ou mau grado, os dois grupos ideológicos europeus. Dirigindo-se à nação alemã, Lord Halifax pede àquele povo que acredite não estar nos propósitos da Grã-Bretanha bloqueá-la em qualquer das suas aspirações naturais, sejam elas raciais, políticas ou económicas. Apenas o que ela não pode tolerar é que a independência das nações pequenas seja sacrificada às ambições expansionistas da Alemanha. É só contra a destruição da liberdade que a Grã-Bretanha e a França opoem definitiva resistência. Curioso é que esse discurso fosse somente dirigido ao Reich, sem nenhuma alusão à Itália. O discurso procura igualmente combater a tendenciosa propaganda alemã. Porque as Democracias estão empenhadas em defender a integridade polonesa, não ha que ver nisso miradas de hostilidades, salvo se a Alemanha almeja de facto conquistar a Polónia e outros países.

Interpelado sobre a marcha das conversas em Moscú, o Secretário dos Negócios Estrangeiros se negou a adiantar alguma coisa, queixando-se contra a excessiva curiosidade ou impaciência parlamentar, que tolhe a liberdade de ação da Chancelaria. Somente, no caso dos Estados baltas, disse êle, "não achamos justo que queiramos impor nossa assistência a países que não a desejam. Este Governo quer apenas guardar-lhes inviolada a neutralidade... Estamos prontos a apoiar as nações vítimas de agressão e que lutam pela sua independência".

independência".

Como Vossa Excelência vê, a situação na Europa, a-pesar-da calma aparente, continúa tensa e à mercê de qualquer surprêsa, o que mantem preocupados os estadistas deste país. Não se póde prever solução. Não só as ingentes despesas, que representa para tódos os países essa corrida armamentista, com graves responsabilidades econômicas para o futuro, como essa atmosfera de incerteza, já estão travando seriamente todo o mecanismo comercial do mundo e paralizzando o emprego útil dos capitais e todas as iniciativas industriais e comerciais, necessaries ao retorno à prosperidade.

Londres, em 10 de Junho de 1939.

Repi de Oliveira

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 17 de Junho de 1939.

No. 243

Situação Internacional.

900.4(600)

S. DE E. S. RELAÇÕES EXTERIORES
Divisão de Comunicações e Arquivo

12 JUL 1939

N.º 12395

Senhor Ministro,

Continuamos a assistir em todas as frentes ao desenvolvimento de uma politica em que os Estados totalitários tateam e sondam a situação para verem até que ponto podem proseguir na sua beligerância ativa e surpreenderem o primeiro sinal de fraqueza.

2. Na antiga Tchecoslováquia, são ameaças de uma oppressão drastica na Boemia e de absorção militar da Slováquia. Em Dantzig são novas formações de S.S. e S.A., que se incorporam à cidade. Na Jugoslavia, na Espanha, na China não cessa a campanha de intimidamento, sedução ou penetração.

3. Ceda semana constataem-se novas complicações, previstas ou imprevistas, que mantem tensa e ameaçadora a atmosfera.

4. Na Espanha a situação vai tomando um aspecto inquietante devido à grande quantidade de material belico que a Italia

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Italia deixou, ostensivamente como presente, em completo desacordo com o assentado nas cartas que acompanham o acôrdo anglo-italiano de Maio de 1938, em que está dito que todo o material de guerra italiano seria simultaneamente retirado com os voluntários, logo que terminada a guerra. Foi, pois, com surpresa que o Parlamento ouviu do Primeiro Ministro na semana passada a declaração de que, ainda durante as negociações, o Conde Ciano déra a entender ao Embaixador britânico que parte desse material seria cedido ou vendido ao Governo espanhol!

5. A viagem do Senhor Serrano Suñer à Italia, acompanhando os legionários, a missão militar espanhola a Berlim, são indícios palpáveis de que a pressão das Potências do Eixo está sendo irresistível, tanto que se espera a adesão final da Espanha à aliança militar italo-germanica, quando fôr à Roma, como já se anuncia, o Caudillo. A posição deste é que está longe de ser segura. Os alemães gostariam de substituí-lo pelo cunhado Senhor Suñer, o advogado-mór da causa totalitária.

6. A retirada dos legionários italianos e da coluna Kondor tornou-se uma questão secundaria uma vez que o material belico fica na Espanha. Em qualquer momento podem ser embarcados para a Peninsula novamente. É, pois, com verdadeira decepção que se acompanham aqui estes acontecimentos, pelo perigo iminente ao flanco francês.

7. Na China também o Japão levantou a mascara sob a qual explicava, a cada interpelação das Potências interessadas, que a invasão das suas forças armadas só tinha um fim - a defesa dos legitimos interesses japoneses.

8. A recusa pelas autoridades britânicas em Tientsin da entrega de quatro chins acusados de um assassinio foi o pretexto para a imposição pelos japoneses de um bloqueio da Concessão

Concessão Britânica. Constitue mais um toque para verem até que ponto vai a resistência britânica ao objectivo, já não mais velado (embora ainda não admitido oficialmente), que é expulsar os interesses europeus do Continente Asiático.

9. Ante a falta de provas de culpabilidade, os ingleses ofereceram recomendar a criação de um tribunal mixto, britânico, japonês e americano, para o julgamento dos implicados, como declarou o Foreign Office no boletim aparecido ~~agora~~ nos jornais desta manhã, mas a proposta não foi aceita pelas autoridades japonesas, que exigem agora a cooperação britânica na construção da nova ordem no Oriente, o abandono de Chiang Kai-shek e dos elementos anti-japoneses, a entrega dos 50 milhões de dólares depositados na Concessão. O Governo, acrescenta o Foreign Office, vê com a maior preocupação estas exigências que afetam os direitos das Potências garantidos por tratados na China e está decidido, no caso de persistência, a tomar os necessários passos para a proteção dos interesses britânicos.

10. Si o Japão considera chegado o momento para pôr as cartas na mesa, também, este Governo está igualmente resolvido a enfrentar vigorosamente a situação para salvar não só os princípios jurídicos em disputa como, em definitiva, a vastidão dos interesses comerciais e financeiros em jogo. Assim, o Gabinete já deu instruções ao "Board of Trade" para que prepare uma lista de represalias económicas a serem aplicadas no caso do Japão continuar o bloqueio, quaisquer que sejam as consequências para o comércio britânico. Aliás, os entendidos são de opinião que o Japão não poderá resistir longo tempo a um boycott comercial. A diminuição das exportações afectará seriamente seu comércio já deficitário, num momento em que as suas reservas ouro acham-se quasi esgotadas, depois de dois anos de uma luta inglória. Crê-se, portanto, que o boycott poderá ser aplicado com êxito e sem

sem o perigo de que as hostilidades degenerem em guerra, eventualidade a que o Japão não se aventuraria. Também o fechamento dos portos ingleses aos navios japoneses foi considerado, mas, como disse o Sub-Secretário dos Negócios Estrangeiros na Câmara, dependendo das medidas que o Japão tomar.

11. Outra deliberação tomada agora, foi a criação no Foreign Office de um Departamento de Publicidade, sob a supervisão de Lord Perth. Não se trata de um Ministério de Informação ou Propaganda, como alguns membros do Governo e parlamentares queriam, mas sim de um órgão coordenador das atividades do British Council, do British Broadcasting Corporation e dos departamentos de publicidade já existentes naquele Ministério. Não haverá interferência alguma na liberdade da imprensa. Só no caso de guerra mundial será criado o Ministerio de Informação, para o qual passaria o novo organismo agora creado.

12. Lord Perth (Sir Eric Drummond) é o ex-Embaixador em Roma, recentemente aposentado. Foi também Secretário Geral da Liga das Nações e serviu muitos anos como Secretário Particular de diversos Ministros dos Negócios Estrangeiros. Mas essa nomeação está sendo criticada, não só pela fraca atuação do Embaixador na Italia, como por ser um católico e pouco popular às duas Casas do Congresso. Os jornalistas se queixam da má vontade com que eram por êle recebidos, em Genebra como em Roma, quando buscavam obter informações.

13. O novo gesto apaziguador do Primeiro Ministro tinha, como já disse (Mês Político nº 6), entre outros ob̃jectivos p de robustecer a plataforma com que o Governo Nacional se apresentaria às Eleições Gerais, a se realizarem em Outubro, quando normalmente terminará a presente legislatura.

legislatura.

14. O discurso de Lord Halifax, da semana passada, coincidindo com uma declaração do Senhor Chamberlain nos Comuns e outro discurso de Sir John Simon, bateram na mesma tábua da viabilidade de entendimentos pacíficos para solução dos problemas europeus. Infelizmente para este Governo, a reação na Alemanha foi desfavorável e tão pouco encontraram eco no país ou no Parlamento, as palavras de Lord Halifax, que se viu obrigado a falar novamente no começo desta semana, para reafirmar os propositos de resistir pela força ás agressões e para que não fossem interpretadas como uma volta à politica do apaziguamento. Apesar de tudo, a City, com o conhecimento de Downing Street, ainda mantém contacto com os meios correspondentes na Alemanha. O Senhor Chamberlain ainda não perdeu esperanças de alcançar o seu ojetivo. Como tal eventualidade porem parece mais que remota e a opinião publica já perdeu a fé, desde a anexação da Tchecoslováquia, na palavra do Governo alemão, está-se vendo que as Eleições Gerais terão que ser adiadas para o ano proximo, adiamento que a perturbada situação internacional justificaria. Ora, o proprio Senhor Chamberlain receia uma nova crise para o mês de Agosto. Si essa hipotese se verificar, haverá que contar com que a vida do atual Parlamento seja prolongada até tempos mais normais.

15. Ouvem-se variados prognosticos quanto à situação em Dantzig. Diz-se que uma crise sobrevirá durante o verão, mas sem que traga consigo a guerra. Outros, e entre esses muitos poloneses de responsabilidade, prevêm, para dentro de seis semanas, a tempestade que arrastará fatalmente a conflagração. Nos circulos diplomaticos tem-se como certo o gradual incremento da presente tensão até declarar-se a crise em Agosto, temendo-se que um golpe precipitado dos Chefes Nazistas, seja em Dantzig seja em Berlim, tenha consequencias fatais.

Emb.Londres/243/1939/8.

fetais.

16. O Embaixador britânico teria aconselhado uma concessão agora à Alemanha ou a conclusão imediata do pacto com Moscou, como unico argumento capaz de convencer a Alemanha da firme determinação britânica e, portanto, de evitar a crise.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do hoiu

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 27 de Junho de 1939.

No.259

Discurso do 1º Ministro
em 24 de Junho.

900.4/601



Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o interessante editorial do "Times" a propósito do discurso pronunciado em Cardiff a 24 do corrente, pelo Primeiro Ministro, em que definiu a propaganda alemã como um "grotesque travesty" da atitude deste país. É um resumo conciso e claro da política do Governo britânico com relação ao 3º Reich e ao Japão.

2. Nesse discurso, o Senhor Chamberlain glosou com ufania, justificada da parte de um ex-Ministro da Saúde Pública, as cifras dos coeficientes físicos dos novos recrutas. 90% de quantos foram chamados às fileiras foram aceitos, passando a Grã-Bretanha a figurar entre as nações de coeficiente A 1, de C 3 que era em 1914, facto tanto mais significativo quanto grande número dos novos soldados provem da classe dos desempregados.

3. O Senhor Chamberlain terminou o discurso referindo-se ao formidável progresso realizado em armamentos pela Grã-Bre-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/259/1939/2.

Grã-Bretanha. e à defesa da população civil, que já está suficientemente organizada para qualquer emergência. "Já podemos, disse o Primeiro Ministro, encarar o futuro com confiança na nossa força. Mas, até que a razão recupere a sua ascendência sobre as paixões e a propaganda, não haverá descanso nos preparativos, e, qualquer que seja o custo, o programa de rearmamento será executado até o último canhão, navio e avião".

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji do houru

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 28 de Junho de 1939.

No. 260

Acôrdos, Tratados,
Convenções, etc.

910.3(60)
M.

AC



Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, em anexo, exemplares das seguintes publicações oficiais do Foreign Office, contendo o texto dos Acôrdos, Tratados, Convenções, etc., firmados por este Governo:-

- Acôrdo Comercial com a Polônia;
- Acôrdo com a França sobre isenção mútua de direitos sobre combustível e lubrificantes dos aviões militares;
- Acôrdo com a Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suecia sobre limitação de armamentos navais e troca de informações sobre construções navais;
- Convenção firmada com a França sobre a transferência para o Governo francês das propriedades nos lugares dos monumentos britânicos comemorativos da grande guerra;
- Acôrdo Comercial e Economico com a Rumania.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do hour

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

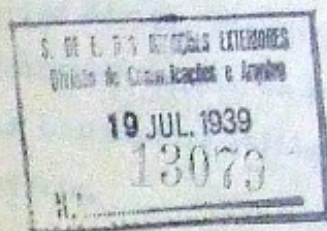
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 30 de Junho de 1939.

No.265

Discurso de
Lord Halifax.

900.1(600)



VP

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte, o notável e importante discurso pronunciado ontem por Lord Halifax, no jantar do Instituto Real de Relações Internacionais.

2. Como informei no meu telegrama nº 65, de hoje, este discurso, logo depois do do Senhor Deladier, revela como se encontra radicalmente mudada a situação internacional. A ofensiva presentemente foi tomada pelas Democracias.

3. Desde que o rearmamento britânico tomou impulso e teve a brilhante execução que verificamos, a linguagem dos dirigentes da política deste país tem uma firmeza que não ousava empregar antes.

4. Conciente da sua força, a Grã-Bretanha, pela palavra do seu Ministro dos Negócios Exteriores, fez agora nesse discurso, em que são rebatidos à saciedade os argumentos tendenciosos

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

tendenciosos da propaganda alemã sobre o pretenso cêrcio britânico, um anúncio de que está pronta para a guerra e decidida a dar execução aos compromissos firmados nas recentes alianças militares.

5. Esse discurso vem, sem dúvida, reerguer o prestígio internacional do Reino Unido, tão abalado depois de Munich e ainda neste momento posto em jogo com as humilhações infligidas pelos japoneses aos seus súditos em Tientsin.

6. A alusão de Lord Halifax à Irlanda foi uma hábil advertência ao perigo que representa a resistência passiva na Tchecoslováquia. Não menos feliz foi a referência ironica ao facto da Alemanha haver-se tornado país imigratório, como o provem as cifras eloquentes do Ministro do Trabalho sobre os estrangeiros trabalhando na agricultura.

7. Resalta também da circunstância de que esse discurso foi feito por Lord Halifax e não pelo Senhor Chamberlain, que o primeiro vai aos poucos tomando a "liderança" do Gabinete, depois do fracasso da política de apaziguamento, que não tem mais o apoio da opinião pública.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rejio do hove

28/1/6

LONDRES

OFICIOS

JUL-SET,

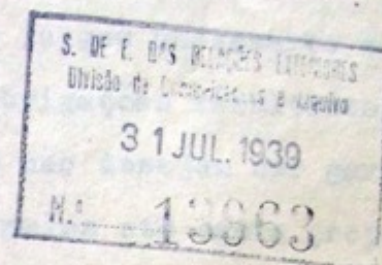
SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

No.267

Mês Político nº 7.

NP



A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimenta respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório político nº 7, desta Embaixada.

Londres, em 1º de Julho de 1939.

Mês Político nº 7.

PACTO ANGLO-FRANCO-SOVIETICO.

Pouco ha a acrescentar sobre as negociações anglo-franco-sovieticas. Desde o começo a Inglaterra julgou necessario estabelecer uma diferença teórica entre as obrigações resultantes de um ataque aos paises garantidos e os que não desejam ser garantidos. Os Soviets repeliram todas as formulas até agora propostas porque insistem em que elas sejam automaticas no caso de uma agressão alemã atravez da Estonia, Latvia ou Finlandia.

Por outro lado os ingleses elegam que a inclusão desses paises não tem mais importancia para a Russia que, para a Grã-Bretanha, a da Holanda e da Suíça. Não tendo estes paises relações diplomaticas com os russos, a sua inclusão era um embaraço.

Agora, ao que me consta de fonte bem informada, a Grã-Bretanha e a França estão resolvidas a ceder a todas as exigências soviéticas e vão referir nominalmente no pacto os nomes de dez paises, cuja inviolabilidade ficará assim automaticamente garantida pelos três aliados. Esses Estados seriam a Finlandia, a Estonia, a Latvia, a Polonia, a Rumania, a Grecia, a Turquia, a Holanda, a Bélgica e a Suíça.

Os russos retardaram quanto puderam o decurso das negociações, talvez porque estivessem em entendimentos com a Alemanha na base da partição da Polonia, a ver qual dos grupos oferecia maiores vantagens. Eliminadas todas as duvidas e objeções, não poderão negar-se a assinatura do pacto na base por eles proposta. Assim espera-se a todo momento que a mesma seja anunciada.

SITUAÇÃO EM TIENTSIN

Posto que tenha sido aceita a proposta para uma conferência em Tokio entre representantes britânicos e japoneses, que li-

liquide o conflito em Tientsin, este Governo está sob a impressão de que o do Japão formulará pedidos que ultrapassarão os limites jurídicos da disputa e que já foram apresentados às autoridades britânicas naquela cidade. Si o Ministerio dos Negócios Estrangeiros em Tokio submeter propostas formais tais como o policiamento pelos alemães das concessões estrangeiras ou outras modificações dos direitos estrangeiros na China, a Grã-Bretanha responderá que só poderá discutir esses pontos em conferencia com os demais signatarios do Tratado das Nove Potencias. Da mesma maneira aqui não se admite discussão sobre o apoio que a Grã-Bretanha vem dando à moeda chinesa, que é a moeda legal do Governo atualmente reconhecido pela Grã-Bretanha.

A esta altura, o que se pode prever é que as negociações se arrastarão por algum tempo, mas tem-se a convicção de que nenhum lado deseja o rompimento de relações. A vulnerabilidade do Japão, como revelada pela volta atraz em todas as medidas até agora resistidas - em Swatow - e em outros chamados "Treaty Ports", por um lado, e a evidente impossibilidade da Grã-Bretanha de enfrentar uma guerra no Oriente, enquanto cresce a presente tensão na Europa, por outro, fazem prever a manutenção do statu quo.

DANTZIG

Contando 1.700.000 homens em armas, a Alemanha acredita poder impor a "solução radical" com que o Senhor Hitler ameaçou a Polonia no seu ultimo discurso. As concentrações de tropas observadas na fronteira da Polonia, a artilharia que vai chegando à Dantzig, revelam os preparativos para a "guerra fulminante", que na opinião dos tecnicos alemães não requer mais que 48 horas para subjugar o inimigo, colocando a França ou a Grã-Bretanha ante o facto consumado.

Não se sabe si o Senhor Hitler espera realizar mais uma vitória sem sangue, ou si desta vez está decidido a ir à guerra, na

na convicção de que será bem sucedido.

Segundo os rumores que chegam de Varsovia, a questão de Dantzig seria resolvida por etapas. Teme-se lá que o Senado declare a incorporação da cidade livre ao Reich, sem que haja invasão das fronteiras por tropas alemãs. Já se contam por milhares os soldados e oficiais alemães que chegaram a Dantzig à paisana e estoques de mantimentos vêm sendo acumulados para permitirem à cidade a resistencia ao bloqueio ou boycott que a Polónia viesse a impor. Também se admite a possibilidade de que o Senado se limite a proclamar a independencia do territorio de Dantzig. Nas duas hipoteses, o Senhor Hitler se apresentaria em Nuremberg como um defensor da paz. Qualquer ação que a Polónia viesse a tomar colocaria-na na posição de agressora. Hoje esses rumores revestem-se de um tom alarmante, temendo-se que os acontecimentos se precipitem mais cedo do que se esperava. A atmosfera está muito tensa naquela cidade.

E o que é mais perturbador e mais assusta os polacos, é que os alemães não se contentariam com a recuperação de Dantzig, senão que a solução desse caso seria apenas o preludio para um futuro desmembramento da Polónia. As fortificações que estão sendo levantadas no territorio de Dantzig, como a construção de estradas estrategicas na Slovaquia, no montante de 40 milhões de marcos, justificariam esses temores.

Segundo os boatos que chegam da Alemanha a guerra estalará depois da reunião do partido, em Nuremberg, na primeira semana de Setembro. Os funcionarios do Governo estão sendo autorizados a tomar ferias até Agosto, mas não depois.

Ao mesmo tempo que a ansiedade vai se alastrando por todas as capitais europeias, o "Evening Standard" de ontem, com aparente conhecimento de causa, diz ter vindo a Londres um emissário do Senhor Ribbentrop afim de obter a cooperação do Primeiro Ministro

Ministro no seu plano de uma anexação pacífica de Dantzig, para princípios de Agosto, depois que a Camera dos Comuns encerre os seus trabalhos. O Ministro alemão teria pedido ao Senhor Chamberlain que, em discurso para a nação, aconselhasse a Polónia a renunciar à Dantzig.

Esta proposta teria sido apresentada ao Duque de Buccleuch, amigo de Hitler, e a Lord Brocket, na casa deste último em Londres.

A julgar pelo discurso de Lord Halifax a resposta negativa não tardou.

PROPAGANDA ANTI-BRITANICA

Continúa com grande intensidade a campanha da imprensa na Alemanha contra o Reino Unido. Todas as pessoas que de lá chegam referem a obsessão de que está possuído o Senhor Hitler contra a Inglaterra, pela politica obstrucionista que este Governo está levantando contra o proseguimento do seu programa expansionista. Durante as duas horas de palestra que o Chanceler teve com o Regente da Iugoslavia, por ocasião da visita deste a Berlim, no começo do mês, só se falou na Inglaterra, dando Hitler vazão á sua furia.

O incidente de Tientsin forneceu ao Doutor Goebbels o tema principal para dar nova modalidade á campanha; as humilhações infligidas aos suditos britânicos pelos soldados japoneses eram a prova de que a Grã-Bretanha não deve mais ser temida. Seu objetivo evidente é fazer crer ao povo alemão que não ha que reear uma guerra entre os dois paises, mas que, se a eventualidade se verificar, terá sido por provocação de Grã-Bretanha.

Essa propaganda está agindo tambem no Egito e na India, explorando a passividade com que os ingleses se submetem a esses desnudamentos, ainda mais chocante para a mentalidade dos muçulmanos e semi-orientais.

O discurso ha dias, do Primeiro Ministro, em Cardiff, e o de

de Lord Halifax, de anteontem, desmascaram e rebatem a campanha do "encirclement". O do Ministro dos Negocios Estrangeiros, em vista da sua importancia, comentei-o em telegrama de ontem e remeti-o, na íntegra, pelo offício nº 265. Assim me dispenso de referir ao mesmo neste relatório, senão para relevar o aplauso unanime com que está sendo recebido no país, inclusive pelo partido laborista, aprovação que revela a firme resolução do povo inglês.

Desta vez não se poderá dizer, como em 1914, que a Grã-Bretanha cometeu o erro de não deixar bem clara a sua posição.

Na Alemanha os jornais accusam Halifax de belicosidade e hipocrisia, mas na Italia, cuja imprensa publica o discurso na íntegra, os comentarios revelam uma attitude mais seria e realistica, que não são indicativas de satisfação com o curso perigoso que os acontecimentos vão tomando. Consta, aliás, que os Senhores Mussolini e Hitler se encontraram incognitamente ha dias na fronteira e que o Duce aproveitou a ocasião para aconselhar moderação ao Fuehrer, pois que ele teme uma revolução interna, caso a guerra estale por causa de Dantzig.

Londres, em 1º de Julho de 1939.

Repi do hove



ARQUIVO
1º AGO. 1939
SAIGO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

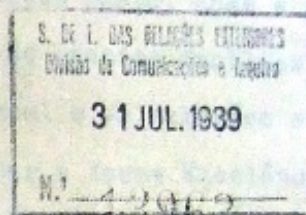
Londres, em 14 de Julho de 1939.

No.282

Partida do Embaixador
Conde Grandi.

921.1/96 (60)
603. (60)

NP



Senhor Ministro,

Foi nomeado Ministro da Justiça o Conde Grandi, até agora Embaixador da Italia em Londres, tendo representado o seu país desde 1933 e, portanto durante o difícil período da guerra da Abissinia.

2. Depois do discurso de 26 de Maio último, a que me referi no officio nº 228, tornou-se difficil a sua situação num pôsto, em que grangeára grandes amizades por sua obra de aproximação e pelas suas simpatias para com este país. Era sabido que o Conde Grandi não via com grande estusiasmo a penetração cada dia mais visível da Alemanha no seu país. Mas a firme resolução inglesa de resistir à agressão e de cumprir os compromissos recentemente assumidos, auguravam mal da continuação da sua missão.

3. Apesar de tudo, o "Times" refere-se nos termos mais elogiosos à pessoa do Embaixador, que havia conquistado pelos seus dotes pessoais respeito e admiração, numa fase de friesa nas rela-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

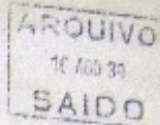
Emb.Londres/282/1939/2.

relações entre os dois países e de ameaças de guerra. As referências desse importante jornal ao "quasi perfeito Embaixador não só no desempenho das suas funções como na sua representação social, que ainda forma uma parte considerável do trabalho diplomático e no qual foi tão habilmente secundado pela sua mulher", revelam o quanto continúa a valer, sobretudo neste pôsto, onde a posição de destaque de uma sociedade composta de grandes famílias aristocráticas é dominante, o prestígio pessoal e as relações sociais.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji de Loure

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA



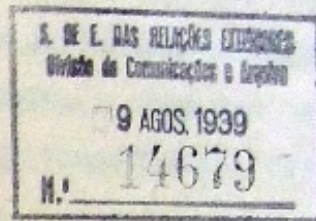
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 15 de Julho de 1939.

No. 283

Situação internacional.

900.1(500)



Senhor Ministro,

Já não pode haver dúvidas de que o Senhor Hitler conhece os textos das declarações sobre as garantias anglo-francesas feitas pelos respectivos chefes de Governo. Ao partir para Berchtesgarden, ha dias, foi anunciado que elle levou as traduções desses importantes documentos. Mas, talvez esteja convencido ainda de que conseguirá a incorporação pacifica de Dantzig. Toda a sua preocupação, no momento, é desviar a atenção mundial de sobre Dantzig. Como a reunião do partido Nacional-Socialista terá lugar em princípios de Setembro, até lá terá elle tempo para deliberar.

2. A diminuição da tensão sobre a cidade livre, que se verificou nestes ultimos dias, está causando inquietação, so que parece, em Bucarest, receiosa de que fracassando a solução daquele caso, a Alemanha volte as suas vistas sobre a Rumania. Ao mesmo tempo as relações desta com a Hungria tornaram-se mais

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

mais tensas. É difícil saber si os incidentes de fronteira, recentemente ocorridos, se deram com o conhecimento e foram instigados pelo Governo húngaro ou si são meramente resultantes de atividades da minoria húngara na Rumania. A 9 de Julho o Burgo-mestre de uma cidade rumena foi atacado por húngaros, alguns dos quais refugiaram-se atravessando a fronteira. Pode ser que a Hungria, que não se conforma com a perda da Transilvânia, alimente essas dificuldades, animada pela Alemanha.

3. O certo é que a propaganda alemã está desempenhando grande atividade junto a certos elementos para que exijam a volta à Hungria dos territórios perdidos. O jogo é claro e consiste em criar um conflito em que seria a Hungria provocadora. Isto feito, a Alemanha poderia intervir com tanto mais facilidade quanto este país não foi garantido pelas potencias democraticas.

4. Personalidades em contacto com a Europa Central receam por outro lado que o Senhor Hitler esteja alimentando planos de incorporar a Hungria ao Reich, como derivativo para o fracasso de Dantzig, proseguindo no seu metodo de conquistas facéis. Segundo elas, a Alemanha estaria preparando um plano para a restauração da "monarquia dual", substituindo-se à Austria, - a direção das relações exteriores ficando à cargo de Wilhelmstrasse e retendo Budapest a autonomia interna sobre o seu território. Uma ação conjunta contra a Rumania seria o passo subsequente.

5. Nos meios húngaros, em Londres, tem-se a impressão de que a Hungria resistirá, por todos os meios ao seu alcance, a realização desse plano nazista. Ela procurará manter a todo custo uma estrita neutralidade, em caso de guerra.

6. Soube de fonte autorizada que para o dia 7 do corrente estava combinada uma visita oficial do Chanceler do Reich a Budapest. O Senhor Hitler exigiu que a sua chegada fosse precedida de um grande numero de agentes da Gestapo. A isso o Regen-

Regente respondeu que sentia muito não poder anuir e que, nessas condições, era preferível que o Senhor Hitler não viesse. Foi assim evitada a visita, não tendo o Fuehrer insistido.

7. Notícias chegadas da Austria relatam as dificuldades que teem surgido nessa provincia do Reich, que, conjugadas aos sinais de irritação no protectorado da Bohemia-Moravia, são factores encorajantes, por demonstrarem que por enquanto será uma temeridade lançar-se a Alemanha numa guerra europeia. A resistência passiva na antiga Tchecoslovéquia continúa. Ha o receio de que proseguindo, ela provoque a revogação do protectorado e da relativa autonomia de que ainda goza.

8. Continuarão os "raids" de longa distância pela aviação britânica sobre a França, que serão retribuidos pela aviação francesa. Ha também o propósito de realizar semelhantes vôos sobre outros países aliados. Sendo perigoso desviar um contingente importante das ilhas britannicas para a Polonia, mais remota e não preparada para recebe-los, pensa-se em mandar um porta-aviões. Mas, dos contingentes atualmente no Próximo Oriente, partirão esquadilhas para a Turquia e a Rumania.

9. Atingiu ao máximo a intensidade de fabricação de aviões na Grã-Bretanha. Não se divulgam as cifras da produção, mas sabe-se que são formidaveis. Os novos aparelhos estão sendo guardados em vastos hangares subterraneos em diversos pontos do país. Os tipos mais modernos vão sendo incorporados às esquadilhas de ataque e bombardeio, deixando-se para a defesa todos os aviões mais antiquados, que constituirão uma grande reserva. Assim si a guerra vier, o poder ofensivo da aviação será considerável e graças ao grande número de aparelhos, o esforço poderá ser sustentado indefinidamente.

indefinidamente.

10. A aceleração do armamento britânico reflecte-se nas cifras orçamentárias divulgadas ao Parlamento no dia 13. As propostas originais de Fevereiro último, de 580 milhões de libras, já representavam um aumento sobre o total anterior de 400 milhões. Dois meses depois o Chancellor of the Exchequer anunciou que precisaria de um suplemento de 50 milhões. E agora foram 150 milhões que ele pediu em vez de 50, elevando as cifras a serem gastas este ano com as forças armadas a 730 milhões, cifras verdadeiramente astronómicas que, entretanto, foram recebidas com equanimidade, eloquente testemunho da inflexível determinação do povo inglês de não recuar ante o esforço.

11. Isso a parte dos 60 milhões que estão sendo distribuídos aos novos aliados pelo "Export Credits Department" - 13 milhões para a Polónia, 5 e meio para a Rumania, 2 para a Grécia, até a data.

12. Pela declaração de Sir John Simon na semana passada na Câmara dos Comuns, ficou-se conhecendo os pormenores da devolução de parte do ouro tcheco para Basileia e de lá para Alemanha. Segundo ele, o Tesouro britânico lamentava a devolução, mas o Governo não tivera controle sobre as decisões do Banco Internacional de Pagamentos, nem meios legais para se opor à transferência. Como sobre a direção desse Banco, o diretor do Banco da Inglaterra, membro do Conselho Directivo do primeiro, tinha uma influência decisiva e certamente bastante para prevalecer sobre a oposição tenaz do representante francês. Essas palavras não convenceram a ninguém da sua não responsabilidade nessa decisão, esta apenas revela que ainda proseguem certas demarches oficiais ou não, em Londres, para lograr-se em entendimento económico com a Alemanha, apesar da fraca probabilidade de que esse esforço possa resolver os asseverantes

assoberbantes embaraços financeiros do Reich, que crescem a medida que os planos nazistas se vão desenvolvendo. Durante a semana diversas personalidades financeiras trocaram impressões em Paris sobre soluções dessa ordem e coloniais. O Senhor van Zeeland não negou a noticia publicada de que estivera na Alemanha sondando o terreno. Lord Lothian, o novo Embaixador nos Estados Unidos, se entrevistou com o Senhor William Bullitt, Embaixador americano em Paris, e com o Senhor Daladier, sobre possibilidades de um apaziguamento economico em conjunção com planos de um desarmamento eventual. Parece que não passaram de discussões academicas e aqui foi explicado que Lord Lothian não tinha instruções do Governo. Mas os planos do Senhor Zeeland ainda são objecto de estudos.

13. De Tokio veem noticias pouco animadoras. O Japão deseja estender as negociações de modo a incluir todo o problema da posição britanica no Oriente. Os elementos moderados, que estavam dispostos a negociar na base inicialmente proposta, tiveram que ceder à pressão dos militaristas. As instruções do Embaixador britanico são no sentido de só admitir discussões sobre Tientsin.

14. O Comandante King-Hall, M.P., dirige ha 2 anos, uma organização de informações em forma de cartas semanais, que^{se} tem expandido enormemente no último ano devido à tensão internacional, chegando a diversos milhares o número dos seus subscriptores.

15. Com cunho inteiramente particular, mas com a aprovação cordial do Govêrno, este official tem enviado à Alemanha umas 20.000 cartas semanais, traduzidas em alemão, com o intuito de fazer conhecer de personalidades alemãs e mesmo de membros do Govêrno a verdadeira versão dos factos.

15. Essas missivas são enviadas em envelopes de diferen-

Emb.Londres/283/1939/6.

diferentes tamanhos e cores, e em dias diversos, para poder assim escapar a censura postal. O efeito na Alemanha tem sido considerável, até o ponto de provocar do Doutor Goebbels, uma explosão de raiva, ao publicar uma resposta com mais de 4.000 palavras. De ora em diante estas cartas serão enviadas em maço para a Alemanha, e serão ali distribuídas com selos alemães para escapar a vigilância do Gestapo.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji do Hering

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

RECEBIDO
10.10.39
SAÍDO

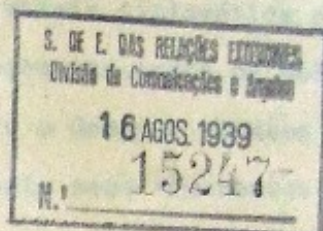
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 22 de Julho de 1939.

No. 293

Situação internacional.

900.1(600)



Senhor Ministro,

A alarmante progressão dos gastos com armamentos neste país, que obrigarão o Governo a tomar de empréstimo 500 milhões de libras, conforme anunciou a semana passada Sir John Simon, elevando as despesas orçamentarias do ano à cifra fabulosa de mais ou menos um bilhão e meio de libras, preocupa cada dia mais a City e o Governo. Em consequência, está se esboçando para o futuro imediato um novo e intenso esforço de pacificação sob bases de cooperação econômica. No ofício presente sobre a situação internacional, referi-me às demarches de Lord Lothian em Paris e às sondagens que vinha fazendo na Alemanha o Senhor van Zeeland, por incumbência dos meios financeiros do Londres e Paris. Parece certo ser a intenção do Governo realizar as eleições gerais em Outubro, com um programa de paz internacional, realizado o qual firmer-se-á a posição do partido conservador para então depois dessas vitórias retirar-se o Senhor Chamberlain à vida privada.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

privada.

2. Tudo leva a crer que, uma vez encerrada a sessão do Parlamento, em princípios de Agosto, durante esse e o mês de Setembro, assistiremos a uma intensa atividade diplomática por iniciativa deste Governo. Ela já começou por todos os meios ao seu alcance para impressionar o povo e o Governo alemães no sentido de que, si reduzirem unilateralmente seus armamentos e aceitarem um contróle internacional como garantia da fiel execução desse programa, as democracias prestarão uma assistência financeira que permita à industria alemã realizar a tarefa gigantesca de readaptar o seu aparelhamento bélico às necessidades da paz. Calcula-se que uma tal ajuda, para ter valor prático, atingiria a cifra de um bilhão de libras. Lord Kemsley, proprietário do "Sunday Times", e grande personalidade na Câmara dos Lords, parte com o bafejo oficial na proxima segunda-feira para se entrevistar em Berlim com as mais altas autoridades do Governo alemão (tem mesmo esperanças de ser recebido pelo Senhor Hitler). Conforme me confessou, a sua missão é de esclarecer os chefes nazistas do estado de espirito reinante na Inglaterra, da psicose de guerra que se vai apossando do povo inglês, impaciente já com as intoléraveis e sucessivas ameaças alemãs e japonesas. Procurará entrar em contacto com certos órgãos da imprensa alemã para que cessem os ataques provocadores, que tem sido até agora a regra.

3. Para tratar de assuntos da emigração de judeus alemães, enquanto esteve reunida esta semana a Comissão Intergovernamental de Refugiados, veio a Londres o Senhor Wohltat, colaborador económico do Marechal Goering. Membros deste Governo aproveitaram a sua presença para instruírem-no sobre a gravidade da situação. Fizeram-lhe ver que, si a Alemanha provocar a guerra agora, ela será inevitavelmente esmagada e que, embora desejem as Democracias uma solução pacífica, elas não relaxarão os preparativos para

para a guerra - os dois Governos estão resolutos na deliberação de enfrentarem qualquer nova agressão. O Senhor Wohltat teria também tratado no assunto do ouro tcheco em Londres e do encerramento da Legação e da abertura de consulados na ex-República. Não seria surpreendente que um entendimento possa ser alcançado nesse terreno, facilitando as relações anglo-alemãs.

4. São planos de grande alcance, mas que encerram muitos aspectos perigosos para as potencias democraticas, já porque importam no reatamento da politica de apaziguamento, já porque ficarão essas somas fabulosas dependentes da boa fé da parte contraria, que, alias, já deu provas nas experiencias anteriores de que difficilmente admitem fiscalização estrangeira.

5. Por outro lado, a continuação da actual corrida armamentista será fatalmente a ruina de todos e em primeiro lugar das potencias do Eixo. A resistência decidida da Entente Cordiale poz em cheque a agressividade nazista, restaurando o equilibrio de forças entre os dois grupos e preparando-os, portanto, para uma fase de entendimentos.

6. Coincide com esses rumores o tom moderado da imprensa alemã, que regista uma atmosfera mais acomodaticia entre Berlim e Varsovia. Anunciou-se mesmo que o Senhor Hitler estaria pronto a negociar sobre Dantzig, exigindo apenas a revisão do estatuto das minorias alemãs na Polonia e admitindo até a possibilidade de uma troca de populações.

7. Essas noticias animadoras de Berlim tem agora confirmação parcial com a declaração, à ultima hora, do Ministério da Propaganda, segundo a qual Dantzig deverá voltar ao Reich incondicionalmente - o que pela primeira vez aparece oficialmente. Mas, ao mesmo tempo, afirma estar a Alemanha decididamente oposta à qualquer solução guerreira do problema, pois o "leit-motiv" do próximo Congresso de Nuremberg será a Paz !

Paz !

8. Entretanto, a atitude da Polónia é a da repulsa a qualquer solução que comporte a cessão de Dantzig ao Reich. Como disse o Marechal Smigly-Ridz, a Polónia está pronta a negociar, mas não tolerará a modificação do statu-quo.

9. Acredita-se nos meios oficiais aqui que a declaração de Berlim não passe de um balão de ensaio. As ultimas palavras do Senhor Chamberlain desfazem quaisquer veleidades alemãs de que a Grã-Bretanha possa exercer pressão sobre a Polónia.

10. Ainda não foram concluidos os entendimentos com a missão polonesa para o empréstimo do Guarantees Credit, por causa da insistencia de Sir John Simon em reter o controle sobre as compras da Polónia. E o Coronel Koc, delegado polonês, nega-se a concluir o ajuste a menos que seja afastada essa clausula que fere a dignidade nacional.

11. A Grã-Bretanha ofereceu abrir creditos até 8 milhões de libras. Alem disso a Inglaterra e a França fariam um empréstimo à Polónia de mais 8 e meio milhoes (5 milhões de esterlinos e 600 milhões de francos). Naturalmente exigem, em troca, que esse dinheiro não seja gasto em outros paises. A Polónia receia, porém, que, dada a urgencia, a França e a Inglaterra não lhe possam fornecer certos armamentos. Assim quer ter a liberdade de compralos nos Estados Unidos ou na Russia.

12. O "Food Defence Department" comprou todas as disponibilidades de azeite de baleia existentes na Noruega, enquanto os alemaes regateavam preços e discutiam moedas de pagamento. Essas disponibilidades são consideraveis, constituindo o principal suprimento para o sabão e a margarina consumidas na Europa Central. Fica, pois, a Alemanha privada de boa parte desse substituto de manteiga. Da mesma maneira, adquiriu aquela repartição todo o estoque de arenque naquele mercado. Foram dois golpes rapidos que

Emb.Londres/293/1939/5.

que deixaram a Alemanha em embaraços para completar os seus estoques de guerra.

13. O último consta sôbre as negociações anglo-franco-sovieticas é que a Russia tem agora a intenção de assinar pactos bilaterais com a Polonia, a Rumania e a Turquia, o que é visto com a aprovação dos Governos frances e ingles. Si for certo, modifica-se a situação. Desaparece a urgencia do pacto com os Soviets.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji de Oliveira

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

ARQUIVO
25/3/39
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

UP

No.302

Mês Político nº 8.

900.1(60)

MIN. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
Divisão de Comunicações e Arquivo
25 AGOS. 1939
N.º 15865

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimenta respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório político nº 8, desta Embaixada.

Londres, em 29 de Julho de 1939.

Mês Político nº 8.

O EMPRESTIMO DE £1.000.000.000.

Continúa assunto de criticas severas a sensacional entrevista à imprensa do Secretário do Overseas Trade, Senhor R.S. Hudson, sobre a discutivel ajuda financeira ao Reich, de que dei a Vossa Excelencia a primicia no officio da semana passada sobre a situação internacional, um dia antes de sua divulgação e no dia seguinte da entrevista deste membro do Govêrno com o Senhor Wohltat, quando o assunto foi pela primeira vez abordado com uma personalidade do Ministerio da Econômia do Reich.

Tratava-se apenas, disse o Senhor Hudson, de "entendimentos de caráter pessoal com o seu colega alemão", que não envolviam a responsabilidade do Govêrno. O credito de um bilhão de libras seria a parte economica do grandioso plano de apaziguamento, a ser tentado depois que o Parlamento encerre os seus trabalhos a 4 de Agosto. Os demais aspectos desse plano compreendem o político - desenvolvimento gradual mediante garantias e o colonial - a exploração das regiões deshabitadas do globo em favor das nações "dissatisfeitas".

Um pequeno grupo de Ministros e de conselheiros intimos associados a essa idéa, sabem que só sob uma atmosfera ameaçadora e subtraída da discussão parlamentar, poderia ela ser proseguida com êxito. Em suma, cogitava-se de dar execução ao plano já previsto em Munich de negociar um segundo (e melhor) Tratado de Versalhes, para evitar uma segunda guerra européia, no que era, sem dúvida, digno de louvor.

O ponto fraco do plano é que a sua execução compromete a posição em que se haviam colocado este país e seus aliados vis-a-vis da Alemanha e suas aliadas, no terreno politico e econômico, expondo-os a nova derrota pacifica, senão mesmo militar.

militar.

Reina, em consequência, certa ansiedade entre os congressistas. Em circunstâncias normais as férias de verão deveriam durar três meses. Mas a proximidade das eleições gerais, esperadas para Outubro, encurta-las-á de um mês. Assim mesmo, os membros do Parlamento julgam que numa situação critica como a atual, o dever deles é dividir com o Gabinete a responsabilidade de decisões vitais. Diversos planos têm sido sugeridos - constituição de uma especie de Conselho de Estado; reunião em sessões curtas cada duas ou três semanas; convocação por petição de um certo número de parlamentares. O Governo se opõe a qualquer desses planos não só para não abdicar da regalia constitucional, como para não dar sinais de fraqueza ou nervosismo, que seriam mal compreendidos na Alemanha e na Russia. Mas a principal objeção provem de que o Senhor Chamberlain quer guardar inteira liberdade e mobilidade de ação para promover qualquer manobra de pacificação européia que lhe pareça oportuna.

Parece que o plano originou-se durante a visita do Senhor Hudson aos Estados Unidos, quando foi inaugurar em New York o pavilhão britânico. O Senhor Hudson conversou então com personalidades norte-americanas sobre a possibilidade de uma cooperação internacional para o respectivo financiamento. É evidente que certos elementos do Governo britânico o julgaram um derivativo capaz de desanuviar a atmosfera nessas proximas semanas de aguda tensão internacional. Aliás, o Senhor Hudson quando assumiu a pasta, em fins do ano passado, teve autorização do Primeiro Ministro para elaborar um acôrdo econômico com a Alemanha, acôrdo que ále levaria por deante na viagem que teria feito a Alemanha em Março último, si não tivesse interferido a anexação da Boemia e que deveria compreender também um plano de exploração em comum da Africa sob a forma de um condomínio. Aliás, o desmentido do Senhor Chamberlain de que "não era in-

intenção do Governo de Sua Majestade iniciar discussões dessa ordem", poderia significar apenas que a iniciativa não partiria deste lado.

O Chefe do Governo concordou no ponto de vista do Senhor Hudson de que era preciso apresentar ao Senhor Hitler uma saída honrosa, no momento em que ele elabora em Berchtesgaden suas diretivas, ao mesmo tempo que se reafirmava a firme resolução do país e a inevitabilidade da guerra, desastrosa para a Alemanha, caso proseguisse no programa de agressão.

As censuras que essa manobra sensacional desencadeou, os comentários críticos circulados pelos jornais baseam-se mais na repercussão desastrosa que ela possa ter como prova de fraqueza e irresolução da Grã-Bretanha, que na própria viabilidade técnica da mesma.

Ao que parece, Lord Halifax tem feito críticas severas à indiscreção do seu colega de Gabinete.

DANTZIG

O curso dos acontecimentos em Dantzig, temporariamente relegado a segundo plano, está entretanto se tornando inquietador. Para os que acompanham de perto as fases sucessivas da militarização a que os Nazis vão procedendo, de maneira mais ou menos aberta, processa-se lenta mas metodicamente a incorporação da cidade e do seu território ao Reich. A organização das forças soi-disant locais já permitirá uma resistência interna contra qualquer reação polonesa que vise restabelecer o sistema criado em Versalhes. A situação seria assim modificada e a Alemanha já não mais a agressora.

EMPRESTIMO À POLONIA

Afinal ficou limitada a uma operação de créditos à Polónia no montante de 8 milhões de libras para a aquisição de armamentos. O empréstimo anglo-francês de 8 milhões e meio que os poloneses queriam, aliás, que fosse em metal sonante e sem coação de nenhuma natureza, está virtualmente fracassado. O Ministro das Finanças, Sir

Sir John Simon, negou-se à operação por uma série de razões técnicas, entre as quais prevalecia o receio de que fosse o precedente invocado pelas demais potências garantidas.

NEGOCIAÇÕES EM MOSCOU

Verificaram-se afinal decididos progressos estes dias em Moscou, embora ainda seja cedo para considera-los como ultimadas. O facto mesmo de que os russos desejem agora iniciar os entendimentos militares para que os pactos sejam celebrados simultaneamente, indica que passarão ainda algumas semanas até o ato final da assinatura, pois essas conversas técnicas entre oficiais são complexas e delicadas. Contudo, revelam um proposito serio e são indícios de que o princípio da aliança está assente.

ACORDO COM O JAPÃO

Foi recebida com surpresa em Londres a denuncia pelos Estados Unidos do Tratado de Comércio com o Japão, quando já não se esperava uma demonstração americana no Oriente. Consta-me que ha duas semanas o Governo britânico propoz ao de Washington uma conferência com a França e o Japão para discutirem os pontos em disputa comuns a todas essas potências. Mas o State Department ter-se-ia negado.

Enfrentando só essa tarefa, a Inglaterra não teve outra alternativa, como declarou o Primeiro Ministro, senão aceitar uma formula realista que tem sido, aliás, muito criticada. Entretanto, comparada às pretensões formuladas pelos japoneses ao se iniciar a conferencia de Tokio, ha que reconhecer que ela representa uma vitória apreciavel para os ingleses, embora tenha sido interpretada por muitos como uma submissão às imposições do exército japonês. É possível que o novo passo do Senhor Cordell Hull dê que pensar ao Governo de Tokio.

O texto do Memorandum é o seguinte:

"O Governo de Sua Majestade no Reino Unido re-

reconhece perfeitamente a actual situação na China, onde as hostilidades proseguem em larga escala e note que, enquanto continúa esse estado de cousas, as forças japonesas na China têm o direito, para o fim de salvaguardar a sua propria segurança e manter a ordem nas regiões sob seu contrôle, de suprimir ou remover aquelas cousas ou atos que obstruam a sua ação ou beneficiem o inimigo.

"O Govêrno de Sua Majestade não tem a intenção de tolerar qualquer ato ou medidas prejudiciais à consecução dos objetivos acima mencionados pelas forças japonesas e toma esta oportunidade para confirmar sua politica a este respeito, recomendendo às autoridades e súbditos britânicos na China que se abstenham de tais atos ou medidas".

Como é natural, ha desapontamento aqui por que o passo dado pelos Estados Unidos não tivesse precedido o acôrdo de Tokio, mas de todos modos a imprensa regista o facto com satisfação, ligando-o aos últimos acontecimentos em Tientsin.

Londres, em 29 de Julho de 1939.

Reiji des Hoine



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 5 de Agosto de 1939.

No.314

Situação internacional.

900.1(500)
[Signature]



Senhor Ministro,

No importante discurso com que encerrou anteontem os debates da Casa dos Lords, Lord Halifax aconselhou o país a guardar, nessas semanas de férias, um meio termo - sem excessivo pessimismo nem demasiado otimismo. "Uma nação, disse êle, que saiba exatamente em que pé está e que tem consciencia de sua força pode olhar com confiança para o futuro, qualquer que êle seja".

2. Suas palavras concentraram-se sobre o Extremo Oriente. Respondendo às criticas que vêm sendo feitas à formula assinada em Tokio (como contraria às resoluções da Liga e ao Tratado das Nove Potencias), disse não ser intenção do Govêrno abandonar os interesses britânicos na China e muito menos contemporizar com a agressão de que está sendo vitima a China. E acrescentou "si essa agitação continuar, não haverá negociações ou discussões que possam impedir que as relações entre os dois países se tornem cada vez mais difíceis. Como o Govêrno japonês assumiu a res-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

responsabilidade da manutenção da ordem nas zonas por elle controladas, o Governo britânico espera, em cumprimento do acôrdo, que essa agitação seja refreada". Este Governo tem informado de todos os passos recentes a França e os Estados Unidos. A importância da colaboração desses países é mais que nunca vital, disse o Ministro dos Negocios Estrangeiros. Ele admite não estar fóra das cogitações que o Governo de Sua Majestade venha a denunciar o seu tratado comercial com o Japão, depois de consulta previa aos Dominios, bem entendido.

3. Ainda sobre este caso do Japão, falou ontem na sessão de encerramento da Câmara dos Comuns, o Senhor Chamberlain para reafirmar a posição já conhecida do Governo e mais uma vez exprimir a sua indignação contra o que se está passando na China, dando a entender que era possível que seguisse a esquadra para o Oriente.

4. Quanto às negociações com a Russia, declarou Lord Halifax no mesmo discurso, que elaborar um instrumento que cubra todas as contingencias é uma tarefa extremamente complicada, sobretudo no tocante à agressão indirecta. Os três Governos interessados estão de perfeito acordo quanto à necessidade de estabelecer essa garantia, mas a dificuldade está em fazê-lo sem interferir com a independencia ou a neutralidade de outros países. As propostas submetidas pela França e a Grã Bretanha pareceram fracas aos Soviets, ao passo que a alternativa destes foi julgada pelos dois aliados como indo muito longe. A demora era, pois, uma consequencia natural das consultas de capital a capital. O facto de que as missões militares partiriam para a Russia dois dias depois era, porém, a prova da boa fé e da esperanza que têm os dois Governos de conduzir essas negociações a um feliz termo.

5. O Primeiro Ministro recusou a atender aos pedidos da minoria parlamentar para reunir o Parlamento antes de 3 de Ou-

Outubro. Mas a maioria que o apoiou (245 contra 129) ficou desfalcada de 40 deputados que normalmente votam com o Governo. Estes rebeldes se abstiveram de aprovar a moção de adiamento para o dia 3 de Outubro, a-pesar-do Senhor Chamberlain ter declarado que um voto contrario seria tido como de não confiança. Tal procedimento foi um golpe contra o seu prestigio, sendo a primeira indicação de impaciencia por membros da maioria contra a sua liderança. Estes elementos do partido optaram pela solução conciliadora pedida pelos Socialistas, Liberais e Conservadores. A irritação em que ficaram todos os da opposição poderá leva-los a se reunirem independentemente para discutir os acontecimentos si julgarem necessário.

6. A ilação a tirar-se desses factos é que a posição do actual Gabinete ficou enfraquecida. Si no transcorrer das ferias parlamentares se produzir algum acontecimento que resulte em novo recuo por parte do Governo, pode-se prevêr a sua derrota nas proximas Eleições Gerais.

7. Os debates finais, diz o "Times" de hoje, revelam a existencia de uma forte corrente, que embora apoiando a politica exterior do Governo, não tem confiança em algumas das pessoas que a executam. Esta falta de confiança, que nos é familiar, continua o jornal, indice que as Eleições, quando vierem, girarão em torno dos homens mais que em torno das medidas. A pessoa do Primeiro Ministro é que está em foco, acrescentando que a oportunidade se apresentará então ao Senhor Chamberlain para efetuar mudanças no Gabinete, que o rebustecem.

8. As ferias iniciam-se num momento de crescente preocupação. Por toda a parte preparam-se grandes manobras. Na Alemanha a mobilização estará completa a partir de 15 de Agosto, quando dois milhões de homens estarão sob as armas. Aqui todas

todas as medidas foram igualmente tomadas para qualquer emergência.

9. Assim é de se esperar que nas proximas semanas a tensão suba, tanto do aspecto militar quanto de campanha de boatos, com que se busca introduzir a duvida e a confusão na frente internacional contra a agressão.

10. A progressiva fortificação de Dantzig e o armamento das forças aí estacionadas criam um problema -que é saber até quando a Polonia tolerará sem protesto essas medidas. Embora verificado o exagero, como declarou o Senhor Chamberlain, dos rumores circulados de grandes efetivos, é um facto que a policia militar de Dantzig já ultrapassa de 5.000 e que a Heimwehr, recentemente constituida, conta com mais de 1.000 homens, bem como foi constatada por observadores neutros a existencia de artilheria ligeira, passa-da pela fronteira da Russia Oriental.

11. A unica represalia polonesa até a data, foi a retirada dos seus inspectores de uma das mais importantes industrias de Dantzig, o que impede a importação de margarina na Polonia. Na resposta dada ao protesto do Senado de Dantzig, o Governo polonês respondeu que só os restabeleceria quando lhes fosse assegurada completa liberdade de ação. Trata-se de um passo, o primeiro talvez, para uma guerra economica. Como a situação de Dantzig, do ponto de vista estratégico, é insustentavel para quem quer que ocupe a cidade, acredita-se que a pressão economica seja o metodo mais indicado, enquanto se aguarda a ofensiva alemã ou melhor oportunidade para se exigir a desmilitarização da Cidade Livre.

12. Volta-se a ouvir falar em que o Senhor von Ribbentrop está empenhado em solucionar imediatamente o caso húngaro, seja englobando a Hungria definitivamente dentro da orbita alemã, restaurada a situação da antiga Monarquia Dual, seja assegurando-se a sua cooperação militar ou uma neutralidade benevolente, mediante a oferta, com que se lhe acena de Berlim, de Slovaquia.

Slovaquia.

13. Pode-se ter como certo, enfim, que vamos assistir neste resto de verão aos esforços alemães para demover a desconfiança ou a antipatia que ainda possa haver na Hungria contra o nazismo.

14. Está de volta da Alemanha Lord Kemsley, proprietário do "Daily Sketch", do "Sunday Times" e de uma cadeia de jornais provinciais. O objetivo ostensivo da sua visita foi um intercâmbio de artigos de imprensa. Voltou muito impressionado, conforme declarou. Foi bem recebido pelo Senhor Hitler e está muito esperançado de que cesse ou diminua a campanha de recriminações através das duas imprensas contra os respectivos chefes de Governo. Diz-se também que êle teria trazido a proposta para uma conferência para resolver o caso de Dantzig, em que tomariam parte todos os países interessados, inclusive a Polónia. Não ha, porém, confirmação deste boato, que pode não passar de mais um exemplo da campanha de boatos que têm circulado ultimamente. Outro é que o Senhor Montague Norman, do Banco da Inglaterra, e o Senhor Funk, no encontro recente que tiveram em Bâle, retomaram as negociações entabuladas aqui pelos Senhores Hudson e Wohltat sobre um possível empréstimo à Alemanha, desta vez para permitir o restabelecimento do câmbio livre naquele país.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelencia os protestos da minha respeitosa consideração.

Reijnders

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

ARQUIVO
1939
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 12 de Agosto de 1939.

No.321

Situação internacional.

900.1(600)
[assinatura]



Senhor Ministro,

Ao se iniciarem as férias parlamentares na Grã-Bretanha, salta aos olhos o paralelismo entre a situação em que se encontra a Europa este ano e a ^{em} que se encontrava o ano passado. Os homens responsaveis a testa dos Governos, quer do grupo totalitário quer do grupo democrático, são os mesmos. Agora, como então, reina nos meios oficiais novo otimismo sobre o panorama internacional, robustecido ainda mais desta vez pela segurança de que o país está pronto para qualquer emergência.

2. Entretanto, como neste epoca o ano passado, continúa a desafiar a argúcia dos Chefes de Estado outra questão aparentemente irreconciliavel. Em 1938, Sudetenland. Dantzig, em 1939. Essas regiões, dizia então a Alemanha e repete hoje com mais enfase ainda, deviam-lhe pertencer. E os poloneses respondem com a mesma determinação dos tchecos, si cedermos, perderemos a nossa independência.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

independência.

3. O paralelo ainda é verdadeiro quanto aos preparativos bélicos que prosseguem na Alemanha com igual ou maior intensidade que o ano passado.

4. A diferença real, de grande significação, aliás, entre Agosto de 1938 e Agosto de 1939, está nos compromissos assumidos pela Grã-Bretanha e que lhe roubam agora a iniciativa sobre a guerra ou a paz, pois desta vez a Polónia é que será juiz, facto sem precedentes na diplomacia deste país e de consequências imprevisíveis.

5. As visitas do Senhor Foester, chefe nazista de Dantzig, a Berchtesgaden recordam sinistramente as visitas do Senhor Henlein quando ia receber instruções do "Fuehrer" para a acção que desenvolveu na Tchecoslováquia. Seu discurso de ante-ontem sobre a importância porque se acredita que seja o eco da palavra de Hitler.

6. Através da linguagem violenta empregada, não é possível descobrir com clareza as conclusões chegadas. Provavelmente nenhuma decisão final foi tomada. Hitler teria dado instruções para que prosiga a propaganda intensa pela reintegração da Cidade ao Reich, conquanto deixasse a porta aberta para negociações sobre a questão das atribuições aduaneiras.

7. Pode-se depreender então que não haverá guerra por causa de Dantzig e que o "Fuehrer" procurará uma diversão, deixando este problema para melhor oportunidade.

8. A resistência mais uma vez proclamada pela voz autorizada do General Smigly-Ridz obrigará a Alemanha a sustar por enquanto a sua ofensiva sobre Dantzig e a transferi-la quiçá para o sul, em direcção à Hungria - com miras sobre a Iugoslavia e a Rumania.

9. Já não pode pairar mais duvida no espirito dos dirigentes alemães sobre a firme determinação da Grã-Bretanha e da Fran-

França de vir em socorro dos países por elas garantidos. O mesmo não se dá quanto à Hungria e a Iugoslavia. Um golpe rapidamente executado nessa direção pode ser bem sucedido antes que as Democracias se decidam a agir.

10. O ano passado, o Reich procedeu contra a Tchecoslováquia por etapas progressivas. Primeiramente o Anschluss. Depois a anexação dos Sudetos. A conquista da Hungria seria, à luz desses antecedentes, a penetração visando isolar cada vez mais a Polónia da Rumania e esta dos seus novos aliados. Tal como a Slováquia (nominalmente independente), a Hungria seria o saliente para esmagar aquele ultimo, ~~mais~~ forçada como seria a pôr todas as suas vias de comunicação e mantimentos à disposição do Reichswehr.

11. Essa incorporação pode ser consentida, sob a forma do protectorado ou de reconstituição da antiga união eustro-húngara, dando-se à Hungria a Croácia e a Slováquia. Esta última vem-lhe sendo oferecida repetidamente. A Hungria é que tem-se mostrado relutante à perigosa tentação. Si a Alemanha empreende-la violentamente e os húngaros resistirem (como asseguram que o farão seus representantes diplomaticos), ela se expõe a que os Governos da Entente, compennhados em resistir toda nova agressão na Europa, declarem a guerra.

12. É mesmo provavel que a Polónia, a Rumania e as demais nações garantidas, apelem para a intervenção anglo-francesa numa tal hipótese, que considerariam constituindo "agressão indirecta. A posição estrategica inferior em que aqueles países ficariam, verificada ela, é de ordem a fazer crer que o apêlo não seria ignorado.

13. Por conseguinte, o rumo que a politica dos Nazis seguir no futuro imediato, seja na Polónia seja na Hungria, terá importancia vital para a Grã-Bretanha, como para a sua aliada.

aliada.

14. Ouve-se falar agora de um novo plano, maquinado em Berlim, que estaria sendo discutido entre personalidades dos tres Governos alemão, francês e inglês. Consiste em que a Polonia ceda seus portos sôbre o Baltico mediante a compensação de um arranjo para o transito livre através da Moravia até o pôrto de Trieste, com garantia internacional de modo a não haver perigo para o seu comércio.

15. O Senhor Bonnet teria confirmado a autenticidade das discussões sôbre esse plano. Seria o mesmo de que se diz foi portador Lord Kemsley, conforme já referí no meu officio nº

314. Este importante jornalista se entrevistou com o Senhor Chamberlain, logo ao chegar da Alemanha, entrevista sobre a qual se mantem segredo.

16. Não é provavel que se volte a falar nas proximas semanas sobre as negociações em Moscou. Enquanto as conversas politicas giram em torno da definição que ha de ser dar à "agressão indirecta", os entendimentos entre os Estados Maiores terão que ser demorados e sobre eles ha de se guardar toda reserva.

17. Melhor sucedidas foram as missões militares à Turquia e ao Egito, onde lograram concluir acôrdo. Não só material de guerra ingles do que ha de mais moderno vai ser fornecido, como instructores provavelmente.

18. A fórmula que serviu de base para as discussões de Tientsin deixou claro que a Grã-Bretanha estava pronta a encarar a realidade da situação, observando a mais estrita neutralidade. A entrega agora dos 4 acusados às autoridades chinesas de facto e cuja detenção na Concessão foi o pretexto para as represalias japonesas, uma vez demonstrada a cumplicidade dos mesmos

Emb.Londres/321/1939/5.

mesmos, é a demonstração patente dessa observância.

19. Por mais justificados que sejam os espêtos jurídicos da disputa, diz o "Times", é natural que os ingleses revelem repugnância pelo desenlace. Os japoneses exacerbaram os sentimentos anti-britânicos da população local e recusaram-se por tanto tempo a revelarem as provas exigidas pelas autoridades britânicas. A decisão tomada ontem não só não fez levantar o bloqueio, senão que provocou paradoxalmente novas demonstrações hostis em Tokio. E para aqueles que não são advogados, continúa esse jornal, é difícil conceber que o Governo britânico tenha consentido numa entrega incondicional, deixando o seu Adido Militar na China ainda prisioneiro dos japoneses em Kalgan.

20. É bem significativo que, até o "Times" se permita revelar essa estranheza!

21. Os deputados socialistas estão querendo agora, em protesto, que se reconvoque o Parlamento para discutir o caso. Mas, não he^a menor intenção do Governo de ceder a essa exigencia.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji do Hoang



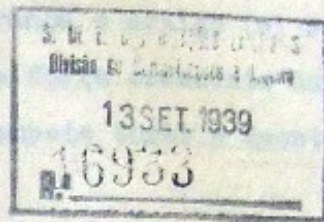
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 19 de Agosto de 1939.

No.330

Situação internacional.

900.1(600)



NP

Senhor Ministro,

O editorial do "Times" de 16 do corrente - The whole piece front - a respeito do mistério que paira sobre as conversas de Salzburg e de Berchtesgaden, está sendo objecto de comentarios de toda a imprensa européia. Na Alemanha desencardecou uma verdadeira tempestade. O Senhor Halfeld respondeu no "Hamburger Fremdenblatt". A nota com que foi ironicamente acolhido na imprensa nazista é a de gratidão pelo aviso: si o "Times" reflete a opinião do povo e do Governo britânicos, então serviu para abrir-nos os olhos. De facto já não ha mais duvidas na Alemanha sobre qual será a attitude da Grã-Bretanha. Infelizmente essa noção chega tarde demais para permitir-lhe recuar sem perda de prestigio. E ja ha alemães que declaram "preferimos perder a guerra a ceder agora".

2. Na imprensa italiana admite-se que existe um perigo real devido à falta de compreensão das necessidades historicas das

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

das nações jovens e do seu poder militar, que poderá provocar consequências catastróficas ! É uma confissão raramente admitida pela imprensa italiana.

3. Na Polónia e na França o artigo foi reproduzido com aprovação, como indicativo da força crescente da Frente de Paz e da consciência de que lhe compete tomar a deanteira nas discussões diplomáticas.

4. Dada a sua relevancia, remeto em anexo o texto do artigo, que é, aliás, da parte deste jornal uma reviravolta surpreendente sobre a sua anterior prudência e longanimidade em relação à Alemanha. Tudo isso revela a decisão serena e inabalável com que as piores consequências são enfrentadas pelo povo inglês, em contradição com o quasi pânico que se verificava o ano passado. Em resumo diz elle: as nações concordam ou brigam. A "guerra sem canhões" não pode durar indefinidamente, nem a vantagem temporaria que deu a certos Governos a exploração em seu beneficio do natural horror à guerra, proprio de todos os homens civilizados. Negociações só serão possiveis si tiverem a garantia de uma limitação geral de armamentos, si fôr restaurada a autonomia dos tchecos e depois que a Alemanha abandonar o que ella chama de Lebensraum, isto é, a sua interpretação de que 80 milhões de alemães, para poderem viver em paz, precisam de subjugar e oprimir seus vizinhos, roubando-lhes os bens e até o território - objetivo falaz em que ninguém pode ser bem sucedido e que acarretará o colapso e a derrota final. Caberá então a essas "Potencias da Paz" formular a tempo as bases para uma possivel discussão. Depois da "próxima guerra" haverá uma conferência da paz. Seria de toda vantagem que ella se reunisse antes da conflagração.

5. Não ha duas opiniões, acrescenta o "Times", neste pais sobre onde está o nosso dever e o nosso interesse. A Grã-Bretanha e sua aliadas irão à guerra sem a menor hesitação para

para impedir um assalto alemão sobre a independência da Polónia, qualquer que seja o pretexto !

6. Quando ha duas semanas, observei que entravamos num periodo de grande tensão internacional, não fiz senão exprimir uma ansiedade que os acontecimentos vieram rapidamente justificar. Pode ser que estejamos à beira da guerra. A decisão depende da palavra do Senhor Hitler. O certo é que estamos em plena guerra de nervos, postos à mais dura das provas.

7. A semana passada registei o desvio da pressão alemã para o lado da Hungria e dos Balkans. O Conde Csaky, em duas visitas à Alemanha dentro de 15 dias, foi convidado a entrevistar-se com o Chanceler alemão. O seu país está sendo induzido a substituir os Ministros contrarios ao nazismo por outros simpáticos ao Reich e à sua causa. Em vez de proceder a uma invasão pura e simples, a Alemanha pede-lhe agora apenas uma livre passagem às suas tropas. O Conde Teleki negou que o seu Governo estivesse sendo ameaçado, mas essa negativa é susceptível de interpretação. Não deve ser tomada ao pé da letra. De Berchtesgaden, o Ministro do Exterior da Hungria voou para Roma, talvez para saber o que ha a esperar dos italianos, que não podem ver com bons olhos essa expansão germanica para o sul.

8. Vai-se concretizando a impressão de que o Senhor Hitler está mais que nunca decidido a uma solução radical do caso polonês. No processo da sua execução pelas armas, seus outros objetivos para o sul serão facilitados pari-passu. O seu embarço é que só dispõe de 15 dias para realizar a prometida redenção de Dantzig e a união da Prussia Oriental ao Reich, embargo ainda aumentado por não estar a Alemanha ainda de todo pronta para iniciar a guerra. Como acentuou a revista "Agence Economique et Financière", a colheita está danificada e atrezada devido às chuvas preponderantes deste verão e à demora que elas trouxeram na terminação das fortificações. Além disso os preparativos para as

as demonstrações em Tannenberg e para o Congresso de Nuremberg contribuíram para a desorganização dos serviços ferroviários.

9. É evidente que o Senhor Mussolini está afinal des-
perto para as consequências de tamanha gravidade que a execução do
programa de Hitler impõe à Italia. Segundo o pacto militar de
Meio ultimo, a Italia tem o direito de ser consultada previamente
em todas as questões que possam envolvê-la numa guerra. Depois
de telefonar com Berchtesgaden, o Duce despachou seu genro para
Salzburgo. É provavel que o Conde Ciano tenha feito vêr ao
Senhor Ribbentrop a impossibilidade de levar o povo italiano à
guerra numa pendencia de interesse exclusivamente alemão e contra
um país com o qual tem mantido relações as mais amistosas - a Po-
lônia, enquanto continuam à margem todas as pretensões italianas.
Teria também feito ver a conveniencia de uma discussão em torno
de uma mesa de conferencia, quando as potencias garantidoras po-
deriam exercer pressão sobre a Polônia em favor de uma solução
pacifica.

10. Ao mesmo tempo o Senhor Hamilton Fish, do Comité
de Diplomacia da Camara norte americana, discursava em Oslo, de-
pois de ter entrevistado o Senhor Ribbentrop em Berlim, para pro-
por um "armistício" de 30 dias e uma conferencia de quatro Poten-
cias (com exclusão da Polônia).

11. Segundo observadores bem informados - de Roma, cons-
ta que o plano proposto pelo Ministro italiano para o caso de Dant-
zig seria: a supressão do Alto Comissario da Liga, modificação do
atual estatuto, ficando os interesses poloneses entregues à uma
representação diplomatica, desmilitarizada toda a area territorial,
e a sua inclusão no sistema aduaneiro alemão no fim de cinco anos.

12. Possivelmente, depois de ter conversado com o Senhor
Burckhardt, um dos raros privilegiados admitidos a falar-lhe a sós,
o Senhor Hitler pudesse ser esclarecido sobre o maquinismo juridico

jurídico do sistema da Liga, sem/^{as}deformações tendenciosas dos seus conselheiros. Entretanto, é prudente não se dar maior importância a uma audiência, que nos termos do próprio Alto Comissário da Liga, foi breve e pouco satisfatória.

13. As recentes prisões na Polónia, o fechamento da fronteira da Silesia, mesmo que não precipitem os acontecimentos nos dias imediatos, provocarão uma crescente tensão diplomática, que culminará no dia 27 do corrente, quando o Fuehrer falará em Tannenberg. Tem-se como certo que nesse dia êle dará o mot d'ordre. Si for uma ordem de marcha sobre Dantzig e o corredor, todos estarão a postos de ambos lados e a guerra seguir-se-á automaticamente. Si a Italia acompanhar a Alemanha, em cumprimento do Tratado a que está obrigada, as esquadras inglesa e francesa do Mediterraneo iniciarão as operações com um ataque destruidor sobre os seus os seus flancos expostos. Segundo consta, o Governo italiano está avisado dessa eventualidade. A eliminação da Italia será a primeira etapa da guerra. Dai muita gente duvidar que ela acompanhe a sua aliada.

14. Em Tokio vamos assistindo a uma manobra de rara habilidade da diplomacia britânica. O Embaixador Craigie tem podido procrastinar as negociações em curso, tendo sabido colocar a questão da circulação monetária na China, declarando não ser possível aceder aos desejos dos japoneses, sem consulta à França e aos Estados Unidos, bem como aos demais signatários do Tratado das Nove Potencias. São muitos milhões de dollars chineses que se encontram depositados nos bancos estrangeiros nas Concessões.

15. É digna de nota a calma reinante na Grã-Bretanha, preocupado o seu povo em não prejudicar as férias, no que segue, aliás, o exemplo do alto (o Senhor Chamberlain e Lord Halifax

Emb.Londres/330/1939/8.

Halifax encontram-se no norte pescando, o Senhor Hore Belisha no sul da França) Só se pode explicar essa atitude pela confiança que lhe vai inspirando o extraordinario impulso da aviação militar e da artilheria anti-aerea, como se constata dos exercicios diarios e das medidas de evacuação já terminadas.

16. O Governo acaba de declarar estar aparelhado para, logo que estale a guerra, o registo nacional da população que facilitará o serviço militar e civil, como também a distribuição de rações alimentares. Dentro de 15 dias, assegura, estará esse serviço em dia, dividido o país em 15.000 distritos. Esse registo servirá para o futuro recenseamento de 1941, caso não haja guerra.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reyi de Thoiry

"THE TIMES"
Londres, 15 de Agosto de 1939.

THE TIMES WEDNESDAY

SPORT

The main meetings at Nottingham and Fallowfield were concluded yesterday. (p. 5)
Survey beat Middleham by eight wickets at the Oval yesterday. Gloucestershire beat the West Indians by seven wickets at Cheltenham. (p. 4)
The National Bowls Championships were concluded at Denmark Hill yesterday. (p. 12)

FINANCE AND COMMERCE

The Stock Markets made a brighter appearance yesterday owing to a revival of political hopes, but the mining shares were singled out for attention. (p. 15)
There was less pressure against sterling in the foreign exchange market. The New York rate again closed at \$4.68. Goldsmiths lost an early rise, finishing at \$4.72. (p. 16)
Gold declined 1/2 to 148. 3/4 per cent, the premium over the dollar parity falling to 1/4. Treasury was 147.00. Silver rose 1/2 to 17.5-18d. per oz. but became easier when the fixing. (p. 16)
Business of British foreign trade for July shows imports of £78,279,671, against £82,174,779 in June and £75,897,511 in July last year. Exports amounted to £60,115,025, compared with £58,895,756 in June and £57,400,969 in July last year. (pp. 17 and 18)

Lists will be opened and closed tomorrow for the issue of £3,000,000 Four-and-a-Half per Cent. Guaranteed Debenture stock of the Eagle Oil and Shipping Company. (p. 15)

THE WHOLE PEACE FRONT

A great deal of mystery still surrounds the week-end conversations of the Axis Powers and the earnings and gains between Daxig and Berchingsgaden. But the rest of the world is content, as it was not content a year ago, to await the outcome in calm and confidence, and to go steadily forward with its own preparations, now well advanced, for dealing with any events as they arise. In particular the French and British military missions to Moscow seem to be making good progress in their consultations with the Soviet experts, and their work increases the assurance that there will be no long delay in the completion of the "peace front" by the inclusion of Russia.

With this hope brought nearer it is right that timely consideration should be given to the full purposes of a "peace front"—all the more since there is at least some reason to suppose that the German and Italian Governments may be putting into shape their own ideas of a settlement in Europe. In their object it is, manifestly, to prevent a war. It has been brought into being by the fact and threat of aggression, and it is designed to halt aggression by establishing the certainty that it cannot pay-off showing, in other words, that the aggressor will lose a war if he launches one. The old concept of collective security was that a unanimous effort by a large number of nations, most of them with no immediate interest in a given dispute, or access to the troubled region, would suffice for the protection or restoration of order. In the new and, as events have shown, more realistic conception of the "peace front," a certain number of nations, immediately menaced by the claim of one race to dominate Europe, will be ready to throw the whole of their power and resources into defeating it. Now is any gap now left between intention and execution. In this country there are no two opinions left about our duty and our interest. No words can add to the certainty, simple but immensely grave, that Britain, with her allies, will go to war without the smallest hesitation to frustrate a German assault upon the independence of Poland, whatever the attempt to cloak and obscure it with the details of the dispute over Danzig. The answer to force will be force, and it will be given decisively.

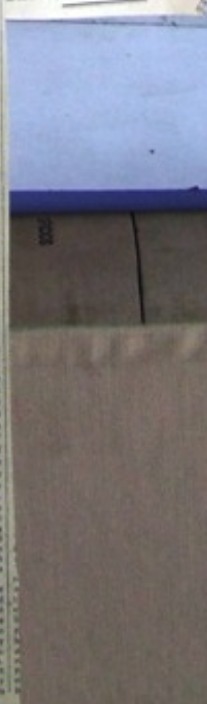
In these respects the purpose of a "peace front" is plain enough. It amounts simply to the lesson of March. Last September Hitler was brought to an agreement upon the future of Czechoslovakia. All the emotional "best offers" that have since been written about that event—the German's satisfaction found eager propaganda among the detractors of the Peace Movement in this country, the United States, and elsewhere—cannot obscure the fact that international cooperation could have made the Munich settlement a charter of peace and security for the non-German peoples of Central Europe. Since Hitler's subsequent response to this acid test of good faith is well known, the "peace front" commemorates the failure of his appeal for self-determination and a momentary revival of Germany's original word. In fact of the past, of the suppression and upbraidings now proceeding in Czech territory, and of the demands on Poland, the military significance of the new grouping in Europe is and must remain paramount. But the feeling grows that the initiative now taken by the peace Powers, whether the rulers of Germany decide to provide a war or not, requires to be carried further. That continuation is hardly novel in these instances. It was implicit in Lord Halifax's speech of July 28. It has been heard from various public figures such as Mr. Brown, Mr. Hamilton, Mr. Norman, and Mr. Kenneth Macmillan, who were so friendly to last year's attempt to test the power of reasoned argument in Europe. And since lately it has found a place in journals to which a few months ago "peace talk" although one of them was a pleasure of "appeasement" last summer would have been almost as odious as the suggestion that Hitler should have been responsible for the troubles of Europe that Mr. Chamberlain. This concentration of opinion is not the least welcome. It is of less importance to have consistently that to arrive, and the increasing measures of restraint and confidence between British policy, especially already in the message given to Lord Halifax's speech, combined with the united growth of moral preponderance to give it full force.

There is agreement then that, when the peace Powers have perfected the diplomatic and military instruments of defence, the moment will have come for them to formulate the principles on which they are jointly ready to found a new peace and the terms on which they for their part are prepared to negotiate a settlement. In the end nations must agree or fight. The intermediate "way without war" cannot but be arbitrary, not only the temporary advantage it has conferred upon Germany.

which have explained for their own purposes the healthy deterioration of war that is common to all civilized men. No one is to doubt that international order is generally overvalued, but they will achieve their highest aim a repetition of the tragic paradox of seeking peace by war. The peace Powers owe it to their own people, those in re-creation, a common code or doctrine of international justice. The citizen has a right to know for what citizens are he will be fighting, if the dictator chooses impose war upon him. Even now, it is possible, do the subjects of potential war make sense. He shows the true alternative of war for the sake of all. History would be able to show the advantage of all. History would be able to show the more catastrophic spectacle than that of the German people handicapped by their own and war with other peoples who wish to have no quarrel with them, and have neither the inclination nor the interest to deny their full and growing share in all the company that for stand of civilization.

The new task therefore that will presently be before the peace Powers is to determine in common the nature of a positive programme and to put it before the world. Upon certain conditions it should open the way of negotiation for those who care to take it. Negotiation, in the first place, will be worth nothing unless its conditions are to have the guarantee of a limitation of armaments of equal. Negotiation, again, as far as a concrete Germany is concerned, can lead to nothing at all unless Germany abandons her present idea of what constitutes Lebensraum. Reduced to its simplest terms the German interpretation of that term means that 80,000,000 Germans can only live safely and surely by occupying and appropriating their neighbours and areas by stealing their goods and their houses. That is a condition, to say the least of it, since no one has intended to it yet and no one is going to succeed in it. The danger of it is that Germany must protect herself against blockade, and the folly of it is that it can only be prevented by defeat and collapse by weakening Germany in even more decisive ways. The real basis of security for Germany, as for others, is to be found in the moral and political discipline of the German people. To pursue self-sufficiency as a military preparation is to pursue a mirage, since it is bound to provoke encirclement. By contrast, British economic dependence on, or interdependence with, others has always been a main source of British moral and military strength in peace and in war. What lessons of the world today would reflect in victory for the Nazi nation of Germany's foreign mission and of the divine right of dictation to lesser Europeans?

If there is to be progress towards a truly organized peace, disarmament must come, the Nazi interpretation of Lebensraum must go, and the Czechs must be at liberty to extend their right of self-government. Moreover legitimate aspirations in the colonial field must be, as they can be, satisfied without any question of revealing to the old conception of peoples and territories as channels for exchange. Under the modern accepted principle of trusteeship a wider equality in its full acceptance than any leading of "great powers" could accomplish. These are the bare conditions, dictated by no man and nothing when they are accepted, there can be no reason to despair of meeting the political, financial, and commercial demands which Europe will bring to the table. This is neither the place nor the time to attempt a detailed survey of the problems, including the new covered under which Europe might thus again be conducted in affairs. It is for the peace Powers to formulate in good time the basis of a possible settlement. After the "new war" a peace conference will have to be held. Everything is to be said for holding it before the "new war"—but upon the condition that it is a genuine conference of peace, that it is in general possible, the best and only practical service to peace is to men in defiance in full strength.



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 26 de Agosto de 1939.

No. 338

Situação internacional.

900.4(600)



Senhor Ministro,

A rapidez e a feição inesperada que tomaram os acontecimentos dos últimos dias, prejudica ou deixa atrazadas as conclusões do meu ofício anterior.

2. A manobra surpreendente do Senhor Ribbentrop - o autor do pacto Anti-Komintern - voando para Moscou a solicitar a neutralidade da Rússia, transformou tão bruscamente a situação, que todas as conjuncturas precedentes requerem revisão.

3. Só uma conclusão permanece ainda de pé - a de que as tropas alemãs, a menos que o Senhor Hitler ouça os apêlos enérgicos dos Chefes de Estado neutros, invadirão a Polónia, em seguida a um ultimatum a ser lançado provavelmente de Tannenberg pelo Fuehrer alemão amanhã. Os jornais de hoje, porem, já anunciam que o Senhor Hitler decidiu não falar. A Alemanha começa a hesitar ante a pressão mundial. Evidentemente os leaders nazistas

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

nazistas não contaram com a firmeza das Democracias, depois do golpe dramático que foi o novo pacto teuto-russo.

4. A julgar pelas vituperações da imprensa nazista, em tom que recorda sinistramente a campanha do ano passado contra os tchecos, tudo faz crer que esse ultimatum já agora exija da Polónia não só a entrega de Dantzig, mas a devolução dos territórios pertencentes a Alemanha antes da grande guerra.

5. A preocupação da imprensa é de criar a impressão de que o ataque sobre Dantzig virá da Polónia e que a invasão pela Alemanha será medida de defesa.

6. A opinião publica neste país, para não dizer o Governo, mal voltou a si, entre surpresa e incredula, ante essa bomba, que a tanto equivale o repudio pelo nazismo da cruzada contra o execrado bolchevique, quanto a não menos inqualificavel adhesão de Moscovo ao pacto Anti-Komintern !

7. Entretanto, já faz algum tempo, havia transpirado e o Senhor Bonnet fôra avisado de que o Ministro do Exterior do Reich manobrava em segredo para chegar a um acôrdo comercial e politico com os Soviets. Em uma das minhas informações semanais, com que tenho procurado acompanhar os acontecimentos, transmiti a Vossa Excelencia tais suspeitas, por mais inverosímeis que me parecessem. Pessoas em contacto com o Embaixador Maisky revelam agora não ter escondido êle que o seu Governo muito tempo hesitou entre as duas politicas. A aliança integral com a Frante Democratica para esmagar o hitlerismo agressor ou (a que acaba de preferir) a do isolamento, dando à Alemanha como guardando para si toda liberdade de acção.

8. A natural relutancia do Governo britanico em assinar um pacto sem restrições de feição claramente anti-germanico teria sido a causa real da demissão do Commissario do Exterior, Senhor Litvinoff, e teria alimentado as duvidas que sempre tiveram os russos

russos quanto à firmeza de intenções do Senhor Chamberlain.

9. A esperteza dos russos, ao negociar paralelamente e até a ultima hora com as duas partes contrarias, ter-lhes--á permitido seguramente extorquir da Alemanha termos os mais vantajosos, que, embora não se conheçam ainda, presume-se sejam o reconhecimento da influencia exclusiva da Russia sobre os Estados do Baltico e a absorção da faixa ucraniana da Polonia. Possivelmente este, ja ainda incluído no preço a devolução da Bessarabia. Tal consta ser o conteúdo do protocolo secreto anexo assinado pelos Senhores Molotoff e Ribbentrop. Ela se garantiu, do mesmo passo, uma conveniente neutralidade. Enquanto as demais Potencias europeias se degladiarão numa guerra ruinosa e destruidora, a Russia, integra a sua força, alastrará a revolução mundial.

10. Visto do angulo britânico, o pacto russo-alemão oferece pelo menos uma compensação - o rompimento do pacto Anti-Komintern no que diz respeito ao Japão. Mágrado as afirmações da diplomacia germanica de que o Senhor Ribbentrop lograra a segurança da Russia de que ela não procuraria tirar vantagens no Oriente, os japoneses protestaram com veemencia como contrario ao espirito e a letra do pacto Anti-Komintern. Segundo as palavras do Senhor Kozo Ota, o Japão proseguirá de ora em diante uma politica estrangeira independente baseada na moralidade.

11. A perspectiva é de que as negociações anglo-japonesas prosigam agora satisfatoriamente.

12. Na verdade, a Alemanha substituiu os parceiros. Ligando-se à Russia, ela abandonou o Japão, forjando um novo Eixo Berlin-Moscou, como disse o "Evening Standard".

13. Todos os pactos de não agressão concluídos pela Russia até agora continham uma clausula condicional que a liberava em caso de agressão contra terceiros pela outra parte do compromisso assumido. Não só o novo pacto não encerra tal clausula senão que obriga a neutralidade mesmo quando a outra parte se liga

liga a um grupo de beligerantes.

14. A neutralidade da Espanha é outro factor favorável para as Democracias. Depois do que se passou, não poderá haver mais cooperação espanhola com as Potencias do Eixo - o que será um grande alivio para o povo e um cheque-mate nas ambições desmedidas da Falange. Madrid deu ordem a seus representantes diplomaticos de anunciar a decisão do Governo de manter a mais estrita neutralidade. O General Franco ao mesmo tempo dissolveu certos organismos militares, em prova das suas intenções pacificas.

15. A desmoralização do partido comunista ingles é completa. No primeiro momento ainda tentaram explicar a traição de Moscou, atirando a culpa sobre a suposta má fé do Primeiro Ministro. Ontem o grande órgão da esquerda - Daily Herald - confessou francamente que nos entendimentos com as missões militares anglo-francesas em Moscou, os russos, em troca dos aviões e munições pedidas para defesa da Polonia, exigiram brutalmente nada menos que a ocupação da Polonia Oriental, com excepção dos alagadiços do Pripet, região intransitavel.

16. Só pode haver uma explicação para essa inaudita manobra. Mais do que nunca, pesa nos calculos da guerra, o factor economico. A mobilização permanente vem minando a resistencia fisica da sua população. O equipamento ferroviario, ha muito tempo requer substituição, que a Alemanha não tem podido atender na intensidade do seu rearmamento. Si ela tiver que socorrer a Italia, fazer face à frente anglo-francesa, conquistar a Polonia, a Hungria, a Iugoslavia e imobilizar a Rumania, a Bulgaria e a Grecia, ela consumirá rapidamente seus estoques e sua reservas numa guerra intensiva.

17. Dai, sermos levados a crer que esta ultima cartada, para evitar a guerra e o seu consequente colapso, foi um acto de desespero, que só terá exito se as Potencias Democraticas se cur-

curvarem. As declarações dos Senhores Daladier, Chamberlain e Lord Halifax não encorajam essa perspectiva. A rápida conclusão da aliança anglo-polaca, ontem assinada, é uma resposta ao pé da letra. Em todo o caso já esta proibida a exportação para a Alemanha de todas as materias primas vitais, as quais haviam sido ultimamente encomendadas em muito maior quantidade.

18. Si a situação economica do Eixo inspira, portanto, alarme. A aniquilação da Italia, no caso de guerra generalizada, será cousa de semanas, pari-passu com o esmagamento da Polonia pelas forças superiores da Reichwehr, factores sobre os quais nenhum dos lados mantem ilusão.

19. A posição do 3º Reich está longe de ser a do 2º na guerra de 1914/1918. Sua tarefa será tão mais vasta desta vez, com a retaguarda exposta a uma nova reviravolta dos russos, de nenhum interessados no triunfo do Nazismo, fazem prever a victoria dos Aliados, graças aos recursos enormemente superiores com que contam para uma guerra prolongada e o apoio que hão de receber eventualmente das fabricas de munições americanas.

20. Os preparativos para a guerra na Inglaterra proseguem com a maxima eficiencia. A calma da população e das autoridades é digna de louvor. A evacuação para o campo das familias abastadas vae-se processando pouco a pouco. Para os meninos de collegio e crianças pobres, esta manhã está-se fazendo uma prova pratica de evacuação eventual. Não houve corrida nos bancos, nem tem havido perturbações nos fornecimentos de mantimentos, que o Governo declara serem suficientes para um ano.

21. Entre as medidas preparativas já tomadas, quero chamar a atenção para a partida no Highland Chieftain, hoje, de 6 Agentes Consulares de Navegação que irão, nos Consulados britannicos no Brasil, dirigir e aconselhar as companhias de navegação nas rotas que os respectivos navios deverão seguir, declarada a guerra.

Emb.Londres/338/1939/6.

guerra. O Banco da Inglaterra resolveu não mais defender a libra por meio de seu fundo de equalização de 575 milhões, deixando a libra encontrar o seu nível natural em relação ao dollar. O efeito foi a queda de $4 \frac{1}{2}\%$ na cotação do dia. Tinha-se verificado estas ultimas semanas uma forte pressão sobre a libra. Sua sustentação pelo Treasury na paridade de 4,68 custou nada menos que cem milhões. Afinal venceu o ponto de vista contrario do Presidente do Banco, mas depois de ter causado esse prejuizo.

22. A baixa não afecta o preço da vida, mas limitará as compras de Governo no estrangeiro.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reza de Loure

12 OUT 39
SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

No. 343

Mês Político nº 9

900.1(60)



A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das
Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimenta
respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório
político nº 9, desta Embaixada.

Londres, em 4 de Setembro de 1939.

Mes Politico nº 9

Desde que o Parlamento entrou em férias a 4 de Agosto, a crise em torno de Dantzig e do Corredor veio num crescendo que culminou na declaração de guerra por parte da Grã-Bretanha e da França ontem 3 de Setembro. Estas foram as datas significativas do mês:

No mesmo dia em que chegavam a Moscú as missões militares anglo-francesas, encontravam-se em Salzburgo o Conde Ciano e o Senhor Ribbentrop (11 de Agosto). A 13, o Senhor Hitler recebeu no seu tugurio de Berchtesgaden o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Italia e o Alto Comissario da Liga em Dantzig. A partir dessa data inicia-se a campanha da imprensa alemã pela anexação do Corredor, intensificando-se a campanha contra a Polonia. A 17, o Vaticano sonda o terreno em favor da preservação da paz.

A 18, as tropas alemãs entram na Slovaquia. No dia seguinte o Papa dirige o seu apêlo às nações européias.

O Senhor Chamberlain interrompeu as suas férias a 21. Nesse dia estoura a bomba do pacto teuto-russo de não agressão, anunciada pelo radio alemão. Concluem-se os preparativos militares do Reich na fronteira da Polonia e a concentração das tropas.

A 22 o Governo britânico declara que o pacto teuto-russo de modo algum afecta as obrigações deste pais para com a Polonia e o Senhor Chamberlain dirige uma Mensagem ao Chanceler alemão reafirmando a firme resolução do pais de apoiar a Polonia.

No dia 23, o Senhor Ribbentrop assina o pacto em Moscú. Na mesma ocasião faz o Presidente Roosevelt o seu apêlo ao Rei da Italia e o Rei da Belgica fala em nome das Potencias de Oslo, recebendo resposta favoravel das nações da Frente Anti-Agressão.

O Senhor Foerster proclamou-se, a 24, Chefe do Estado de Dant-

Dantzig. Nesse dia o Parlamento britânico reuniu-se em sessão extraordinária e aprova o "Acto de Emergência", concedendo os plenos poderes pedidos pelo Governo. O Presidente dos Estados Unidos fez o seu segundo apêlo, desta vez à Polónia e à Alemanha. O Presidente Mosciki respondeu favoravelmente. O Papa novamente se dirigiu às Potências europeias em defesa da paz, Lord Halifax falou à nação pelo rádio.

A 25 o Japão modificou o seu novo rumo em política internacional, desligando-se virtualmente do Pacto Anti-Komintern. Hitler entregou aos Embaixadores britânico e francês o memorandum contendo as suas exigências quanto à Polónia. A Turquia reafirmou a sua lealdade à Frente da Paz.

No dia 26 reuniu-se o Gabinete britânico com a presença do Embaixador Henderson que chegara de avião de Berlim na mesma manhã. A França responde a Hitler, colocando-se ao lado da Polónia.

O Rei da Belgica e a Rainha da Holanda fizeram a 27 o oferecimento de uma mediação conjunta.

Depois de nova reunião do Gabinete, Sir Neville Henderson voltou a Berlim a 28 com a resposta britânica, que é uma renovação das obrigações para com a Polónia e dos desejos que animam a nação inglesa para com a Alemanha. Mobilização na Holanda e queda do Gabinete no Japão.

A 29 ouviu o Parlamento o Primeiro Ministro Chamberlain. O Chanceler alemão dirigiu outra Nota que foi recebida em Londres à meia noite. Nesta, segundo os alemães, foi aceita a proposta britânica de negociações diretas entre a Alemanha e a Polónia, desde que um Plenipotenciário polonês fosse a Berlim dentro de 24 horas.

30 de Agosto - Os poloneses recusaram-se a enviar o Plenipotenciário para negociar sob pressão na capital alemã. Nova reunião do Gabinete em Downing Street. O Embaixador britânico entre-

entrevistou nessa noite com o Senhor Ribbentrop e teve conhecimento das condições alemães. O Senhor Hitler criou o Conselho de Defesa com os poderes extraordinários e em que delegou parte das suas prerogativas dictatoriais.

31 de Agosto - Mobilização geral da esquadra inglesa. Último apêlo do Papa. Às 10 horas da noite foi irradiada de Berlim, sem comentarios e tida já como rejeitada, a Nota alemã contendo as condições mínimas impostas à Polonia.

1º de Setembro - Invasão da Polonia e bombardeio de diversas cidades. Discurso de Hitler no Reichstag e anuncio da invasão sem o auxilio da Italia. Os Embaixadores da Polonia em Londres e Paris informam que o Governo considera o ataque alemão como um caso de agressão direta. Os Embaixadores britânico e francês entregaram ao Senhor Ribbentrop o ultimatum para a retirada imediata das tropas alemãs da Polonia. O Ministro alemão consultou o Senhor Hitler. Mobilização geral na Grã-Bretanha e na França.

2º de Setembro - O Governo alemão não respondeu às Notas dos Aliados. O Senhor Mussolini apresentou o seu plano para um Conferencia de Cinco Potencias. O Governo britânico, porém, declarou no Parlamento que tal conferencia não podia ser aceita enquanto as tropas alemãs estivessem na Polonia. Passou a lei que chama ao serviço militar obrigatório as classes compreendidas entre 18 e 41 anos.

3º de Setembro - O Embaixador britânico informou o Governo alemão às 9 da manhã que se a Alemanha não iniciasse a retirada das suas forças antes das 11 horas, estava declarada a guerra. As 5 horas da tarde expirou o prazo do Ultimatum francês.

Os antecedentes da guerra, tanto quanto é possível relata-los, segundo as informações colhidas de fonte segura, embora sem confirmação dos meios oficiais, passaram-se como referi no meu telegrama

telegrama nº 95, de 1º do corrente: na entrevista que o Embaixador britânico teve com o Ministro das Relações Exteriores em Berlim na quarta-feira 30 de Agosto, foram-lhe mostradas, num papel que o Senhor Ribbentrop tirára do bolso, as propostas que o Reich submeteria ao Plenipotenciário polonês. Ao ouvi-las da boca do Ministro alemão, Sir Neville Henderson perguntou-lhe si eram oficiais. Foi-lhe dito em resposta que não e que eram apenas notas para servirem de base para as negociações. Ele pediu então si podia receber uma cópia. O Senhor Ribbentrop negou-se a dá-la, mudando de assunto e enfiou-as de novo no bolso.

Todo o dia seguinte o Embaixador da Polónia procurou ser recebido no Auswartiges Amt. Perguntaram-lhe si tinha instruções especiais para negociar um acôrdo. O Senhor Lipsky invocou sua investidura de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário, que era mais que suficiente para inteirar-se de quaisquer propostas. Sòmente às 9 da noite foi êle recebido e teve conhecimento do comunicado oficial, irradiado uma hora depois com desprezo de todas as normas protocolares e já tidas como rejeitadas.

A surpresa e o choque foram brutais para o Govêrno inglês, que se via mais uma vez ludibriado pela desfaçatez desses processos, jamais empregados até hoje entre povos civilizados, a qual seguramente contribuiu para a rigidez e a impaciencia que caracterizou a partir desse instante a attitude de Lord Halifax.

Entrementes, vim a saber, antes desses acontecimentos, que o pacto militar entre a Italia e a Alemanha continha duas clausulas secretas que desobrigavam a Italia, durante tres anos, das obrigações belicas da aliança, como dispensavam a sua participação em uma guerra por causa da Polónia.

Assim se explica a actual neutralidade da Italia. Não houve quebra de compromisso.

Quando da entrevista entre Ciano e Ribbentrop este ultimo annunciou o plano da invasão da Polónia, aquele já levava instruções

instruções imperativas de Mussolini para demover os alemães das suas decisões extremas contra um país amigo e católico e reiterar os propositos da Italia de se manter alheia. O "Duce" procedia assim com o inteiro apoio do seu Rei e do Papa, por compreender que o partido e o proprio país estariam perdidos caso os leaders do fascismo o levasse à guerra. O próprio Rei estaria decidido a cabecear um movimento nacional contrário. Também o Papa, com toda a sua autoridade sobre as consciências e o seu tino político influíu poderosamente sobre essa deliberação do Senhor Mussolini. A direção da politica internacional da Italia, portanto, está hoje nas mãos desse trio.

O Senhor Ribbentrop censurou violentamente tal atitude, tendo tratado com marcada insolência não só o Ministro italiano, como o Embaixador Attolico. Ao regressar à Italia, impressionado e ofendido, o Conde Ciano revelou pela primeira vez ao Embaixador Sir Percy Loraine as clausulas liberatorias acima referidas do pacto militar. Foi assim que o Govêrno britânico veio a conhece-las.

Iniciada a invasão sem declaração de guerra, a por êle chamada retificação de fronteiras com a Polonia, o Senhor Ribbentrop, nas ultimas entrevistas com o Embaixador francês, procurou dissuadir a França da aventura em que se ia meter, "dupe" de egoismo britânico e em defesa de um país que já a traíra em 1934. O Ministro do Reich reiterou ao Senhor Coulondre mais uma vez todos os protestos de amizade que animam os alemães para com a França e que ela só tinha a ganhar aproximando-se da Alemanha.

Na entrevista de despedida, o Senhor Ribbentrop declarou-lhe ainda que o Reich não abriria as hostilidades na fronteira do Rheno e, logo que fosse conquistada Varsovia, proporia à França uma paz em separado. Ao dar-lhe a mão, manifestou a esperança de o revêr breve no pôsto.

A evacuação da colonia francesa da Alemanha foi efectuada em condições sem precedentes. A delicadeza de que os franceses foram

alvo, assim como as autoridades consulares, não foi mostrada aos ingleses.

As propostas mediadoras da Italia no sentido de uma conferência entre as potencias interessadas (sem a Russia) foram rechassadas pela Grã-Bretanha, que a essa altura mostrou-se inflexivel.

O Senhor Bonnet teria feito esforços desesperados para ganhar tempo e convencer Lord Halifax. O Conde Ciano assegurou ao Ministro francês que poderia arrancar da Alemanha termos os mais duros como preliminar para um armistício teuto-polonês, isto é, um recuo de alguns quilometros das posições ocupadas pelos dois exércitos, sendo naturalmente impossivel conseguir a evacuação total do território já ocupado. Tudo em vão. O próprio Ciano procurou por sua vez, ao telefone, convencer o Ministro do Exterior inglês. Mas, este deu claramente a entender que a Grã-Bretanha já não admitia outra solução senão a guerra.

O General Gamelin também se enpenhou por ao menos uma dilação de 24 horas.

Como concessão foi assim atrasada a declaração de guerra por parte da Grã-Bretanha de meia-noite até às 11 da manhã seguinte. Eis a razão da falta de coincidência entre as duas declarações de guerra. Houve, pois, a preocupação pela Inglaterra de sabotar qualquer hesitação do lado da França.

A tática empregada, desde o inicio das hostilidades, está sendo a da divulgação dos fatos dentro da Alemanha, na esperança de exercer uma ação subversiva e de fomentar o incipiente descontentamento no país.

Dai os vôos militares frequentes sobre diversos pontos do Reich com o unico fim de espalhar dez milhões de folhetos contendo uma mensagem do Primeiro Ministro dirigida ao povo alemão.

Só assim se explica essa fase estrategicamente inócua e apa-

aparentemente absurda da ação militar deste país, enquanto a Polónia está sendo invadida e se deixa o caminho livre para o transporte das tropas alemãs de uma frente para outra.

O Governo britânico está fazendo pressão sobre a Itália para que se decida por um lado ou outro, por achar que a neutralidade em face da aliança existente com a Alemanha, é uma situação insustentável.

Não é impossível que mediante a oferta de Djibouti e vindo ao encontro das pretensões italianas em Tunis e no Canal de Suez, a Itália possa ser conquistada à causa dos Aliados.

A França concordaria com a neutralidade italiana desde que sejam controladas as suas importações e exportações, tal como foi feito durante a guerra de 1914-18, isto é, mantido o comércio normal de modo a que nenhum excesso nas importações possa passar ao inimigo.

A despeito da liberdade de que gozam os domínios dentro do Estatuto de Westminster, o Império Britânico, no fim de poucos dias de declarada a guerra, apresenta-se unido ao lado da Grã-Bretanha.

A África do Sul deverá entrar em guerra por esses dias. O General Smuts, simpaticamente, provavelmente substituirá o Governo do Senhor Hertzog, o qual favorece uma neutralidade benevolente.

O Canadá atrazou a sua declaração de guerra afim de poder receber material, especialmente aviões já encomendados aos Estados Unidos, antes que a presente Lei de Neutralidade americana entre em vigor, no seu caso.

As medidas de defesa contra ataques aéreos estão se revelando a altura. Toda a população da cidade é obrigada a circular com as mascaras contra gases. Foram evacuadas, sem o menor contratempo, milhão e meio de crianças, mães grávidas e invalidos para o campo e abrigos contra bombardeios foram construídos em profusão por to-

todos os lados. Mais de 600 balões com os seus cabos de aço pendentes inspiram, por enquanto pelo menos, toda a confiança.

A tentativa de ataque desta madrugada pode ser rebatida pela artilheria de costa e aviões de caça sem que as esquadrilhas atingissem qualquer dos seus objetivos militares. Nenhuma bomba pode ser lançada sobre a base naval de Chatham e arredores, a poucos quilómetros este de Londres. Presume-se que, trazendo ordens estritas para se limitarem a objetivos militares, com a neblina matinal sobre o estuário do Tamisa, não pudessem discernir o alvo, o que revelaria o proposito de cumprir à risca até o presente os compromissos internacionais.

Este raid foi a resposta, provavelmente, ao ataque bem sucedido dos avioes da marinha inglesa sobre o canal de Kiel, quando conseguiram inutilizar por algum tempo uma das mais novas unidades da marinha alemã.

Espera-se que a ação militar inglesa tome breve um rumo mais agressivo, concomitantemente com as investidas das tropas anglo-francesas sobre a linha Siegfried.

Foi reconstituído o Gabinete para dar entrada aos Senhores Winston Churchill (Primeiro Lord do Almirantado) e Anthony Eden (Ministro dos Dominios). As oposições Laborista e Liberal, convidadas a participarem do novo Gabinete, preferiram ficar à margem, embora apoiando o Governo.

O Gabinete foi dividido em duas partes, intitulada a primeira War Cabinet, composto de nove pastas e compreendendo :

Mr. Neville Chamberlain - 1º Ministro e 1º Lord do Tesouro;
Lord Halifax - Secretario dos Negocios Estrangeiros;
Sir John Simon - Ministro das Finanças;
Lord Chatfield - Ministro da Coordenação da Defesa;
Mr. Leslie Hore-Belisha - Secretario da Guerra;
Sir Kingsley Wood - Secretario da Aviação;
Sir Samuel Hoare - Lord do Sêlo Privado;

Privado;

Lord Hankey - Ministro sem pasta.

Londres, em 4 de Setembro de 1939.

Reji des loire

Reji des loire

ARQUIVO
12 OUT 39
SAÍDO

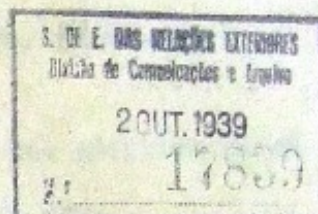
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 6 de Setembro de 1939.

No. 344

Contrabando de
guerra.

943.3(00)



Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência a inclusa Proclamação especificando os artigos que serão considerados contrabando de guerra pela Grã-Bretanha.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

BY THE KING.

A PROCLAMATION.

SPECIFYING THE ARTICLES TO BE TREATED AS CONTRABAND OF WAR.

GEORGE R.I.

WHEREAS a state of War exists between Us, on the one hand, and Germany on the other:

AND WHEREAS it is necessary to specify the Articles which it is Our intention to treat as Contraband of War:

NOW, THEREFORE, We do hereby Declare, by and with the advice of Our Privy Council, that during the continuance of the War, or until we do give further public notice, the Articles enumerated in Schedule I hereto will be treated as Absolute Contraband, and the Articles enumerated in Schedule II hereto will be treated as Conditional Contraband:-

SCHEDULE I.

(a) All kinds of arms, ammunition, explosives, chemicals or appliances suitable for use in chemical warfare, and machines for their manufacture or repair; component parts thereof; articles necessary or convenient for their use; materials or ingredients used in their manufacture; articles necessary or convenient for the production or use of such materials or ingredients.

(b) Fuel of all kinds; all contrivances for, or means of, transportation on land, in the water or air, and machines used in their manufacture or repair; component parts thereof; instruments, articles or animals necessary or convenient for their use; materials or ingredients used in their manufacture; articles necessary or convenient for the production or use of such materials or ingredients.

(c) All means of communication, tools, implements, instruments, equipment, maps, pictures, papers, and other articles, machines, or documents necessary or convenient for carrying on hostile operations; articles necessary or convenient/

convenient for their manufacture or use.

(d) Coin, bullion, currency, evidences of debt; also metal, materials, dies, plates, machinery, or other articles necessary or convenient for their manufacture.

SCHEDULE II.

(e) All kinds of food, foodstuffs, feed, forage, and clothing and articles and materials used in their production.

GIVEN at Our Court at Buckingham Palace, this third day of September, in the year of our Lord one thousand nine hundred and thirty-nine, and in the Third year of Our Reign.

GOD SAVE THE KING.

13 OUT. 1939
SAÍDO

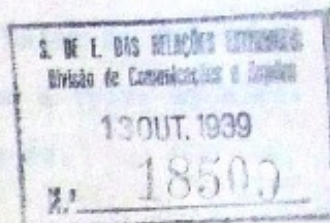
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 9 de Setembro de 1939.

No. 347

Reconstituição
do Gabinete.

602.3 (60)



Senhor Ministro,

Como consequência da declaração de guerra à Alemanha, o Gabinete foi reconstituído. A intenção do Primeiro Ministro era de transforma-lo num Gabinete de Coalizão, abrangendo os membros dos Partidos Trabalhista e Liberal. Tendo, porém, os leas-
ders das duas oposições se recusado à participar no Govêrno, o Gabinete foi reorganizado, sendo subdividido em um Gabinete de Guerra, composto de 9 Ministros, para deliberar sôbre os assuntos de emergência e de política nacional, e o resto do Ministério que não tem participação direta na conduta da guerra. Sômente o Ministro dos Domínios, Senhor Anthony Eden, poderá ser convidado ocasionalmente a tomar parte nas deliberações do pequeno Gabinete de Guerra.

2. No incluso recorte, Vossa Excelência encontrará a lista completa do atual Ministerio, que contem cinco novas pastas, o Ministério da Segurança Nacional, que é chefiado pelo Ministro

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/347/1939/2.

Ministro do Interior, o Ministério dos Fornecimentos, o Ministério da Informação, o Ministério da Alimentação e o Ministério da Economia beligerante.

3. Segue também a lista do Estado Maior do Exército.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reis do Exército

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 18 de Setembro de 1939.

No.348

Guerra europeia.

940. (oo)



Senhor Ministro,

Duas semanas exatamente depois que as forças alemãs invadiram a Polónia, noutra madrugada de domingo, foi a Europa despertada por mais uma agressão, internacional, perpetrada sobre uma vítima expangue, precipitando o colapso que o mau tempo teria podido postergar.

2. Conjugaram-se as forças do crime para o golpe traiçoeiro pelas costas. As duas ditaduras da violência fazem tabularsa de todas as conquistas do direito. É o nihilismo em ação contra o resto de estrutura jurídica que ainda liga os Estados europeus.

3. Só pode haver surpresa para aqueles que ainda acreditavam houvesse diferenças entre os dois sistemas ideológicos e os seus objetivos internacionais.

4. Os pretextos alegados para essa invasão - que não é ato de guerra - repetem ao pé da letra os clichés da nova diplomacia, nem sequer rompe a neutralidade! É a linguagem do Times.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Times. Mas, continúa este jornal: "os poloneses sabiam bem, desde que a Alemanha resolveu ataca-los, que o destino do seu país não seria decidido na Polonia. Eles não se submeteram. Bateram-se. Mostraram-se prontos a perder a vida pela patria e assim serão certamente ajudados a salva-la".

5. O que o mundo hoje se pergunta (ainda o mesmo jornal) é qual dos dois está sendo mais esperto. Stalin ou Hitler. Os primeiros beneficios estão sendo para Stalin. O pacto Anti-Comintern foi levado a Canossa e aí renegado pelo seu autor. Ao mesmo tempo Stalin libera-se da ameaça niponica na Mongolia, mediante o armistício da vespera, que lhe deixa as mãos livres para uma politica oportunista na Europa. Já Hitler não poderá erigir um protectorado no que restar da Polonia. Um estado tampão é sempre um estado independente.

6. Com toda a sua autoridade, conclue o Times, a solidiez dos objectivos britannicos e aliados não sofreu abalo. A opinião aqui está revoltada e estarecida ante o cinico desenvolvimento de uma baixa diplomacia. A guerra só terminará com a extinção do hitlerismo.

7. Tudo isso revela a falta de preparação politica com que o Senhor Chamberlain fez face à guerra - a mentalidade medíocre de um business man de Birmingham numa luta desigual contra ditadores realistas e sem escrúpulos.

8. A garantia à Polonia sem a necessária protecção no flanco oriental - perdidos três meses em negociações pueris, em se mediam todos esses grandes problemas pelas normas classicas da mentalidade burocratica - foi um retumbante fracasso, que acabará talvez levando o Primeiro Ministro à renuncia.

9. Como se modificaram as circunstâncias ! Faz exactamente um ano, o Senhor Chamberlain, risonho, descia do avião que o trouxera de Berchtesgaden, entre aplausos da multidão, ostentando um papel com a assinatura de Hitler, em que se declarava que os

os dois países nunca mais se bateriam. "Peace in our times".

10. Nunhum socorro pode ser prestado à Polónia. Nem sequer interveio a Grã-Bretanha com a sua magnífica força aérea para dificultar o desenvolvimento da acção militar alemã na frente oriental !

11. Nenhuma iniciativa nova foi explorada em represalia ao pacto teuto-russo junto ao Japão, por exemplo.

12. Foi assim a Polónia invadida, esmagada com o inútil sacrifício de vidas e heroísmo, enquanto panfletos inócuos eram derramados sobre a Alemanha.

13. Como agora levar por diante o bloqueio ? O inimigo ocupa neste momento posições formidáveis.

14. Não se compreende que não se tentassem outras alternativas, de modo a manter a Alemanha ocupada nas duas frentes. Ficou a Polónia, como a Tchecoslováquia, sem o amparo das suas aliadas !

15. É em parte por sua culpa que a Polónia se vê na dolorosa situação de hoje. Muito contribuiu para a hesitação da Grã-Bretanha em aceitar o plano de Stalin, isto é, a aliança defensiva franco-anglo-soviética, a oposição polonesa a qualquer entendimento que pudesse permitir a entrada das tropas vermelhas no seu território. Também se recusou a aceitar um pacto de segurança colectiva com a Rússia, a Iugoslávia, a Rumania e a Turquia e as Potências garantidoras, pacto proposto pelo Governo turco enquanto conversavam em Moscovo os representantes britânico e francês.

16. Tivessem os ingleses ou os poloneses alcançado a inclusão da Rússia na frente Anti-agressão, que Hitler não ousaria invadir a Polónia. Só depois que o Senhor Ribbentrop logrou isolar a Rússia, ousaram os alemães desencadear a guerra. A Rússia foi um factor decisivo. A Polónia recusou igualmente os serviços

serviços do General Weygand, postos à disposição do seu Estado Maior, quando primeiro se discutiu a cooperação militar das Potencias Aliadas, para afinal aceita-los demasiado tarde.

17. A investida francesa contra a linha Siegfried ainda era até ha pouco escondida do publico na Alemanha. A população do Reich ainda está crente que não ha atividades nessa frente e que, depois da vitoria estrondosa sobre a Polonia, Hitler poderá oferecer a paz à Democracias, em vista dos seus propositos pacificos para com elas e da inutilidade da guerra.

18. Assim a conduta que a Alemanha seguirá depende da attitude que a França e a Inglaterra tomarem. Estas já antecipadamente manifestaram, depois da primeira reunião do Supremo Conselho de Guerra, verificada ha poucos dias no norte da França, entre o Senhor Chamberlain e Lord Chatfield com o Senhor Deladier e o General Gamelin. Só os acontecimentos dirão se aí foi resolvido adoptar uma pressão mais aggressiva e efetiva sobre o inimigo ou si aguardar o tempo e o inverno para que minem a resistencia alemã, uma vez que a guerra foi para o alemão um choque e uma dolorosa realidade. Foi com tal objetivo em vista que os aviões britânicos espalharam sobre o pais, em cinco voos sucessivos, milhões de panfletos em que se procurava esclarecer o povo alemão dos verdadeiros propositos das Potencias Aliadas. Soube que o redator de pelo menos um dos panfletos é o Senhor Brüning, ex-Chanceler do Reich, que se encontra neste momento na Grã-Bretanha.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reis dos Livros



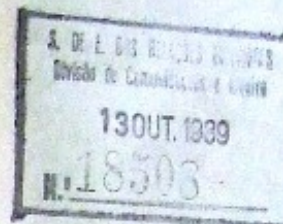
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 19 de Setembro de 1939. *MP*

No. 353

Comércio com o inimigo.

943.1(10)
MP



Senhor Ministro,

Em anexo separado cabe-me passar às mãos de Vossa Excelência um exemplar da Lei sobre o Comércio com o Inimigo, de 1939, 2 & 3 Geo. 6. Ch. 89.

2. A lei em questão dispõe sobre as penalidades para os que comerciarem com o inimigo e contém a definição desse termo para os efeitos da Lei.

3. Outras disposições tratam da inspecção e fiscalização de empresas; da transferência de títulos negociáveis; da transferência de acções; da compra de moeda do país ou países inimigos; da cobrança de dívidas inimigas e da guarda de propriedade inimiga; da cobrança de dinheiros recebidos pelo "Clearing Office"; de declarações falsas e da obstrucção às medidas da lei; da aplicação da lei à Escócia e, idem, às Colónias.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Repi do hoiu

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Trading with the Enemy Act, 1939.

2 & 3 GEO. 6. CH. 89.

ARRANGEMENT OF SECTIONS.

Trading with the Enemy and matters relating thereto.

Section.

1. Penalties for trading with the enemy.
2. Definition of enemy.
3. Inspection and supervision of businesses.
4. Transfer of negotiable instruments and choses in action by enemies.
5. Transfer and allotment of securities.
6. Purchase of enemy currency.

Property of Enemies and Enemy Subjects.

7. Collection of enemy debts and custody of enemy property.

General and Supplementary Provisions.

8. Provisions with respect to money payable to, or received by, a Clearing Office under 24 & 25 Geo. 5. c. 31.
 9. False statements and obstruction.
 10. Offences by corporations.
 11. Expenses of, and exercise of powers by, Board of Trade.
 12. Evidence of authority or sanction of Secretary of State, Treasury or Board of Trade.
 13. Application to Scotland.
 14. Extension of Act to colonies, &c.
 15. Interpretation.
 16. Saving of rights of Crown.
 17. Short title, commencement and repeal.
- SCHEDULE.—Enactments repealed.

A

DOS DO BRASIL

Setembro de 1939.

RECEBIDO
14-7-39
SAÍDO
KING'S ATTORNEYS
Solicitors & Agents
OCT. 1939
18503

adres, retransmitida,
o de la. Vara Civil
ldo de Manuel de Costa

advogado responsável
praxe (vide officio des-
,envio-a a esse Secre-
advogado da parte in-
com escritório à rua

Vossa Excelência os

des hoine

A Sua Excelência o Senhor Embaixador
Ministro de Estado das Relações Exteriores

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 21 de Setembro de 1939.

No.361

Protocolo de Genebra
de 1925.



946.4(00)
946.4(04)
Senhor Ministro,

Datada de 18 do corrente, recebi uma Circular do Foreign Office em que me foi comunicada a resposta, transmitida pela Legação suíça nesta capital, do Governo alemão à nota que lhe foi entregue pelo Embaixador britânico em Berlim, relativa à intenção do Governo de Sua Majestade de respeitar as disposições do Protocolo de Genebra de 1925, proibindo o uso de gases asfixiantes, venenosos ou outros, e os métodos de guerra bacteriológica.

2. O texto da resposta do Governo alemão é o seguinte:

"O Governo alemão respeitará, enquanto durar a guerra, as proibições que constituem objeto do Protocolo de Genebra de 17 de Junho de 1925 e que são mencionadas na Nota de Lord Halifax de 3 de Setembro de 1939".

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/361/1939/2.

1939".

"O Governo guarda toda liberdade de ação
no caso de serem as disposições do Pro-
tocolo desobedecidas por parte do inimigo".

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os
protestos da minha respeitosa consideração.

Rejido de Oliveira

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 21 de Setembro de 1939, *JP*

No. 364

A guerra e a situação
econômico-financeira
da Grã Bretanha.

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
Divisão de Comunicações e Arquivo

13OUT.1939

N.º 18503

940. (oo)
Senhor Ministro,

Uma quinzena após o início das hostilidades, continua a deslocação do sistema econômico inglês causada pela guerra. Na City não ha idéia clara sobre o escopo e a forma de aplicação dos decretos financeiros. O público, na impressão de que deve economizar, num malinterpretado gesto de patriotismo, recusa-se a comprar mais do que o estritamente necessário. Os preços estão fluctuando largamente e de maneira desconcertante. Os atacadistas, retalhistas e consumidores estão dando mostras de geral descontentamento.

2. Ao mesmo tempo, tem-se a impressão de que o Governo não compreendeu ainda plenamente o esforço econômico necessário para a vitória e que é indispensavel aproveitar o presente período de calmaria na guerra para desenvolver o mais rapidamente possível as indústrias bélicas e coordenar

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

coordenar a melhor utilização das reservas nacionais.

3. Sente-se a necessidade cada vez mais premente da pronta coordenação dos serviços do Estado e da melhor divulgação das leis de emergências, cujos textos mesmo são desconhecidos para muitos, visto estarem exgotadas as edições oficiais.

4. A confusão reinante neste período inicial fez com que este Governo não se lancasse ianda num programa definido de compras de matérias primas e substâncias alimenticias. Por outro lado, a incerteza em que estão os comerciantes sobre os propósitos da política econômica e financeira do Governo produziu o retraimento do mercado e a estagnação do comércio. As providências para esclarecer a situação não podem portanto tardar.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Repi do Loure

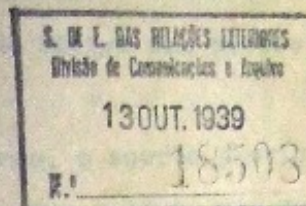
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 22 de Setembro de 1939.

No.367

A guerra.

940. (00)



Senhor Ministro,

A invasão russa na Polónia continúa a ser o comentário da semana. Mas a versão que se vai fixando é que a decisão de Moscou foi sobretudo ditada para evitar que as regiões da Rússia Branca e da Galícia passassem às mãos da Alemanha. Esperava-se que os Soviets procurariam justificar a sua attitude, limitando-se a ocupar a fronteira etnográfica que corresponde à "Linha Curzon". Enquanto a Conferência da Paz discutia a fronteira do novo Estado Polonês, ficára assente que Vilna seria adjudicada à Lithuania e que a Galícia Oriental teria uma autonomia sob a proteção da Polónia, até que um plebiscito viesse a decidir definitivamente seu futuro. Mas a invasão dessa provincia pela Polónia em 1920 e a derrota dos bolcheviques em Riga em 1921, resolveram o problema de outro modo. Segundo o biografo autorizado do Marquês de Curzon (Harold Nicholson) essa linha ia de Grodono, por Bialystok, Brest-Litovsk e Przemyśl aos Carpatos, deixando Lemberg ou Lvov ao oriente, onde se deparam agora as forças

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

forças alemãs e russas, mais ou menos a fronteira do Tratado de Brest-Litovsk.

2. A Rússia adeantou-se ao ocupar a fronteira polono-rumania, apresentando d'est'arte uma barreira ao avanço alemão sobre a região petrolífera da Rumania. As respectivas zonas de ocupação estão sendo discutidas em Moscou, aonde chegou uma missão militar alemã.

3. Segundo os jornais desta tarde, o acordo provisório a que já chegaram os peritos militares dos dois países, revela uma surpreendente modificação. Os Soviets readquirem a antiga fronteira russa de 1914, ou quasi, extendendo-se até próximo de Varsovia. Não ha alusão a Lvov, que provavelmente não será evacuada pelo Exército Vermelho. Se essas conclusões forem ratificadas pelos negociadores diplomaticos que se vão reunir para a elaboração final, a Polonia desaparecetá novamente do mapa.

4. A admiravel e heroica resistencia de Varsovia, até o ultimo homem, é um sacrificio que não só impõe ao respeito universal como assegura a redenção de um país que assim sabe se defender.

5. Confirma-se a informação do "Daily Herald", referida no meu officio nº 338, de 26 de Agosto, de que uma das exigências que os russos apresentaram aos militares aliados, para tornar eficaz a defesa da Polonia, era a ocupação desses territorios, tendo sido a Grã-Bretanha convidada a insistir nesse sentido junto à Polonia.

6. A obstinada resistencia das forças polonesas está obrigando a Alemanha a manter parte das suas forças na frente oriental. Em vista das desordens que estalaram na antiga Tchecoslôvasquia e a possibilidade de que venham a se estender a Austria, essas forças terão que ser consideraveis, nada menos que um milhão de homens, o que torna mais remota a probabilidade de uma ação mi-

militar sobre a Hungria e os Balkans.

7. A ação que os alemães vierem a desenvolver na frente ocidental está naturalmente dependendo da resposta que os Aliados derem às propostas de paz, que provavelmente o Senhor Hitler, depois de exterminada a Polónia, fizer diretamente à França e à Inglaterra, ou por intermedio do Senhor Mussolini. O ataque sério contra as forças aliadas será a consequencia da negativa que estas derem.

8. A neutralidade da Italia parece praticamente garantida. Não só pela dependencia em que está do carvão e do petroleo, como pelas vendas que vem fazendo desde o começo da guerra, todo o seu interêsse está em tirar partido maximo dessa situação favorável. Ha um ano no auge da crise, ela ofereceu à aviação inglesa 350 Capronis de bombardeio, que só não foram aceitos pelo mau efeito que caisaria. A França, entretanto, ela já vendeu em tres semanas um bilhão e meio de francos em avioes e aços especiais, extra-leves.

9. A nomeação de um novo Embaixador, Senhor Bastianini, personalidade de grande relevo dentro do fascismo, pode ser interpretada como um gesto amistoso.

10. Também da Turquia chegam noticias favoraveis aos Aliados. Exerce papel preponderante a faculdade que dispõem estes de fornecer material belico. Ao que parace, a Turquia está descontente com a qualidade inferior do armamento pesado suprido pela Alemanha, segundo o contrato celebrado o ano passado. As necessidades daquele pais vão ser atendidas imediatamente, em seguida ao que, serão iniciadas brevemente negociações para tratados formais de assistencia mútua.

11. O Ministro das Relações Exteriores turco, que acaba de regressar de Moscou, assinou um acordo que reafirma e fortalece as relações de amizade e confiança reciproca entre os dois países. A Russia solidifica assim a muralha que se apresenta ao avanço alemão, rumo ao Mar Negro, bem como a determinação do bloco balcânico.

balcanico de preservar e defender a sua neutralidade.

12. A conduta da guerra está causando consideravel perturbação à opinião pública. Esperava-se que, enquanto a maior parte das forças alemães estavam empenhadas no ataque à Polónia, a oportunidade fosse aproveitada pelos Estados Maiores aliados. A falta de notícias oficiais sobre as operações militares provoca censuras quanto à aparente inércia das forças britânicas, principalmente a aviação.

13. Em contraste com as conquistas rapidas e esmagadoras do lado alemão, é natural que essa inércia se reflita pejorativamente entre os observadores neutros, que se perguntam naturalmente si tal falha de iniciativa não promana de um Gabinete em que imperam os conselhos de personalidades idosas como a do Primeiro Ministro e a do Ministro da Marinha.

14. O Ministro da Guerra, Sr. Hore-Belisha acaba de visitar as linhas de combate em França e se entrevistou com o General Gamelin que hesita em empreender uma ofensiva em grande escala numa frente tão reduzida, contra fortificações como as da Siegfried Line. O sacrificio de vidas para fura-la, importaria, segundo os seus calculos, num milhão, decisão que ele naturalmente só tomará quando estiver convencido de seu resultado pratico. Quem sabe, os Aliados esperam a adesão da Belgica para contonarem o flanco Siegfried, ou da Itália para penetrarem no território inimigo por uma fronteira menos defendida.

15. O Sr. Chamberlain fez o seu segundo discurso na Câmara, semanal, sobre o proseguimento da guerra, cauteloso como sempre na resposta às diatribes candentes do Chanceler alemão e declarando-se satisfeito com os resultados já obtidos no combate aos submarinos. Também fez advertências prudentes contra aqueles que já não acreditam na possibilidade de ataques aereos e

Emb.Londres/367/1939/5

e desaconselhou o regresso a Londres das milhares de famílias evacuadas, cujas cifras agora publicadas, atingem a 607.000, bem inferiores aliás aos primeiros cálculos.

16. Foi distribuído hoje o livro azul deste Governo contendo os documentos, relativos ao rompimento das hostilidades, cujo resumo apareceu no "Times" também de hoje e que junto.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Réji de Oliveira

TORS IN TIME
OF WAR

ARY AND CIVILIAN
SERVICES

RDINATION NEEDS

HE EDITOR OF THE TIMES

or leading article of September

advice during the difficult period

the best use of the means of publicity

of a war which requires

The big war of today is a

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

which demands a new

ARQUIVO
FOLHA
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 25 de Setembro de 1939.

NP

No. 368

Zonas minadas e
navegação pelo
Estreito de Dover.

946.5(00)
M



Senhor Ministro,

A pedido do Foreign Office, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos avisos sobre zonas minadas e perigosas à navegação, e à passagem pelo Estreito de Dover, avisos que foram transmitidos à Embaixada britânica no Rio de Janeiro, pelo telegrafo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi do homem

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

WGRS

ENCLOSURE.

Admiralty Notice concerning Navigation in the Dover Strait.

SHIPPING is hereby warned that all up-channel traffic proceeding through Dover Strait if bound for:—

- (a) British ports must pass about 3 miles south-east of Dungeness and thence through the Downs.
- (b) Ports on the east side of the North Sea must pass about 3 miles south-east of Dungeness, thence through the Downs, after which they must keep north of latitude 51 degrees 20 minutes north until east of longitude 2 degrees 40 minutes east.
- (c) French ports must close Boulogne to receive instructions.

2. Ships wishing to pass down channel from ports east of longitude 2 degrees 40 minutes east must pass north-east of latitude 51 degrees 20 minutes north, longitude 2 degrees 40 minutes east thereafter keeping north of latitude 51 degrees 20 minutes north and thence through the Downs and to a position 3 miles south-east of Dungeness.

3. Vessels voyaging between east and south coast ports of England and French ports between Boulogne and longitude 2 degrees 40 minutes east must proceed from the Downs to a position three miles south-east of Dungeness thence to Boulogne passing south of the Ridge (see 1 (c) above) and *vice versa*.

4. Vessels in ports on the north coast of France will be instructed how to proceed to Boulogne by the French authorities.

5. Ships wishing to anchor must do so either in the Downs or in Dungeness East Road.

6. Ships disregarding these traffic regulations do so at their own peril.

This notice cancels all previous notices of traffic regulations for the Dover Strait.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 26 de Setembro de 1939.

Emb. Londres/368/1939/Anexo.

[C 14632/13583/49]

Enclosure.

THE Admiralty give notice that mines have been laid in the area enclosed by the lines joining the following positions:—

55° 00' N.	00° 45' W.
55° 12' N.	00° 17' W.
53° 50' N.	01° 24' E.
53° 50' N.	00° 42' E.

Vessels entering this area will do so at their peril.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 29 de Setembro de 1939.

No. 371

A guerra.

940.001



Senhor Ministro,

As notícias de hoje alteram novamente de modo radical e imprevisto o aspeto da guerra, que toma, de ora em diante, o carater de um duelo de morte entre as democracias e as ditaduras, ou, em suma, entre o capitalismo e o comunismo.

2. Os dois rancorosos inimigos de ontem, Stalin e Hitler, deram-se as mãos para dividirem a Polonia, arrogantemente declarando que não tolerarão interferencia de outras nações nessa transação e em desafio, portanto, às Potencias garantidoras da independencia polonesa.

3. Evidentemente delimitaram-se as respectivas esferas de ação. Os Estados Balticos passarão a ser, um após outro, protetorados sovieticos, para quiçá mais tarde serem incorporados à U.S.S.R., que seguramente abraçará também a Finlândia.

4. Entre as exigencias dos russos (os papéis estão transtornados e é Stalin agora quem convoca a Moscou os Ministros estrangeiros) estava certamente a supressão definitiva da Polonia.

A Sua Excelencia o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Polonia. Ficou, de passo, esclarecido que não houve um Protocolo secreto apenso ao pacto de não agressão. Apenas o Senhor Ribbentrop foi então avisado de que as tropas russas não assistiriam impassíveis à invasão alemã da Polonia.

5. A Alemanha teve que se conformar com a eliminação do Estado tampão.

6. A tecnica empregada por Stalin com o Ministro do Exterior da Estonia é a exacta repetição da seguida por Hitler com os Chefes do Governo austriaco e tcheco.

7. A incognita neste momento passa a ser a Turquia, cuja situação é altamente embaraçosa perante os seus compromissos com os Aliados e as suas boas relações de vizinhança com os Soviets.

8. A Italia deixa de ser o factor preponderante de antes. Si ela se puzer ao lado da Alemanha e da Russia, seu papel será de terceira ordem. É mais verosímil que ela finalmente opte pela aliança com as Democracias, junto às quais a sua participação teria outro relevo. O mais provavel será que ela mantenha a sua vantajosa posição de neutralidade, de que está retirando os melhores resultados.

9. Quem poderia prever a decisão do Governo russo? Os jornalistas e diplomatas mais experimentados têm fracassado em todas as previsões. As deliberações de Stalin, cuja mentalidade de camponês da Georgia, desconfiado e matreiro, escapam às conclusões dos melhores conhecedores do seu país.

10. A partição da Polonia e o desafio a qualquer interferencia por parte de outrem, forçarão a Grã-Bretanha e a França a declararem guerra à Russia.

11. Até ha pouco, todos os movimentos de Moscou visavam manter a União Sovietica alheia à guerra. Seus interesses, como os da Turquia, consistiam em criar um bloco balcanico, forte e neutral, que procurasse localizar a guerra da Alemanha contra as Poten-

Potencias democraticas. As doutrinas de Pan-Slavismo faziam-se novamente ouvir em detrimento da influencia alemã e em favor da russa nessa zona.

12. A decisão de apoiar a Alemanha vem, portanto, de encontro a essa orientação. As decisões chegadas com o Senhor Ribbentrop e a sua numerosa delegação, são de mais ampla finalidade. Não só determinam as futuras relações entre os dois países, politicas como comerciais, senão que propõem à França e à Grã-Bretanha um armistício e uma conferencia de 5 Potencias, que ratifique a partição da Polonia. Aparentemente, este "Plano de Paz" terá grande amplitude, disporá sobre as relações de quasi todos os Estados europeus e concluirá com um grandioso projeto de limitação de armamentos. O "fait accompli" é apoiado por uma velada ameaça contra a Grã-Bretanha e a França, que são responsabilizados pela continuação da guerra e sofrerão as consequencias das medidas que os dois Governos dictatoriais vierem a tomar posteriormente.

13. As rodas officiais aqui mantêm reserva sobre as deliberações que já tenham sido tomadas na reunião ministerial desta manhã ou que venham a tomar durante o "week-end", depois de entendimento com o Governo francês. Sòmente na próxima segunda-feira é que o Senhor Chamberlain fará uma declaração à Câmara.

14. Por enquanto não se fala em declaração de guerra à Russia, mas eu não vejo, mesmo com a maior dose de candidez, como se possa fugir à essa conclusão, por mais desastrosa que ela seja.

15. De qualquer modo, os Governos aliados repelirão o "fait accompli". Agora é que começará de facto a guerra para esses países.

16. Ainda é cedo para chegar a um juizo definitivo. Si as "medidas necessarias" de que fala o novo pacto significam uma aliança militar germano-russa, a guerra deixará de ser um acontecimento europeu para tornar-se um conflito mundial, que não admite neutrali-

Emb. Londres/371/1939/4.

neutralidade. Si querem dizer apenas que a Russia manterá uma neutralidade benevolente, suprimindo a Alemanha de materiais primas, a situação não se altera maiormente. Stalin e Hitler continuarão a se observarem com desconfiança como homens sem palavra que sabem ser.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi del Loure

M. D. B.

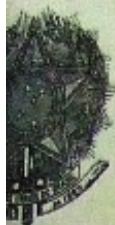
28/1/7

LONDRES

OFICIOS

OUT.-DEZ

1939



31 OUT 39
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 2 de Outubro de 1939.

No. 380

Artigo do "Times"
sobre o bloqueio.

943.4(00)

NP/EC

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES
Divisão de Comunicações e Arquivos
30 OUT. 1939
N.º 19341

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o incluso recorte do "Times" de 23 de Setembro último, que descreve os métodos empregados pela Grã Bretanha no bloqueio da Alemanha.

2. O bloqueio aliado contra a Alemanha começa a operar desde as possíveis fontes de abastecimento, hoje todas conhecidas e vigiadas. Cada estádio dos seus movimentos é mantido sob observação; dificuldades são opostas as suas finanças, seguros e transportes e os nomes das firmas conhecidas como fornecedoras do Reich entrarão em uma lista negra. A apreensão das mercadorias no mar ou nos portos é o último passo desta atividade incessante, pois algumas vezes pode ser conveniente permitir-se o embarque das mercadorias com o propósito expresso de apreendê-las mais perto da Inglaterra.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Inglaterra.

3. Como na última guerra, o Governo estabeleceu bases de controle de contrabando. Estas se acham em Kirk-wall, Weymouth e nos Downs (Foreland do Norte). Fora daqui do Reino Unido ha um posto em Gibraltar e em Haifa.

4. Na última guerra, os navios fazendo o comércio regular para a Europa tocavam voluntariamente nêstes portos. Julgavam vantajoso fazê-lo então e possivelmente assentirão ao pedido do Governo britânico para fazê-lo agora de novo. Tocando nesses portos e ficando estabelecido que não transportam contrabando, receberá um passe para facilitar-lhes o proseguimento da viagem. Os navios que não tocarem voluntariamente em tais portos serão passíveis de desvio para uma base de controle, quando a inspecção da carga não for praticável em alto mar.

5. A demora será reduzida ao mínimo no caso dos navios que cooperarem nessas medidas, tendo seus papeis preenchidos de modo apropriado e levando consigo uma cópia adicional do manifesto do navio completo destinado aos oficiais controladores que o conservarão.

6. Os navios que se aventurem ao transporte de contrabando sofrem a pena de confiscação quando descobertos. Como os navios alemães desapareceram praticamente dos mares, segue-se que o controle se exerce apenas sobre os navios neutros. Como mercadorias destinadas ao inimigo em um navio neutro não podem ser apreendidas a menos que constituam contrabando, o Governo publicou uma lista das que assim são consideradas. Durante a última guerra, devido à irrestrita campanha submarina da Alemanha, o Governo decretou as "Reprisals Orders in Council", ou sejam medidas de represália, as quais lhe permitiam apreender mercadorias alemãs em navios neutros onde

onde quer que fossem achadas, constituíssem contrabando ou não. Porem a hipótese normal é que sómente as mercadorias constantes da lista de contrabando e destinados a um porto inimigo ou neutro, mas ao qual serão reexpedidas para um país inimigo, estão sujeitas à captura. O navio é levado a uma das bases para exame, e o manifesto e documentos conexos são submetidos ao Ministério de Guerra Econômica. Este decide se a prova de destino imediato ou mediato é suficiente para justificar a apreensão. Se o for, o navio é entregue ao Tribunal de Presas para ser descarregado pela Alfândega. O "Admiralty Marshall" torna-se responsável pela sua preservação e custódia, enquanto pender o resultado do processo no Tribunal de Presas.

7. Os Cônsules dos países neutros, cujos interesses nacionais se passam relacionar com os bens apreendidos, recebem uma notificação a respeito.

8. O Governo britânico declarou sua intenção de fazer tudo em seu poder para facilitar o comércio neutro de boa fé e informou os países neutros que estará sempre pronto a aceitar quaisquer sugestões apresentados com este propósito.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Reiji de Shima

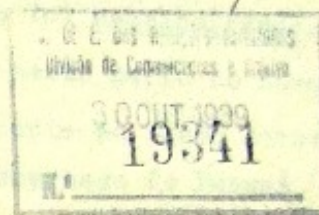


EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 4 de Outubro de 1939. *JP*

No.381

A America Latina e a guerra.
Congresso de Panamá.



940. (oo)
980.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o incluso recorte do "Times", de hoje, contendo uma interessante correspondência de Buenos Aires intitulada "Latin America and the War", em que se diz que, desta vez, a neutralidade dos países latino-americanos está ligada aos acôrdos internacionais de Buenos Aires em 1936 e de Lima em 1938, passando a ser uma ação colectiva. Segundo o articulista, os próprios simpatizantes do sistema nazista reconhecem o perigo - eventual ou imediato - que representaria a vitória alemã para os países pouco povoados e ricos em matérias primas e, portanto, favorecem a derrota de uma Potencia expanssionista. Alude ainda à simpatia historica pela ajuda material da Inglaterra à cause da independencia e à paciente infiltração da cultura franceesa que está agora dando fruto, ao passo que a importância da penetração cultural e propagandista alemã tem sido muito exagerada. Conclue dizendo que o pacto russo-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

russo-alemão causou completa confusão e um choque para os sul-americanos. Para os de raça hespanhola essa entente e esse sacrificio de ideologias ao oportunismo não foi cavalheiresco. As ideias antigas de honra ainda sobrevivem nessa parte do Novo Mundo.

2. Junto igualmente outro recorte do mesmo jornal e da mesma data sobre a resolução votada no Congresso de Panamá, em que é expresso o ponto de vista das Potencias beligerantes. Segundo o correspondente diplomatico do "Times", a vigilancia de aguas territoriais de tamanha amplitude seria uma empresa impraticavel mesmo para a esquadra norte-americana. Alem dessas dificuldades, qualquer ação dessa Marinha para fazer respeitar as proibições da Declaração não teria a sanção do Direito Internacional e equivaleria a um ato de guerra.

3. Segundo o correspondente diplomático em Washington do "Daily Telegraph", tem-se dado uma mudança marcada na atitude official dos Estados Unidos com relação à zona de segurança proposta na Conferencia Pan-Americana de Panamá. Indicio disso é o modo cauteloso e vago com que o Secretário de Estado, Senhor Hull, discutiu o assunto na conferencia de hontem com os representantes da imprensa e onde explicou que a declaração de Panamá constituía uma extensão do concordado nas Conferencias de Buenos Aires e de Lima sobre a conveniencia de se consultarem os países do continente americano na eventualidade de uma ameaça ao hemisferio occidental.

4. Afirma o correspondente que ao examinar o plano de vigilancia da zona em questão vae-se tornando patente que o mesmo seria difficil de realização e importaria em muitos e complicados problemas diplomaticos.

5. O Governo de Washington aguarda a resposta dos beligerantes e nutre a esperança de que os mesmos pelo menos tomem conhecimento do pedido de se absterem de actos de guerra na zona em questão. A proposta foi um dos assuntos discutidos hontem pelo

Emb.Londres/381/1939/3.

pelo Secretario de Estado Hull e pelo Embaixador da Grã Bretanha.

6. É de interesse notar que em certos pontos, como por exemplo no Golfo do Mexico, uma zona de 300 milhas incluiria possessões britânicas.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Refr. do h. v. m.

"THE TIMES"

Londres, 4 de Outubro de 1939.

LATIN AMERICA AND THE WAR

A BENEVOLENT NEUTRALITY

From Our Buenos Aires Correspondent

In two respects the attitude to war in Europe of South America to-day differs profoundly from its attitude 25 years ago.

In 1914 there was little effective Pan-American cooperation, and each nation acted as it thought fit. All the South American nations began by being neutral, but later several of them severed relations with Germany, and one declared war. But now they are bound by international agreements—notably those arising out of the Special Conference of Peace in Buenos Aires in 1936, and the Eighth Pan-American Conference of last year in Lima—to take a common stand, or, at least, to consult together. As a result of President Roosevelt's Good Neighbour Policy, relations with the United States are far more friendly than they were a generation ago.

The South American Republics are vowed to a policy of strict and collective neutrality. This is partly because, broadly speaking, none of them, in spite of frontier disputes, has any territorial ambitions which might be achieved with the help of a non-American nation, but chiefly because none is strong enough alone to resist a powerful aggressor. Even if the United States should eventually be drawn into the war it is possible that no South American country would abandon its neutrality.

THE GERMAN DANGER

Popular sympathies are even more strongly in favour of Great Britain and France than in 1914. Improved communications have made great distances relatively less important. Then there was less demand from overcrowded countries for "Lebensraum," and raw materials were not such a vital issue. To-day, even the few who profess admiration for the Nazi system admit that a German victory would involve danger—eventual or immediate—to South America, while the defeat of an expansionist Power could not but favour the continued independence of lands under-populated and rich in primary products.

Among the governing classes there is more tendency than elsewhere to admire totalitarian régimes, which are supposed to favour internal order. But in the governing classes especially the religious

NEED FOR ADEQUATE ENFORCEMENT

BELLIGERENT POWERS' POINT OF VIEW

FROM OUR DIPLOMATIC CORRESPONDENT

Considered comment upon the "Declaration of Panama" must await a fuller report of its terms. According to the outline so far received, a "safety belt" is proposed surrounding the American continents—excluding Canada—defined by a line which, in places, is understood to be as much as 600 miles from the coast. Within this zone "no hostile or belligerent acts are to be permitted," a prohibition which is to be enforced, "where it is considered necessary" by the forces of the American nations concerned.

At first sight such a declaration would seem to be in the nature of a claim greatly to extend the territorial waters of the American Powers—to extend jurisdiction over a substantial area of the high seas. If so, it would hardly be reasonable to expect belligerents to accept that extension without an assurance from the Powers claiming it that they would take fully adequate steps to prevent abuse of the "safety belt." For instance, if this country admitted the claim—or even without formally admitting it, undertook not to commit any hostile or belligerent act in the zone—a German submarine or other raider might take refuge there, emerging from time to time to continue depredations on British commerce, unless the forces of the American Powers could guarantee to prevent such action.

DANGER OF HOSTILITIES

It seems doubtful if surveillance over such a vast area of ocean, close enough to enforce the immunity claimed, is possible. Not even the United States Navy, the second largest in the world, could lightly undertake the task, and the Navies of South America, though efficient and full of enthusiasm, are numerically incapable of performing it. Moreover, another difficulty appears: for any action taken by an American Navy to enforce the prohibitions contained in the Declaration would have no sanction in International Law. Such action would amount to an act of war, and nothing else.

It would seem doubtful if these practical difficulties can have received full consideration by the Panama Conference. Its object was to devise measures to safeguard the neutrality of the Americas—to prevent a war of the Old World from spreading to the New. That object can hardly be achieved by a project which could only be enforced by belligerent action.

aspect is of
Austria-Hungary the great
Catholic Pope accused
of anti-clericalism and is seen
as a rampart of Catholicism, crushed be-
tween two avowedly anti-Christian
nations.

There is in South America a historical sympathy for England and France because they gave moral and material aid in the South American struggle for independence. There is admiration for the success with which democratic institutions function in England, while the long and patient years spent in implanting French culture in South America have borne fruit. Whether by intuition or skill, France has avoided appearing in the role of an economic Imperialist. Owing to the traditional enmity towards Spain, the effects of which have not yet entirely disappeared, France, and not Spain, is regarded as the leader of the Latin world. A South American who visited Europe without seeing Paris would be almost eccentric.

DUPLICITY ABHORRED

The importance of German cultural and propagandist penetration in South America has been greatly exaggerated. If a totalitarian State were to obtain many adherents it might be General Franco's Spain or even Signor Mussolini's Italy. In any case it would have to be Catholic, if not Iberian—or at least Latin—as well. The German dictator's chief claim to South American gratitude was understood to be that he had saved the world from Communism. The Russo-German Non-Aggression Pact caused blank bewilderment, for no South American country so much as maintains diplomatic relations with Moscow. German post-Pact propaganda here was decidedly clumsy. A speech by M. Molotoff was reprinted as a justification of Hitler, and a manifesto published in Buenos Aires by what is styled the Argentine Pro-Axis Committee declares that "the march towards the conquest of right and the strictest international justice has been begun by the Germany of the Third Reich, by Fascist Italy, and by totalitarian and proletarian Russia." The Nazi-Communist entente shocked South Americans, who felt that, although history might record other episodes where ideological or religious principles were sacrificed to opportunism, Spaniards, or those of Spanish race, had never been guilty of such duplicity. To them it was not *caballeresco*. Old-fashioned ideas of honour still survive in this part of the New World.

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

ARQUIVO

3 10 39

SAÍDO



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

NP

No.383

Mês Politico nº 10.

900.1(60)

S. DE E. DAS RELAÇÕES EXTERIORES	
Divisão de Comunicações e Arquivo	
30 OUT. 1939	
Nº	19341

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das
Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimenta
respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório
politico nº 10, desta Embaixada.

Londres, em 6 de Outubro de 1939.

Mês Político nº 10.

REVISÃO DO ORÇAMENTO

Em meus officios semanais sobre a guerra tenho acompanhado os principais acontecimentos da conflagração europeia, de modo a não precisar recapitula-los quanto ao mês passado, no presente relatório. Resta-me, porém, aludir ao acontecimentos de maior vulto, no que diz respeito ao esforço que este país vem desenvolvendo para a prosecução da guerra, que foi o projeto apresentado à Câmara dos Comuns, e está sendo por ela discutido, de revisão do orçamento para o ano de 1939/40, remetido a Vossa Excelencia em folheto, com officio nº 373, de 30 de Setembro.

Muito mais severa do que se esperava foi a elevação do imposto basico sobre a renda, que passou de 5/6 a 7/6 por libra. A sobretaxa foi então aumentada de uma maneira brutal para os rendimentos superiores a £2.000. Essa vae de 1/3 a 9/6. Quem tiver uma renda anual de mais de £30.000 pagará 17 shillings por libra. Para certas grandes fortunas, a conjugação de ambas taxas vae alem de 20 shillings, atingindo em certos casos a 24 por libra, o que equivale a um verdadeiro confisco de capital.

Alguns impostos indiretos foram tambem aumentados e estes recaem sobre os contribuintes pobres, tais como os sobre o açúcar, as bebidas alcoolicas e o tabaco.

Segundo os calculos do "Chancellor of the Exchequer" os impostos diretos darão este ano £76.500.000, a mais, e £160.000.000, o ano que vem. Os impostos indiretos darão respectivamente £30.500.000 e £66.500.000. A majoração representa £107.000.000 para este ano e £226.500.000 para o ano que vem, a qual será suplementada por uma taxa de 60% sobre beneficios a maior na industria e no commercio (medida que visa cercear os lucros desmedidos em consequencia da guerra).

guerra).

A receita para o corrente ano é calculada em £995.000.000 e a despesa em cerca de £2.000.000.000. As somas que terão que ser tomadas de empréstimo chegarão a um bilhão de libras em vez de 480 milhões como estava previsto no orçamento anterior.

Comparada com 1914, a situação é bem diferente. A dívida publica era então de £650.000.000. Hoje ela é de £8.000.000.000. A receita (excluídos os gastos com a defesa nacional) era de £120.000.000. Em 1939 ela é de £690.000.000.

Estas cifras representam um esforço colossal a desenvolver, e não menos uma eloquente demonstração de pujança economica. Ha desde já a preocupação de não pagar os juros altos dos empréstimos contraídos durante a última guerra, bem como de exercer uma severa vigilancia nas despesas administrativas, calculadas com outra noção de economia, de que são prova, aliás, os preços por que está o Governo adquirindo no estrangeiro mantimentos, a exemplo da carne e da banha, graças à providência de ter constituido a tempo estoques de guerra. Os preços dos principais artigos estão sob controle eficaz e foram estabilizados ao nivel imediatamente anterior à guerra. A questão é saber por quanto tempo será possivel manter essa estabilização, quando outros mercados consumidores estão comprando a preços mais altos.

Pela acolhida que as propostas de Sir John Simon encontraram da parte da Câmara, como da imprensa, constata-se que a nação aceita sem protesto o "preço da vitória". Só na City é que se considera precipitado e mal distribuido o aumento dos impostos. Si já é assim no começo da guerra, a convicção é de que daqui ha três anos a resistencia financeira do pais estará virtualmente esmagada.

Assim entre os elementos conservadores do pais fez-se sentir um movimento para que o Govêrno considere as propostas de paz do

do Senhor Hitler, estudando uma forma honrosa para pôr fim a essa guerra aniquiladora, que importará num triunfo para as forças revolucionárias do bolchevismo.

O discurso do Senhor Lloyd George na Câmara é sintomático dessa corrente derrotista. Uma paz que importasse na formação de uma Polónia independente, restaurasse a autonomia da Tchecoslováquia, impuzesse o desarmamento geral e redistribuísse as colónias poderia, na opinião do Senhor Lloyd George, ser discutida numa Conferência mundial, em que estejam representados os Estados Unidos e a Rússia.

Tanto o Primeiro Ministro, como o Ministro da Marinha, no seu importante discurso irradiado no dia 1.º de Outubro, distinguiram a atitude russa da atitude alemã, demonstrando uma certa compreensão das razões que levaram os Soviéticos invadirem as regiões polonesas, onde predominam os elementos étnicos puramente russos, para impedir que caíssem sob o domínio nazista.

Houve, pois, a preocupação de estratégia política de não robustecer o lado inimigo com mais uma nação poderosa. Que foi manobra hábil pode-se constatar pela decepção causada em Berlim a falta de declaração de guerra à Rússia.

Como disse muito bem o Senhor Chamberlain, a imediata causa da guerra foi a invasão da Polónia pela Alemanha, o último mas não o único ato de agressão cometido pelo Governo do Reich. Mas se ela foi a causa direta, não é a fundamental. A causa foi a irreprimível revolta neste país e na França contra um estado de coisas intolerável em que as nações da Europa viviam sob a alternativa de perder a sua liberdade ou de periodicamente mobilizar os seus exércitos para defendê-la.

Esperam-se para hoje as propostas de paz que o Senhor Hitler anunciará ao seu Reichstag.

Já não há dúvida que a ameaça velada de represálias conjuntas russo-germânicas para o caso dos Aliados proseguirem na guerra, foi

foi uma interpretação alemã não confirmada em Moscou. Ao contrário, o que se percebe é uma manifesta deliberação dos Soviets de continuarem a comerciar com ambos lados, como o prova o fretamento de madeiras do Mar Branco para a Grã-Bretanha. Só forçada é que a Rússia deixará a sua neutralidade. O que ela tratou de fazer foi aproveitar a guerra para reconquistar as suas fronteiras perdidas em 1918. Não tendo podido fazê-lo com a aquiescência dos Aliados contra a Alemanha, ela fê-lo com esta ao preço da sua neutralidade - em ambas hipóteses, porém, sem guerra.

Também o seu esforço junto à Turquia consiste apenas em obter dessa que o Estreito de Dardanelos não seja aberto às marinhas de Potências inimigas. A formação de um bloco poderoso nos Balkans para contrariar a expansão alemã e manter o status quo, é um objetivo turco olhado com simpatia por Stalin.

Entretanto o pacto militar anglo-franco-turco está prestes a ser assinado. Para isso chegou a Londres a missão militar, chefiada pelo General Orbay. Ouvi de fonte bem informada que o Conde Ciano levára para Berlim, em linhas gerais, as propostas de paz que o Senhor Mussolini achava razoáveis e que estaria pronto a patrocinar. Não se conformando com elas, Hitler teve uma discussão acalorada com o Ministro italiano. O resultado foi que o "Duce" negou-se a ser portador de outras propostas que não aquelas. Parece que as suas incluíam a restauração do Estado Polonês e a independência da Tchecoslováquia. A esperança da parceira do Eixo de que a Itália pudesse considerar casus belli a rejeição do plano de paz esvaiu-se, portanto. Nem sequer quiz o Senhor Mussolini expôr-se ao vexame de uma negativa no seu papel de intermediário.

O Senhor Mussolini muito provavelmente procedeu assim para evitar esse difícil papel, certo da recusa de Hitler ao seu plano.

Fracassada, pois, a priori a ofensiva da paz, iremos agora assistir ao recrudescimento da guerra, para a qual a Alemanha se

Emb. Londres/383/1939/Anexo.

5.

se acha militarmente preparada, mas economicamente débil. Daí o seu grande empenho em buscar a paz.

Londres, em 6 de Outubro de 1939.

Reji des Lveine



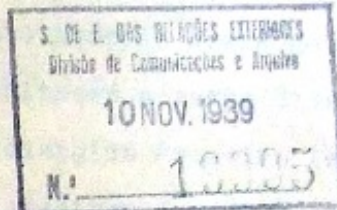
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 13 de Outubro de 1939.

No.390

A guerra.

940.100) BD



NP

Senhor Ministro,

A ofensiva de paz hitleriana fracassou como previ no meu officio anterior. Foi ao preço de derrotas diplomáticas de grande monta que o Chanceler alemão realizou os seus objetivos na Europa oriental. Suas perdas em homens e material de guerra foram consideravelmente maiores que as confessadas no seu discurso do Reichstag. Sua expansão rumo ao Mar Negro foi de passo detida pela Russia. Teve que ceder-lhe também todo o Baltico, como igualmente previ, ha duas semanas. O Senhor Hitler se apresenta, portanto, perante o seu povo como tendo fracassado no seu programma de livrar a Alemanha da guerra. Foi um profeta falhado. Assegurára-lhe que as Potências Democraticas não iriam à guerra ! Seu futuro e o de seu partido dependiam da sua habilidade em impôr a paz. É esta a razão porque a resposta do Senhor Chamberlein ontem não tranca de todo a porta ao povo alemão. Suas referências quanto ao vago proposital das declarações de paz de Hitler podem

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

podem ser assim interpretadas. A sua síntese exata e laconica daquele discurso tem o aspeto de uma declaração feita por Governos concientes da sua força moral e armada. Membros do seu Gabinete de Guerra, e segundo consta o próprio Chefe do Governo, estavam decididos a baterem sem hesitação a porta àquelas propostas. Outros, porém, inclusive o energico Primeiro Lord do Almirantado, conquanto decididos a proseguirem a guerra até o final, aconselharam, assim como os representantes dos Dominios, uma attitude mais dilatória - festina lente - pois o factor tempo só favorece os inimigos da Alemanha.

2. Entretanto, desde a madrugada de hoje, os planos alemães não deixam duvida sobre uma eminente ofensiva na frente ocidental, a ser logo seguida de bombardeios aéreos sôbre os portos e a esquadra inglesa. O Estado Maior alemão acredita na "blitzkrieg", enquanto ainda ha tempo, este começo de outono, de applicarem as suas divisões mecanizadas, que tão bem provaram contra a Polonia.

3. Ha otimistas nos circulos governamentais que acreditam que a guerra terminará antes do Natal. Outros, mais concientes do poder alemão, calculam que ela poderá ser ganha na primavera do ano que vem. Julgo demasiado otimistas estas previsões. Refiro-as apenas porque as ouço de gente altamente colocada e ao par de informações que não são divulgadas pelos jornais.

4. Mas a posição deste Governo, como a deixou definida o Senhor Chamberlain no seu discurso, é de que não haverá negociações com Hitler, em cuja palavra ninguém mais acredita. Não haverá paz sem plena reparação à Polonia e à Tchecoslováquia pelos danos causados e sem garantias efectivas contra futuros atos de agressão.

5. A posição do Governo neste momento é fortissima. O Primeiro Ministro foi aplaudido repetidas vezes e prolongadamente

prolongadamente por todos os parlamentares presentes. A unanimidade foi a nota característica da notável sessão de ontem, a que assistí. Os leaders laborista e liberal deixaram constância da perfeita conformidade de vistas dos dois partidos. Também as Trade Unions estão firmemente determinadas a apoiar o Governo na prossecução da guerra.

6. O Senhor Lloyd George é que ficou numa posição esquerda. Posto que tenha justificado o seu discurso com inúmeras cartas de aplauso, corre o risco de passar agora como derrotista. É significativo que ontem não tivesse tomado a palavra.

7. Essa aparente convicção em que estava a Alemanha de que a paz poderia ser imposta aos Aliados depois da rápida conquista da Polónia, ofereceu uma vantagem estratégica que foi bem aproveitada pelos Aliados. Na quasi certeza de que a guerra seria evitada, a passividade do exército alemão permitiu-lhes prepararem-se com toda a calma para a luta. Terça-feira, 10 do corrente, Sir Kingsley Wood, Ministro do Ar, anunciou à Câmara dos Comuns a feliz terminação do levantamento fotografico da linha Siegfried pelos aviões britânicos, que não teria sido feito com a mesma segurança e facilidade caso a aviação alemã tivesse intervido. É intuito do Governo duplicar a fabricação de aviões, que já atingiu um milheiro por mês. No dia seguinte, o Senhor Hore-Belisha, Ministro de Guerra, relatou o desembarque sem impecilhos nem perdas, de 158.000 homens das Forças Expedicionarias Britânicas e de vultoso material mecanizado (25.000 unidades, entre carros de asfalto, caminhões e outros veículos).

8. Tanto mais meritoria foi essa tarefa quanto desta vez, como disse o Senhor Hore-Belisha, as precauções tomadas contra possível ataque aereo foram maiores. O exército pode assim tomar posições com toda a regularidade. A metade das forças expedidas

expedidas em 1914 era de infantaria, cada batalhão possuindo apenas duas metralhadoras. Agora a infantaria compõe somente um quinto dos efetivos totais e os batalhões são munidos de 50 metralhadoras Bren e 16 fusis anti-tanques. O exército britânico hoje, já conta, incluídas as reservas, com cerca de um milhão de homens, muitos dos quais estão seguindo para a Palestina. Disse mais o Ministro da Guerra não ter sido abandonada a incorporação de voluntários, afim de aproveitar individuos de outras classes além das de 19 aos 21 anos. Referiu-se também ao esforço que está sendo desenvolvido para a fabricação de munições.

9. Consta que o exército inglês está sendo colocado no norte da França para só entrar em ação, em vista do seu alto gráo de mecanização, no caso de uma eventual e provável invasão alemã da Belgica, afim de dar o necessario desenvolvimento ao seu potencial mecanico.

10. O Senhor Winston Churchill continúa a irritar os alemães com as suas declarações otimistas e agressivas sobre a atividade da marinha inglesa. No seu último discurso demonstrou graficamente a redução a quasi zero da tonelagem perdida, devido a bem sucedida e cada vez mais intensa campanha anti-submarina.

11. Apesar de parecer confirmada a passagem do cruzador "Almirante Scheer" e sua presença nas costas do Brasil, foi recebida com satisfação a captura do "Cap Norte", que deixou Pernambuco a 17 de Setembro, com 2.500 toneladas de olio combustível, na certa para abastecer aquele pocket battleship.

12. Menos lisongeira para a vigilância da Royal Navy foi a maneira por que conseguiu chegar ao porto de Murmansk, no Mar Branco, que em breve estará congelado, o "Bremen".

13. O acôrdo final turco-sovietico foi facilitado por

por terem a França e a Grã-Bretanha concordado em que se modificasse a cláusula do pacto anglo-franco-turco no sentido de que "em nenhuma circunstância" a Turquia seja obrigada a declarar guerra à Rússia. Acredita-se agora em Angora que o Ministro Sarajoglu possa chegar a uma conclusão satisfatória a sua missão à capital soviética.

14. Vae-se tornando mais preciso o papel que a Rússia se propõe desempenhar durante a guerra. Os moveis que explicam a sua attitude seriam o desejo de manter a neutralidade e o proposito de isolar a Europa oriental da influencia alemã.

15. Quando se tornou evidente que as Democracias estavam resolvidas a defender a Polonia e que a assinatura de um pacto anglo-franco-sovietico arrastaria a Russia à guerra, a oferta alemã de um acordo de não agressão, seductoramente acompanhada de um convite à partição da Polonia, foi oportunamente aproveitada. Do mesmo passo, Stalin assegurava a neutralidade russa, punha em cheque a aspiração germanica de isolar a Ukrania e recuperava os territorios polacos perdidos em 1920.

16. A rapida occupação, atravez da Polonia, da região fronteira à Rumania, só pode ser interpretada como um signal de pouca confiança entre Moscou e Berlim. O apoio oferecido às propostas de paz de Hitler limitou-se a artigos de jornais. Nenhuma demarche nesse sentido foi feita diplomaticamente. O que resalta do que publicaram os órgãos da sua imprensa é que a Russia não largará os territorios occupados à custa do esforço alemão.

17. Todos os paises do Baltico viram-se na emergência de terem que escolher pelo menos ruim de dois males. A alternati-

alternativa de resistir à pressão russa implicava em destino semelhante ao da Polónia.

18.

A Estonia foi o primeiro país convocado à Moscou. Logo lhe seguiu a Latvia e a Lithuania foi facilmente persuadida a aceitar a imposição soviética, com a devolução de Vilna, sua histórica capital.

19.

Chegou a vez da Finlândia, que sem mais hesitação, mobilizou todas as suas forças, preparando-se para os ataques aéreos, decidida a resistir a quaisquer exigências incompatíveis com a sua soberania, no que está sendo apoiada pelos países escandinavos, que rapidamente apreenderam o perigo, e pelo público norte-americano, mais revoltado contra essa agressão do que a contra a Polónia, por ser esse país o único a não suspender o pagamento da dívida.

20.

É impossível prever-se se essa situação degenerará em conflito. Uma fórmula conciliatória seria facilmente encontrável se os russos se conformarem com a entrega das pequenas ilhas em frente a Leningrad. Se Moscou pretende ocupar as ilhas Aeland, então a Suecia e a Finlândia estão decididas a resistirem pela força.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji des hoire

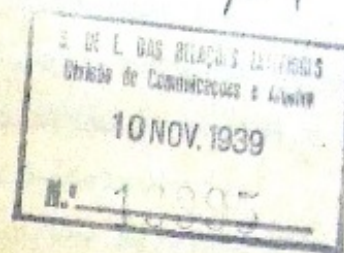
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 16 de Outubro de 1939.

No.396

Resposta do Primeiro
Ministro ao Chanceler
do Reich.

940. (00) 139.



Senhor Ministro,

O discurso do Senhor Neville Chamberlain nos Comuns, a 12 do corrente, em resposta ao do Senhor Hitler no Reichstag, está sendo considerado como a melhor das declarações sobre a situação internacional e quiçá o mais notável discurso da sua carreira politica.

2. Tanto neste país como na França, a acolhida foi de aplauso unanime e sem restrições. Pela firmeza e concisão da exposição, não podia ser apresentado com maior dignidade e menos retorica o ponto de vista britânico ao recusar as propostas alemãs na base em que foram feitas de reconhecimento da conquista. É certo que o Primeiro Ministro não fechou de todo a porta à iniciativa de paz, mas deixou claro que só aceitaria discussão na base do Status quo ante bellum e com outro Governo, cuja palavra mereça mais confiança. O unico obstaculo para a paz, acrescentou, é o actual Governo alemão.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/396/1939/2.

alemão.

3. A reação na Alemanha, segundo correspondentes de Rotterdam, foi de verdadeiro choque, pois lá se esperava que a resposta fosse redigida com certa latitude que permitisse entabular negociações e não estipulasse como condição essencial a reparação dos danos causados à Polónia e à Tchecoslováquia.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rejei do homem



UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

10 NOV. 1939
SAÍDO

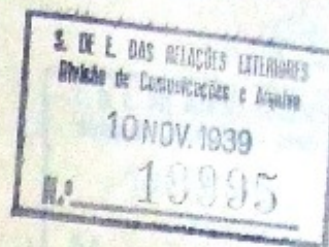
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 17 de Outubro de 1939.

No. 404

A Grã-Bretanha e a
Cláusula Facultativa
da Corte Permanente
de Justiça Internacional.

605. (04)



Senhor Ministro,

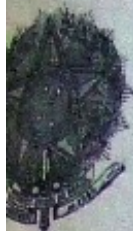
Com referência aos telegramas No. 94 dessa Secretaria de Estado e 130 desta Embaixada, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso folheto "Miscellaneous nº 10 (1939)", a carta dirigida ao Secretário Geral da Liga das Nações sobre a Cláusula Facultativa do Estatuto da Corte Permanente de Justiça Internacional.

2. Como Vossa Excelência poderá vêr, o Governo britânico não se considera mais ligado pela referida Cláusula quanto às disputas que ocorrerem durante as presents hostilidades, uma vez que, antes mesmo do irrompimento das hostilidades, vários Estados membros da Liga annunciaram a sua intenção de manter estricte neutralidade com relação aos países em guerra, apesar dos artigos 16 e 17 do respectivo pacto.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Arenha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.



11733
SAIDO

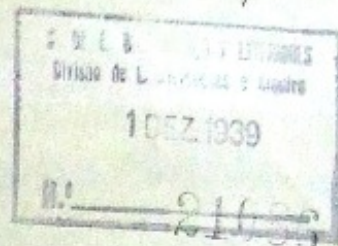
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 19 de Outubro de 1939.

No.409

Relatório do Embaixador
britânico em Berlim.

940.00



Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o incluso "White Paper", contendo o último relatório do Embaixador britânico em Berlim sobre as circunstâncias que levarão à terminação de sua missão.

2. Esse relatório complementa os documentos publicados no livro azul, de que remeti a Vossa Excelência dois exemplares pela última mala diplomática (Miscellaneous nº 9, 1939), relativos às relações teuto-polonesas e ao rompimento das hostilidades entre a Grã-Bretanha e a Alemanha.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji do hour

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 26 de Outubro de 1939.

No.414

Editorial do "Times".

691.7 (81)(60)



Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o incluso recorte do "Times", contendo um artigo intitulado "As desculpas do trapalhão" (A bungler's apology)

2. É a resposta que dá este jornal ao discurso do Ministro do Exterior do Reich. Raramente tem sido mais feliz nos seus editoriais.

3. Como o Senhor Ribbentrop foi Embaixador em Londres, é o leader nazista mais conhecido neste país. O editorial começa por revelar a surpresa com que foi recebida a nomeação de personalidade tão leviana já para as funções que aqui exerceu, já para as de diretor da política externa do seu país. "O ar de mistério que cerca a própria figura de Hitler foi sacudido pela noção de que o Chefe alemão estava na dependência, em circunstâncias como estas, dos conselhos de tão vasia mediocridade".

4. O "Times" destaca, enfim, as inúmeras incoerências

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb. Londres/414/1939/2.

incoerências das suas atitudes e a fragilidade das suas falsas ou semi-falsas asserções, nessa histórica haranga, própria de um demagogo e não de um diplomata.

5. Tarefa fácil foi para o Primeiro Ministro rebater hoje nos Comuns as asserções do Ministro Alemão. Ironicamente confrontou com as de agora a primeira declaração feita à imprensa pelo Senhor von Ribbentrop ao tomar posse do posto em Londres, quando definiu o comunismo como a mais terrível das molestias porque só tarde de mais é que se percebia o perigo.

6. O Embaixador soviético, que assistia da Galeria Diplomática ao discurso do Senhor Chamberlain, não escondeu uma gostosa risada ao ouvir essa citação.

Aproveito o ensêjo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Refriz des l'homme

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

11 DEZ 39
SAÍDO

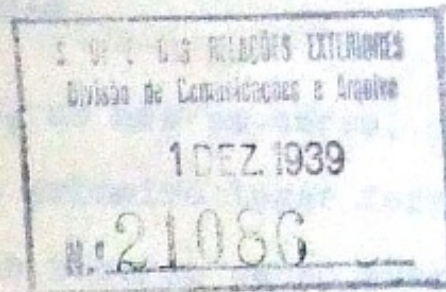
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

NP

No.415

Mês Político nº 11.

900.1(60)



A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimos respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório político nº 11, desta Embaixada.

Londres, em 27 de Outubro de 1939.

Mês Político nº 11.

A RUSSIA E A TURQUIA

A Rússia foi extendendo gradualmente, no mês em curso, seus tentáculos sobre os Estados vizinhos. Em primeiro lugar foram os três países baltas, que não tiveram outro recurso senão submeter-se às ameaças de Moscou. Seguiu-se a Finlândia, que, como antecipei no meu mês político anterior, não escaparia à expansão imperialista moscovita, cuja política tradicional foi no tempo dos Tzares e continua a ser a de alcançar o Atlantico Norte pela Península Escandinava.

Uma das muitas surpresas que esta guerra vem apresentando é o retraimento alemão da sua secular penetração no Baltico. O Senhor Hitler vae, passo a passo, renegando os principais pontos do programa nacional-socialista pregados no "Mein Kampf", livro que, segundo dizem os que chegam da Alemanha, deixou de ser vendido nesse país.

A Finlândia está disposta a resistir às exigências mais ambiciosas dos bolcheviques quanto a bases navais sobre o Golfo de Bothnia ou nas ilhas Aaland, moralmente apoiada como se viu na recente Conferência de Stockholmo.

Quanto à Turquia, a negativa foi categorica às pretensões do Governo soviético. Com admiração geral os russos se conformaram. A principio, por ocasião da primeira entrevista entre Sarajoglu e Molotoff, o Ministro do Exterior turco revelou os termos do tratado provisoriamente assinado com a França e a Grã-Bretanha. Stalin se contentava então com uma pequena modificação que deixasse claro que em nenhuma hipotese a Turquia entraria em guerra contra a Rússia. A Grã-Bretanha chegou a consentir na modificação desejada. Interrompidos os entendimentos com o Governo russo, devido

devido à visita do Senhor Ribbentrop, três semanas depois, era o delegado turco enfrentado com novas exigências, no sentido de romper os compromissos anti-germânicos assumidos pelo seu Governo para com os Aliados. Só se pode atribuí-las a um apêlo do Ministro alemão, cuja posição interior começava a ficar seriamente abalada. Aparentemente os designios de Moscou são de estender a sua esfera de influencia na medida do possível, sem, porém, se envolver em guerra. Entrementes a Turquia firmou na semana passada definitivamente o pacto de Maio último, a cujo lado se colocará em caso de guerra no Mediterraneo. Se a Alemanha procurar exercer pressão sobre os Balkans e ameaçar a Rumania ou a Grecia, a Turquia e os Aliados se darão mutua assistencia, sendo franqueados os Dardanelos à frota franco-britanica. Nos termos da Convenção de Montreux, a passagem pelo estreito é vedada aos navios de países beligerantes. A Grã-Bretanha não tem interesse, só para impedir no Mar Negro o comércio de petroleo que se destina à Alemanha, em ainda mais complicar os problemas da guerra.

Estamos vendo que Moscou acaba de protestar contra o bloqueio. É verdade que tardou em fazê-lo e provavelmente só o fez para agradar a Alemanha.

Ainda não houve comentários oficiais deste Governo a esta nova interpretação do direito internacional quanto ao que se deve entender por contrabando de guerra e que é contraria ao ponto de vista dos próprios russos na guerra de 1914/18.

MIGRAÇÃO ALEMÃO DO BALTICO

Enquanto os exércitos aliados e alemão se conservam na defensiva ao longo da frente ocidental, Hitler está reorganizando a sua maneira o mapa europeu. Em escala de magnitude sem precedentes, que lhe permitiriam criar uma Alemanha coesa, estendendo-se por uma area enormemente aumentada, para dominar o continente e, em

em ultima analize, o mundo. As minorias alemãs no estrangeiro serão transplantadas à força para o territorio nacional recentemente conquistado. As propriedades respectivas serão cedidas a cada um dos três Governos interessados, mediante indenização em especie ao Governo alemão. Só no Baltico, a propriedade alemã é calculada em cem milhões de libras. Segundo o acôrdo imposto à Estonia, cada individuo poderá retirar 50 corôas, a serem vendidas ao Reichsbank. Com a Latvia os alemães preveem a conversão dessa propriedade em creditos colossais de produtos alimenticios, que levariam 20 anos a serem pagos, contra o que justamente protesta aquele país. Os meios da City preocupam-se com as imprevisiveis consequencias dessa transferencia forçada de parte da riqueza nacional desses paises e com a possivel extensão dessas medidas a outros onde haja numerosos elementos alemães.

Ao inverso de Moyses, Hitler está retirando de terras fartas as suas tribus germanicas para dirigi-las rumo a um novo Chanaan, tão pouco promissor que se compreende a relutância com que elas encaram essa peregrinação.

A repatriação será dirigida para o corredor Polonês e a Silesia, bem como para a Bohemia, regiões superpovoadas. A idea é de expulsar, tanto quanto possivel, polacos e tchecos dos seus lares. Não sendo isso praticavel, eles servirão de refens ao bloqueio dos Aliados, expostos a uma lenta exterminação pela fome. Já contra os dois milhões de judeus polacos incorporados ao Reich, a medida teria sido iniciada.

Talvez seja essa tarefa acima das suas forças, exigindo a co-operação russa para incorporar elementos slavos. Mesmo ao preço da acenada devolução de Memel, não parece que seja possível contar com tanta boa vontade. Entretanto a Alemanha recebeu 17 toneladas de ouro russo (5 milhões de esterlinos mais ou menos). Será para o financiamento dessa monstruosa operação, que porá fim às ambições alemãs sobre o Baltico ?

Baltico ?

Em todo o caso é um plano verdadeiramente diabolico e que tornaria futil e sem objeto a vitoria final das potencias garantidoras da independencia polonesa e tcheca.

A imprensa londrina reproduz uma serie de boatos que confirmariam tais propositos desalmados.

O PROSEGUIMENTO DA GUERRA

O Conselho de Guerra frances decidiu reverter à tatica defensiva do seu plano original, abandonada somente para ir em auxilio da Polonia.

A Grã-Bretanha, independentemente do esforço que vem desenvolvendo no mar e no ar, tomou o seu lugar na frente de batalha. Parte dos seus 200.000 homens já transportados para a França ocupa agora 30 kilometros da linha Maginot. Como seu exercito é mecanizado em alto gráo, a manutenção do mesmo está exigindo uma grande produção de veiculos de toda especie, forçando a adaptação da sua indústria, já sobrecarregada com a intensa produção de aviões.

É interessante o plano assentado com os Dominios para que o esforço destes se concentre no de envolvimento da força aérea. Ao Canadá competirá a preparação dos novos pilotos. Preve-se a construção em dois anos de 50.000 aparelhos.

Os representantes dos Dominios chegarão a Londres pelo fim do mês para discutirem a coordenação militar e outras questões de caráter comercial e financeiro. Uma vez que os Dominios são hoje nações livres e independentes, a chegada desses membros dos respectivos Governos deve ser altamente animadora para a Mãe Patria.

Tem-se como provavel que peritos militares e financeiros dessas delegações permanecerão em Londres, constituindo um Comité Central ou Missões semelhantes a que o Governo francês mantem nesta Capital.

Londres, em 27 de Outubro de 1939.

Repi do hoine

SAIDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 31 de Outubro de 1939.

No.421

Tratamento de alemães
na Alemanha.

641.16(99)



Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência a última publicação da série intitulada "white papers", contendo informações de diversas autoridades britânicas sobre o tratamento de que têm sido vítimas, ainda recentemente, judeus, comunistas e membros dos partidos da oposição na Alemanha.

2. Em vista da propaganda insidiosa do Governo alemão contra a Grã-Bretanha desde que começou a guerra, tem por fim esse folheto dar uma oportuna publicidade às atrocidades cometidas nos campos de concentração, que, se em 1933 eram excusáveis como consequências do ardor revolucionário, continuam agora apesar da consolidação do regime.

3. Como explicou Lord Halifax ao Parlamento, este Governo, mesmo depois de estalada a guerra, relutou em tomar essa atitude retaliatória, mas agora, ante a falta de escrúpulos do lado alemão, se vê levado a fazê-lo para conhecimento do público a-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb. Londres/421/1939/2.

aquí e no estrangeiro.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rejido Oliveira

Annexo ao offício No. 421 de 31 de Outubro de 1939
da Embaixada do Brasil em Londres



Germany No. 2 (1939)

PAPERS

concerning the

Treatment of German Nationals in Germany

1938-1939

*Presented by the Secretary of State for Foreign Affairs
to Parliament by Command of His Majesty*

LONDON

PRINTED AND PUBLISHED BY HIS MAJESTY'S STATIONERY OFFICE

To be purchased directly from H.M. STATIONERY OFFICE at the following addresses:
York House, Kingsway, London, W.C.2; 120 George Street, Edinburgh 2;
26 York Street, Manchester 1; 1 St. Andrew's Crescent, Cardiff;
80 Chichester Street, Belfast;
or through any bookseller

1939

Price 3d. net

Cmd. 6120

CONTENTS.

No.	Page
Introduction	3
1 Sir N. Henderson (Berlin) to Viscount Halifax, March 3, 1938 Imprisonment of Dr. Niemöller.	5
2 Sir N. Henderson (Berlin) to Viscount Halifax, March 7, 1938 Atmosphere following Dr. Niemöller's trial.	5
3 Sir N. Henderson (Berlin) to Viscount Halifax, May 25, 1938, enclosing a letter from a German mother	6
4 Consul-General Gainer (Vienna) to Viscount Halifax, October 10, 1938 Demonstration against Cardinal Archbishop Innitzer.	7
5 Statements communicated to the Foreign Office on October 28, 1938... Prisoners' statements.	9
6 Consul-General Gainer (Vienna) to Viscount Halifax, November 11, 1938 Anti-Jewish demonstrations following the death of Herr vom Rath.	15
7 Consul-General Bell (Cologne) to Sir G. Ogilvie-Forbes (Berlin), November 14, 1938 Anti-Jewish manifestations in Cologne.	17
8 Sir G. Ogilvie-Forbes (Berlin) to Viscount Halifax, December 15, 1938 Anti-Jewish persecution; Buchenwald camp, &c.	20
9 Consul-General Carvell (Munich) to Viscount Halifax, January 5, 1939 Treatment of Jewish prisoners at Dachau camp.	24
10 Consul Shepherd (Dresden) to Sir G. Ogilvie-Forbes (Berlin), February 2, 1939 Conditions in the camp at Buchenwald.	26
11 Statement of a former prisoner at the concentration camp at Buchenwald (communicated to the Foreign Office on February 18, 1939)	27

PAPERS CONCERNING THE TREATMENT OF GERMAN NATIONALS IN GERMANY, 1938-1939.

INTRODUCTION.

BEFORE the war and ever since its outbreak the German Government have almost daily put out propaganda accusing Great Britain of atrocities in South Africa forty years ago. A press message from Durban of the 27th September, 1939, states:—

"The Nazis now employ a woman announcer who tells grim stories of alleged atrocities committed by the British in the Boer War. Afrikaaners are urged to revolt and are pathetically asked whether they intend to submit to the rule of those who put powdered glass in the food of their children in concentration camps during the Boer War. Many other outrageous falsehoods are told in an effort to stir up passions. Fantastic stories are also circulated of brutal treatment of Germans by the Allies in the present war."

In view of this shameless propaganda, which is wholly devoid of any foundation, His Majesty's Government think it opportune to publish some of the reports they have received of the treatment accorded in Germany itself to German nationals. In 1933 members of the opposition parties were arrested wholesale and consigned to concentration camps where they were subjected to the most barbarous treatment. Flogging and torture were the order of the day, and it was common knowledge in Germany that the National Socialist movement was taking terrible vengeance on those who had the temerity to oppose it.

During this period the violence and brutality of the Nazis did not spare foreigners. His Majesty's Ambassador at Berlin, in a despatch of the 29th November, 1933, reported that he had learnt from the Czecho-Slovak Legation that since the advent of the new régime there had been 844 cases of attacks on or arrests of Czecho-Slovak citizens. British subjects, including a member of the staff of His Majesty's Embassy, were wantonly assaulted in the streets by uniformed S.A. men on duty. Other victims of the S.A. included a foreign Consul-General, who was severely injured by a number of uniformed men who left a marching column in order to attack him.

The attitude then adopted by the German Government was that they regretted and would put an end to excesses against foreigners, but regarded them as unavoidable in the first ardour of revolutionary fervour.

[20079]

o*

This plea cannot be put forward to excuse events which occurred five years after the advent to power of the National Socialist party. It is evident from the published documents, which cover only the period from 1938 onwards, that neither the consolidation of the régime nor the passage of time have in any way mitigated its savagery.

These documents were not written for publication, and, indeed, so long as there was the slightest prospect of reaching any settlement with the German Government it would have been wrong to do anything to embitter relations between the two countries. Even after the outbreak of war His Majesty's Government felt reluctant to take action which might have the effect of inspiring hatred. But the attitude of the German Government and the unscrupulous propaganda which they are spreading compels His Majesty's Government to publish these documents so that public opinion both here and abroad may be able to judge for itself. The German Government has complained of the maltreatment of German minorities in foreign countries and of the "Macedonian conditions" reigning there. It will be seen from the published papers that under the present régime the conditions in Germany itself and the treatment accorded to Germans are reminiscent not of Macedonia but of the darkest ages in the history of man.

No. 1.

Sir N. Henderson to Viscount Halifax.

My Lord,

Berlin, March 3, 1938.

I HAVE the honour to inform you that according to an official communiqué of the 3rd March judgment in the trial of Dr. Martin Niemöller, which began on the 7th February, was delivered on the 2nd March. Dr. Niemöller has been sentenced to seven months' confinement in a fortress ("Festungshaft"), and fines totalling 2,000 reichsmarks for endangering the peace, misuse of the pulpit and incitement to disregard the laws of the German Government. Non-payment of the fine will entail a further term of imprisonment of three months.

2. This is the only mention of the case which has yet appeared in the press, and all persons who have been present at the trial have been placed under an oath of secrecy.

3. In the ordinary way Dr. Niemöller would have been released on payment of the fine; but I learn that Dr. Niemöller was taken into protective custody by the secret police primarily because he had made it clear during his trial that he intended to continue his activities. It was feared, therefore, that he would lay himself open to a new charge, similar to the last, within a short time.

4. I am informed that Dr. Niemöller has not been transferred to a concentration camp but is being detained for the present in a Berlin prison.

I have, &c.

NEVILLE HENDERSON.

No. 2.

Sir N. Henderson to Viscount Halifax.

(Telegraphic.)

Berlin, March 7, 1938.

There is an uneasy feeling in the air here, and every kind of rumour is circulating in Berlin, such as that General von Fritsch has been shot, that mass-arrests have been made, that a big political trial is impending, &c. I have no confirmation of any of these rumours and have no reason to believe in their truth except in so far as it is a fact that Herr Hitler is in a highly nervous and excitable state. I gathered the impression during my conversation with him on the 3rd March that he was dissatisfied with result of Niemöller trial. The man, he declared, was a traitor and those who sympathised with him would accordingly find themselves in a concentration camp. England, he added angrily, could not criticise for it was Englishmen who had invented concentration camps. Niemöller enjoys much

[20079]

c* 2

sympathy in many quarters and officers in uniform have attended services for him. It is possible that there have been arrests of persons known to be his supporters.

No. 3.

Sir N. Henderson to Viscount Halifax.

Berlin, May 25, 1938.

Dear Secretary of State,

I have received a letter on the Church question, in which the writer asks that you should be apprised of her views.

As the letter is of some interest as reflecting the attitude of many German parents, I am enclosing a translation in case you have time to look at it when those alarms are over.

Yours ever,

NEVILLE HENDERSON.

Enclosure in No. 3.

(Translation.)

Your Excellency,

May 21, 1938.

In the following letter I am undertaking something which I myself feel to be a very difficult task :-

1. I appeal to a foreign Power for help in a matter which is the private concern of the German people.
2. I write without mentioning my name.

Anonymous letters should by rights be consigned to the waste-paper basket, but since you are aware of the state of affairs in Germany as regards the censorship of letters, moral compulsion, concentration camps, and so on, I hope that you will lend a willing ear to this appeal in spite of its anonymity.

The object of my petition is that England, the country which is still the strongest in Europe, and which is trying to preserve its Christian character, will make all future negotiations with Germany conditional upon the cessation of hostility towards Christianity in Germany.

The first condition upon which the end of this conflict depends would be the release of our imprisoned pastors, especially the pastor Martin Niemöller, whose lot must be a source of the greatest bitterness to all fair-minded people.

But almost more important still, it seems to me, is the demand that the systematic alienation of our youth from Christ shall be stopped.

We parents must surrender our 10-year-old children to the control of the Hitler Youth, the League of German Girls, and later on the Labour Service. Our exceptionally gifted boys must attend the Adolf

Hitler Schools and afterwards pass on to the National Socialist Schools of Political Training ("Ordensburgen"), there to be prepared for future leadership in the State and the party. In all these institutions a great deal that is excellent, and which we parents welcome with joy and gratitude, is offered to youth. But they one and all serve as well to exert upon our youth an influence hostile to Christianity! Perhaps it may be possible to forward this letter, which expresses every Christian mother's way of thinking, despite its anonymity to your revered Queen. She, as a Christian and a mother, will understand our anxiety for our children.

It is not, however, quite correct to say, as I have done above, that the question at issue is the private concern of the German people; for, if in the heart of Europe a rising generation is brought up not only in indifference to Christianity but all too often in hatred of it, the future will be fraught with disaster not only for Germany but for Europe. At the present time the ancient Christian traditions of grandparents and parents have a restraining influence still—but woe to Germany, and woe to Europe, when these traditions shall have passed away!

Your Excellency, many German mothers would be grateful to you from the bottom of their hearts if you could bring these lines to the notice of your Foreign Minister, Lord Halifax, who has been brought up in the spirit of Christianity, and, if at all possible, of your Christian Royal couple as well. We hope for England's help in our hard fight against the forces hostile to Christianity which are threatening our pastors and our youth.

A GERMAN MOTHER,
WHO IS OF ONE MIND WITH VERY
MANY CHRISTIAN PARENTS.

No. 4.

Consul-General Gainer to Viscount Halifax.

His Majesty's Consul-General at Vienna presents his compliments to His Majesty's Principal Secretary of State for Foreign Affairs, and has the honour to transmit to him a copy of his despatch to His Majesty's Ambassador, Berlin, dated the 10th October, respecting the Catholic and anti-Catholic demonstrations in Vienna.

Vienna, October 10, 1938.

Enclosure in No. 4.

Consul-General Gainer to Sir N. Henderson.

Vienna, October 10, 1938.

Sir,
I HAVE the honour to report that a sermon was preached on Friday evening, the 7th instant, in the Cathedral Church of St. Stephen in Vienna by Cardinal Archbishop Innitzer. After the sermon a large group of young persons demonstrated outside the cardinal's palace shouting "Heil, Christus!" "Heil, Innitzer!" The cardinal appeared several times upon the balcony of the palace and received the greetings of the demonstrators.

2. This is the first occasion since the *Anschluss* that any kind of public Catholic demonstration has taken place in Vienna, and, as was to be anticipated, a counter-demonstration was promptly organised. This counter-demonstration, however, assumed so violent an aspect that a very serious situation has resulted.

3. On Saturday evening, the 8th instant, at about 7.30 P.M., groups of young men belonging to the S.A. and H.J., but not in party uniform, began to arrive in the Stephansplatz in parties of five, armed with ladders and bludgeons. The ladders were planted against the cardinal's palace and the lads entered the first floor of the building after smashing in all the windows. Once inside, they destroyed every religious picture to be seen, leaving other pictures untouched, smashed the busts of several Popes, stole valuable chalices and three episcopal rings, and collected the robes, and even the personal wardrobe, of the cardinal, which they threw into the courtyard with several articles of furniture and set fire to them. The cardinal fled to an attic, protected by his servants, and remained undiscovered. A priest of the cardinal's household who endeavoured to restrain the attackers was misbanded and an attempt was made to throw him out of a window. He was badly cut about the hands and arms by broken glass. A similar attack was made upon the residence and officers of the dean of the cathedral, and a priest there was actually thrown out of the window and both his legs were broken.

4. The police were telephoned for seven times from the palace and arrived three-quarters of an hour after the first telephone call. On their arrival, the leader of the mob blew a whistle, the attackers formed a column and marched off the square in procession, unmolested and undetained by the police, whose efforts were confined to controlling an angry crowd which had gathered. The fire brigade was summoned to put out the bonfire and an ambulance was sent to collect the injured priests and members of the cardinal's household. The S.A. are to-day in occupation of the palace, where the cardinal remains, and no one is allowed to enter. The leader of the assault was a 16-year-old boy.

5. The above facts were given to me by a priest who to-day visited the deanery and took stock of the damage done.

6. It is reported that the Papal Nuncio arrived at Vienna from Berlin yesterday to enquire into the matter, but has not been given access to the cardinal.

7. A meeting of all the parish priests in Vienna has been summoned for 5 o'clock this afternoon, and it is expected that instructions will be given to read a letter of protest in all the parish churches next Sunday.

8. Strong protests have been made to Gauleiter Bürckel, who has conveyed his regrets to the cardinal and has promised that energetic action will be taken against those responsible, but this will merely lead to further difficulties for Herr Bürckel with the local party organisations.

I have, &c.

D. ST. CLAIR GAINER.

No. 5.

Statements communicated to the Foreign Office on October 28, 1938, by a Charity Organisation working in Germany.

(a) Statement by Jewish ex-Prisoner; August 1938.

(Translation.)

HERR X, a well to do Jewish business man, was for six weeks in the concentration camp at Buchenwald. In order to preserve a semblance of legality, police records are searched through and the slightest bad mark against a Jew, sometimes a trifling offence of forty years ago, is made the excuse for the arrest.

Herr X said that the working hours were sixteen per day, Sundays and week-days alike. During these hours it was forbidden to drink, even in the hottest weather. The food in itself was not bad, but quite insufficient. Weak coffee at dawn and a half litre of soup at midday; bread allowance for the whole day 250 grammes. (Men who had any money could sometimes buy condensed milk, &c., from the canteen.) While he was there the work of Jewish prisoners was doubled, and their rations halved. The work, of course, consists in moving heavy stones, often far beyond the strength of even a normal well-fed man. The Jews were sneeringly told by their guards that they were only experiencing the same treatment as their forefathers in Egypt, and that Pharaoh had not gone half far enough.

The men were kept standing at attention for many hours on end. Floggings were very frequent, for such small offences as drinking water during working hours. The usual punishment was twenty-five strokes given alternately by two guards. This often produced unconsciousness, but the Jews were told that the Führer had himself given orders that the Jews might receive up to sixty strokes.

c* 4

[20079]

Herr X was in a group of 480 men who had only one tap at which to wash and drink for a quarter of an hour on getting up. Later even this was stopped. During the six weeks he was in the camp Herr X saw neither soap nor tooth-brush.

There were about 8,000 men in the camp when he was there, but it was rumoured that the number was shortly to be increased to 20,000. There were 1,500 Jews and 800 Ernste Bibelforscher (International Bible Students). The rest were politicals, so-called criminals and gypsies. Each man wore a badge—Jews yellow with the star of David, Bible Students violet, &c. The Communists and others who were prisoners of long standing, acted as sub "warders." Jewish prisoners wrote and received letters twice a month. The Bible Students were allowed no communication with the outside world, but on the other hand, their rations were not cut down. Herr X spoke with the highest respect of these men. Their courage and religious faith were remarkable, and they professed themselves ready to suffer to the uttermost what they felt God had ordained for them.

Deaths took place daily in the camp. (Their relatives were often first informed of this by a call from an official who said they could have the ashes on payment of 8 marks.) Herr X—a man in the sixties—had a complete collapse after his release, and was three weeks in bed. Another man was taken to the City Hospital with such high fever that he was not expected to live, and another, released at the same time, was in such a state of nerves that he could not cross a road.

Herr X made the statement, which was fully confirmed on enquiry, that no Jewish prisoner is ever released unless he can produce evidence that he is able to leave Germany. There appears to be no release from this system of deliberate torture of mind and body but death. Herr X entreats that some way may be found by which these men could be released en bloc and placed in some kind of humane concentration camp in another country while their ultimate destination and fate was being decided. He realises that such a proposal is quite beyond the scope of any private Refugee Committees, and needs international planning, but he begs that it may at least receive careful and sympathetic consideration.

(b) *Statement by a Jewish-Christian Prisoner.*

(Translation.)

Herr Z had a small business in Germany (with three employees). Arrested in June 1938 in a "round-up" in the streets of Berlin without any cause or pretext. No order of arrest (and later no papers of discharge). Brought to the Alexander Place prison; put in cell where there were thirty-two men, too small for it to be possible to lie down. Took it in turns to sit down during the night. One bucket

for sanitary purposes. (Awful stench.) Stayed two days there. Previously in the police quarters everyone had been asked for their life history, and forced to sign their approval of being put into "protective custody." All belongings taken away. About 3,000 prisoners collected from fifteen different police quarters. Transportation in lorries to station, and put in special trains with no mention of the final destination. Prohibition to talk. Arrived 6:30 A.M. at Weimar. Reception by S.S. men with insults and blows: "Jew-dogs, blackguards, now we have got you!" &c. Some 3-4 per cent. Aryans and a few gypsies. Taken away in lorries under Camp Commandant Schneider. One-and-a-half hours to Buchenwald. Awful condition of camp. Filth and mud up to the knees in places. Many trees had been cut down but stumps left. Almost impossible to walk. A man with heart trouble who cannot walk is dragged along by the feet by other prisoners (S.S. men do not touch Jews). The flesh is torn from his face. He is so disfigured as to be unrecognisable. (Other examples similar to this.) Three hundred and fifty of the new arrivals lodged in the basement of the barracks. (In the whole camp there were about 10,000 men, 100 straw sacks and no other furnishings.) Three men to each straw sack in four rows. Obligated to lie on our sides; and crosswise over sack so as to make room; packed like sardines; lying on the back forbidden or blows given with a club ("Knuppel"). The men directly in charge are older prisoners. The "Black Superiors," themselves "professional criminals," sleep with us. Their word is absolute law.

On our arrival a roll-call lasting for hours with address by the commandant, who has given all instructions for our "reception."

Camp-orders: this is no prison or place of correction; here there are other methods. Any attempt at escape or attack (mere talking or gesticulation can be taken as such) is stopped by the 1,000-volt charged wire. Every sentry is to use his rifle without warning if anyone moves in his direction. Every bullet costs 12 pfennigs, and that is just what a Jew is worth, neither more nor less. All this interlarded with words of abuse—"Jewish swine," "the Chosen People, God's People, Jewish muck, dirty swine," &c. (but after a few days one gets used to it). The commandant's representative calls the roll and appoints the officers. The first days are occupied with roll-calls, clothes distribution (military boots, trousers and coat, but no underclothing). The things are worn over the naked body. Everyone shivers with cold. Buchenwald lies high. After ten days we get underclothes.

Time-table: 3:30 A.M., get up (bed about 10 P.M.), very bad air; smell appalling; water drips down the tiny cellar windows. Form ranks at 4:30. Coffee distribution at 4:45 on the square where the gallows stand and the blocks (for flogging). Before the time of this report, the body of the murderer of an S.S. man hung there. The hangman is a professional criminal who has now become a "veteran." Ordinary German salute strictly forbidden in the camp. The salute means standing to attention with the cap off, while

commands are repeated. 5-30 A.M., end of roll-call; until then stand stiffly to attention. Those who have reported sick now come forward, are separated off and inspected by the commandant. He at once treats the "fit" with his riding whip, in their face, in the presence of the others: "Jews do not fall ill." The commandant decides by sight who is "ripe" for the doctor. These number 6 or 7 per cent.; the others have to go back into the labour gang. No differentiation of the sick in the labour gang; they are helped on by kicks and riding whip. The doctor declares the sick as either "ill" or "fit"; in the latter case they are punished in the evening for "lies." In the end no Jews were accepted as sick; there could only be "well or dead." In the roll-call many are unable to continue standing; they have to be forcibly held up by their companions in misfortune, so that they can be seen from the front, even those who are completely collapsed; the ranks must be complete. The work consists of stone-breaking a quarter of an hour away from the road which is to be built. It is outside the camp, but within the charged wires. Attempts at flight occur, but all end with shooting. Many end their sufferings by feigning flight in order to be shot down. Everywhere sentries are posted around. A colony of "cripples," men with wooden legs, ruptures (sometimes if their belts are lost the ruptures break out again), are obliged to carry massive stones at the will of the guard. They included old men over 70 who were utterly unequal to the work. In one instance a guard prodded with his bayonet a man who was ill and who kept on collapsing. After this had happened repeatedly, the man rushed to the wire to put an end to himself, and was shot down. The quarter of an hour's stretch to the road is done twelve to fifteen times in the morning and eight times in the afternoon by those who are really able to work; the "cripples" do half this. Every four men of the former have to deal with a barrow loaded up with great boulders, and often have to do it running. Woe to anyone who trips! Anyone who is unfit gets blows from the club by the overseer, and after him the guards with the butts of their rifles follow suit. All parties are thorough in their inflicting of punishment for fear of their own superiors. Any drinking of water is expressly forbidden. For false reporting of being sick, for "lies," or being "work shy" the penalty is the whip. At 11-30 comes the midday pause (although sometimes work is enforced till 7 o'clock without food). 12-30, work resumed till 3-30. 4 P.M., roll-call. This generally lasts till 5-30; for many of the "Jew people" till 10. How "Non-Aryans" are distinguished from Jews is not clear. Woe to the non-Aryan who by mistake gets among the Aryans. Jews have to wear the "David Cross" with the sign: red for "professional criminal," black for the "work shy," lilac for the "Bible bug." One is compelled to sign oneself as a "professional criminal," and it goes on the card index. (On the other side of the card one's real profession is stated.) Woe to him who refuses to sign the statement! Yellow is the sign for a Jew and has to be added to the other.

The floggings take place at the afternoon roll-call, the individuals having to step forward. The penalties are read out (being fixed beforehand). Normal punishment is twenty-five strokes on the seat, carried out by two guards standing on each side with riding whips. The prisoner is lashed to a board. If he cries out the strokes are increased up to thirty-five. The guards use all their force, sometimes springing into the air so as to bring the arm down with increased momentum. Few days pass without cases of flogging, and the number may be from two to ten. After the flogging the men have to stand to attention with face to the wall to the end of the roll-call. Then the sanitary officer comes round and puts ointment on the wounds.

The other punishment is hanging up 3 metres from the ground by the arms, which are violently bent back for the purpose. This is done by express orders from the commandant given through a microphone. Special men are employed to carry out these punishments and they do nothing else. The hanging lasts for ten to twelve hours and is in public. Another form of it is to have the arms round the trunk of the tree with wrists handcuffed. The feet are off the ground, but it is regarded as milder punishment and the S.S. men can inflict it at any time.

In the evening there is no sort of free time but things are easier. There may be examinations by the State Police but no mishandling; once in fourteen days a letter home, if it has not been forbidden. But, of course, it is impossible to say anything about the real circumstances and the families know nothing of it. Herr Z. was only in the camp fourteen days, but he gives the following individual instances happening in this short period: A man who had been condemned to stand with his eyes to the wall, at the end of three hours or so—as is inevitable—began to droop slightly thinking he was unobserved. But a rigid position is demanded all the time. A guard saw that the prisoner was not standing properly. He seized the prisoner and beat his head repeatedly against the stone wall (the stones were rough with sharp edges). The blood gushed out and streamed down the wall. Then renewed fury seized the guard: "You swine to make that mess on the wall!" Now he threw him on the ground and beat him mercilessly. Herr Z. thought the man would surely be dead, but he survived.

An even worse case was that of a middle-aged man who received an affectionate letter from his wife. He was an educated man of a sensitive type and unable always to maintain the degree of self-control and outward hardness which is demanded. He gave way to a moan. For this he was tied up to a tree and left fourteen hours. He became unconscious. Two guards passed: "Ahah! he is already dead!" They loose him and throw his body on the ground. Then they jump on to his body and stamp on him in their heavy boots. He moves slightly, "Ahah! he is not quite dead!" Herr Z. had to pass on, but next time he saw the man his breast and face were a mass of clotted blood, his eyes swollen and purple. Moreover, he

had gone mad. At the roll call he had to be helped up by a man on each side. But his head hung forward and he made spasmodic convulsive movements. At night he suddenly started up screaming wildly, and tried to run away over the bodies of the men lying packed together. The order was then given that in future the two men lying next to him at night were to be responsible for his keeping quiet, and if he screamed again they would themselves get twenty-five lashes.

The S.S. men employed in the camp were mostly very young men of 17 to 20 who had been specially "trained" for the purpose. But they were already so brutalised and sadistic that it was a constant wonder to Herr Z. how it could have been brought about (and what would their mothers think?). They seemed to revel in inflicting torture. One instance of it was the tickling of a prisoner's face with a straw, and then when the face twitched giving him a terrific blow. The sadistic amusements of the guard shows itself, e.g., in their treatment of an old man, a lawyer by profession, whose Jewish features were rather specially marked. He was made to stand like a statue on the top of a wall for six to eight hours on end as a "monument." All the passers by laughed heartily at this good joke. On another occasion a guard asked him whether he was feeling the heat, and when the lawyer assented, ten buckets of water were poured over his head. Herr Z. himself fared relatively well in the camp. He attributes this to prayer by which he was able to overcome fear. It requires much physical strength and nerve power to carry out briskly all the exorbitant demands that are made upon one, and to get through the heavy labour and other physical ordeals without faltering or flinching. Signs of weakness evidently excite the sadistic instincts of the guards. Thus when a man was on the ground at their feet they would habitually kick him in the face. Herr Z. used to pray and beseech God to let the victims die, as one bout of torture simply led on to another one. It would have been so much simpler and more merciful to shoot them than to allow a life, which for all practical purposes had already been destroyed, to drag on to the prolonged infinite agony of the victim.

The camp held 10,000 prisoners, about half of them Jews (and some "Bible Seekers"). There were many deaths daily.

Herr Z. was only fourteen days in the camp. He was one of a small number who were released because all arrangements were ready for their emigration. For any prisoner, however, who bore scars release was impossible.

They were strictly threatened that if a word was said as to what they had seen or experienced in the camp they would immediately be put back. Herr Z. had asked leave to stay a few weeks before leaving the country in order to finish selling his possessions. It was made clear to him, however, that he would be rearrested. A German pastor pleaded his case with the English Consul at the port and Herr Z. received his visa to leave the country at once. The sale of his car had paid for his ticket to South America. But his business had to

be closed down and the 100 per cent. tax on all possessions bought since 1933 prevented him taking away most of his belongings (expensive professional instruments, &c.). He finally came away with just 10 marks in cash.

Herr Z. had fought through the war. But life in the trenches compared to that in a concentration camp, was a "sanatorium."

No. 6.

Consul-General Gainer to Viscount Halifax.

His Majesty's Consul-General at Vienna presents his compliments to His Majesty's Principal Secretary of State for Foreign Affairs, and has the honour to transmit to him a copy of his despatch to His Majesty's Chargé d'Affaires, Berlin, dated the 11th November, 1938, respecting the anti-Jewish demonstrations in Austria following the death of Herr vom Rath, secretary of the German Embassy at Paris.

Vienna, November 11, 1938.

Enclosure in No. 6.

Consul-General Gainer to Sir G. Ogilvie-Forbes.

Sir,

Vienna, November 11, 1938.

I HAVE the honour to report that the anti-Jewish demonstrations in Vienna, the occasion of which was the murder of Herr vom Rath, secretary to the German Embassy in Paris, assumed very alarming proportions on the night of the 9th instant and during the whole of the 10th instant.

2. The action was undertaken by the Austrian S.A., most of whom were in full uniform, and the police had obviously received instructions not to intervene. A very large number of shops and houses owned or occupied by Jews were wrecked and numerous arrests took place. Yesterday morning Jewish prayer houses and synagogues were set on fire in considerable numbers; the *Völkischer Beobachter*, indeed, gives particulars of no less than nineteen synagogues which were completely destroyed by fire. Another in the Leopoldgasse was destroyed by a bomb, which did considerable damage to near-lying buildings. All the fire brigades of Vienna were fully employed, as at one time there seemed to be grave danger of a serious and widespread conflagration involving large sections of the city.

3. The press openly rejoices at these manifestations and congratulates the people on the fact that the Jews "can now no longer hatch plots against the State under cover of religious services."

4. In addition to this orgy of destruction, all Jewish shops were forced to close and may not yet reopen. In many cases plate-glass

and other windows were broken and the shops were openly looted by the mob. Gauleiter Bürckel endeavoured to give some appearance of legality to this anti-Jewish action by issuing instructions that houses occupied by Jews should be searched for weapons and illegal literature. In the course of the search numerous arrests were made.

5. The immediate consequence of these demonstrations was that hundreds of Jews formed even larger queues than usual outside this consulate-general and that of the United States. On the 9th instant already at 6:30 P.M. a large number of Jews lined up outside this consulate-general prepared to wait all night until the Passport Office opened the next morning. They were dispersed by the police that evening and three times again before 8:30 A.M. on the 10th and every Jewish man was taken into arrest, only the women and children being left. At the United States Consulate-General the S.A. began beating the crowds with rope-ends until the United States Consul-General, unable to bear the spectacle, insisted on police intervention, which was eventually granted.

6. The Vienna correspondent of *The Times* was arrested by the S.A. as he was taking notes of the demonstrations in the Leopoldgasse and was taken to the police station. On revealing his identity to the police, he received an apology and was allowed to go. Ten minutes later he was again arrested and again released. He informed me that on his arrival at the police station he observed a number of Jews cowering in corners, so terrified that they were unable even to remember their names, while an old Jew with white hair and beard was lying on the floor being brutally kicked by an S.A. man while the regular police looked on.

7. This morning the public manifestations have ceased, but arrests continue to be made. The Jewish population is terrified and I am besieged with applications for help and by persons wishing to relate their experiences. I fear that several British subjects have suffered damage, and individual reports on these cases will be transmitted as soon as full particulars are available.

8. Last night Vienna presented an extraordinary spectacle, with fires raging all over the city and Jews were being hustled along the streets, cursed at and assaulted by crowds of hoodlums whose pride it is to belong to one of the greatest and most civilised nations of the world.

9. The anti-Jewish demonstrations were not confined to Vienna. Thus a synagogue at Linz was burnt to the ground; the synagogue at Salzburg was wrecked and its contents thrown into the street; Jewish shops were also looted. At Hallein and at Bad Gastein the Jewish hotels and pensions were sacked, including the Hôtel Bristol, the Kurhaus Cäcilie, a further Kurhaus and a large villa owned by a Jew.

I have, &c.

D. ST. CLAIR GAINER.

No. 7.

Consul-General Bell to Sir G. Ogilvie-Forbes (Berlin).

British Consulate-General,

Cologne, November 14, 1938.

Sir,

WITH reference to my telegram of the 11th instant, reporting anti-Jewish manifestations in Cologne, I have the honour to state that additional reports indicate these to have been very thorough and systematic throughout my consular district. In Cologne itself, there have been suicides of German Jews actually known to me, though this unfortunately is nothing new in my experience. Four hundred Jews have been taken into "preventive arrest" ostensibly for their own protection. I hear, however, that they are unlikely to be set free until they have been financially bled. The Jewish synagogue in Cologne has been damaged by fire, and it is said that the local fire brigade took no action save to prevent the spread of the flames to neighbouring houses. The Jews are in a desperate plight. The offices of the consulate-general have been overrun with them, and though I do the best I can with a small staff it is frequently necessary to close the doors to the public to enable us to attend to those already in the office. One German Jewess pestered a member of the staff to take her husband into his small flat over the night of the 11th. The man actually arrived at the door with his pyjamas. There is nervousness amongst middle-class Germans, who in general disapprove. They dare not, however, voice their disapproval. One German woman who voiced her disapproval in a tram car which runs past my house was arrested at the first stop by Nazi guards. The industrialists say that they have no influence with the party, who have made such a point of racial purity that the Führer must carry his theories to their logical conclusion. Everyone agrees, however, that last week's events have considerably complicated international relations. Personally, I have been more shocked by the coldblooded and calculated manner in which action was taken than by anything else about the recent events. Yet I am inclined to think that the Führer knows his Germans. Amongst the masses of Germans who have nothing at stake there is observable a certain amount of "Schadenfreude" ("Joy in Mischief"). Our German cook, for instance, observed to me a few days ago that it was high time a certain neighbouring Jew was "washed up." In short, an abnormal situation exists in Cologne, as it does in the rest of my consular district. In Düsseldorf and elsewhere reports indicate that anti-Jewish measures have been even more drastic than in Cologne.

2. No attacks have, as far as I know, been made on British subjects of Jewish race. There are one or two ex-service men of the Jewish persuasion who are normally resident in my district. I have the impression that they have either left Cologne or are keeping off the streets.

3. A complaint and demand for protection of property was received on the 10th instant from a Herr Schwarz, who holds a power

of attorney for the firm of Kleinwort and Co., Fenchurch Street, London, owners of three houses in Cologne occupied by German Jews whose windows had been broken. The local police were immediately informed. They promised to safeguard the properties. Herr Schwarz was asked to furnish details in writing. I should be glad to have instructions as to the general attitude to be adopted to such claims.

4. I venture to transmit herewith translations of two anonymous letters which I have received to-day, one from a person who describes himself as a "Beamter," the other from a person who describes himself as a judge. I make it a rule to ignore anonymous letters, but the writers have so well stated the views of many Germans that I think them worth transmission.

I have, &c.

J. E. BELL.

Enclosure 1 in No. 7.

(Translation.)

To the Herr Generalkonsul,

Cologne, November 12, 1938.

I feel the urge to present to you a true report of the recent riots, plunderings and destruction of Jewish businesses, dwellings and incendiary acts of synagogues.

The German folk have had nothing whatever to do with these riots and incendiary acts.

Since the incitements of the party members had not had the least effect on the man in the street, there came from the police wireless on the morning of the 10th November, 1938, at 0.45 A.M. (a quarter to 1 in the morning) the following orders:—

- (1) At 4 A.M. the synagogues and chapels of the Jews were ordered to be set on fire.
- (2) At 6 A.M. the destruction and looting of shops and houses was ordered to begin in the city.
- (3) At 8 A.M. the same was to happen in the suburbs.
- (4) All action was ordered to cease at 1 P.M. midday of the 10th November, 1938.

Whilst the "angry and excited folk," as the newspapers so well expressed it, still slept and had no idea of these orders, the police supplied all available young and newly enlisted S.A. men, strengthened by a mob of riff-raff, with axes, housebreaking tools and ladders at the police headquarters. A list of the names and addresses of all Jewish shops and flats was furnished, and the mob proceeded to do their work under the leadership of S.A. men.

The police had strict orders to remain neutral. At 8 o'clock in the morning of the 10th November, 1938, revolting fights amongst this mob over the booty were still to be witnessed, e.g., one of the robbers was carrying away eight suits of stolen clothing which he was refusing to share with his dear German comrades. In Cologne alone seventeen shops have been so far completely looted.

The population of Cologne had absolutely nothing to do with this murderous arson and condemns it, as does also the whole German nation. These actions were ordered by the Government in Berlin.

A certain police commissioner who intervened to save a shop from looting, has been placed on leave and relieved of his functions.

Please take information amongst the Cologne people, and you will convince yourself that the German nation had nothing to do with these crimes and disassociates itself from this action of their Government.

(Signed) EIN BEAMTER.

Enclosure 2 in No. 7.

Translation of a Copy of the Original sent to the Reichsminister for Justice.

The events of the 10th instant, with their anti-social crimes, such as incendiary acts, looting, bodily violence, robbery and murder, in all towns and villages of Germany cause German judges to beg you for guidance in the forthcoming legal processes.

Since these crimes against the social order have been staged by the Government itself, it would be advisable to quash all legal proceedings arising therefrom, since the public knows very well that no judge dare dispense justice without exposing himself to severe reprisals for his acting according to his conscience. More than 50 per cent. of the judges under your jurisdiction must do violence to their conscience, since the events which have happened are such as to make one ashamed of being German. Such ideas could only come from the narrow, criminal brains of a Hitler, Hess, Goebbels, Rosenberg, &c., and must carry the conviction abroad that they are the same incendiaries who formerly set fire to the Reichstag, and who were responsible for the deeds of the 30th June, 1934. It would be better if you recommended all German judges to retire. It cannot be expected that German judges should do hangmen's work.

The events of the 10th instant have unmistakably and clearly proven to all the world that a judiciary no longer exists in Germany.

You, Herr Reichsminister Dr. Gurtner, are also responsible for what has happened, and you may depend upon it that we will bring you to book perhaps quicker than you think. Make sure of your own retreat by giving all right-thinking judges an opportunity to liquidate their services in a humane manner and by bringing the true situation before your friend Hitler, for the verdict that will be pronounced by all honest judges on you and your bandit friends will be death.

(Signed) JUDEX.

Sir G. Ogilvie-Forbes to Viscount Halifax.

His Majesty's Chargé d'Affaires at Berlin presents his compliments to His Majesty's Secretary of State for Foreign Affairs, and has the honour to transmit to him a copy of a despatch from His Majesty's Consul-General, Frankfort-on-Main, dated the 14th December, respecting anti-Jewish persecution.

Berlin, December 15, 1938.

Enclosure in No. 8.

Consul-General Smallbones to Sir G. Ogilvie-Forbes.

Frankfort-on-Main, December 14, 1938.
Sir,
While the German Government has somewhat half-heartedly put it about that the action against the Jews, the burning of the synagogues, the smashing of shops and private residences, the assaults and looting were the work of the populace, incensed by the death of Herr vom Rath, it will be difficult to disclaim responsibility for the systematic treatment on a large scale by S.S. and regular police of the persons arrested. I therefore venture to report on the treatment of some of those who were arrested. I am afraid this despatch will make unpleasant reading, but I consider it my duty to call a spade a spade. Those who have been released from the camps have been threatened with dire consequences if they divulge what happened there. The facts which I am reporting have been related by a great number of people independently of each other and they could not all invent the same lies, at the same time, about the same events.

2. I have served in Germany for some eight years. I have known the Germans, when I was stationed at Munich, in the hour of their humiliation after the war, and I have been at this post since 1932. I flattered myself that I understood the German character, and I have worked for an Anglo-German understanding to the best of my ability. Recent events have revealed to me a facet of the German character which I had not suspected. They seemed to me to have no cruelty in their make-up. They are habitually kind to animals, to children, to the aged and infirm. The explanation of this outbreak of sadistic cruelty may be that sexual perversion, and in particular homo-sexuality, are very prevalent in Germany. It seems to me that mass sexual perversity may offer an explanation for this otherwise inexplicable outbreak. I am persuaded that, if the Government of Germany depended on the suffrage of the people, those in power and responsible for these outrages would be swept away by a storm of indignation if not put up against a wall and shot.

3. The following is a recital of what happened to a Jew, who was in the trenches during the war, who had a good business here, and who is a well-educated man. His statements correspond in detail with what has been told to us by other persons who went through the same experience: He was rung up by the secret police on the 11th ultimo and ordered to stay at home. He was fetched at 3 p.m. He asked for permission to take a change of linen and some warm underwear with him. This was refused, but he was told to bring some money. He was taken to the nearest police station and was kept there until a sufficient number had collected to fill a motor lorry. He was then driven to the Exhibition Hall, a large building used for fairs and also for political meetings. It holds on such occasions well over 20,000 people. Outside the building a large crowd had gathered, which hurled abuse and invective at each convoy as it arrived. (Mr. Dowden passed there twice on the day in question and observed that the crowd consisted chiefly of youths and women. He was under the impression that the women did not have their heart in the demonstration, and that they had been ordered to attend, in the same way as their menfolk had been ordered to bait the Jews and to work destruction.) Once inside the hall my informant was made to turn out his pockets, and their contents, including his handkerchief, were put into an envelope, and he was told that he would get his property back on his release. He was then made to line up with the others, some of whom had been there since the night before without sleep, food or water to drink.

The S.S. and police now had sport with their charges. They made them kneel down, cross their hands behind their backs and lean forward until they touched the ground with their foreheads. Those who could not perform this feat were assisted by the guards, who kicked them in the back of the neck. Others were made to run round the building. Some were sick. The guards removed the vomit by taking the culprit by the scruff of the neck and wiping it away with his face and hair.

5. About 5 p.m. motor lorries manned by S.S. men drove up and the prisoners were driven into them with blows and kicks. They were taken across the town to a suburban railway station. When unloaded they had to go down some steps leading into a dark viaduct giving access to the platform. The guards rained blows and kicks on all they could reach. When in the viaduct they were halted and ordered to face the walls. They thought they were about to be shot and some became hysterical. The guards passed up and down behind them kicking and beating them. Some men in mufti joined in this sport. They were then entrained for Buchenwald, near Weimar. During the journey, which took several hours, the guards passed up and down knocking out teeth, bashing in heads and doling out black eyes. At Weimar they were detrained and forced with blows and kicks into over-crowded lorries. During the lorry journey they were told to keep their heads between their knees and in that position they were belaboured with sticks.

6. On arrival at the camp they were driven with kicks and blows into a wire enclosure. (This was charged with an electric current and many were badly burnt who tried to escape. This comes from other sources.) They were then addressed by the commander of the camp, who told them what he thought about the Jews. Then every man had his hair cropped and his moustache clipped off. They had great sport with the rabbis whose religious tenets do not allow them to have their beards touched with the scissors. My informant, who was one of a party of about 500, was assigned to shed No. 1, the one nearest the gate. It was about 200 feet by 80 and about 2,500 people were forced into it. This on the face of it appears impossible. The explanation is that there were tiers of bunks in the shed reaching to the ceiling, in each of which three men had to lie. (A friend of mine had to sleep for sixteen nights in one of these bunks between two cattle-drovers. They had to lie sideways and when they wished to turn over in order to relax, they had to do so in unison.)

7. The camp at Buchenwald was at that time under construction and this added to the discomforts. No water was laid on and there were no latrines. The prisoners were given no water to drink the first day and never any water for washing. (My friend above referred to went for sixteen days without washing except when he collected some rain water.) On the second day my informant was given a drink of hot water, flavoured to represent coffee, and some bread. The prisoners by then were half crazy with thirst and hunger.

8. During the first night guards came in and picked out men at random and took them outside to be flogged. Fixed on the ground were two footplates to which the man's feet were strapped. He was then bent over a pole and his head was secured between two horizontal bars. Men were given up to fifty strokes, except in the case of promiscuous flogging inflicted for sport, and each guard was only allowed to inflict ten lashes lest his strength gave out. (Flogging was ordered for trifling offences such as not jumping to attention quickly or not obeying an order. A rabbi was flogged because he refused to sign his name on the Sabbath. He was then threatened with a second flogging. His spirit was too weak and he signed.) Some died stretched between the poles. Those who survived were kicked back into the shed. In the day-time the floggings took place in public as a warning to the others. Some went mad. They were then chained up and a sack tied round their heads to stifle their shouts.

9. During the first night men were not allowed to leave the shed to relieve nature. They used their hats.*

10. My informant has false teeth and suffers from pyorrhoea. He applied for an extra glass of water a day to clean his teeth and rinse his mouth. The lack of water and his thirst were so great that he drank this water after using it.

* Six lines have been omitted here owing to the unprintable character of the further details given.

11. One other case has to be related: a former Prussian officer was ordered to kneel down and say: "I am a dirty Jew and a traitor to my country." He refused and he was beaten until he did as he was told.

12. Among the prisoners were famous surgeons and doctors and they worked miracles of skill and devotion. They even performed operations in urgent cases. The rabbis also proved themselves worthy of their calling. One rabbi when offered his release declined to leave the camp before the last of his flock. I have heard of no instances that any of the guards showed any signs of Christian charity or common humanity.

13. When the prisoners were released they were first examined by the camp doctor and none with open wounds were allowed to depart. The others were shaved and then reported to the political officers, who warned them that if they divulged anything they had seen in the camp, they would do so at their peril. He added that the party would be able to strike them down even after they left Germany and wherever they might be. They were then handed back what was left of their belongings. Most articles of value had, however, disappeared and the money they had had on them was sadly reduced in amount. They were told that to complain meant accusing the S.S. of theft and that such an accusation would be punished with a flogging. As a final insult they had to contribute to the Winter Hilfs Werk ("Collection for the Winter Help") of the party. Nearly every person released has had to sign an undertaking to leave Germany within a specified time, usually from four to six weeks, under pain of being again interned. In most cases they have signed an impossible undertaking.

14. When the recent action started few knew what imprisonment meant. A number, however, committed suicide, others hid in the woods, some went to a friendly doctor and had their stomachs opened so as to be in hospital. One man in Stuttgart whom I know considers that he has had a lucky escape. He was roused at 4:30 on the fateful day and his wife answered the bell. When she saw the S.S. guards she became hysterical. He went to her assistance. He was knocked down and kicked in the mouth. He lost some ten teeth and had his jaw broken. He bravely demanded to see the order for his arrest. The guards went to fetch this, and in the meantime he was able to gain admittance to a hospital with his broken jaw.

15. I hear from many sides that another drive against the Jews is imminent in January, and the 16th of that month is given as the date of the proposed fresh action. It is anticipated that on this occasion also Jewish women will be placed in the concentration camps. Jews have been warned by their friends, who claim to have inside information, to get out of Germany before that date. At Obenrode, near Dieburg, in the Darmstadt district, a concentration camp, I learn, is being built by the "Arbeitsdienst" to house some of the victims of the contemplated drive.

16. As far as it is possible to mitigate the plight of the Jews in Germany, I venture to think that the policy indicated at present is

not "women and children first," but men first; they are in the concentration camps and in imminent danger of death, and they are the potential bread-winners. If they die the problem of dealing with their families will be all the more formidable.

17. I gather that some of the Quakers wish to put up an organisation in Germany to feed and clothe non-Aryans, and that they contemplate gradual evacuation spread over a number of years. Unless the German Government agrees to such a scheme it is difficult to calculate what percentage of these people will survive their enforced stay in Germany. Lord Forrester, who has been here also on behalf of the Quakers, seems to contemplate the creation of camps outside of Germany, where the emigrants would be trained before being transplanted to their future homes. This would probably reduce the wastage of life.

18. I regret that I have to submit that the information contained in this despatch may be treated as confidential. The facts if broadcast and if not already known would probably rouse world opinion to a higher pitch of indignation. But the rulers of Germany appear at present to be contemptuous of world opinion. The only likely reaction would be to try and ferret out my informants for individual punishment or to inflict collective punishment if they cannot be found. Also if my name were mentioned it might lead to an incident. It might, however, be useful to bring the facts reported to the confidential notice of those Governments which contemplate doing something towards the solution of this problem.

I have, &c.

R. T. SMALLBONES.

No. 9.

Consul-General Carvell to Viscount Halifax.

My Lord,

Munich, January 5, 1939.

I HAVE the honour to report that, notwithstanding the threats of dire penalties which would fall on those released from the concentration camp at Dachau if they did not keep silence about their treatment, sufficient information has leaked out to enable some account to be given of the treatment extended to Jewish prisoners since the 9th November last.

2. The Dachau Camp appears to have been the place of concentration for all Jews arrested in South and West Germany as far as Neuss and in Austria. According to some estimates, the maximum number of Jews in confinement was 14,000. Some 200-300 were released daily during December, and it is thought that above 5,000 still remain in custody. It is understood that all over 65 years of age and all ex-service men who served at the front have now been released. Boys of 17 from the Jewish seminary at Würzburg and professional men between the ages of 50 and 60 are still without hope of early release.

3. Apparently the first day of captivity was one of indescribable horror, since no released prisoner has been able or willing to speak about it. It may be imagined that the prisoners, herded together like cattle in a stockyard, were tortured by the fear of the slaughterhouse.

4. On entering the camp every prisoner had his head shaved, and was given a coarse linen prison suit with a "Star of David" stamped in yellow upon it. It seems that no other clothing was provided, even after the onset of extreme winter weather. Under-clothing could, however, be bought at the canteen at a price. Two hundred to 300 persons were crowded together in huts originally built for sixty to eighty persons. Some prisoners appear to have slept on the bare boards, but most had straw. At first each person had only one thin blanket, but now some have two. The food is of the roughest kind, and the Jews receive only half the quantities allowed to the Aryan prisoners. Six persons eat out of the same dish. Hot drinks, cheese, and also butter may be bought at prohibitive prices at the canteen. Each prisoner is allowed to receive 15 marks a week pocket money from his family. The delay in distributing this money was such that among those in the sixth week of confinement some had only received their second week's allowance.

5. The prisoners are awakened at 5 A.M. each day. They are paraded at 6 A.M., and are often kept on parade for five or six hours on end without being allowed to leave the ranks for any purpose. They are made to do a great deal of marching and physical exercises, and are kept standing to attention in their thin suits answering repeated roll-calls. Generally speaking, prisoners are on their feet almost continuously from 5 A.M. until 7 P.M., and being unaccustomed to heavy military boots the majority suffer from sore and festering feet.

6. Accounts of brutal treatment at the hands of the guards are too consistent to have been mere fabrications. Prisoners have been buffeted, kicked, and even beaten and bastinadoed with steel birches. Some guards never speak to prisoners without hitting them across the mouth with the back of the hand. The medical attendants are particularly callous in their disregard for prisoners requiring medical attention. Sixty sufferers from frost-bite were dismissed without treatment on being told that their affliction would eventually cure itself.

7. The day of release is a veritable ordeal. The prisoners about to be liberated are paraded in the open at 5 A.M., and are kept standing stripped to the waist until about 10 A.M., when the chief medical officer inspects them for evidences of ill-treatment. After the inspection a stream of ice-cold water from a hose-pipe is turned on them. Before leaving the camp they are addressed by the commandant, who advises them to leave Germany as soon as possible, since should they return to the camp they would never be released. They are also warned that if they should spread "atrocities stories" abroad it would not be to the advantage of their co-religionists.

remaining in Germany. They are then required to sign a document stating that they have not been ill-treated, have acquired no infectious disease, and have received all their personal effects intact. They are then free to walk to the station and pay their own fares to their homes. Many are unable to walk and some have been carried to the station unconscious.

8. It is not known how many have died in camp or shortly after reaching their homes, but there must have been many. The names of ten Munich Jews who died at Dachau between the 9th and the 25th November are known.

9. The foregoing account has been based on a series of isolated scraps of information, and so, while there is no reason to doubt that the incidents described actually happened, the account should not be read to mean that the treatment meted out was throughout so bad as it would appear. Some of those released have said that their treatment was "not so bad," and that the camp was efficiently managed. It is probable that the treatment of prisoners varied considerably with the character of individual guards.

I have, &c.

J. E. M. CARVELL.

No. 10.

Consul Shepherd to Sir G. Ogilvie-Forbes (Berlin).

Sir,

Dresden, February 2, 1939.

I HAVE the honour to transmit for information notes made of conversations regarding conditions in the concentration camp at Buchenwald with German Jews who were sent there after the murder of Herr vom Rath on the 10th November.

I have, &c.

F. M. SHEPHERD.

Enclosure in No. 10.

Memorandum.

Jewish Persecution.

HERR H.E.B., who is an apparently respectable fur merchant in Leipzig, told me that after the murder of vom Rath in Paris his shop windows were broken, and that when he went home members of the Secret Police were waiting for him outside his house and told him to go with them. His wife protested, but the police said it would be all right and that Herr B. would be back that evening. He was taken to the railway station, and he said that: "I cannot tell you how they treated us there." He was taken to a concentration camp (Buchenwald, near Weimar) where there were about 10,000 Jews confined in wooden barracks fitted with narrow bunks, into which they had to crawl. They were given no coverings and were unable to wash or

have a change of clothing, so Herr B. said, during a whole month in which he was confined there. For fourteen days his wife did not know where he was or what had happened to him. There were in the camp men of all ages up to 78, including professors and other leading Jewish men. Herr B. was allowed out because it was noticed that he wore an emblem showing that he had fought in the war. He was fortunate in being released before the sudden cold spell, and he tells me that many people died of cold after it began. The camp of 10,000 Austrian Jews which exists in the neighbourhood. The men in his camp came from many parts of Germany, including Frankfurt and Hamburg. In addition to his confinement in the concentration camp he has, of course, been presented with a demand for an amount of 20 per cent. of the estimated value of his entire property as a fine for the vom Rath murder.

Concentration Camps.

Herr H. V. was in the Buchenwald camp for three weeks under very severe conditions. There was not even enough water to drink, and there were only twenty lavatories for 10,000 men. He saw many beaten, and saw one arrive at the camp dead. On his release he was told that, if he spoke about his experience, he and his family would be imprisoned for life, and if he spoke of it after he had gone abroad, he was told that there were "Vertrauensleute" who would finish ("erledigen") him off. The men in charge were young S.S. men and a few of the regular Weimar Police. Conditions were incredible, and they had no change of clothing or washing facilities.

Herr V. said that to the people in charge of this camp there were two classes of people, alive or dead, and that no consideration was paid to people who were old or sick.

On the other hand, I heard from a Jewish doctor, who was also in the camp, that he was employed in looking after people who were ill or who had been injured. This doctor had seen people beaten with barbed-wire birches, and his particular occupation was to see that his patients, as far as possible, were healed of the scars caused by their ill-treatment. He knew of sixty-seven deaths, and thought there were until recently about 350 in the Buchenwald camp.

British Consulate, Dresden,

February 2, 1939.

No. 11.

Statement of a Former Prisoner at the Concentration Camp at Buchenwald.—(Communicated to the Foreign Office on February 18, 1939.)

(Translation.)

In present-day Germany no word strikes greater terror in people's hearts than the name of Buchenwald. Only a few miles

from Goethe's Weimar, situated in the midst of a pleasant beech forest, ringed round with barbed-wire fences, guarded by S.S. detachments and machine guns, lies the new City of Sorrow, the concentration camp of Buchenwald.

I was arrested at my home in Berlin at 5 o'clock in the morning of the 18th June, 1938, taken to police headquarters, and there informed that, as a Jew with a previous "criminal record," I was now under preventive detention and would in due course be sent to a concentration camp. In the over-crowded police prison to which I was first taken I recognised many acquaintances among the other prisoners, who were for the most part reputable people, business men and university teachers. Former convictions, the excuse for all the arrests, often dated back to a decade or more, and related to such crimes as breaches of traffic regulations, or childishly unimportant escapades of one kind or another.

More and more prisoners were brought in till the police officials themselves were at a loss to find room for the stream of new arrivals. In the course of these two days, the 18th June or 14th June, every male Jew with any sort of police record was arrested. Some of the prisoners were over 70 years of age and were brought to gaol from the almshouses where they were living.

In Berlin the number of arrests reached about 4,000; for the whole country the figure was probably between 10,000 and 15,000. These prisoners were all sent to concentration camps, Dachau, Sachsenhausen and Buchenwald. At police headquarters each prisoner was informed that he could expect his release only if and when he should have procured, somehow or other, documents permitting him to leave the country. It is therefore apparent that the arrests were a purely political measure, and that this typically Nazi device had been decided upon with a single view to hurrying along the tide of Jewish emigration, which, in the Nazi view, was flowing too slowly. Nevertheless, the carrying out of the arrests was entrusted to the ordinary criminal police, and not, as might have been expected, to the Gestapo. Hence, the Berlin newspapers reported merely that a "number of Jewish criminals have been taken into preventive custody."

During the night of the 14th June 2,000 of us were transported from prison to the concentration camp. Before leaving the prison we were examined by an extremely youthful doctor, who passed everyone as physically fit for the rigours of concentration camp life, including the septuagenarians and a tubercular prisoner who was continually spitting blood.

The Anhalt Station, from which we left Berlin, was closed to the public at 2 A.M., the time of our departure, and a strong force of police with rifles in readiness was on guard. At about 6 o'clock in the morning on the 15th June we arrived at Weimar, to find a "Death's Head" detachment of the S.S. waiting for us at the railway station. We hardly reached the platform before a hail of kicks and blows from fist and rifle butt drove us along to the subway

leading out to the road. Here we were greeted by the then superintendent of the camp, Rüdiger, in the following terms:—

"Among you are some who have already been in gaol. What you tasted there is nothing to what you're going to get here. You're coming inside a concentration camp, and that means you're coming into hell. Any attempt at opposing the authority of S.S. guards and you'll be shot out of hand. We've only got two kinds of punishment in this camp, the lash and the death penalty."

The entrance to the camp was guarded by machine-gun posts, and over the gate itself was written the slogan: My Country Right or Wrong! Every prisoner entered the camp by "running the gauntlet" between two rows of guards. More kicks and blows.

Immediately after this reception, which is more or less usual in all concentration camps, our heads were shaved, as is done with all dangerous criminals. Next our civilian clothes had to be given up in exchange for convict uniform. The dress of every prisoner is marked with a special symbol. Political prisoners wear a red stripe, bible students a lilac stripe, the so-called "work-dodgers" carry a black stripe.

Our loose convict jackets were marked with the Star of David in black on a yellow patch: this indicated "work-shy Jew." It is worth mentioning that most of us were independent business men, and the rest workers who had been forced out of their ordinary employment. Our group also included a dentist and several lawyers. Each of us was given a number, sewn into our prison clothes, and henceforward these impersonal numbers were substituted for our names.

After the preliminaries just described, we were led off to our new quarters. While the 6,000 Aryan prisoners were housed in wooden barracks each holding about 140, we were quite literally packed into a number of cattle sheds, 500 in each shed. The sheds contained no tables or chairs. Not even beds. At night we dosed down on the bare floor, unable to stretch out and rest owing to the lack of space. Each prisoner received two thin (and often torn) blankets. There were no arrangements for washing. Not one of us was able to wash during the first week. Afterwards, eight wash-basins were provided for each group of 500. Water had to be fetched from a pump ten minutes' journey away. What was most difficult to bear, however, was the fact that, in accordance with orders given by the S.S., a group of professional criminals was introduced into each shed and charged with the task of "maintaining order." These criminals, also under detention in the camp, were set over us as "n.c.o.s.", and were given full authority to punish the other prisoners. The criminal in full charge of our shed was a particularly brutal specimen, who continually and shamefully mishandled us.

We were all too much afraid to try and protect ourselves from these inhuman brutes, as answering back would have been treated

as mutiny and punished by death. A peculiarly horrible incident sticks in my memory. One of the older prisoners had, during the day, while we were at work, been so knocked about by the S.S. guards that, at night, in the shed, he kept up a continuous moaning. The brute in charge of the shed hit this man in the face repeatedly, telling him to stop the noise. By morning the old man was dead.

During the first two days in the camp we were given no food whatever. In spite of that we were exercised hard enough. A whole week was occupied in attending to the various formalities connected with our entering the camp; only afterwards were we assigned to regular work. Among these formalities was the signing of a declaration that we had been taken into preventive custody because we were Jewish "shirkers," unwilling to work. It was printed on the form that this admission was made voluntarily by the person signing. One of the prisoners, a lawyer from Breslau, refused to sign the form. This unhappy man was visited with every punishment in the repertory of our captors. He steadily maintained his refusal to sign the documents. After the fourth day of his torture, already a dying man, his body bruised and broken, only half-conscious, he signed his name. I must now describe some of the punishments inflicted upon us by the S.S. Even slight offences—drinking some water during working hours—were punished with loss of midday meal and with having to stand to attention for four hours during the short "free period" normally allowed on Sundays. But the main punishment was the lash. A public flogging was given for minor offences, for instance, if a prisoner was caught smoking at work. At the end of the afternoon roll-call, the numbers of the prisoners sentenced to be flogged were read out—there would be several every day—and the men were led out and bound fast to the whipping-block. The usual punishment, twenty-five strokes with a raw hide whip on the buttocks, was carried out by two hefty S.S. guards, taking turns with the whip. A third S.S. man held the victim's jaws together to stifle any cries. Some of the older prisoners, unable to work fast, were flogged in this inhuman way for laziness. After the flogging the victim was made to take down his trousers and display his bloody stripes to an S.S. man, whose business it was to judge whether the lash had been strongly enough laid on. Twenty-five strokes was the favourite punishment at Buchenwald, but there were others. The "sweat-box" for example. It often happened that the prisoner was already dead before the "sweat-box" was opened to release him.

Another punishment was that known as "tree-binding," and the guards showed great inventiveness in developing the possibilities of this torture. If only a slight offence had been committed, the prisoners would be bound to the tree in such a way that they stood facing it, and as if embracing it, their hands pinioned together. The straps that bound them would be pulled so tight that they could barely move. The guards would now play "merry-go-round" with them, that is, they would force them to make their way round and

round the tree. If they could not move quickly enough it was usual to help them by kicking their ankles.

This was only the less severe form of "tree-binding." Another form of the same punishment often ended fatally. The victim would be strapped to the tree, facing outwards, his arms pulled back and round the tree trunk and then bound together. The thighs and feet, the latter only just touching the ground, would also be tied, sufficiently tight to stop the circulation of the blood. The prisoner would be left hanging in this position for hours at a time. It must not be thought that these barbaric tortures were exceptional. At Buchenwald these things were of daily occurrence.

A week after our arrival we were set to regular work. Our working day in the concentration camp of Buchenwald was regulated as follows: we were awakened at 3.30 in the morning, roll-call followed from 4.30 to 5.30, then we were marched off to work, which started a little before 6. We worked without a break until noon. At midday there was a half-hour's pause to drink the scorn-coffee that was given us. Work recommenced at 12.30 and continued till 3.45. From 4 o'clock till 5.30 a second roll-call was taken, followed by the public floggings decreed for the day. Between 5.30 and 6 we ate our main meal of the day, and then worked again till 8, when supper was had. The day ended at 9 o'clock. On Sundays we were made to work from 6 o'clock in the morning until 4 o'clock in the afternoon. No festivals were observed in the camp, not even (as I was told by prisoners of longer standing) that of Christmas. We were on our feet seventeen and a half hours a day, rain or shine. This time-table applied to the older as well as the younger prisoners; the sick, in so far as they were able to stand on their feet, as well as the healthy. Dressed in our convict clothes of "substitute cloth" we were forced out into every kind of weather from storm and heavy rain to the burning heat of summer.

Now as to my first day at hard labour—a day which I will never be able to forget as long as I live. Several of the older prisoners in our working party died in the stone quarry on that blazing hot June day. After the morning roll-call we had been divided into labour groups each a hundred strong. To each group a foreman was assigned, chosen almost invariably from the habitual criminals, whose right it was to knock us about as he thought fit. We were accompanied by an S.S. detachment of guards, not one of whom could have been more than 18 years old. They were nevertheless quite competent at manhandling and beating us. Our column, which included several prisoners over 65, marched off, or rather we were bounded along by the S.S. men, all of whom were armed with clubs, till we reached the stone quarry where we were to work. Eighty out of our hundred had never done manual labour before. Nevertheless we were expected to carry stone blocks so heavy that the effort of lifting them would have seemed considerable even to a navy in good training. Many of the stones were so heavy that it took several men to lift the block on to the shoulders of the man who was to carry it.

These stones had to be carried to the site of a new road, a little over a mile away, which was being built by "convict" labour. The way leading to the new road was fairly steep, and on the last third of the journey we were helped along by kicks and blows from the rifle butts of the S.S. men stationed along the route. The elderly prisoners, who found it physically impossible to fulfil their tasks, came off worst. From the road we went back to the quarry to pick up a fresh load, and then the process would be repeated. The sun rose higher in the heavens, and the day got hotter and hotter, the fast-travelling S.S. cars raised clouds of white dust on the road (it was closed to all but "official" traffic). Close to the quarry was a spring, bubbling with fresh, clear water. Prisoners who tried to approach the spring for a drink were driven away by the S.S. guards. By afternoon thirty out of our original hundred had collapsed, some of them with sunstroke, and not even the brutal onslaughts of the guards were able to bring them back on to their feet to resume work. We had to carry them back in the end to the camp hospital. All but two that had died.

In addition to our work in the quarry, we also had to carry tree trunks from one place to another. No more than eight men were allowed to tackle even the heaviest load. Along the route S.S. men were stationed at intervals. We were continuously under observation. The shout, always accompanied by blows on head and shoulders from the clubs of the guards and kicks from their jackboots, "Move along, blast you, get along"—still rings in my ears. It occasionally happened that a more than usually energetic S.S. man would order us to do knee-bending exercises while we were carrying our load. This was not without danger, for if one or more of us collapsed the heavy trunk was liable to crush the others.

One day, before we were marched off to work, an announcement was made. We were told that "the Jews had been throwing away their bread ration." A measure was therefore to be taken to which no parallel existed, not even the annals of the Dachau concentration camp. Henceforward we were to receive half a litre of soup (all the others received a litre) and 250 grammes of bread (compared with the normal ration of 625 grammes). An unending régime of hard labour was demanded of us, and at the same time our food rations were fixed at the following amounts: a quarter of a litre of acorn-coffee in the morning, half-litre of soup at midday, and 250 grammes of bread with a smear of margarine and a little brown in the evening. For three successive Sundays, though we were, of course, required to work as usual, we received no food at all.

Relatives were allowed to send money to us from our homes. Parcels of food, however, were forbidden as "everything could be bought in the camp." We will see in a moment how this system worked in reality. For the families of the poorer prisoners, every pfennig sent to the camp represented a real sacrifice. By reason of the mass arrests, it happened that many households had been deprived of their chief breadwinner. A number of instances are also known to me personally in which the Public Assistance Authority refused to

allow or continue relief to a family the head of which was in prison. Those who actually received money were far from being able adequately to supplement their meagre rations. Part of the sum sent would be withheld to pay railway fares in the event of the prisoner's release. This regulation was especially hard on the poorer prisoners, as the whole of a small sum would be "set aside" for this purpose. If more money was sent, it was doled out in weekly instalments of 5 marks. This sum, it is true, could be spent at the prison canteen, where very high prices were charged. The canteen was extremely badly stocked. It was always impossible to buy bread there, and it often happened that the only thing on sale would be lemonade and powder. In addition, it must be remembered that we had to buy and pay for soap, tooth paste and the like, out of our own money.

In Buchenwald the number of deaths, both of Jews and of Aryans, was far greater than in any of the other camps. The Aryan death roll was at least one a day. Out of the 2,000 Jewish prisoners that arrived on the 15th June, eighty died in the first four weeks and thirty more in the fifth week. The authorities did all in their power to hush up these figures, and the Committee of the Berlin Jewish Community was officially informed of only thirty-nine out of the 110 deaths.

How did it happen that these men died? A famous phrase—"shot while attempting to escape"—must supply the answer. Here I must give evidence that, at least during the period of my detention, there was no single case of a prisoner being shot in the course of a genuine attempt at an escape.

The camp is surrounded by a wire fence, electrically charged at night. At intervals there are look-out posts with machine guns, manned by S.S. detachments. The prisoners are forbidden to approach the wire. If they do, the S.S. are instructed to fire on them. Newly arrived prisoners were often ignorant of this regulation, and the S.S. men, bored at their enforced idleness on look-out duty, often amused themselves by calling a prisoner over to the fence. New prisoners would obey the order, and, as soon as they approached, the S.S. machine gun would open fire. This form of "joke" was quite frequently indulged in. Every now and again, some prisoner, driven half insane and unable to bear the hellish conditions of the concentration camp any longer, would run like mad towards the fence. The S.S. invariably opened fire, and at once, although they were obviously aware that their victim was crazed, and not trying to break out of the camp.

But most of the prisoners who die at Buchenwald die in the stone quarry. Round the quarry a chain of S.S. posts were also established which it was death to approach. It frequently happened that one of the older or weaker prisoners would be ordered to carry a stone block which it was physically impossible for him to manage. The even though he exerted every ounce of his limited strength. The S.S. guard would try again and again to force the prisoner to carry his load. Naturally the unhappy man would fall behind his

companions. After a short while those who had filed past him would hear a shot. The prisoner had been driven out of the line by the guard and over to the S.S. post, who had shot another victim "while attempting to escape." One particularly tragic story deserves to be told. Among the Jewish prisoners was a youngster, 22 years of age, called Erich Löwenberg. He had been cantor in a synagogue, had married young, and his wife was expecting a child two months later. Erich Löwenberg—it happened about the 15th July, 1938—was driven by an S.S. guard on to the highway near the quarry and forced in front of a heavy lorry driven by another S.S. man. An hour and a half later the young man was dead.

The physical maltreatment normally experienced by prisoners sometimes led to apoplexy and death. Cause of death would then be stated by the doctor as "weak heart." Coffins were made by the prisoners themselves in the carpenter's shop. The bodies were usually taken to Weimar crematorium and burnt. Relatives would receive official notification of the prisoner's death by open unfranked postcard from the office of the Camp Commandant.

Many also died because of the lack of medical service in the camp. In the early weeks the ambulance helpers were strictly forbidden to give medicine to the Jews, a ruling which was also responsible for its quota of deaths. Later it also quite often happened that the doctor in charge of the hospital refused to accept Jewish patients. One case is known to me of the doctor throwing out a sick man, declaring that he was faking his symptoms: the man was dead within two hours.

In the sheds at night we had no means of helping a dying companion. We could not even lay our hands on a glass of water, much less obtain any medicine. We were also unable to leave the shed and go for medical assistance, for the S.S. guards were instructed to open machine gun fire on anyone seen leaving the building at night.

Four weeks after our arrival a hospital shed was opened for the Jews. This had to be paid for by the Jews themselves. It lacked even the most rudimentary equipment. There were no thermometers. Not even a chamber pot.

And yet in this hell one came across human beings. There were S.S. men, a very small minority, who did not maltreat us. Some of the S.S. explained to us that they could do nothing about conditions in the camp. They received their orders from "higher up." This higher authority was Herr Standartenführer Kock, infamous as the perpetrator of nameless brutalities at the Kolumbiahaus in Berlin, and at the camps of Esterwege and Sachsenhausen, now in charge of the Buchenwald camp. How many deaths of defenceless prisoners has this man on his conscience?

There were also some among the foremen who, at the risk of their own lives, attempted to help us. Some of them were denounced as "Jew-lovers" by other prisoners, and publicly flogged. Our worst time followed the arrival of a detachment of young Austrian

S.S., who were sent to Buchenwald from Wöllersdorf. The tortures inflicted upon us by those men are beyond the power of any pen to describe.

How is the population of a concentration camp in present-day Germany brought together? From what elements is the camp made up? In Buchenwald there were 8,000 of us, 2,000 Jews and 6,000 non-Jews. It is now proposed to extend the camp and make it, with a population of 25,000, the largest in Germany.

Our 8,000 prisoners included first of all the "politicals" (as, for example, the Communist members of the Reichstag: Neubauer, Saefkow, Weitzinski and others), many of whom have been in various concentration camps ever since 1933. Another prisoner was the well-known Berlin defence lawyer, Hans Litten. His leg was broken in the stone quarry at Buchenwald recently. It had not completely healed from an earlier wound. In addition to the genuine political prisoners, there were many poor devils at Buchenwald accused of having spoken abusively of the sacred person of the Führer. Most of these were sent to the concentration camp (under positive arrest) after the expiration of their prison sentences. The period of detention in these cases is left indeterminate.

One of the hellish features of concentration camp imprisonment is precisely this nerve-shattering uncertainty. Protective arrest may mean detention for three months. It may easily mean detention for three years. No rule, no law, determines the length of the sentence.

After the "political," the category of the so-called "work-shy" is the largest. Anyone who imagines that this group has anything to do with tramps and vagabonds is grossly deceived. An example. A business employee lost his position and applied for unemployment relief. One fine day he was informed at the Labour Exchange that he could obtain employment as a navvy on the new motor roads. This man, who was looking for a commercial post, turned down the offer. The Labour Exchange then reported him to the Gestapo as being "work-shy," and he was arrested and sent to a concentration camp. Technical workers leaving low-paid employment to seek higher wages often meet with the same fate.

The next group were the "Bibelforscher," a religious sect taking its doctrine from the Bible and having a considerable membership in every part of the country, but proscribed by the Gestapo since its members refuse military service; these unhappy people were almost as badly treated as the Jews.

The fourth category consisted of the homo-sexuals, or at least of those against whom the Gestapo thought fit to bring charges of homo-sexuality. To charge those it dislikes with this offence is a favourite tactic of the secret police. At the time I was there Buchenwald contained no representative of this group.

The last class of prisoners were the professional criminals. From their ranks, as I have said, our "overseers" were drawn. Those of them who were set in authority over us were allowed to manhandle us as much as they wanted to. Many of them tried to curry favour

with the S.S. by maltreating us or by making us "exercise" on Sundays during the rest period or forcing the older prisoners to roll back and forth in the wet mud.

When it happened that a prisoner was actually to be released, he had first to submit to a medical examination, to see if his body still carried the mark of the lash, or was in any way bruised. A prisoner who still bore traces of his beatings was not allowed to leave until every mark was healed. In this way the authorities attempted to prevent any knowledge of the physical maltreatment of prisoners reaching the outside world. That these preliminary and precautionary measures are at all successful is to be doubted. The truth slowly seeps through the barriers.

At the time of my release—I was one of the very few who left the concentration camp without having obtained a visa for abroad—I was warned by a high S.S. official that even a whisper concerning my life in the concentration camp would be punished by death. The actual words of the S.S. leader are worth recording. "National socialism," he said, "has no reason to fear the truth. But it will not tolerate the spreading of fantastic atrocity stories."

After my release I received notice that I had to quit the country within five weeks, and that I should not be allowed to re-enter it.

During those five weeks I would be under police supervision, and would have to report daily, first at the Berlin police headquarters, and then later in my own district. The first time I reported at the police headquarters, something happened that seems to me typical of present conditions in Germany. When I arrived I found myself surrounded by a group of officials of the regular force, who eagerly questioned me about Buchenwald. Remembering the threats that had accompanied my departure from the concentration camp, I at first refused to answer. They showed me their identity documents to allay my suspicions, and again urged me to tell them what conditions in Buchenwald were really like. They would see that no harm came to me. Then I told them of the things I had seen. They were so shocked that they could not help interrupting me. Such conditions, they said, were revolting and a scandal. Frick and Himmler were responsible. No one else. They were at pains to impress upon me that they had no control whatsoever over the concentration camps, where, in fact, the S.S. had supreme and exclusive authority.

I have myself lived and experienced the things that are here related about Buchenwald. I was in the camp for six weeks only, and my account can therefore lay no claim to completeness. I know from trustworthy sources that the majority of those who were arrested in June at the same time that I was are still prisoners, and that the death-roll among them still mounts.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 3 de Novembro de 1939.

No. 426

A Guerra.

940. (00)



Senhor Ministro,

Pouco ou nada poudes adiantar ontem à Câmara dos Comuns, o Primeiro Ministro no seu relatório semanal sobre o progresso da guerra. Limitou-se a congratular-se, a propósito da chegada a Londres dos Ministros dos Domínios e da Índia, com a espontânea e cordial colaboração do Império, unido na sua determinação de proseguir na guerra até a vitória final.

2. De passagem e laconicamente referiu-se ao discurso do Senhor Molotoff do dia 31 de Outubro. Só para os alemães, disse êle, que anunciavam marcaria o mesmo uma mudança de rumo na política européia, terá causado certa decepção. Anteriormente como agora, o Comissário do Povo para os Negócios Estrangeiros afirmava a posição dos Soviets em pró da paz e contra a agressão. "Esta é também a posição da Grã-Bretanha, disse o Primeiro Ministro, e não me sinto disposto a perder tempo com os vãos de imaginação que se permitiu o Senhor Molotoff, quanto aos objectivos de guerra dos

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

dos Aliados, demasiados conhecidos e claros para que parem duvidas no estrangeiro."

3. A relutância alemã em ativar as operações militares sobre a frente ocidental, bem como a hesitação em cumprir a sua ameaça de um ataque em regra contra a Grã-Bretanha, tem talvez um objectivo politico em vista que é de alimentar a natural impaciencia deste pais ante a estagnação das forças, que se prolongará pelos meses de inverno. A esperança de Hitler de que acabará por fim negociando a sua paz, desconhece a carateristica tenacidade do inglês, que nessa luta está firmemente resolvido a acabar com o hitlerismo. É verdade que o Governo pouco faz para denunciar a futilidade de tal tactica. Como resultado dessa inercia oficial, reanimaram-se as actividades da 5a. Coluna, a que Sir John Anderson se referiu nos Comuns esta semana. Sir Oswald Mosley negou que as alusões desse Ministro atingissem a "British Union of Fascists", que elle chefia. Entretanto é um facto que Sir Oswald se aproveita do momento, na esperança de chegar ao poder, parecendo esquecer os perigos que elas representam para o pais. Outros elementos de certa influencia, quer da esquerda como da direita, estão fazendo propaganda em pró de uma conferencia de paz. O objectivo das referencias do "Home Secretary" visavam dar o toque de alarme.

4. As criticas que se têm feito à imperícia do Ministro da Informação, como à confusão administrativa que reina no pais, em consequencia da descentralização das repartições, estimulam a propagação dessa campanha, que poderia ser evitada por uma mais ampla propaganda dos objectivos do Governo por parte dos Ministros interessados.

5.

Está marcada para 3 de Dezembro a próxima reunião

reunião do Conselho da Liga das Nações. Ainda não se sabe si a Assembléa será convocada na mesma ocasião.

6. Fala-se na possível retirada da Russia, em vista da denuncia do Senhor Molotoff às Democracias e ao Tratado de Versalhes.

7. Desaconselhando a reunião da Assembléa estão os casos embaraçosos da Polonia e da Albania, cuja occupação italiana foi tacitamente reconhecida por este país.

8. A Grã-Bretanha deseja tanto quanto possível a continuação da tarefa tecnica da Liga, e para a votação do respectivo orçamento, impunha-se a aprovação da Assembléa. Procura-se um meio de ladear essa dificuldade e talvez se attribúa ao Conselho a necessaria faculdade. Em todo o caso, na organização do programa está sendo cuidadosamente estudado o afastamento de questões politicas.

9. Para a causa do Senhor Hitler a semana em curso trouxe acontecimentos pouco animadores. Além da falta de colaboração militar por parte da Russia, o Senhor Mussolini escolheu o momento para virtualmente demonstrar que a Italia tão pouco se colocará ao seu lado na guerra. A chamada dos seus Embaixadores em Moscou e Roma revelam a irritação que esses factos causaram ao "Fuehrer". Por outro lado, é óbvio que os seus conselheiros militares vetaram a projetada offensiva no Oeste e a "Blitzkrieg" contra a Inglaterra.

10. Por cima de tudo chegam as noticias de Washington da revogação da lei de neutralidade !

11. Segundo informações merecedoras de fé, de fonte neutral, não é tanto de alimentos, senão de matérias primas que

que se sente falta na Alemanha. Estanho, borracha e petróleo são difíceis de obter e constituem um serio problema. Também a moral do povo, a tensão nervosa pela perspectiva de uma longa e não desejada guerra é outro elemento que estará perturbando o Governo alemão.

12. Constou que a Alemanha está pensando em vender a sua grande frota mercante à Russia, afim de que este pais a utilize numa tentativa de rompimento do bloqueio britânico, contra o qual os Soviets já lançaram o seu protesto.

13. Segundo os entendidos, aqui, não ha regra firmada quanto à transferencia de navios de beligerantes em tempo de guerra. Moscou apoiou as suas objeções contra o bloqueio na Declaração de Londres de 1909, a qual não foi ratificada. A estipulação dela constante de que navios mercantes podem ser transferidos desde que não se encontrem em portos bloqueiados, em transito, ou que não sejam vendidos com a clausula de devolução posterior, não obriga os Aliados. Acresce que a jurisprudencia francesa dos Tribunais de Presas não reconhece a venda de navios beligerantes durante a guerra.

14. O objectivo do Governo alemão visará sobretudo provocar atrictos anglo-russos em consequencia da captura desses navios.

15. Si o Estado Maior alemão é contrário a uma ofensiva sobre a linha Maginot, pelo menos, antes da primavera, o "Drang nach Osten" pode voltar à baila, afim de se apossarem os alemães do petróleo rumainico, antes que caia nas mãos dos russos.

16. Por mais estreitas que pareçam as relações entre os Soviets e a Alemanha, reina evidente desconfiança entre os dois Governos, o que as expõe ao primeiro estremecimento. Seus interesses em mais de uma esfera são demasiado opostos para que se possa imaginar que elas durem muito.

muito.

16. Assim uma empreitada militar através da Hungria em direção à Rumania poderá esbarrar contra tropas russas bloqueando o acesso ao Mar Negro.

17. Também por parte da Italia tal aventura haveria de despertar intenso antagonismo. Possivelmente o Embaixador von Mackensen tenha sido chamado para receber instruções no sentido de convencer aquele país da conveniencia dessa manobra dirigida contra a bolchevização dos Balkans.

18. Segundo os comentários da imprensa britânica, as modificações de pessoal no Ministério italiano e no partido fascista significam a decisão de Mussolini de abandonar o Eixo Berlim-Roma. Diversos dos Ministros substituídos estavam identificados com a politica do Eixo. A permanencia deles no Gabinete poderia deixar duvidas quanto às intensões do Senhor Mussolini. Tudo indica que o "Duce" reconheceu o espirito inequivocamente anti-germanico do povo italiano e que agora se reserva toda liberdade de ação quanto ao caminho a seguir que melhor atenda aos interesses do país.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rejido Thome

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 8 de Novembro de 1939.

No.431

Declaração de
Lord Halifax.

940.00



Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte, o discurso irradiado, a 7 do corrente, por Lord Halifax sobre os propósitos britânicos na presente guerra.

2. O Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros disse entre outras palavras: "não tenho dúvidas na minha consciência de que só com suprema deshonra poderíamos ter evitado a guerra". Foi mais uma ocasião para reiterar os já conhecidos objetivos que movem o Império Britânico na luta contra a agressão hitleriana e o regime da força. Embora, na ocasião em que falava, não tivesse ainda conhecimento da mensagem do Rei Leopoldo e da Rainha Guilhermina, suas palavras foram o prenúncio da resposta que provavelmente dará este Governo e como tal foi interpretada pela imprensa alemã, que julga inaceitáveis para o Governo alemão as condições exigidas para a cessação da guerra.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/431/1939/2.

guerra.

Aproveito o ensêjo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rejido hoare



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 16 de Novembro de 1939.

No.445

Discurso do Sr.
Winston Churchill.



Senhor Ministro,

O discurso no radio, a 11 do corrente, do Senhor Winston Churchill, sôbre as primeiras dez semanas de guerra, passa em revista os acontecimentos.

2. O Primeiro Lord do Almirantado disse que se os Aliados atravessarem o inverno sem nenhum incidente importante, terão ganho a primeira campanha da guerra e ficarão melhor organizados e armados para a proxima primavera. A Italia mantem a sua neutralidade, nenhum conflito surgiu com o Japão. O tratado com a Turquia terá uma repercussão inegável e a attitude dos Soviets fechou a porta dos Balkans às expansões germanicas. O destino da Holanda e da Bélgica, assim como o dos demais países conquistados pela Alemanha, está a mercê da vitória do Império Britânico e da França. Si formos batidos, disse êle, essas nações estarão fadadas à escravidão e os Estados Unidos ficariam sós na defesa dos direitos do homem.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/445/1939/2.

homem.

3. O discurso agradou muito aqui, sobretudo à opinião pública, pela linguagem franca e otimista com que tratou o Senhor Churchill o assunto, bem diferente dos comunicados semanais mais laconicos e comedidos do Primeiro Ministro à Camara dos Comuns.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

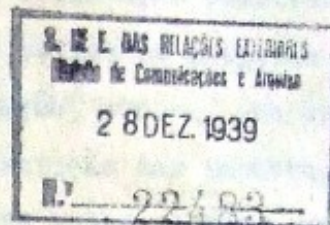
Repi de Shering



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 20 de Novembro de 1939.

No. 449

Cooperação econômica,
anglo-francesa.943.00)
812.185)(60) D.

Senhor Ministro,

O Consêlho Supremo de Guerra, em reunião de 17 do corrente, nesta Capital, resolveu organizar a cooperação da Grã Bretanha e da França no campo econômico. Esta decisão, que é provavelmente o resultado da visita a Londres no começo da semana do Senhor Paul Reynaud, Ministro da Fazenda francês, estabelecerá uma organização com funções semelhantes às do Supremo Consêlho Econômico criado na guerra de 1914-1918. Esta organização, entretanto, só veio a existir em 1917, enquanto no presente conflito os Governos da Grã Bretanha e da França sabiamente decidiram estabelecê-la na fase inicial da guerra.

2. Criar-se-ão seis Comitês anglo-franceses para lidar com todas as questões relacionadas ao petróleo, aeroplanos, alimentos, munições, matérias primas e navegação. O trabalho desses Comitês será coordenado por um Comité Coordenador Anglo-francês.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

francês.

3. Segundo as declarações oficiais, as medidas a serem adotadas visarão : "...a melhor utilização possível, no interesse comum, dos recursos de ambos países em matérias primas, tonelagem marítima, meios de produção, etc. Na eventualidade de tornar-se necessária a restrição das importações, os aludidos Comitês dividirão igualmente entre os dois países os recursos existentes. A Grã Bretanha e a França elaborarão futuramente seus programas de importação em conjunto e evitarão a concorrência nas compras que forem obrigados a fazer no estrangeiro para executar êsses programas" .

4. Praticamente, portanto, a Inglaterra e a França, nas palavras do editorial do "Financial News", de hoje, apresentam " ... uma frente compradora unida contra os vendedores", e os aliados poderão agora organizar as suas indústrias para a guerra como se as duas nações fossem uma só. A repercussão da decisão do Supremo Consêlho da Guerra na imprensa e na opinião pública é muito favorável. Há quem sugira a possibilidade de que, depois da guerra, parte da organização continue a existir e que os sistemas econômicos dos dois países sejam ligados permanentemente.

5. Essa cooperação e coordenação do esforço econômico já existia até certo ponto. No ofício No. 372, de 29 de Setembro último, relatei a Vossa Excelência o fato de funcionarem nesta Capital várias comissões de compra francesas. Uma das mesmas - a comissão de compras de mantimentos trabalhava em íntima colaboração com o Ministério de Alimentação britânico. Isto se evidenciou, por exemplo, por ocasião da proposta feita pela Grã Bretanha ao Brasil, como também à Argentina e ao Uruguai, para a compra de carne, pois essa proposta incluía carne

carne destinada ao exército e á população civil da França.

6. Não resta dúvida que a cooperação econômica fortalecerá muitíssimo a posição dos dois países eliminando o desperdício de esforços e dos próprios recursos. Além disso a Inglaterra e a França ficarão vantajosamente colocados como compradores nos mercados mundiais. Os países fornecedores de matérias primas e alimentícias deverão doravante considerar o bloco anglo-francês como um mercado único. Se de um lado isto afetará prejudicialmente os preços - sob o ponto de vista dos fornecedores - por outro lado pode-se esperar que a coordenação completa das marinhas mercantes tenha por resultado proporcionar maior tonelagem para o transporte desses produtos - e a questão dos transportes é, no momento atual, uma das mais graves para os países desejosos de vender sua produção aos beligerantes anglo-franceses.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Repi do hony

UMA COPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 21 de Novembro de 1939.

No.451

A Guerra.



Senhor Ministro,

O ataque alemão sobre a Holanda, operação isolada ou tentativa de envolvimento do flanco aliado, que se julgava iminente ha dez dias, parece ter sido abandonado ou pelos menos adiado. As chuvas e a inundação preventiva dos rios para dificultar as operações das divisões motorizadas, terão sido o principal argumento. Mas, outro factor que certamente influiu para essa decisão foi a compreensão exata que teve o Governo alemão de que a invasão de Holanda afeteria profundamente a opinião americana, com consequencias imprevisíveis. Além disso, a determinação belgo-holandesa de resistir a agressão com todas as suas forças - a visita do rei Leopoldo à Haya não teve o objeto exclusivo de formular uma mediação conjunta de paz, mas também de concertar com a Rainha Guilhermina um pacto de mútua assistência entre os dois paises.

2. Essa decisão tem naturalmente uma grande importân-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

importância para os Aliados, que, na elaboração dos seus planos estratégicos, precisam saber quais são as intenções da Bélgica e da Holanda, no caso de uma ação alemã à esquerda da linha Maginot, através dos Países Baixos.

3. Segundo o correspondente diplomático do "Daily Telegraph" de ontem, confirmado pela "Havas", o plano de invasão alemão estava previsto para o dia 11. A primeira fase seria a invasão da Holanda e subsequentemente a da Bélgica. A razão dessa dupla ação provem de que em Berlim estavam convencidos de que a Bélgica resistiria às tropas aliadas que partissem em socorro da sua vizinha. Quando souberam, pelo Embaixador alemão, na véspera, que o Governo belga estava pronto a mobilizar, caso as forças alemãs penetrassem ao sul do Reno e através do Brabante e não mantiveriam a neutralidade, os Generais Keitel, Reichenau e Blaskowitz, numa reunião final para lançar a ofensiva, tiveram que recuar à última hora.

4. Tanto a Espanha como a Itália fizeram sentir ao Governo alemão que a agressão contra os Países Baixos seria visto com máos olhos por aqueles dois países. A Princesa Maria José de Savoia influiu pessoalmente para a intervenção medoradora de Mussolini, o que certamente terá repercutido nas deliberações do Senhor Hitler.

5. É bem pouco provável que a Alemanha possa levar a guerra simultaneamente ao Ocidente e ao Sul. Deixando de ser praticável o ataque contra a Holanda, deve-se esperar que Hitler volte as suas vistas sobre o Mar Negro, de acordo com o seu primeiro plano de penetração sobre a Rumania a busca do petróleo de que tanto precisa e a respeito de cujos fornecimentos têm havido discussões acerbadas entre os dois Governos. Já agora terá que ser através da Hungria, já que a fronteira polaco-rumana foi ocupada pela Rússia.

6. É motivo de perplexidade para o Alto Comando Aliado

Aliado a postergação sucessiva do emprego da arma aéreas, com que tanto ameaçavam a Inglaterra. Ha dois meses a superioridade da aviação alemã sobre a dos aliados ainda teria permitido uma surpresa eficaz e destruidora. Já hoje essa possibilidade quasi desapareceu. Até agora os raids executados não passam de vôos de reconhecimento. É verdade que um ataque em massa provocaria imediatas represalias contra objetivos militares, muito mais vulneraveis para os aviões ingleses, que estacionam na França, do que para os alemães, cuja costa está afastada de 250 milhas da inglesa. A impressão que essas represalias causariam sobre a população alemã, tantas vezes assegurada da imunidade contra ataques aéreos, de que se vangloriam os chefes nazistas, seria de consequências politicas perigosas. Acresce, segundo revelam as primeiras tentativas, que esses ataques importem em pesado desgaste em material e em gasolina. As perdas têm mediado de 20 a 25% das unidades atacantes, sem ter logrado resultados. Talvez que a verdadeira razão para essa hesitação provenha de desentendimentos entre os leaders alemães.

7. Por outro lado não será menos arriscada a aventura para o Sudeste. A submissão de mais um povo ativo, como o húngaro, a aumentar a urgente tarefa da Gestapo, será quem sabe a gota d'agua que derramará o copo. Além de abrir o flanco a uma investida aliada por mais essa frente, a penetração alemã pelo Danubio comprometerá irremediavelmente a cordialidade teuto-italiana, já estremecida depois do pacto teuto-russo.

8. Os Senhores Ribbentrop e von Papen acreditam que a Hungria poderia ser persuadida a dar livre passagem às tropas alemãs, mediante a partição da Rumania. Ela recuperaria a Transilvania. Do mesmo passo, a promessa do Dobrudja garantiria a neutralidade bulgara. E a Russia se contentaria com a Bessarabia.

9. Qualquer dessas ofensivas durante o inverno seria

seria pouco praticável.

10. As medidas assentes na última reunião do Conselho Supremo de Guerra, a 17 do corrente, em Londres, estenderam a unidade de comando, já adotada desde o primeiro momento para as forças terrestres e navais, à navegação mercante, à fabricação de armamentos e à aquisição de matérias primas e mantimentos, bem como à direção da guerra económica. Nada mais compreensível que os dois países chegassem a um acôrdo para cooperarem na constituição dos comboios, evitando a competição nos mercados estrangeiros e nas compras de munições e materias primas. Em menos de três meses de guerra chegou-se a um resultado que, na de 1914-1918, só depois de três anos poudeser alcançado. A recente visita do Ministro das Finanças francês foi a ocasião para o estudo desses planos de coordenação económica.

11. O objetivo é obter o máximo rendimento, conjugando os recursos dos dois países e proteger as duas moedas - libra e franco. Diz-se que o Senhor Paul Reynaud aproveitou a oportunidade para apresentar um plano muito mais vasto e que estimaria pôr em execução depois da guerra. Trata-se dos primeiros passos para a federação europeia, consistindo em contrôl econômico, moeda comum, liberdade de comércio e uma politica conjunta para intensificar o intercâmbio mundial. Os obstaculos para a realização immediata desse plano entre os dois Aliados são muitos e evidentes - o maior deles é a existência das tarifas preferenciais entre os Dominios. Também a grande diferença no padrão de vida entre os dois países, seus metodos de produção, etc., tornam difficil senão impraticavel a adoção desse programa federativo, mas o simples facto de que o mesmo já foi considerado e que está sendo indicado, na Europa como nos Estados Unidos, como a unica maneira de se evitar a repetição periodica da guerra, é sintomatico e merece ser

ser assinalado.

12. Ainda pairam dúvidas sobre si se realizará ou não a proxima sessão da Liga em principios de Dezembro. Caberá à Russia presidir a reunião do Conselho, que precederá à da Assembléa. Consta que o Governo sovietico aproveitaria a oportunidade para lançar uma ofensiva de paz. O representante russo, que será o Senhor Maisky, Embaixador em Londres, alegaria ser essa a principal tarefa da Liga das Nações.

13. É por esse motivo que a idéa de adiar a sessão vae ganhando terreno. Tanto os ingleses como os franceses acham que uma Liga na sua forma atual, da qual estão ausentes os Estados Unidos, a Italia e o Japão, não será a plataforma adequada para se lançar uma campanha pela paz. Tal iniciativa, propugnada pela Russia, unica Potencia da Liga que não está em guerra, colocaria-la automaticamente na posição de mediadora. Stalin não gosa da confiança dos Governos Aliados, sem falar no da Polonia, para desempenhar esse papel. As intenções pacificas de um recente invasor nunca poderiam merecer fé. Além do mais, a politica que Moscou vem executando no Baltico não é de ordem a que o grupo das Potencias escandinavas aceite a liderança de Stalin.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reiji do Lourenço

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, 21 de Novembro de 1939.

No. 453

Acôrdo anglo-italiano de
cooperação econômica.

890(60)(96) @



Senhor Ministro,

A 27 de Outubro último os Governos da Grã Bretanha e da Itália assinaram um acôrdo que visa facilitar a colaboração econômica entre os dois países.

2. Com êsse intuito, os dois Governos concordaram em constituir um Comité Permanente Anglo-Italiano, composto de duas delegações, uma britânica e a outra italiana. A composição de cada delegação será comunicada ao outro Governo interessado.

3. O Comité Permanente terá por tarefa estudar as medidas necessárias para regulamentar o intercâmbio comercial entre os dois países e as comunicações terrestres, marítimas e aéreas, com o fim de estabelecer uma colaboração mais íntima na esfera econômica, tomando em consideração, no atual momento, o fato de encontrar-se o Reino Unido em guerra.

4. O Comité examinará a aplicação, nas presentes circunstâncias, dos acôrdos existentes entre a Grã Bretanha e a

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

a Itália relativos ao comércio e aos pagamentos e poderá propor aos Governos contratantes as modificações necessárias para adaptá-los às necessidades do momento.

5. O acôrdo em questão que entrará em vigor depois da troca de ratificações, e não foi ainda ratificado por êste Governo, é de grande interêsse, não somente por estabelecer uma íntima e constante cooperação econômica entre os dois países, reconhecendo a importância das relações comerciais entre a Grã Bretanha e a Itália, como ainda por evidenciar que o Governo italiano julgou de interêsse fortalecer as relações econômicas com o Reino Unido em guerra com a Alemanha, partidária de Itália no célebre eixo Roma-Berlim.

6. Em anexo separado encontra-se cópia do acôrdo em questão.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Reji dos Santos

28 DEZ. 1939
SAÍDO

Londres, em 22 de Novembro de 1939.

No. 454 *le.*Reconhecimento da
união da Albânia.

602.76 (96)

cais

Senhor Ministro,

No officio nº 426, de 3 do corrente, antecipei a notícia de que a Grã-Bretanha havia reconhecido de facto a união da Albânia com a Italia, medida realista que visa conquistar a simpatia da Italia.

2. Foi agora nomeado um Cônsul Geral na Albânia com residência em Tirana.

3. No incluso recorte do "Times" de hoje, Vossa Excelência encontrará uma correspondência de Roma sobre a favorável repercussão que teve na imprensa daquela capital a deliberação deste Governo.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rui do Valle

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

RECEBIDO
1940
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

NP

No. 464

Mês Político nº 12.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO
9 FEV. 1940
N.º 2062

900.1/60

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores o Embaixador do Brasil em Londres cumprimenta respeitosamente e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório político nº 12, desta Embaixada.

Londres, em 1.º de Dezembro de 1939.

Mês Político nº 12.

OBJETIVOS DA GUERRA

O último discurso do Primeiro Ministro, pelo rádio, a 26 do corrente, definiu em termos positivos, fazendo a separação essencial entre bélicos e pacíficos, quais são os objetivos do Governo britânico na guerra atual. Os primeiros visam a derrota do inimigo, e a criação de uma nova Europa - os segundos.

Nas palavras do Chefe do Governo, os aliados pugnam pela derrota desta "mentalidade agressiva e prepotente que busca continuamente dominar os outros povos pela força, encontra uma satisfação brutal na perseguição e tortura de cidadãos inofensivos e, em nome dos interesses do Estado, justifica o repúdio da palavra empenhada cada vez que lhe convem".

Naturalmente ainda é prematuro, disse mais o Senhor Chamberlain, referir quais serão os organismos necessários para o segundo fim. Mas, a vitória terá que ser alcançada antes. Em anexo, segue o texto dessa importante declaração.

NOVA SESSÃO PARLAMENTAR

Inaugurou-se ontem a nova sessão do Parlamento sem a pompa usual, depois de uma curta interrupção de dias apenas. A presente sessão será exclusivamente dedicada ao estudo das medidas conducentes ao financiamento da guerra e à fiscalização dos organismos de emergência, alguns dos quais têm apresentados defeitos que requerem corretivos. O Governo pedirá que nessa sessão só se discutam projetos de leis emanados do Executivo.

O Chancellor of the Exchequer informou ao Parlamento que as despesas já sobem à media diária de 6 milhões de libras, das quais 2 milhões em munições e fornecimentos às forças armadas.

armadas.

O modo por que estão sendo gastas tão vultuosas somas é uma preocupação da Camara dos Comuns, ciosa de que não hajam desperdícios, dispersão de esforços ou falta de coordenação entre os serviços. Antes de terminada a sessão passada ficou decidida a nomeação de um Comité de Despesas, com amplos poderes de fiscalização.

O problema da obtenção de fundos para o prosseguimento da guerra, até agora, foi apenas abordado com as medidas propostas pelo Ministro das Finanças e sobre as quais já me ocupei em officios anteriores. A primeira foi o orçamento, aumentado em certos impostos. A segunda consistiu num apêlo ao pequeno proprietário no sentido de cercear as suas despesas, de modo a poder emprestar as suas economias ao Governo. Aliás, como disse o "Times" no seu editorial de 28, não ha muita coerência entre as declarações ministeriais, tornando-se um problema para o público o como guiar-se entre as duas preocupações de gastar patrioticamente para que business remains as usual e a de economisar patrioticamente para evitar a alta dos preços num momento de diminuida produção. A tarefa do Parlamento, portanto, será satisfazer a opinião quanto ao problema da absorção dos desempregados, quanto ao melhor emprego dos dinheiros publicos e quanto ao critério a seguir-se: o de gastar ou de economisar.

COOPERAÇÃO ANGLO-FRANCESA

A nomeação do Senhor Monnet para a Presidência do Comité Anglo-franco de Coordenação é uma nova demonstração do firme propósito em que estão os dois países de executarem o seu programa de completa cooperação. Não se trata de um funcionário francês ou inglês, como acentuou o "Times", mas sim do primeiro funcionário Aliado da administração comum, que vai dirigir o factor econômico na guerra

guerra contra a Alemanha.

O objetivo deste Comité será coordenar a tarefa dos Comités Executivos que o Conselho Supremo da Guerra decidiu criar, na reunião de 17 do corrente, afim de melhor aproveitarem os recursos de ambos os países em dinheiro, materias primas, meios de produção, tonelagem mercante, etc. e evitar competição nas compras a realizar no estrangeiro.

Foi tambem anunciado que a aquisição de aviões e munições nos Estados Unidos para os dois Aliados serão feitas pelo "Canadian War Supply Board".

BLOQUEIO INTEGRAL

As novas medidas adotadas pelos Aliados em represália visam em última análise privar a Alemanha das disponibilidades em moedas estrangeiras que lhe fornecia sua exportação.

A campanha submarina sem restrições e o emprego de minas em zonas destinadas à navegação internacional vieram permitir que os Aliados tomem essa decisão que os peritos economicos consideram indispensavel, mas que os dois Governos não ousavam fazer, enquanto a Alemanha se mostrava respeitosa das convenções internacionais. Na guerra moderna o aspecto economico é tão importante quanto o militar. Quasi toda a Europa esteve envolvida na conflagração mundial de 1914. As planicies do Danubio, celeiros da Europa, foram campos de batalha. As frotas Aliadas controlavam o Mediterraneo como o Mar do Norte. Foi relativamente facil cortar as comunicações dos dois Impérios centrais com o resto do mundo. Agora a Alemanha pode suprir-se de produtos alimenticios na Hungria e na Rumania, que intensificaram as suas produções. Assim já não será facil reduzi-la pela fome, senão tolhendo-lhe os meios de obter com que pagar as suas importações.

importações.

AGENTES INGLESES PRESOS PELA GESTAPO

No dia seguinte ao atentado do "Bierhalle" em Munich, dois agentes ingleses à cata de informações na fronteira teuto-holandesa foram sequestrados pela Gestapo, apesar de acompanhados de um oficial holandês, e levados para a Alemanha. A propaganda alemã fez o possível por ligar as atividades daqueles dois oficiais com as maquinações contra a vida de Hitler, posto que certos aspectos duvidosos do drama não tenham sido esclarecidos. Himmler pretendeu que, ludibriando a ingenuidade dos "espiões", os tivesse deixado crer que estavam em entendimentos com organizações revolucionárias no Reich.

Nenhum desmentido foi publicado aqui pelo Ministerio de Informação. Consta-me que ha fundamento na versão de que os dois oficiais estabeleceram contato com certos elementos descontentes da Reichswehr. As queixas entre muitos oficiais graduados contra a nazificação do exercito e o receio que têm de que a política perigosa, que o Führer vem seguindo, leve o país à derrota e portanto ao desaparecimento subsequente da carreira militar, vem fazendo com que, desde antes da guerra, haja aproximações secretas com a Inglaterra. É verosimil, portanto, que esses mesmos elementos procurassem agora mais que nunca continuar tais conexões. Esta seria a explicação do papel exercido pelos dois ingleses. Estariam servindo de agentes de ligação para as sondagens preliminares sobre propostas de paz, que poderiam ser aceitas pelos Aliados. Segundo informações provenientes de países neutros, muitos chefes militares alemães estariam desejosos de obter a paz contanto que se mantenha intacto o exército. O mesmo ponto de vista parece que prevalece na aviação, comandada pelo Marechal Goering. Com as suas forças armadas intactas, a Alemanha evitaria, acreditam eles,

eles, uma paz ditada que a fizesse passar por novas humilhações ou desagração. Também a indústria e o comércio pensariam do mesmo modo. Só a marinha estaria desejosa de proseguir na guerra até o fim. Em todo o caso a marcha dos acontecimentos parece confirmar esses rumores. O Estado Maior vetou a ofensiva. A aviação mantém-se passiva. A campanha marítima é que procede com toda a intensidade.

O receio de que uma Alemanha esmagada entregue-se ao bolchevismo, facilitaria quiçá a aceitação neste país de um novo regime republicano, com Goering à testa. Repudiadas as anexações da Tchecoslováquia e da Polónia, e obtidas suficientes garantias de boa fé, teria justificação uma nova reorganização européia com a colaboração da Alemanha.

O maior obstáculo a vencer para que estes planos se concretizem provirá da França. Segundo aqueles que pretendem estar informados sobre a opinião dos franceses é que desta vez eles estão resolvidos a irem a Berlim, sós ou com os ingleses, insistirão por uma divisão da Alemanha entre dois grupos protestante e católico, e estabelecerão a fronteira no Reno. Aham que o dever da presente geração é impedir que a catástrofe recáia sobre a futura, evitando uma vez por todas essa periódica repetição da agressão alemã.

ATITUDE INGLESA RESPEITO A FINLÂNDIA

Ha dias foi nomeado um Cônsul Geral britânico em Tirana, o que importou, como já comentei em officio para essa Secretaria, no reconhecimento tácito por este país do rapto da Albania pela Italia.

Agora a Grã-Bretanha assiste a escandalosa agressão sovietica contra a pacifica e débil Finlândia, executada em condições

condições ainda mais brutais e sob pretêstos ainda mais grotescos que os alegados pelos Nazis contra a Polonia.

Em ambos casos a Inglaterra teve que se curvar ante a cruel realidade dos factos e a impossibilidade de reagir ao mesmo tempo contra todas as violencias dos paises agressores no mundo inteiro, tomando sosinha a defesa dos fracos contra os fortes, enquanto os Estados Unidos se limitam a gestos bem intencionados, mas platonicos, e este pais já enfrenta, numa luta de morte, um inimigo poderoso e temível.

É este o tom dos comentarios da imprensa londrina em geral, ao assistir, neste momento, o desenrolar do primeiro ato de barbaria bolchevique contra a independência talvez de todos os paises escandinavos, a despeito da sua superior cultura política, social e economica.

Londres, em 30 de Novembro de 1939.

Reis de Oliveira

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA



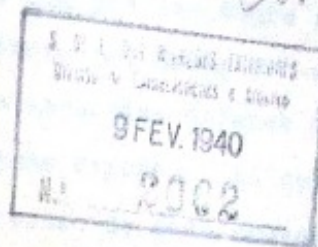
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 7 de Dezembro de 1939.

No. 470

Discursos de Lord Halifax
e Winston Churchill.

9940.100



Senhor Ministro,

Na Câmara dos Lords, o Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, Lord Halifax fez mais uma importante declaração, a 5 do corrente, sobre a situação diplomática da Grã-Bretanha, em que recapitulou os objetivos de paz e de guerra por que combate o Império Britânico.

2. Em resumo, disse êle, desejamos restituir a independência aos povos que a perderam, redimir as nações européias do constante temor da agressão alemã, salvaguardar a nossa liberdade e segurança. Esses são os objetivos de guerra. O estabelecimento de uma ordem internacional em que todos os Estados logrem segurança sob o regime da lei, e em que a Alemanha terá o seu lugar, é o objetivo de paz. Respondendo aos que estimariam que a conferência de paz se reunisse imediatamente, antes de que os sacrificios de vidas e riquezas se consumam, Lord Halifax repetiu as palavras do Senhor Daladier, que reproduziam o pensamento do Go-

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Governo britânico. Os dois Aliados só deporão as armas para tratar com um Governo cuja assinatura mereça fé, quando os danos causados às nações fracas sejam reparados e uma paz duradoura possa ser estabelecida. O método das conferências foi tentado o ano passado e fracassou. E fracassou porque as garantias solenes dadas por Hitler foram por ele repudiadas seis meses depois. Só depois de aprendida a lição de que a força e a agressão de nada servem, uma conferência poderá ser de utilidade.

3. Quanto ao conflito russo-finlandês, Lord Halifax declarou que a posição do seu Governo seria esclarecida na reunião especial da Liga das Nações, em Genebra, convocada para depois d'amanhã. Em todo o caso, podia adiantar que o Governo e o povo britânico sentem-se profundamente revoltados contra o ataque dos Soviets e cheios de admiração pela magnífica resistência dos finlandeses. Ridículos foram os pretextos invocados por Stalin e Molotoff - a causa da Finlândia é a causa do direito, que triunfará lá como em toda parte, com a vitória da causa dos Aliados. Os acontecimentos vieram dar razão à atitude assumida por este país nas negociações com Moscou do começo do ano.

4. Os últimos acontecimentos comprovam a responsabilidade alemã na invasão soviética da Finlândia, cuja ocupação como a dos Estados bálticos, resalta agora como tendo sido uma das condições para a conclusão do pacto teuto-russo de Agosto passado. Foi o preço da neutralidade com que Hitler pensava dissuadir a Grã-Bretanha e a França da entrada na guerra.

5. O Secretário de Estado revela agora que aquelas negociações fracassaram devido à recusa dos ingleses e franceses às exigências russas. Como condição para a proposta aliança, o Governo soviético insistia por que os Aliados persuadissem a Finlândia e os países do Báltico a pôrem à sua disposição as suas bases navais e as ilhas Oesel, Dagö e Aaland. Durante as negociações esses pequenos países revelaram ansiedade por que os acordos que

que viessem a ser celebrados não lhes comprometessem a neutralidade, a qual a Alemanha não teve escrúpulos em sacrificar.

6. Qualquer guerra em que a Grã-Bretanha esteja envolvida, acrescentou Lord Halifax, tem que ser conduzida principalmente em alto mar e assim eram inevitáveis os acontecimentos que a beligerância económica impõe aos neutros. A causa destes também era a pela qual se batem os ingleses, quando se empenham na derrota de um inimigo, que é um inimigo comum. A vida dos neutros, em contraste com os métodos alemães, pelo menos estava sendo poupada.

7. Lord Halifax concluiu o seu discurso com uma nota de firmeza, dizendo que só o emprego da força física poderia restabelecer o equilíbrio perturbado pela destruição dos valores materiais e morais. A vida internacional, como compreendemos, disse mais, foi tornada impossível pelos presentes chefes da Alemanha. Não ha pois inconsistência entre o ardente desejo de paz do povo inglês e a inabalável determinação de levar esta guerra até a vitória final.

8. O Primeiro Ministro dispensou-se de fazer esta semana a sua declaração (quinzenal de ha um mês para cá), em vista do discurso do Primeiro Lord do Almirantado nos Comuns, ontem, que complementa, sob o aspeto militar, o progresso da guerra, e o do Secretário para os Negócios Estrangeiros, os dois principais portavozes deste país.

9. O Senhor Churchill reportou que a perda total em tonelagem da marinha de guerra subiu a 50.000 toneladas, amplamente compensada pela tonelagem em adiantada construção que se aproxima do milhão. Quanto à marinha mercante, 340.000 toneladas foram destruídas num total de 21 milhões, ou 1,6%. A captura e a aquisição de navios inimigos e neutros, e a construção de novas unidades haviam permitido a incorporação de 280.000 toneladas. As perdas

Emb.Londres/470/1939/4.

perdas eram minimas para a tonelagem entrada e saída nos portos ingleses. Em Novembro para cada 1.000 toneladas destruidas as cifras das que livremente circularam é de 250.000. Ultimamente as perdas eram mais consideraveis para a marinha neutral, fóra dos comboios e desarmada. A mine magnetica - método que êle comparou ao dos atentados irlandeses na Inglaterra e para o qual o antídoto estava sendo procurado - revelára-se mais nociva aos paises neutros que aos beligerantes. A amizade alemã, disse êle, ironicamente, era mais venenosa para os neutros que para os inimigos. Por isso aconselhava-os a que fretassem os seus navios pela duração da guerra à Grã-Bretanha. Diversos milhões de toneladas já haviam sido até agora fretados com grande beneficio e segurança contra perdas.

10. Inclusos seguem os recortes contendo os dois discursos.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Reji do home

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

RECEBIDO
SAÍDO

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 14 de Dezembro de 1939.

No. 474

A Guerra.

940. (00)



Senhor Ministro,

A invasão russa da Finlândia foi a mais cínica de quantas agressões a Europa vem assistindo nos dois últimos anos. Em circunstâncias análogas ao que se passou com a Polónia, o Governo finlandês não teve sequer oportunidade para fazer chegar a sua resposta. As negociações com o Governo sovietico haviam sido adiadas em uma atmosfera cordial, despedindo-se Stalin amistosamente da delegação finlandesa. Fantasiou-se um "acidente de fronteira" em que soldados russos atiraram sobre o próprio lado alguns tiros de obuz, pretexto para denunciar-se o pacto de não agressão, segundo o qual as dúvidas suscitadas entre os dois países deveriam ser submetidas a processos de conciliação. Antes que o Ministro finlandês pudesse entregar em Moscou a nota do seu Governo, Molotoff anunciava pelo rádio a ruptura das relações e 12 horas depois, os aviões russos bombardeavam Hilsinki.

2. Sabe-se agora que a Alemanha recebera seguranças

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

seguranças de que a Rússia não faria a guerra à Finlândia. Até ha pouco lhe estivera vendendo armas e teria tambem abastecido de gasolina os aeroplanos italianos, na passagem pelo seu território, apesar do desmentido do Governo do Reich, logo que a imprensa russa protestou.

2. Neste pais começa haver divergência de opinião quanto à attitude a tomar em relação à Rússia. Muitos pretendem que a Grã-Bretanha só pode honradamente conduzir os pequenos neutros na cruzada que os Aliados movem contra a agressão, aceitando o desafio que agora lança Moscou. Outros advertem quanto os riscos que a estensão da guerra pode acarretar, empurrando os dois ditadores a uma aliança militar.

3. Aqueles se animam ante o fiasco das armas russas nos primeiros dias da guerra e partem do princípio já ser um facto, que é preciso levar em conta, o entendimento teuto-russo.

4. Estes especulam sôbre a confusão que se vae estabelecendo entre os dois agressores, a medida que vão dando expansão as suas ambições imperialistas.

5. De qualquer modo, uma vez que a Rússia não declarou guerra à Finlândia, auxilios de toda ordem a esse ultimo país podem ser e estão sendo despachados de Inglaterra. 60.000 máscaras contra gases, 30 aviões de bombardeio foram contratados aquí para immediato fornecimento, a exemplo do que fez a Italia, na reacção que Mussolini vem desenvolvendo contra o pan-slavismo nos Balkans.

6. A declaração do delegado britânico de que o seu país apoiaria o pedido de expulsão da Rússia da participação na Liga das Nações indica que a primeira corrente está prevalecendo. Si essa expulsão se der, como parece certo, uma vez que a China e a Latvia foram rapidamente substituidas no Conselho, para permitir a necessidade unanimidade, a suspensão das relações diplomaticas anglo-russas parece ser uma consequencia inevitavel, ou pelo menos a retirada dos respectivos Embaixadores.

Embaixadores.

7. Está sendo amargamente comentada a moção dos Lords Darnley e Arnold, na Câmara dos Lords ontem, enquanto nos Comuns reunia-se a 1a. Sessão secreta, no sentido de que se aceitasse a mediação de paz belgo-holandesa. Os apartes de Lord Balfour e outros representantes liberais e trabalhistas, rebateram com a devida indignação o "monstruoso roubo de tempo" a que aqueles submetiam a Câmara. Lord Halifax lastimou a inoportunidade e a falta de senso da referida moção, deplorando a impressão de que pudesse estar quebrada a unidade nacional, que tanto admiravam os representantes diplomaticos estrangeiros em Londres.

8. Como disse um jornal americano esta "cock-eyed war" esta sendo fértil em surpresas. A verdade é que ela prosegue de uma maneira tão diferente da Grande Guerra, apesar da pequena distancia, quanto esta pouco teve de comum com as precedentes. A técnica é nova. As criticas feitas por Hitler à guerra de 1914 foram: falta de preparação; má organização da retaguarda e ataque simultaneo em duas frentes. Na guerra mundial combateu-se o militarismo alemão, uma casta dominadora, exclusiva àquele país. Hoje combate-se o nazismo, um partido revolucionário, cuja ideologia encontra inumeros adeptos fóra das suas fronteiras, inclusive entre os Aliados. Os unicos pontos de contato são os métodos da agressão, o desrespeito à palavra empenhada e a preocupação imperialista de dominio mundial, que caracteriza a estratégia alemã ontem como hoje. Esta parece ser ditada mais pelo Fuehrer e pelos leaders nazistas que pelo próprio Estado Maior - o fanatismo partidário é a nota preponderante. A tática seguida até agora tem sido a de visar objetivos localizados, com o fito de evitar a conflagração em mais de uma frente, o que os alemães obtiveram com relativo exito. Em cada ocasião destinaram um período de seis meses à preparação dos seus planos. A Austria e Tchecoslovaquia foram as duas primeiras etapas. O objetivo proposto, o verão passado, foi, como se viu,

viu, a Polónia.

9. Isolada primeiramente a vítima, entra em ação a propaganda desmoralizadora, auxiliada pela espionagem e pela provocação, dentro do território ameaçado. A concentração de tropas na fronteira completa o quadro. É a guerra dos nervos que solapa a resistência interna.

10. Assim em Maio de 1938 a Alemanha criou a atmosfera desejada contra a Tchecoslováquia. A reação tcheca foi energica, porém, apoiada na França e na Russia, que a obrigaram a recuar. Mas, isolando-a da Pequena Entente, graças às promessas revisionistas com que a Alemanha acenou à Polónia e à Hungria, construindo a Linha Siegfried para fazer frente a França e intensificando a sua ameaça aerea sobre a Grã-Bretanha, a crise recrudesceu novamente em Setembro, com os resultados que se sabem.

11. No caso da Polónia, a mesma tecnica foi empregada, com um trabalho preparatório e de espionagem que lhe proporcionou todas as informações de carácter militar que lhe asseguraram êxito fulminante.

12. Terminada essa campanha, em vez de precipitar-se sobre o oeste, numa ofensiva em regra, a Alemanha procura alcançar a paz para ter tempo de digerir a nova conquista e preparar-se para o objetivo seguinte. A hipótese de uma ofensiva em grande escala parece definitivamente afastada, pelo menos este inverno. Tanto Hitler como a Reichwehr têm consciencia de que não se pode expor a sua força militar a uma derrota desmoralizadora. As linhas Maginot e Siegfried asseguram a estagnação militar na frente ocidental. Será preciso buscar outra frente para um ataque mais favoravel. A contra-ofensiva dos Aliados está, portanto, sendo dirigida sobre a Rumania, por meio da guerra economica, de modo a impedir que o Reich se supra com facilidade do indispensavel petroleo, cujo transporte se faz somente pelo Danubio. Dinheiro inglês tem

tem sido derramado na compra das barcas-tanques de companhias particulares.

13. Como a guerra marítima é a única que está sendo efetuada com intensidade, os esforços dos Aliados estão concentrados na manutenção das rotas da navegação, para que não sofra interrupção o comércio, tão importante para o êxito final. A normalização da exportação que, em última análise, é que financiará uma guerra prolongada, o aumento da produção e a conservação dos mercados estão sendo a vigilante preocupação dos Ministérios competentes, da imprensa e do Parlamento. Por isso, na França estão fazendo voltar às fabricas muitos soldados mobilizados, onde prestarão serviços mais uteis, e, na Inglaterra, se intensifica a campanha pela liberação da exportação.

14. Segundo informantes que proveem dos países vizinhos da Alemanha, não há que dar crédito a possibilidades de uma revolução interna num futuro próximo. Da eficiência da preparação econômica e militar com que o Reich se armou para a guerra, desde o advento do nazismo, não é lícito esperar um colapso antes da derrota no campo de batalha. Este só virá depois de um bloqueio prolongado e eficaz, e da deserção de uma das três armas em apoio indispensável ao descontentamento da população civil. Tão pouco parece ser ameaçadora a situação alimentar. Comestíveis naturalmente não abundam. Escasseia o petróleo. Mas, numa guerra inativa como esta, o consumo racionado, supre essa escassez. Daí a explicação da relativa inação da famosa arma aérea alemã. Hoje está-se consumindo, quer entre os Aliados quer entre a sua inimiga, menos gasolina que antes da guerra. Nesse terreno é que está a grande superioridade dos Aliados.

15. Soube confidencialmente por um colega sueco que há dez dias a Alemanha vem exercendo forte pressão sobre o seu Governo para que ele se mantenha alheio ao conflito russo-finlandês. A razão provém de que os alemães receiam que a Suécia, envolvida na

Emb.Londres/474/1939/6.

na guerra, seja facil à Russia apoderar-se dos ricos depósitos de minério de ferro que estão localizados no norte do país.
16.

A mudança de Gabinete na Suecia é resultante da falta de unidade de vistas entre os seus membros. O Ministério das Relações Exteriores era partidário de uma ativa participação ao lado da Finlândia. A resistência finlandesa continuando, não se vê como a Suecia poderá evitar a pressão popular que a forçará a colocar-se ao lado da antiga provincia sueca, que foi a Finlândia até 1809.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rejido Lourenço

UMA CÓPIA SEGUIU POR VIA AÉREA

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 21 de Dezembro de 1939.

No.479

A Guerra.



Senhor Ministro,

Os recentes feitos navais britânicos da semana passada, glosados com indisfarçada satisfação pelo Primeiro Lord do Almirantado, no seu discurso pelo rádio de segunda-feira passada, vieram levantar o moral do país que senão era de depressão, não deixava de algum modo de estar decepcionado pela estagnação dos três primeiros meses de guerra. Tiveram também o efeito salutar de reerguer o prestígio deste país, contrarrestando a ação insidiosa na França da propaganda alemã pelo rádio. A incançável vigilância de todos os instantes que a marinha de guerra, com a co- operação da aviação, vinha exercendo sobre os mares não era de ordem a satisfazer a ânsia popular por um mais rápido progresso da ação militar. O combate às minas magnéticas por meio de "raids" sucessivos de aviões de bombardeio ao longo da costa alemã, para impedir a saída dos aviões-mineiros, foi a causa de frequentes encontros aéreos com perdas para ambos lados, mas dado o caráter

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

caráter rotineiro e pouco espetacular para entusiasmar o público, foram aquelas vitórias uma oportuna e salutar ocorrência.

2. Mas os três triunfos na costa do Uruguai, na foz do Elba e no Mar do Norte, vieram demonstrar a eficacia do poder naval inglês e a realidade do seu bloqueio. Quanto tiveram eles de estimulante para os Aliados, quanto terão desagradavelmente surpreendido os alemães, mantidos na ignorância do que se passa fóra do país por uma propaganda tendenciosa.

3. O afundamento inglório do "Graf Spee", seguido do suicídio do Comandante Langsdorf, serão de difícil explicação para o publico alemão. O suicídio, embora redimindo a sua honra de Comandante, deixou fixada sobre os hombros de Hitler a responsabilidade da infeliz decisão do sacrificio. A direção alemã da guerra começa a revelar fraquezas que, como declarou ontem Lord Chatfield, Ministro da Coordenação da Defesa, a propósito dos criminosos ataques aéreos sobre barcos de pesca inofensivos, mostram o gráo de desespero pela impotência em que se vê a marinha alemã. A decisão de meter a pique o "Graf Spee" está sendo interpretada como a antecipação subconciente da derrota final. Si Hitler contasse com a vitória não sacrificaria a melhor das unidades da sua marinha.

4. Agora calaram-se os descontentes, os criticos que responsabilizam o Govérno pela falta de iniciativa, de plano construtivo para a conduta da guerra, aqueles que estimariam concluir a paz, esperançados de que Hitler considere realizados os seus objetivos reais e sua palavra possa inspirar confiança. Tais criticos ou tais derrotistas representam os meios capitalistas, dos que receiam a penetração do bolchevismo na Alemanha derrotada; são os que temem as consequencias desastradas, e com razão, de uma guerra prolongada e o seu cortejo de ruinas. Se esquecem do sangue já derramado, do sacrificio da Polonia, da invasão da Finlândia,

Finlândia, só para que possam continuar a desfrutar dos restos das suas fortunas. Acreditam que, assim procedendo, asseguram a permanência deste Governo conservador, baluarte contra o avanço comunista. Mas a influência desse pequeno grupo sobre a direção política do país está cedendo o passo à da grande maioria das classes médias, às quais pertence o Primeiro Ministro. Si o Governo fraquejasse na sua determinação de prosseguir na guerra até a derrota militar do inimigo, si seguisse os desejos da 5a. coluna, seria derrotado nas primeiras eleições por essa maioria honesta e de caráter, que considera que, pela falta de apoio à Polónia, a Inglaterra assumiu um compromisso de honra irrepudiável.

5. Como tenho referido em mais de um dos meus officios anteriores, tanto o Senhor Chamberlain como Lord Halifax, têm-se occupado dos "peace aims" deste Governo. Agora que a vitória já é considerada como mais segura, especula-se sobre a forma por que se processará a paz. Acreditam alguns que não haverá Conferência de Paz, uma vez que os Aliados só são três. A paz será imposta sem discussão com o inimigo, retraçado o mapa europeu segundo unicamente os pontos de vistas dos vencedores. A França, por exemplo, não faz segredo que desta vez occupará definitivamente a fronteira do Reno. A Italia, não tendo tomado partido na facção, esperará em vão essa oportunidade para apresentar as suas reivindicações. Entretanto, graças a sua neutralidade, ela terá exercido um papel preponderante no resultado final da guerra. Foi um golpe terrível para Hitler a recusa de Mussolini de entrar na guerra contra a Polónia.

6. Uma explicação que se dá ao abandono dos portos neutros, refugios de numerosos navios mercantes alemães, é que, tendo ficado a cargo das firmas alemãs no estrangeiro as despesas com o respectivo internamento, a extensão do bloqueio veio tornar-lhes

tornar-lhes onerosa em demasia tal responsabilidade. Daí tentarem esses navios voltar a Alemanha, levando carregamentos dos produtos mais necessitados. Assim vão esbarrando contra a vigilância das patrulhas britânicas, um após outro, criando os que saem de portos americanos novos casos de desrespeito à "zona de segurança" da Declaração de Panamá, como o "Columbus" nas costas dos Estados Unidos e o "Arauco" nas do Chile.

7. Outro motivo de satisfação ocorrido durante a semana foi o discurso do Conde Ciano, até há pouco leader das simpatias italianas pela Alemanha. Depois do ludíbrio que o submeteram em Salzburgo, da quebra de palavra por Hitler, ele não perdoa agora os vexâmes sofridos e isso transparece do mesmo. Naturalmente Mussolini evita dar a impressão de que ele possa ser um traidor e não esquece a atitude deste país impondo sanções à Itália em 1935. Mas as observações do Ministro italiano, revelando as obrigações do pacto militar entre Roma e Berlim, deixam claramente a entender que a sua atitude será de neutralidade. Confirmada a existência da cláusula de três anos para a validade dos compromissos, de que falei nos meus ofícios do início da guerra, fica patente que Mussolini pregou uma partida a seu colega do Eixo. O discurso omitiu prudentemente qualquer referência à Finlândia, quanto à continuar o apoio prestado àquele país. Pareceria que Berlim teria advertido contra o perigo de complicações com a Rússia se novas remessas de aviões forem despachadas através do território alemão.

8. Na reunião do "Supremo Conselho de Guerra, em Paris, anteontem, foi discutida a possibilidade de prestarem os Aliados socorros à Finlândia, onde a guerra prossegue com demonstrações de bravura inextinguíveis, através de sofrimentos dantescos, no rigor do inverno ártico. Essa luta épica está provocando a admiração do povo britânico, que endossa a decisão do Governo de prestar o

Emb.Londres/479/1939/5.

o auxilio compativel a um país que defende com heroismo a sua existencia nacional contra a aggressão criminosa de um visinho numericamente poderoso.

9. Continúa num ritmo crescente o desenvolvimento do esforço militar da Grã-Bretanha. As forças aereas, ao começar a guerra, contavam 120.000 homens, fóra as centenas de milhares empregados nas fabricas de aviões. O que esse esforço vae requer em recursos materiais e humanos do Império Britânico pode ser apreendido do vasto plano para o entretenimento de pilotos e a fabricação de aviões no Canadá, incorporado no acôrdo assinado a semana passada.

10. Quanto ao exército, embora tardiamente iniciado o seu incremento, os efetivos sob as armas já atingem 1.250.000 homens, cifras que não merecem o desprezo da propaganda alemã, sobretudo se si leva em conta a contribuição dos Dominios, agora que já desembarcou o primeiro contingente do Canadá.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Rejéi do haine



ARQUIVO
90 FEV 1940
SA

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Londres, em 22 de Dezembro de 1939.

PE

No.480

Referências aos Srs.
Sousa-Leão e José de Alencar.

312.1

[Handwritten signature]

S. DE L. DOS NEGÓCIOS EXTERIORES
Divisão de Correspondência e Arquivo
9 FEV. 1940
N.º 2002

Senhor Ministro,

Como ultimo ato, ao encerrar a minha carreira e deixar este pôsto, é-me particularmente grato deixar constancia do que foi para mim e para a representação do país, a colaboração aqui prestada pelo Conselheiro Joaquim de Sousa-Leão e pelo Primeiro Secretário José de Alencar. Os serviços desses excelentes funcionarios foram sempre dos mais perfeitos. Sobretudo nestes ultimos tempos em que o trabalho tanto aumentou, exigindo pela sua natureza inteira dedicação e excepcional competência.

2. O Senhor Sousa-Leão, que já tive o prazer de ver servir sob minha direção, durante três anos, quando Segundo Secretario, e que Vossa Excelencia para cá removeu a meu pedido, deu-me novamente provas das suas qualidades na chefia desta Chancelaria, revelando-se perfeitamente apto a dirigir com brilho qualquer das nossas missões. Espero não tarde o galardão que merece.

3. Quanto ao Senhor Alencar, felicite-me por haver-lhe

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Arenha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Emb.Londres/480/1939/2.

haver-lhe entregue, com a devida venia de Vossa Excelência, os Serviços Comerciais e a representação do Brasil nas Conferências Internacionais da Carne e do Açúcar. Não podiam ser confiadas a melhores mãos essas tarefas de responsabilidade, sendo que êle hoje domina perfeitamente todas as questões relativas ao intercâmbio comercial com a Grã-Bretanha. Vossa Excelência poderá julgar da excelencia desses serviços pelos tangíveis resultados obtidos no consideravel aumento nas nossas vendas de carnes em conserva para este pais o ano passado.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Repi de Oliveira